

OREI POR VOCÊ

KELL CARVALHO

OREI POR VOCÊ



KELL CARVALHO



COLETÂNEA AMOR E FÉ

A Coletânea Amor & Fé nasceu quando, no coração de três amigas autoras, cresceu a vontade de levar para mais e mais pessoas uma mensagem do amor de Deus. Com o passar do tempo, mais duas autoras agregaram positivamente no crescimento do projeto.

A primeira edição da Coletânea é composta por cinco romances cristãos, que vão além da ambientação de igrejas ou definição de religião. As histórias retratam mais que rotinas e costumes, mostram o agir de Deus na vida dos personagens, que da mesma forma acontece na vida real.

Com abordagens de temas diversos, mas com um único foco, o objetivo da coletânea é disseminar, para os mais diversos públicos leitores, mensagens de amor e fé que possam engrandecer, de alguma forma, suas vidas.

Copyright © 2021 Raquel Carvalho de Souza Ferreira

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode
ser reproduzida ou transmitida por
quaisquer meios sem permissão
por escrito dos editores, salvo em
breves citações, com indicação da
fonte.

Revisão: Clys Oliveira
Capa e Diagramação: Lilás Design
Imagens: Imagens da capa e do livro foram projetados usando recursos da Freepik.com
Categoria: Ficção cristã; Romance cristão

Contents

Copyright
Dedication
Nota da autora
Prefácio
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Epílogo
Agradecimentos

Para Valdney, meu marido. Orei, e você apareceu. Para minhas filhas Esther e Helena. Nós dois, juntos, oramos, e vocês apareceram.

"Orar por alguém é dizer "eu te amo" escondido, é amar sem ser visto, sem audiência ou aplausos. Orar é fortalecer ao outro, abraçá-lo invisivelmente."
– C. S. Lewis.

“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor,
estes três, mas o maior destes é o amor.”
1 Coríntios 13:13



Nota da autora

Há aproximadamente cinco anos eu sentia como se faltasse algo na minha vida. Mesmo com uma rotina apertada, me desdobrando entre o trabalho, esposo, uma filha pequena e vários cargos na igreja, tinha a sensação de que aquilo não era o bastante. No meu íntimo, eu ansiava por fazer mais para Deus.

Como sempre fui muito tímida, nunca fiquei à vontade ou segura para chegar nas pessoas e levar palavras de conforto, ou até mesmo falar sobre o evangelho e isso me abatia demais.

Recordo-me que certo dia, participei de uma palestra na igreja e o palestrante, no final de sua fala, disse que precisávamos usar o que tínhamos em nossas mãos para apresentar o verdadeiro Cristo ao mundo. Eu voltei para casa com aquelas palavras girando em minha mente e pensando: o que eu tenho em minhas mãos? O que está ao meu alcance e o que poderia transpor os limites da minha pequena cidade?

Não me lembro quanto tempo depois descobri o Wattpad, uma plataforma gratuita de compartilhamento de fanfics e obras originais, na qual o usuário pode escrever e ler as histórias que desejar. Então, após ler algumas estórias cristãs por lá e ver como esses livros impactavam, de certa forma, os leitores, me veio a ideia de escrever também.

Eu havia recém descoberto o gosto pela leitura e nunca tinha escrito nada além do meu diário quando era adolescente. No entanto, esse desejo começou a me incomodar cada dia mais. Então, resolvi começar a escrever minhas primeiras estórias. No início, eu até pensei que aquilo era uma

espécie de terapia para eu me distrair da rotina exaustiva que levava e, confesso, não levei muito a sério porque achava que ninguém leria.

Só quando meus livros começaram a ganhar notoriedade na plataforma e os depoimentos encherem a minha caixa de mensagem foi que entendi a grande responsabilidade em minhas mãos. Aquela era a oportunidade de falar do amor de Cristo que eu tanto desejava.

Tamanha foi a minha surpresa ao ver que leitores de diversas partes do mundo tiveram acesso aos meus rascunhos, mesmo que mal escritos, mas que falavam aos seus corações.

Antes de "Orei por Você", eu deixei minha imaginação rolar solta e não filtrei muito o que escrevia. Errei demais nos meus enredos me deixando levar pela "vibe" dos outros escritores que eu acompanhava na época. Mas Deus colocou amigas e escritoras piedosas em minha vida, que me fez abrir os meus olhos enquanto era tempo.

Os primeiros esboços de "Orei por Você" surgiram algum tempo depois, após a leitura de um livro de uma autora que admiro. Escrevê-lo foi um divisor de águas na minha vida em muitos sentidos. Eu precisei compreender, antes de tudo, os propósitos de Deus em nossos relacionamentos, principalmente conjugal, e entender que tudo em nossas vidas é para a glorificação dEle e nossa santificação.

"Orei Por Você" é uma ficção inspirada em alguns livros, séries, filmes, falas de pregadores que acompanho — se você chegar a identificar, qualquer semelhança não é mera coincidência — e histórias reais de pessoas que depositaram sua inteira confiança no Senhor e O deixou guiar seus sentimentos.

Este livro, já adianto, segue um padrão bíblico de princípios em que eu acredito que um relacionamento deva estar firmado. Uns acham radical, outros, conservador demais, mas, ao meu ver, é o que Deus espera de nós, Cristãos.

Como a Jenny, eu orei por meu futuro marido e Deus foi incrivelmente misericordioso ao me enviar alguém temente a Ele, que ama a família e busca honrá-la em todos os seus atos.

Que "Orei por você" te faça enxergar que seu futuro depende de suas escolhas, e se você deixar Deus guiá-las, certamente desfrutará da plenitude dos sonhos dEle para sua vida.

Kell Carvalho.



Prefácio

Conheci a obra "Orei por você" quando ela ainda era um bebê, no início das postagens no Wattpad. Já admirava a autora e a tinha em grande conta, por isso, eu não esperava do livro menos do que se tornou. Acompanhei o crescimento não só dos personagens, como da própria Kell, na medida em que o enredo ia se desenrolando.

Bem, eu esperei por muito tempo para ter esse livro físico na minha estante, ao lado dos outros da coletânea Amor e Fé, e posso adiantar a você, leitor, que encontrará nas páginas desta obra um clichê daqueles de deixar o coração quentinho, fruto das mãos da nossa querida Clichê Queen, como apelidamos a autora. Mas, não se engane! Não há nada raso aqui! Kell soube, como ninguém, explorar esta estória, aprofundando em temas importantes, com uma cosmovisão bíblica, principalmente — e não só —, ao que diz respeito a relacionamentos.

Se o que está buscando é um de romance puro, um pouco de drama, diálogos inteligentes, personagens cativantes e cenas engraçadas, esse livro é para você.

Termino aqui essa pequena apresentação, desejando que as palavras deste livro toquem seu coração, como tocaram o meu.

Que Deus te abençoe ricamente.
SDG!

Maina Mattos



Prólogo

Querido Deus,

Eu sei que o Senhor me amou com um amor eterno desde antes da criação do universo. Obrigada por me amar mais do que eu poderia imaginar. Eu acredito que o Senhor tem bons planos para mim e para o meu futuro. Sei que me proteges como a menina dos seus olhos.

Ensina-me todos os dias a guardar o meu coração, onde meus pensamentos e ações precisam ser preservados. Mais que tudo, eu desejo que me leve a um relacionamento profundo contigo, Senhor, antes que eu venha ter um relacionamento com aquele que que será o meu futuro esposo. Que isso não se compare com o meu relacionamento Contigo. Não quero casar para ser feliz, afinal de contas, só em ti encontramos a verdadeira felicidade.

Porém...

Quero alguém para me amar;

Quero alguém a quem amar.

Quero alguém que me valorize;

Quero alguém que me ache a garota mais linda desse mundo — mesmo eu sabendo que não sou.

Quero alguém para chamar de meu;

Quero ser chamada de minha por alguém.

Mas, não quero que seja apenas o meu querer.

Que Sua vontade prevaleça sobre meu futuro.
Só lhe peço uma coisa, Deus: O PREPARE PARA MIM!

Amém.



Capítulo 1

Julho de 2003 - Oregon, Wisconsin – EUA.

O vento soprava forte depois da tempestade que caíra durante toda a noite em Oregon, Wisconsin. O inverno rigoroso não havia dado trégua durante boa parte do ano e as chuvas faziam as temperaturas despencarem cada vez mais. As rajadas vigorosas davam a impressão de que, a qualquer momento, levaria o telhado.

Jenny abriu os olhos com dificuldade, esticando o braço para desligar o despertador que apitava irritantemente. Esfregou os olhos tentando se acostumar com a claridade, porém decidiu ficar um pouco mais na cama antes de ter que se levantar para o último dia de aula no Oregon High School.

A garota tinha estudado ali durante todo o ensino médio juntamente com seus melhores amigos: Léxis, uma menina de sorriso fácil e Matt, um garoto marrento e bem-humorado – mais nem tanto. Os adolescentes mais bipolares de toda a cidade *interiorana*.

— Filha? — A cabeça de Marina apareceu na porta entreaberta do quarto, ao perceber que Jenny ainda não havia se levantado até àquela hora.

— Hum? — a garota resmungou sonolenta.

— Vai perder seu último dia de aula se não se levantar agora.

Cruzou os braços em frente ao corpo, apoiando-se no batente da porta.

— Só mais cinco minutinhos.

A jovem puxou o coberto até o queixo, aconchegando-se na cama.

— Se você dormir mais cinco minutos, Matt vai te deixar para trás. Você não vai querer ir a pé com esse vento frio, vai?

Marina entrou no quarto e abriu as cortinas para que um pouco mais de claridade inundasse o aposento.

— Ele me espera. — Jenny virou para o outro lado protegendo os olhos.

— Quer pagar pra ver? Por acaso já se esqueceu de que ele fez exatamente isso na semana passada? E pior, estava chovendo. Você perdeu a última prova de literatura e por isso ficou com um B- na matéria. — A mulher lembrou-a do fatídico ocorrido.

— Okay, você conseguiu me convencer. — Jenny chutou os cobertores para longe e se arrastou para fora da cama em direção ao banheiro.

— Você deveria estar mais animada. Afinal, hoje é seu último dia de aula! — Marina tentou animar a filha.

— Eu estou — a menina gritou de dentro do lavabo.

Sua imagem refletida no espelho não era das melhores naquela manhã. A pele era branca demais e o contato com a água quente da torneira deixava suas sardas ainda mais evidentes, assim como as olheiras, resultado da semana mal dormida em virtude das últimas provas e testes. O comprido cabelo ruivo caía sobre o rosto dando-lhe um ar desleixado.

Jenny fez um coque frouxo nas madeixas e saiu logo em seguida para o quarto, encontrando a mãe dobrando seu cobertor.

— Não consigo ficar animada — revelou, retirando uma calça jeans e seu moletom surrado de dentro do minúsculo closet. — Se eu tivesse algo bom para fazer da minha vida daqui para frente, até estaria. Mas nem para a faculdade eu vou, mãe. – A garota relutou contra o nó que fechava sua garganta.

— Você vai conseguir um emprego bacana e as coisas vão se acertar. Tenha fé — Marina a encorajou com os olhos cheios de lágrimas.

Seu maior sonho era que a filha tivesse a oportunidade de ir para uma boa universidade, coisa que nem ela e nem o marido haviam feito. No entanto, depois da morte do esposo em um conflito armado no exterior e as dívidas que deixara, tanto Marina quanto Jenny tiveram que abandonar suas ambições.

— Eu tenho fé, mamãe. — Exalou um longo suspiro. — Mesmo assim, é difícil não se abater e imaginar que seria muito melhor se as coisas fossem diferentes.

— Querida — Marina se aproximou e acariciou os longos cabelos vermelhos da filha —, você não ir para a faculdade agora não quer dizer

que não irá algum dia. Deus sabe de todas as coisas.

— Eu sei...

A mais velha deixou um beijo terno no rosto de Jenny antes de descer para a cozinha, a fim de preparar o desjejum para ambas.

Enquanto se arrumava, a moça fez uma breve oração pedindo que o Senhor acalmasse o seu coração e a ensinasse a confiar mais nos planos que Ele tinha para ela, dando-lhe paciência acima de tudo. Assim que colocou o gorro amarelo na cabeça e o cachecol quadriculado de mesma cor no pescoço, escutou soar, insistentemente, do lado de fora, a irritante buzina do velho carro de Matt.

— Já estou indo para a escola, mãe! — Jenny gritou descendo as escadas às pressas.

— Não vai comer nada? — Marina perguntou com reprovação. — Não gosto que saia de casa sem se alimentar.

— Não dá, o Matt já está aí fora a minha espera. — Diante do olhar duro que recebeu, Jenny pegou seu almoço que estava sobre o balcão e uma maçã da fruteira. Mastigando de forma exagerada disse: — Pronto, já comi.

— Vá, antes que perca a carona. — A senhora revirou os olhos indicando a porta com as mãos.

Assim que saiu, Jenny avistou o mustang V8 verde do amigo parado em frente ao portão. Com passos rápidos para fugir da fina garoa que caía, caminhou em direção ao carro.

— Estava quase te deixando para trás de novo — falou o rapaz, colocando o veículo em movimento.

— Bom dia para você também, Matt. — Jenny afivelou o cinto de segurança.

Os dois se conheciam desde o jardim de infância. Depois que o pai dela faleceu, quando estavam na sétima série, ficaram ainda mais inseparáveis, tornando-se melhores amigos desde então.

— Bom dia. — Matt sorriu de lado, olhando-a de relance. — Você sabe que eu odeio chegar atrasado nos lugares.

— Eu sei, mas não estamos atrasados. E mesmo se estivéssemos, esse é o nosso último dia de aula. Tenho certeza que não haverá problema algum.

— Mesmo assim — o garoto respondeu ranzinza.



O dia transcorreu como esperado. Tudo foi levado na brincadeira, principalmente por parte dos formandos — que só sabiam implicar um com os outros, mais do que em todo o ano. Na última aula, o diretor avisou pelos alto-falantes que os estudantes deveriam se dirigir para o ginásio.

Quando Jenny chegou lá, Matt e Léxis já estavam sentados nas arquibancadas em meio aos quase trezentos alunos. Assim que a viram, Léxis agitou os braços no ar para que ela fosse se sentar com eles.

— Por que será que estamos aqui? — a garota loira de cabelos curtos e de olhos expressivos perguntou aos gritos, por causa das conversas animadas e curiosas que ecoavam vindo de todas as direções.

— Não sei. Talvez seja alguma homenagem para os formandos ou algo assim — Matt respondeu, correndo os olhos pelo ambiente barulhento.

— Acho que não é isso, não. — Jenny apontou para o diretor que adentrava o ginásio seguido por dois oficiais do exército e por cinco estudantes, todos do time de futebol.

Bruce, Dylan, Adam, Ethan e Noah se alinharam ao lado dos oficiais e o diretor pediu silêncio no microfone, emitindo um estampido agudo, fazendo todos se calarem.

— Como vocês sabem, nosso país está passando por um momento difícil depois dos ataques do dia onze de setembro ao World Trade Center. O governo está recrutando jovens em todo o país para servir a nossa Pátria no Iraque. Hoje estamos aqui para apresentar estes cinco jovens corajosos da nossa pequena cidade que decidiram fazer parte desse grande exército.

Os alunos ficaram estáticos e o silêncio era total, quebrado minutos depois por sussurros perplexos. Ninguém imaginava que os caras mais populares do Oregon High School teriam tal futuro. Era de conhecimento geral que todos eles já haviam sido aceitos nas melhores universidades dos Estados Unidos por causa do futebol. Mas agora estavam ali, selando seus destinos, indo para a guerra sem saber se voltariam um dia.

Ao olhar para os cinco estudantes posicionados no meio da quadra, Jenny lembrou-se de seu pai e sentiu o coração se apertar. Era como se eles estivessem sendo levados para a morte, assim como seu progenitor. Só Deus sabia o que o destino lhes reservava. Mesmo que não fossem seus amigos, a vontade de chorar era enorme naquele momento. Não desejava o mesmo destino a ninguém.

O Diretor falou mais algumas palavras e depois os oficiais disseram algo também, mas Jenny não escutou nada. Tudo parecia muito longe. Ela só conseguia sentir pena dos pobres rapazes a sua frente.

— Jenny? — Ela ouviu alguém chamar, mas parecia tão longe que ignorou. — Jenny, você está bem? — Léxis chamou a amiga mais uma vez, mas ela permanecia imóvel mesmo depois do diretor dispensar a todos.

A moça olhava fixamente para os meninos que sorriam e conversavam com os oficiais tranquilamente.

— Jey? — Matt estalou os dedos na frente dos seus olhos, trazendo-a de volta.

— O quê? — Ela pareceu surpresa ao notar que só restaram eles nas arquibancadas.

— Eu sei que todos são uns deuses gregos, mas não é para tanto, amiga — Léxis gracejou. — Não precisa ficar *secando-os* com os olhos. — Era para ser uma piada, mas Jenny não sorriu.

A garota se levantou rapidamente e caminhou apressada para o lado de fora do ginásio, deixando os amigos para trás. De repente, parecia que estava sendo sufocada. Quando saiu, tragou fundo o ar fresco, sentindo sua mente se acalmar.

— Ei, espera! — Matt a segurou pelo braço assim que passaram pelas portas que davam para o estacionamento. — O que está acontecendo com você?

— Não é nada. Eu só... — Lágrimas começaram a brotar dos olhos de Jenny sem que ela conseguisse segurá-las.

Nesse momento, o grupo de atletas passou por eles como se Matt, Léxis e Jenny fossem invisíveis. Um deles esbarrou no rapaz, mas continuou a andar com o queixo erguido, como todos eles faziam.

— Babacas — Matt resmungou. — Tomara que morram nessa maldita guerra.

— Matt! — Jenny o advertiu estarrecida. — Como pode dizer uma coisa dessas? Isso é horrível!

— Ah, qual é, Jey? — O amigo revirou os olhos impaciente. — Esses idiotas são um bando de convencidos que se acham as estrelas intocáveis do colégio.

— Mesmo assim. Não devemos desejar a morte de alguém.

— Você é igual a todas as garotas dessa escola. Caem de amores por esses brutamontes.

— Não vou ficar aqui ouvindo lorotas. — Jenny voltou a andar, entrando na garoa que começava a cair novamente.

Ela não conseguia compreender como uma pessoa era capaz desejar mal ao seu semelhante. Não entendia como o seu melhor amigo

podia querer a morte daqueles garotos, quando ela só pensava em orar por eles.

Com passos apressados, deixou suas lágrimas caírem livremente, misturando-se à chuva que se intensificava. O frio penetrava o moletom que usava, mas ela não se importou. Tudo que queria era se livrar do sentimento angustiante que perturbava a sua alma.

— Entra no carro, você vai pegar um resfriado. — Jenny caminhava pela calçada enquanto Matt a seguia, tentando convencê-la a entrar no veículo. — Desculpa se te ofendi quando desejei a morte daqueles...

— Nem termina a frase! — Ela se virou para ele, furiosa.

— Okay, agora deixe de ser teimosa e entre no carro. Temos que conversar sobre o baile de formatura. Esqueceu?

Sim, la havia esquecido. Nem ao menos se lembrava de que no dia seguinte seria a festa de conclusão do ensino médio. Tinha passado a semana inteira contando nos dedos os dias que faltavam para o grande evento, mas agora não sentia um pingo de animação para ir à festa.

Ela e Matt haviam combinado de ir juntos, como era de se esperar. Apesar de ele afirmar categoricamente que havia convidado Jenny porque ninguém mais a havia chamado. Mas a verdade era que Ashley, uma das líderes de torcida — pela qual o rapaz nutria uma paixonite —, tinha recusado o seu convite, preferindo ir com um dos caras do time de futebol.

Quando sentiu que a chuva começava a cair mais forte, encharcando suas roupas, Jenny engoliu seu orgulho e entrou no velho mustang.

— E aí, já está tudo pronto para a grande noite? — Matt perguntou, aumentando a velocidade.

— Sim.

— Que cor será o seu vestido?

— Azul.

— Estou perguntando para comprar um ramalhete que combine. Você acha que branco fica legal?

— Talvez.

— Vai ficar me respondendo com monossílabos? — Matt indagou irritado com a falta de interesse dela pelo assunto.

Ela não respondeu, apenas continuou fitando as casas do lado de fora.

— Você estava tão animada ontem e agora fica aí: “Sim, Azul, Talvez”. Fala sério! — Jenny sorriu com a falta de paciência do amigo.

— Desculpa. Mas é que... Não estou mais tão animada assim com o baile. — Fitou as mãos.

— Por que não? Vai ser divertido!

— Vai ser uma despedida de tudo e todos. E depois, o que eu vou fazer? Todos já têm seus planos. Uns vão para a faculdade, outros vão para

a *“guerra”*, até você e a Léxis irão embora. Eu não tenho expectativa alguma para os próximos anos da minha vida. A não ser continuar aqui, nesse fim de mundo. — Jenny desviou os olhos para a janela outra vez, sentindo novamente as lágrimas virem à tona.

— Eu não vou para a faculdade — Matt confessou.

— O quê? Por quê? — Surpresa, Jenny virou-se para o amigo. — Você foi aceito em uma boa faculdade. Você tem que ir!

— Para quê? Se meu destino é a fazenda e cuidar de cavalos pelo resto da minha vida? — desdenhou o rapaz.

— Não diga isso. Você tem que ir. É seu sonho!

— Não posso abandonar meus pais como o Michael fez. Eles precisam de mim aqui e eu vou ficar. Já está decidido — falou com convicção.

— Foi o seu pai quem pediu?

— Não. Essa decisão foi minha. — Esboçou um dar de ombro. — Parece o certo a se fazer.

Matt limpou a garganta e em seguida deu um longo suspiro. Jenny não sabia mais o que dizer. Quando aquele garoto colocava alguma coisa na cabeça, não mudava de ideia facilmente.

Um longo silêncio se instalou no carro e seguiram assim até Matt parar em frente à casa dela.

— Veja pelo lado bom: agora você não vai ficar mais sozinha nesse fim de mundo — ele gracejou, dando seu habitual sorriso torto.

— Bobo. — A amiga o empurrou levemente no ombro e também sorriu.

Ela admirava muito o amigo por sempre pensar nos pais, que já não eram tão jovens. Ele era o filho mais novo do total de cinco irmãos, sendo três meninas, que já eram casadas e moravam em outros estados, e o irmão mais velho, que depois de ir para a faculdade preferiu não voltar para Oregon.

— Te pego amanhã às sete em ponto. Não se atrase — Matt disse categórico.

— Sim, senhor. — Jenny revirou os olhos.

— Não se atrase — repetiu, como se a amiga não tivesse escutado da primeira vez.

— Eu já entendi. Estarei pronta às sete horas.

Depois que Matt partiu, Jenny ainda permaneceu na calçada, observando o carro se afastar. Sentiu-se um pouco melhor por saber que não ficaria mais sozinha, pois ele continuaria ali com ela.



Capítulo 2

Pontualmente às sete horas, Matt subia o lance de escadas rumo à porta da frente da casa da Jenny. A chuva constante do dia anterior havia passado e o céu estava limpo outra vez, salpicado por um manto estelar. No entanto, as temperaturas ainda eram baixas. Depois de três batidas leves na porta, Marina abriu e pediu para que ele entrasse.

— Jenny já deve estar pronta. — Ela o analisou dos pés à cabeça. — Você está muito elegante, Matt — elogiou o garoto que vestia um smoking completo, com direito a gravata borboleta e tudo.

— Obrigado — ele agradeceu, sorrindo sem jeito.

Nesse momento, Jey, como ele costumava chamá-la, surgiu no alto da escada. Usava um vestido longo azul marinho, cravado de pequenas pedrinhas brilhantes por todo o corpete e que se estendiam pelo comprimento em uma quantidade menor. Possuía uma alça só, posicionada na diagonal do ombro, cobrindo parte do colo. Os cabelos cor de fogo estavam presos de lado em uma cascata de cachos. A maquiagem era leve, porém, marcante nos olhos, onde caprichou um pouco mais fazendo um efeito esfumado nas cores marrom e cobre. O batom era discreto, dando equilíbrio ao conjunto por inteiro.

Jenny desceu, com passos firmes e elegantes, enquanto Matt a fitava com certa admiração. Nunca tinha prestado tanta atenção nela até aquele momento. Não daquele jeito. Conheciam-se desde o jardim de infância e se considerava um irmão alguns meses mais velho. Mas, vendo-a tão linda, não pôde evitar que seu coração desse uma leve descompassada.

A sensação o pegou de surpresa e ele teve que fingir um ataque de tosse, por medo que ela percebesse algo pela forma como a olhava.

— Você está bem? — perguntou Jenny, preocupada com a crise repentina do amigo. — Quer um pouco de água? — Ela acariciou as costas dele. Quando se aproximou, seu perfume penetrou suas narinas, deixando-o tonto por alguns milésimos de segundos.

Tossiu outra vez sem saber se havia ou não pensado alto.

— Na-Não. Estou bem. Acho que é o seu perfume. Você passou demais, está querendo me intoxicar? — Gracejou para se esquivar dos sentimentos repentinos.

— Acha mesmo que eu exagerei? — perguntou preocupada. — Eu nunca passo mais que duas borrifadas. Hoje passei cinco, mas não achei que fosse muito.

— Devo sobreviver. — Ele esboçou um sorriso torto e Jey deu um leve empurrão em seu braço.

Os dois começam a rir como se tivessem oito anos de idade, época em que mais implicavam um com o outro.

— Crianças? — Marina chamou, com uma câmera nas mãos. — Olha o passarinho! — Tirou uma foto assim que eles se viraram para ela, ainda sorrindo.

— Ah! Essa não valeu. Tira outra. — Jenny se posicionou ao lado do amigo e ele ficou sem saber se simplesmente ficava parado ou se a abraçava.

— Matt, chega mais perto da Jenny. — Marina pediu. Ele deu mais um passo para o lado, ficando bem próximo. — Coloca seu braço na cintura dela. Ou quer sair igual a um robô em todas as fotografias?

Com cautela, Matt passou seu braço direito pela cintura de Jenny e se aproximou até seu corpo tocar no dela. Ele prendeu a respiração e forçou um sorriso. Marina disparou dois fleches e pediu para que ele trocasse a pose. O garoto obedeceu, seguindo exatamente as instruções da senhora e tiraram mais algumas fotos.

— Pronto. Já chega de fotos, se não chegaremos atrasados — disse Jenny, desvencilhando-se dos braços do amigo, que internamente já desejava ficar daquela forma para sempre.

— Você deve trazê-la de volta às onze e meia em ponto. Nenhum minuto a mais! Entendeu? — Marina recomendou enquanto os acompanhava até o final da varanda.

— Sim, senhora.

Os dois jovens desceram as escadas de braços dados, acenado em despedida. Matt se adiantou e abriu a porta de seu velho mustang para que Jenny entrasse.

— Você está muito elegante – ela o elogiou assim que ele se sentou atrás do volante.

— Obrigado. Você também está linda. Até parece o céu em uma noite estrelada. — Matt mal acreditou que aquelas palavras haviam saído da sua boca. — Digo, a cor do seu vestido e as pedrinhas dão essa impressão. — Tentou explicar tropeçando nas palavras e fazendo ela sorrir.

— Eu entendi o que você quis dizer. Foi a mesma coisa que me ocorreu quando vi esse vestido no manequim da loja, você sabe que eu amo o céu e as estrelas. Achei perfeito para esta noite.

Seguiram conversando amenidades até o colégio e só então Matt começou a se acalmar. Quando chegaram, o estacionamento já estava abarrotado de carros por todos os lados, dificultando o encontro de uma vaga. A música eletrônica podia ser ouvia à distância e adolescentes eufóricos circulavam por todos os lados, saindo e entrando do ginásio com seus copos de ponche nas mãos.

— Quer beber alguma coisa? — Matt gritou por causa da música alta, aproximando-se de Jenny para que ela o escutasse.

— Pode ser. Vou procurar uma mesa — gritou de volta e assim os dois se separam.

Todos os lugares próximos à pista de dança já estavam ocupados, então Jenny saiu ziguezagueado pelas cadeiras e mesas espalhadas pelo salão até um lugar mais afastado, onde não havia ninguém. Enquanto fazia seu trajeto percebeu alguns olhares em sua direção, mas não se ateve a isso, afinal de contas, podia ser que nem ao menos estivessem olhando para ela.

Ao se acomodar, constatou que estava errada e que sua presença era o foco da curiosidade alheia. Achou estranho, já que durante todo o ensino médio havia sido invisível para a maioria dos estudantes. Apenas Matt e Léxis conversavam diariamente com ela. Os olhares a fizeram se sentir incomodada de repente.

Jenny se concentrou na decoração e na agitação no centro do salão, tentando ignorar a atenção sem precedente que recebia. Então os seus olhos se cruzaram com o de Dylan Fox, o capitão do time de futebol. Os dois sustentaram o olhar um no outro por alguns segundos, até um vestido prata se meter entre eles.

— É você mesma? — Léxis gritou bem na hora que a música parou.

Jenny arregalou os olhos, sentindo o rubor subir-lhe ao rosto enquanto puxava o braço da amiga para que ela se sentasse.

— Não exagera. – Olhou em volta, para ver se Dylan ainda estava lá, mas o rapaz havia desaparecido no meio da multidão que voltava a dançar *“The fresh prince of bel air”*.

— Cadê o Matt? — Léxis voltou a falar alto por causa da música que vibrava em seus tímpanos novamente.

— Foi buscar uma bebida.

— Por isso é bom ter um acompanhante. Se eu quiser beber alguma coisa, tenho que ir buscar sozinha. — A outra se encostou na cadeira, parecendo levemente aborrecida.

Mesmo ninguém a convidando, ela resolveu que iria. Não dependia de um cara para se divertir e aproveitar o baile de formatura. Jenny não teria a mesma coragem, nunca teria ido à festa se Matt não a tivesse chamado.

— Vocês não vão acreditar no que acabou de acontecer! — Matt voltou eufórico e sem o ponche.

— Cadê minha bebida? — Jenny estava com a garganta seca desde que vira Dylan encarando-a e se irritou por seu par não ter um mísero copo nas mãos.

— Ah! Esqueci. — Matt deu de ombros, dando a entender que sua novidade era muito mais importante.

— O que aconteceu? — Léxis quis saber.

— Ashley! Foi isso que aconteceu. — Ele abriu um largo sorriso apoiando os cotovelos na mesa e as mãos no queixo.

— Ashley? — as duas amigas perguntam em uníssono.

— A própria. — Matt suspirou.

— Fala logo! — Léxis exclamou, curiosa.

O rapaz se ajeitou no assento sem pressa alguma, demorando a falar.

— Eu estava de costas, pegando dois copos e esperando um cara terminar de servir ponche para ele e para a namorada. De Repente, senti uma mão apertar meu ombro de leve. Quando me virei, lá estava ela. — Matt voltou a suspirar, cessando a explicação.

— Só isso? — Jenny indagou franzido o cenho sem entender a empolgação inicial do amigo.

— Eu ainda não terminei. — Fez um sinal com a mão, pedindo calma. — Como eu ia dizendo, virei-me e lá estava ela. Linda e sorridente. Mesmo depois de eu me virar, Ashley não tirou a mão do meu ombro! — disse eufórico.

— Tá, e o que aconteceu logo em seguida? — Léxis revirou os olhos e insistiu para que ele terminasse o seu relato.

— Ela me elogiou, disse que eu estava muito elegante e falou que estava se sentindo mal por ter recusado o meu convite. E ela quer dançar uma música comigo! Dá para acreditar?

— Uau! Que cara mais sortudo! — Jenny exclamou com deboche.

— Uns com tanto e eu sem ninguém! — a outra reclamou sarcástica.

— Você não se importa, não é? — Os olhos de Matt brilhavam tanto, que Jenny teve que rir da sua empolgação.

— Não. Claro que não. Vai lá e divirta-se. — Indicou a pista de dança com a cabeça.

Ele apertou as bochechas da amiga com ambas as mãos, deixando um beijo entre os olhos dela.

— Valeu. Eu volto já. — Saiu em disparada quando outra música agitada começou a tocar.

— Eu adoro essa música! — Léxis também se levantou. — Vamos para a pista, baby. — Puxou a amiga, começando se mexer com as batidas eletrônicas.

— Não. — Jenny se recusou a seguir a amiga. — Estou morrendo de sede. Vou atrás de algo para beber. Depois nos encontramos aqui.

Léxis concordou com a cabeça e saiu pulando em direção aos jovens enlouquecidos. A música estava tão alta, que era impossível ouvir os próprios pensamentos. Jenny a viu desparecer por entre a multidão dançante e em seguida partiu rumo à mesa das bebidas.

O ginásio parecia pequeno para a quantidade de pessoas que ali estava. Pedindo licença e serpenteando entre as mesas, chegou até o seu destino. Encheu um copo com ponche de abacaxi e tomou tudo quase que em um gole só. Encheu outro e se virou para ver se avistava Matt ou Léxis. Era possível vê-los de onde ela estava. Matt dançava com Ashley como um garotinho de dez anos, de tão empolgado, e Léxis tinha atraído a atenção de Noah Thompson, que ria à beça de seus movimentos engraçados.

— Parece que minha acompanhante roubou o seu namorado — uma voz grave soou próximo ao ouvido de Jenny, fazendo seu corpo estremecer.

Ao virar-se, deu de cara com Dylan a poucos centímetros dela.

— Como? — Conseguiu dizer depois de longos segundos, sem desviar os olhos da figura enorme ao seu lado.

O rapaz apontou para a pista de dança com o queixo e olhou para frente, mas Jenny parecia hipnotizada. O maxilar quadrado com a barba por fazer, nariz afilado e cabelos castanhos ondulados, grande o suficiente para cair-lhe na testa, prendia sua atenção.

Jenny teve que piscar várias vezes para retomar o foco, mas Dylan pareceu não ter notado. Quando olhou para a pista de dança novamente, viu Ashley com os braços em volta do pescoço do amigo.

— Não tem ciúmes? — Ele voltou a olhar para Jenny.

— O quê? Ah! Não. Matt e eu não somos namorados. Somos apenas amigos. Bons amigos. — Continuou olhando para frente. Não queria paralisar novamente diante da beleza estonteante de Dylan.

Por que ele está falando comigo, afinal?

— Achei que eram. Vocês não se desgrudam. — Ele deu de ombros.

— Como eu disse, somos apenas bons amigos. — Bebericou um pouco de ponche que começava a esquentar.

A música eletrônica cessou. Em seguida, uma melodia suave e romântica soou pelas caixas amplificadas. Os casais se abraçaram, embalados pela harmonia envolvente.

— Quer dançar? — Dylan a convidou, estendendo a mão.

— Não! Não precisa fazer isso. Eu estou bem aqui. Obrigada. — Negou veemente.

Ele provavelmente está com pena de mim por Matt estar dançando com outra. — Pensou, virando o restante do conteúdo do copo goela abaixo.

— Vem. — Dylan ignorou sua recusa, apoiando sua mão esquerda nas costas de Jenny, conduzindo-a até a pista de dança.

Ela sentia o coração a ponto de sair pela boca e a pele tocada, formigar. Não sabia se era por causa de Dylan ali tão próximo a ela ou pelos olhares que os dois recebiam. Não estava acostumada a ser o centro das atenções e nem gostava daquilo. Mas estava com Dylan, era impossível passar despercebida naquele momento.

O atleta parou de andar e virou-se para ela. Jenny estava apavorada demais para se mover. Então ele pegou as mãos dela e as colocou sobre os seus ombros. Em seguida enlaçou a fina cintura da garota e finalmente começaram a se mover no ritmo da música.

O perfume amadeirado de Dylan deixou Jenny um pouco desorientada no primeiro instante, mas ela se manteve firme, prestando atenção nos seus passos e cuidando para não fazer qualquer besteira, pisando no pé de seu parceiro de dança.

— Eu a vi ontem, durante a apresentação — ele quebrou o silêncio, falando bem próximo ao seu ouvido.

Então ela se lembrou que ele era um dos rapazes que partiria para a guerra no dia seguinte. Novamente, sentiu seu coração se apertar e o nó na garganta voltar com força total.

Por que estou sentindo isso? Por que essa aflição? Ele nem é meu amigo! Esta é a primeira vez que conversamos em quatro anos de convivência e provavelmente será a última.

— Ah... — foi só o que ela conseguiu falar. Seus pensamentos giravam como *chapéu mexicano.*

— Você parecia chateada — Dylan prosseguiu.

— Não estava, foi só impressão sua — ela respondeu, esforçando-se ao máximo para parecer indiferente.

— Sabe, por um momento eu achei que você era a única pessoa que sentiu certo impacto com a notícia. Todos pareciam nem aí para o que

aquilo significava. Você tinha um olhar de preocupação. Bem, parece que me enganei. — Sua voz tinha um tom de desapontamento.

Ela queria dizer que realmente tinha sido atingida fortemente pela notícia, mas resolveu se calar. Dylan a acharia uma louca. Como sentiria tanto a partida deles para a guerra, se nem ao menos eram próximos?

— Como você está se sentindo em relação a isso? — ela quis saber. — Todos vocês pareciam tão à vontade, como se não fosse nada de mais ir para o Iraque.

Ele sorriu.

— Para ser sincero, eu estou apavorado — confessou. — Mas sei que é isso que eu tenho que fazer, entende? Eu quero me sentir importante de alguma forma.

Não, ela não entendia. Ele já era importante. Era popular e todos a sua volta o admiravam.

— Você já é importante. É o Capitão do time de futebol e um cara bem popular — Jenny tentou argumentar.

— Isso é superficial demais. Quero sentir que estou sendo útil. Preciso provar para mim mesmo que posso ser mais que um simples rostinho bonito. — Sua voz saiu ressentida.

Naquele momento ela começava a compreender um pouco os motivos de sua decisão, mas ainda não estava totalmente convencida.

— Tinha que provar indo para a guerra? — Ele riu da garota com voz esganiçada.

— Sinto que preciso fazer isso. — Dylan respirou fundo, parecendo exausto de repente.

— E seus amigos?

— Eles só vão porque eu os convenci.

— Em troca de quê? — O rapaz não respondeu. Seu corpo ficou rígido de súbito, como se a pergunta dela o tivesse incomodado.

A música encerrou e, pela primeira vez depois que começaram a dançar, Jenny levantou os olhos em direção ao rosto de Dylan. Ele a fitava intensamente como se quisesse lhe dizer algo, mas permaneceu calado. A batida da música eletrônica voltou a soar, estourando a bolha que havia em torno deles, fazendo-os se afastar um do outro bruscamente, como se um choque os houvesse atingido.

— Obrigado pela dança, Dylan.

Sem saber qual próximo passo tomar, Jenny apenas virou-se e saiu andando. Não sabia o porquê, mas sentia uma vontade enorme de chorar, assim como no dia anterior. Temia ser aquela a última vez que veria o rapaz.



Capítulo 3

O baile de formatura perdeu a graça para Jenny. Várias garotas vieram lhe dizer o quanto era sortuda por ter conseguido atrair a atenção de Dylan e dançado com ele. Porém, ela não se sentia assim. O nó na garganta persistiu preso a ela pelas horas subsequentes.

Léxis tagarelava aminada, e Matt não parava de falar como tinha sido maravilhoso dançar com Ashley que, por sinal, foi coroada a rainha do baile juntamente com o responsável pela angustia presa no peito de Jenny. A recém-coroada rainha beijou o *namorado* após a premiação, levando os formandos à loucura e causando um grande desconforto assustadoramente inesperado em Jenny.

Pelo resto da noite, Dylan a observou do outro lado do salão. Seus amigos seguiam animados além da conta, por causa das cervejas que haviam ingerido escondidos do diretor. Mas ele não se sentia bem. O remorso lhe corroía por dentro. Se houvesse trocado pelo menos um *oi* com aquela garota antes daquela noite, talvez tivesse percebido que ela era diferente. Não considerava errado o que havia feito, afinal, que mal poderia haver em dançar com ela? Entretanto, a forma como aconteceu o perturbava.

— O plano deu certo! — Noah disse gargalhando. — Olha como os perdedores estão felizes. — Apontou para Jenny e seus amigos, que sorriam de alguma coisa boba que Matt acabara de falar.

— Foi um tédio ter que dançar com o chiclete do Matthew. — Ashley revirou os olhos em sinal de asco.

— Você parecia estar se divertindo. — Ethan entrou na conversa, lançando a ela um olhar zombeteiro.

— Pois não estava. — A garota o empurrou quando ele tentou abraçá-la. — Ainda não entendi porque tive que fazer isso. Não faço parte dessa aposta maluca de vocês — disse indignada, cruzando os braços e fitando os cinco atletas a sua frente.

— Alguém tinha que tirar o mané do Matt de perto da querida Jenny. — Bruce agarrou Dylan pelos ombros, bagunçando seus cabelos. — Se ele não saísse de perto, como nosso o galã aqui teria uma chance?

— Para com isso, cara — Dylan protestou irritado, tentando arrumar os fios novamente.

O cheiro forte de cerveja que emanava do amigo fez seu estômago embrulhar.

— Agora podemos ir para a maldita guerra felizes. Você já provou que se importa com a gente quando dançou com uma NERD. — Noah fez uma reverência exagerada.

— Por que vocês garotos são tão idiotas? Isso lá é coisa que se aposte? Por acaso a vida de vocês não é mais importante que essa brincadeira de mau gosto? — disse Ashley furiosa.

— Nós iríamos de qualquer jeito, relaxa, princesa — Ethan falou, tentando mais uma vez tocar em Ashley.

— Só estávamos nos divertindo. — Adam, que só ria até então, deixou sua opinião tomando um pouco de ponche *batizado*.

— Por falar em diversão... — Noah voltou a olhar para o grupo de amigos ao longe. — Aquela Léxis até que é bonitinha. Eu até que gostei de dançar com ela. — Esboçou um sorriso lascivo.

— Ai, credo! — Ashley debochou.

— Está com ciúmes?

— Eu não! Tenho tudo isso aqui. — A garota se pendurou no pescoço de Dylan e o beijou, antes mesmo que o rapaz percebesse o que estava acontecendo.

Mesmo a distância, Jenny presenciou o beijo, o que a deixou desestabilizada momentaneamente.

Noah revirou os olhos e saiu andando rumo ao outro lado do salão. Ele se aproximou de Léxis sem que a garota percebesse e deu um leve assopro no pescoço dela. A menina se encolheu toda, sentindo um arrepio percorrer suas costas.

— Oi, gatinha — sussurrou em seu ouvido, ignorando a presença de Matt e Jenny ali.

— Oi — Léxis corou violentamente.

— Será que podemos sair daqui? Preciso falar com você, e aqui está muito barulhento.

A moça olhou para os amigos, surpresa com o convite e depois voltou a sua atenção para o belo rapaz que a fitava intensamente, à espera de uma resposta.

— Cla-claro — gaguejou.

Noah ofereceu o braço para ela, que, sem perda de tempo, o agarrou. Jenny e Matt observaram os dois se afastando sem entender o que tinha acabado de acontecer.

— Eu vou ao banheiro — Jenny piscou várias vezes voltando a si e caminhando até a toalete.

O lugar estava vazio quando ela entrou. Pelo espelho sobre uma bancada de mármore conferiu sua imagem ali refletida. A maquiagem ainda estava perfeita, o penteado, no lugar, e o vestido, apesar de algumas rugas, ainda era lindo. Sorriu para a garota que via diante de si, notando novamente como estava especialmente bela naquela noite. No entanto, a dor em seu coração ainda persistia, como um mau pressentimento.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou para si mesma ao sentir o aperto no peito voltar com força total.

Jenny entrou em um dos reservados e, minutos depois, escutou vozes de um batalhão de garotas invadir o ambiente.

— Ashley, para onde você e o Dylan vão depois do baile?

Ela prendeu a respiração ao ouvir o nome do atleta.

— Ainda não sei. Ele está muito misterioso hoje, acho que me fará uma surpresa.

— E o que foi aquilo de você dançar com o Matthew Cooler? — Outra quis saber.

— Só estava ajudando o Dylan. Matt é um chato da gota, mas foi por uma boa causa. — Sorriu de forma debochada.

O estômago de Jenny deu uma fisgada com o desprezo notável naquela conversa. Tudo o queria era sair dali, mas suas pernas não obedeciam aos comandos enviados pelo cérebro.

— Ajudar com o quê? E aquela garota com quem Dylan estava dançando? Não consegui reconhecer.

— Ah... Era a Jenny.

— Jenny Parker? — Uma voz surpresa soou do outro lado da porta do reservado em que a moça se mantinha escondida. — Ela estava bonita...

— Você não ficou com ciúmes? — Dessa vez outra voz foi ouvida.

— Eu não! – Ashley sorriu. — Foi tudo uma aposta.

A visão de Jenny escureceram e suas pernas falharam com a declaração.

— Como assim?

— A ideia de ir para o Iraque foi do Dylan. Ele queria que os amigos o acompanhassem. Mas para aqueles meninos nada sai de graça, então o desafiaram a dançar com a garota mais feia do colégio.

O coração da pobre menina se despedaçou e lágrimas começaram a brotar dos seus olhos.

— Bom, o tiro saiu pela culatra. Ela estava até que bonitinha hoje. — Outra garota provocou.

— Não importa! — Ashley respondeu ríspida. — Ele sairá dessa festa comigo e não com ela.

Todas riram, deixando o banheiro em seguida.

Ao saber que estava sendo motivo de chacota entres os populares do colégio, uma sensação horrível se apossou de Jenny. O maldito atleta tinha interpretado tão bem que ela nem ao menos desconfiou dos olhares penetrantes que ele lhe lançava enquanto dançavam.

Há quanto tempo eles planejavam isso?

Toda pena que sentia por ele ter que ir para à guerra transformou-se em raiva e pensamentos de ódio se apoderaram dela naquele instante.

De repente, lembrou-se de Léxis. Noah, com certeza, também estava brincando com a coitada. Saiu rapidamente do reservado e se assustou com sua imagem no espelho. A maquiagem estava toda borrada por causa do choro. Limpou o excesso rapidamente, sem se preocupar em fazer novos retoques e saiu à procura da amiga.

— Léxis já voltou? — perguntou ofegante, assim que encontrou Matt.

— O que houve com seu rosto? — O garoto fez uma careta.

— Responde Matt! Cadê a ela?

— Não sei. Não voltou e nem o Noah apareceu aqui de novo. — O rapaz começou a se preocupar com estado da amiga.

— Temos que ir atrás dela. — Agarrou seu braço, puxando-o salão afora.

— Pode me dizer o que está acontecendo?

— São todos uns idiotas! — Jenny começou a chorar mais uma vez, sentindo uma frustração sem tamanho tomar conta de seu interior.

— Quem? — Matt se pôs em sua frente, segurando-a pelos ombros, obrigando-a parar.

— Temos que encontrar a Léxis... — Jenny não queria contar ao amigo que ele também tinha sido feito de *bobo* naquela noite.

Matthew fitou a amiga ao perceber que a coisa era mais séria do que ele imaginava.

— Ei, você viu o Noah Thompson por aqui? — gritou para um grupo de garotos sentados na carroceria de uma camionete.

— Saiu de carro com uma garota há uns cinco minutos — um deles informou.

— Ai não! — Jenny pegou o celular para ligar para a amiga.

O telefone tocou até cair na caixa postal, mas ela continuou tentando ao mesmo tempo que roía as unhas por causa do nervosismo.

— Pode me dizer o que está acontecendo? — o moço indagou mais uma vez ao ver a aflição de Jenny crescer a cada chamada perdida.

— Noah não está a fim da Léxis, ele vai se aproveitar dela e depois vai embora para aquela maldita guerra!

— Ah, qual é Jey? — Matt se exasperou. — Deixa a garota se divertir! Você está nessa agonia toda por isso?

— Não é só por isso! — ela gritou, chamando a atenção dos jovens ao redor.

— Então o que é? — Matt perguntou, porém ela se manteve calada. — Eu vou voltar para a festa — resmungou, indo em direção ao ginásio novamente.

— Eu quero ir embora.

O baile tinha acabado para ela.

Matt suspirou pesadamente, antes de girar pelos calcanhares e marchar rumo ao seu carro.

“Que fossem todos para aquela maldita guerra e que ganhassem o que mereciam por machucá-la tanto!”

Pensamentos de ódio giravam na mente da pobre Jenny, enquanto seguiam em silêncio de volta para casa. Tudo que ela mais queria, era que cada um pagasse por dilacerar seu coração e orava para que a amiga estivesse bem e que não saísse machucada por aquele bruto.



Assim que avistou Dylan sentado sozinho à mesa fitando o nada, Ashley se despediu das companheiras e aproximou-se dele sorrateiramente.

— Em que você tanto pensa? — Ela se sentou no colo do rapaz, depositando um selinho em seus lábios.

— Não estou pensando em nada. — Forçou um sorriso.

— Impossível não estar pensando em nada. — Ela mexia no cabelo do rapaz enquanto ele falava.

— Então eu realmente sou diferente. — Incomodado, ele retirou as mãos dela de seus cabelos. — Acho que vou embora. — Tentou se levantar, porém Ashley o impediu.

— Embora? — falou com a voz melosa. — Mas... Eu pensei que a gente... Você sabe... — Voltou a acariciar o rosto de Dylan, depositando um beijo em seu pescoço.

— Hoje não, Ashley. — A afastou, tirando a garota de cima do seu colo e pondo-se de pé.

— O quê? — esbravejou irritada. Odiava ser dispensada.

Um de seus maiores trunfos era sempre conseguir o que queria. Naquela noite, o objeto de seu desejo era Dylan Fox.

— Hoje não! — o rapaz repetiu um pouco mais firme, segurando os pulsos dela.

— Quando então? Porque amanhã você está indo embora e sabe-se lá quando ou *se* nos veremos novamente! — gritou outra vez.

Dylan uniu as sobrancelhas, como se as palavras dela tivessem penetrado o mais profundo de sua alma. Diferente do que parecia, ele temia a guerra tanto quanto qualquer um ali. E a hipótese de nunca mais voltar o assustava.

Nesse momento, Jenny saiu do banheiro feito um furacão. O rapaz a seguiu com os olhos enquanto Ashley esbravejava, tentando convencê-lo a ir com ela para outro lugar. Jenny e Matt saíram do ginásio rapidamente, o que aguçou ainda mais a sua curiosidade.

— Quer olhar para mim enquanto eu falo com você? — Ashley inquiriu ao ser ignorada.

— Eu estou cansado! Tenho que me apresentar muito cedo no quartel amanhã. — O atleta tentou esquivar-se das investidas recebidas, mas Ashley conseguiu prender sua atenção por mais alguns logos segundos.

Dylan queria sair dali o mais rápido possível para saber o que havia acontecido com Jenny que a deixara tão atordoada. Sentiu um mau pressentimento o atingir de repente. Era como se, em um estalar de dedos, uma ligação muito forte tivesse sido criada entre eles depois daquela dança. A doçura em seu olhar e a preocupação estampada em seu rosto tinham mexido em algo dentre dele. O que ele mais ansiava era poder falar com ela novamente. Não estava entendendo aquele sentimento repentino

de afeição pela jovem, queria apenas escutar a sua voz suave mais uma vez. Pela última vez!

— Preciso ir ali, depois conversamos. — Ele, enfim, conseguiu se afastar, deixando a outra falando sozinha.

A passos largos, Dylan caminhou para o lado de fora do ginásio. Não demorou muito, avistou Matt e a garota mais adiante. Os dois seguiam em direção ao mustang do rapaz. Ambos entraram no carro, que saiu cantando pneu na calçada de concreto. Tudo dentro de Dylan desmoronou. Sua última chance de falar com ela tinha se perdido. No outro dia partiria para a guerra e sabe-se lá Deus se voltariam a se verem outra vez. Aquele sentimento o perturbou de tal maneira que o assustou.

Ele não era assim.

Não se apegava com tanta facilidade, ainda mais se tratando de uma garota que nem ao menos tinha contato diariamente. Ainda mais se tratando de Jenny Parker, uma nerd esquisita da escola. Mas, então, por que seu coração estava tão apertado?

Ashley se aproximou novamente e o agarrou pela cintura, enquanto ele ainda estava parado no meio do estacionamento vendo o carro sumir rua afora.

Decidido a fazer qualquer coisa para dissipar todos aqueles sentimentos confusos, sorriu para a garota ao seu lado, envolvendo-a num abraço.

— Na minha casa ou na sua?



Capítulo 4

O relógio digital em cima da mesa de cabeceira marcava dez horas e quinze minutos. O sol, ainda tímido, brilhava jogando seus raios pela janela. Jenny abriu os olhos com dificuldade por causa da claridade que a atingia, percebendo que adormecera em uma poltrona e com o celular na mão. Um pássaro cantava irritantemente empoleirado no galho de uma árvore que havia de frente para o quarto, fazendo a cabeça da garota latejar a cada piada.

Após chegar em casa, havia ligado inúmeras vezes para Léxis. Nas primeiras tentativas as ligações não foram atendidas, depois só davam na caixa postal. Ela deixou vários recados, mas não obteve resposta em nenhum deles. Também tentou falar com Matt, pois gostaria de consertar as coisas entre eles. O amigo tinha ido embora sem se despedir, provavelmente estava furioso por ela tê-lo feito perder o resto da festa. Porém, ele não lhe atendeu.

Sentindo as costas doerem, Jenny cambaleou até o banheiro e quase gritou quando viu sua imagem no espelho. Estava horrorosa. Parte dos cílios superiores estava grudado nos inferiores, os olhos inchados de tanto chorar e ainda usava o vestido da noite anterior.

Ela ainda esfregava os olhos, tentando focar sua visão e sua mente no presente, quando sua mãe entrou no quarto.

— Espero que você não tenha bebido uma gota sequer de álcool, mocinha! – Marina cruzou os braços e fitou a filha duramente.

— Por que acha que eu bebi? — Jenny olhou para a mãe, confusa.

Marina levantou as sobrancelhas, lançando um olhar para a outra como se dissesse *“Você ainda está com o vestido de ontem, sua maquiagem está borrada. Quando você chegou do baile, se trancou aqui e não me deixou entrar. Só pode que estava me escondendo algo. O seu mau hálito, talvez?”*

— Não viaja, mãe. — A garota revirou os olhos, saindo em direção ao quarto novamente.

— Eu não te criei para você me decepcionar dessa maneira. — A voz da senhora embargou, fazendo a mais jovem virar-se para ela.

O pai de Marina era alcoólatra e a coitada havia crescido em um lar hostil e destruído pela bebida. A família travava constantes *batalhas* por causa do vício.

— Relaxa mãe, eu não bebi. — Jenny abraçou sua genitora com carinho. Entendia suas aflições e seria incapaz de trazer-lhe tanto desgosto. — Nunca faria isso com a senhora.

— Obrigada, querida.

Mãe e filha permaneceram abraçadas por um tempo.

— O que aconteceu para você chegar daquela maneira? — Marina perguntou ao se afastar.

— Longa história... — Jenny soltou o ar impaciente, sentindo tudo voltar novamente. Em seu interior, um poço de mágoa.

— Eu tenho muito tempo. Quer conversar?

A menina mordeu os lábios inferiores e olhou para a mãe. As duas tinham o hábito de sempre contar tudo uma para a outra, e Jenny sempre abria o coração, entretanto, aquele assunto era tão delicado e confuso que a deixou em dúvida se deveria ou não falar a respeito.

— Tudo bem, eu entendo. Tem coisa que precisamos guardar para nós mesmos. — Ela parecia perceber a confusão de sentimentos da filha.

— Não se importa mesmo?

— Não. Mas caso você mude de ideia, estarei aqui.

— Obrigada.

Marina saiu e Jenny tentou, mais uma vez, ligar para Léxis. Ela não atendeu. Então decidiu ir até sua casa. Precisava de notícias da amiga, caso contrário enlouqueceria.

Caminhou rapidamente as cinco quadras até a casa dos Mitchell, preparando-se para se deparar com o pior. Ao chegar, a mãe de Léxis atendeu a porta.

— Bom dia, senhora Mitchell, a Léxis está? — perguntou receosa e um pouco sem fôlego.

— Oi, Jenny, está sim. Aconteceu alguma coisa? Você não me parece bem. — A mulher olhou para ela com preocupação.

— Ah, eu estou bem. Só preciso falar com a Léxis mesmo.

— Ela está no quarto. Você conhece o caminho. — Deu passagem para a garota.

Jenny subiu o lance de escada a cada dois degraus para chegar mais rápido ao andar de cima da casa. Bateu na porta do quarto da amiga e a escutou gritar que estava aberta.

A moça entrou cautelosamente sem saber o que a esperava do outro lado.

— Amiga! Eu ia mesmo ligar para você, mas não acho o carregador do meu celular. — Léxis continuou revirando o conteúdo da gaveta de sua escrivaninha.

— Você está bem? — perguntou estranhando o comportamento despreocupado da outra.

— Eu estou ótima! — Léxis respondeu olhando por cima dos ombros. — Por que a pergunta?

— Você foi embora ontem sem me avisar. Depois liguei várias vezes para você e nada. Uns garotos disseram que você havia ido embora com o Noah... – Deixou a frase no ar observando cada movimento da amiga.

— Desculpa! Como não fomos ao baile juntas, achei que não haveria necessidade de te avisar. — Balançou o carregador de celular no ar, após finalmente o encontrar.

— Eu quase morri de preocupação, Léxis! — Jenny explodiu de repente. A amiga parou o que estava fazendo, virando-se para ela espantada. Ela nunca perdia a paciência ou gritava daquela maneira. — Você não tem noção do que eu passei durante toda essa noite sem notícias suas. Eu briguei com o Matt por sua causa... Eu... — Soluçou se entregando a um choro compulsivo.

— Ei, calma! Eu estou bem. Não aconteceu nada. O Noah só me trouxe em casa. — Léxis se aproximou, fazendo a amiga se sentar na cama com ela.

— Jura que foi só isso? — Jey perguntou intrigada.

— Bom... Ele me levou a um lugar antes. — Léxis desviou o olhar para um jarro de flor sobre o criado mudo.

— Quê lugar?

— Não foi a um lugar específico — gaguejou. — A gente só deu uma volta de carro pela cidade e depois ele me trouxe aqui.

Jenny fitou a amiga. Sabia que não era só aquilo que havia acontecido. Conhecia muito bem aquela garota e tinha certeza que ela não estava contando a história toda.

— Para de me olhar assim! — Incomodada, Léxis se levantou. — A gente se beijou, admito, mas foi só isso. Eu juro. — Jenny continuou

encarando a amiga em silêncio. — Eu estou falando a verdade!

— Tudo bem. — Jenny baixou a guarda, mas a desconfiança de que Noah e Léxis não ficaram apenas em um simples beijo não a abandonou.



Mais calma, Jenny contou para Léxis toda a aflição que passara durante a noite, dada à falta de notícias dela. A amiga escutou todo o relato em silêncio, apenas meneando a cabeça em concordância ou negação. No entanto, Jenny preferiu deixar de fora o que acontecera no banheiro.

— Você não sabe como me sinto aliviada em saber que você está bem. — Sorriu para a amiga quando terminou de falar.

— Você se preocupou à toa. O Noah foi tão fofo comigo! — Léxis olhou para o teto, com ar de sonhadora.

— Fico feliz — disse Jenny, ainda muito intrigada. Contudo, estava disposta a acreditar na amiga e lhe dar um voto de confiança.

— Espera! Que horas são? — Léxis pulou da cama de repente.

— Meio dia — Jenny informou após conferir o relógio que usava. — Por quê?

— Vem, estamos atrasadas. — Léxis saiu puxando-a pelo braço.

— Atrasada para o quê? Não me lembro de nenhum compromisso. — Pegou a bolsa e saiu cambaleante corredor afora, ainda puxada pela amiga.

— Os rapazes vão embora hoje. O Noah comentou que terá um desfile de despedida. Eles vão estar no carro dos bombeiros ou coisa parecida.

— Não quero ir. — Jenny estacou no lugar, sentindo seu coração acelerar.

— Por que não? — Léxis franziu o cenho, encarando-a.

Jenny não queria voltar a ver Dylan nunca mais. Mesmo que fosse a metros de distância e em um carro em movimento.

— Eu tenho um monte de coisas para fazer. — Jogou uma desculpa qualquer, porém não convenceu a amiga.

— Você terá o verão inteiro para fazer essas “coisas”. — A outra ignorou os protestos, puxando-a pelo braço novamente. — Vamos lá dar um

tchau para os bonitões — disse empolgada, conduzindo Jenny até a garagem, onde estava o carro de sua mãe.

O dia estava mais ensolarado do que quando Jenny havia saído de casa naquela manhã, fazendo o seu rosto arder em contato com o calor que entrava pela janela do carro. Poucos minutos depois, avistaram o aglomerado de cidadãos na rua principal da cidade. O comércio estava fechado, como se aquele evento fosse uma espécie de feriado de 04 de julho. As crianças agitavam bandeirolas nas cores branca, azul e vermelha, os idosos usavam chapéus para se proteger do calor, e as mulheres aproveitavam para pôr o papo em dia.

Léxis encontrou uma vaga em frente a um supermercado e as duas saíram de braços dados, como se Jenny fosse fugir dali a qualquer momento. Essa, na verdade, era sua real intenção.

— Vamos ficar aqui. — Léxis se posicionou na calçada, bem próximo à rua. — Quero que o Noah me veja quando passar. — Deu mais um de seus sorrisos largos.

Jenny sentiu o estômago se apertar. Diferente da amiga, não se sentia tão alegre por estar ali. Tudo a incomodava. O sol, a brisa fresca, a felicidade alheia...

— Aquele é o Matt? — Léxis apontou para o outro lado da rua. — Matt! — Acenou freneticamente, chamado a atenção do rapaz.

Matthew pensou por breves segundos se deveria ir até as amigas ou simplesmente fingir que não as tinha visto quando percebeu que Jenny também estava lá. Mas quem ele enganaria? A rua era super estreita, seria impossível passar despercebido.

Sem outra opção, atravessou a rua correndo, ignorando o cerco policial, juntando-se a elas.

— Oi. — Léxis o abraçou, parecendo mais feliz que de costume.

“Pelo jeito a noite realmente foi boa para ela” — pensou Jenny ao ver a cena.

— Oi. — Ele retribuiu o carinho da amiga, mas não sorriu. — Tudo bem com você?

— Sim. Por que não estaria? — Jogou o cabelo curto para trás, encarando-o com seus olhos brilhantes.

— Por nada. — Matt lançou um olhar atravessado para Jenny.

— Aí vêm eles! — Alguém no meio da multidão gritou.

A banda municipal começou a tocar o hino da cidade e os cidadãos começam a aplaudir, enquanto as crianças acenam com duas bandeirinhas coloridas. O caminhão dos bombeiros seguia lentamente pela avenida, enquanto os rapazes — trajados com seus uniformes militares — acenavam para todos.

Um nó se formou na garganta de Jenny. Era como se fosse um filme passando em sua mente. Ela tinha doze anos quando o pai havia deixado a pequena cidade com as mesmas honrarias para servir o país em um conflito no exterior. Nunca mais voltou.

Jenny limpou disfarçadamente uma lágrima que escorreu em seu rosto e só então se deu conta que o carro já estava bem próximo a ela.

— Noah! — Léxis começou a gritar e acenar. — Aqui! — Pulava com os braços sacolejando pelo ar. — Noah!

A garota gritou e acenou diversas vezes tentando chamar a atenção do “namorado”, mas ele permaneceu olhando fixamente para frente com o queixo levantado.

Jenny começou a sentir pena da amiga. Ele provavelmente tinha escutado seus chamados. Todos os outros rapazes, apesar do barulho, acenavam para as pessoas quando elas gritavam seus nomes.

Porém, quem olhou em direção a eles, ali na calçada, foi Dylan. No momento em que os olhos dele encontram os de Jenny, ele sorriu. Ela sentiu o peito saltitar com a batida forte de seu coração ao ver aqueles malditos dentes brancos e perfeitamente enfileirados. O soldado não desviou o olhar e seguiu encarando a moça ruiva de olhos verdes por um longo tempo, como se quisesse gravar cada detalhe dela em sua memória.

O carro passou por eles e o rapaz se virou para trás, a fim de continuar a fitá-la. Por mais que ela lutasse internamente, seus olhos não se desviram dele também.

Matt percebeu o que estava acontecendo e, instintivamente, passou o baço pelo ombro da amiga, puxando-a para si. Jenny virou-se para ele, quebrando o contato visual com Dylan. Viu o amigo fitando o outro com a mandíbula contraída e o cenho franzido. Não entendeu nada.

Ao olhar novamente para Dylan, percebeu que uma pitada de tristeza havia tomado conta do seu semblante. Por alguma razão, sua garganta se apertou mais uma vez antes que ele quebrasse o contato visual.

— Poxa, ele não me viu — Léxis disse desanimada. — Já sei! Se eu correr até o final da rua onde o carro vai parar, talvez eu consiga falar com ele. — A garota saiu apressada, ziguezagueando entre a multidão, antes que os amigos dessem sua opinião.

Jenny olhou e relance pra Matt procurando uma forma de sair sem ser notada, mas Matt a encarava.

— Eu já vou — sussurrou evitando o contato visual.

Antes que ela desse o primeiro passo, Matt segurou seu braço impedindo que continue o seu trajeto.

— Jey, espera! — Ele pigarreou. — Precisamos conversar.

— Não pode ser outra hora?

Tudo que ela mais queria era ficar sozinha, se trancar em seu quarto e chorar pelo resto do dia.

— Não, não pode! — Matt disse firme. — Caramba, Jey, olha para mim! — Tocou o queixo dela, virando-o em sua direção. — O que está acontecendo com você? Precisa me contar alguma coisa?

— Não. Eu estou bem, é sério. — Forçou um sorriso, no entanto, os olhos lacrimejados não o deixava ser convincente.

— Então almoça comigo hoje?

Mesmo relutante ela concordou. Afinal, devia um pedido de desculpas ao amigo.

— Tudo bem.



Capítulo 5

Sentados em uma das mesas da varanda do *"Cantina",* um restaurante de comida italiana, Jenny e Matt observavam os cardápios em silêncio. Ela não sentia fome e sua cabeça latejava resultado da noite mal dormida. A náusea constante se intensificava cada vez que relampejos dos acontecimentos do baile vinham a sua mente. Então resolveu pedir apenas uma salada e a revirou no prato até que seu acompanhante terminasse sua macarronada.

— Matt, me desculpe pela forma que me comportei ontem, eu fiz você perder metade do baile por uma bobagem. — Fitou o arranjo de flores sobre a mesa.

— Tudo bem, você só estava preocupada com a Léxis. — Ele estendeu o braço e tocou as mãos dela. Uma corrente elétrica percorreu o seu braço, fazendo-o se afastar rapidamente, assustado com aquela sensação.

— Não foi só isso... — Ela pensou alto, olhando para o outro lado, alheia aos sentimentos do rapaz.

— Eu sei, e você precisa me falar o que houve.

Ela mordeu os lábios inferiores ao sentir uma lágrima quente umedecer seu rosto.

— Ei, você tem que contar — Matt insistiu ao vê-la chorando.

Jenny sabia que o amigo era explosivo, perdia a paciência por muito pouco. Se tivesse contado na noite anterior o que ouviu, provavelmente teria arrumado encrenca na certa. Mas agora, sentia a necessidade de

desabafar e ele não poderia fazer nada a respeito, a não ser ouvi-la e engolir sua frustação. Então ela contou a ele o que Ashley tinha falado no banheiro e o quanto aquilo a feriu.

Matt ficou furioso, como ela imaginou. Socou a mesa e xingou os envolvidos. De repente, o rapaz se levantou com um salto e partiu em direção a entrada do restaurante. Jenny virou-se rapidamente somente a tempo de vê-lo acertar um soco no rosto de Dylan, que chegava ao local com os oficiais do exército e os amigos.



— O que estão esperando para me tirar daqui? — Matt trincou o maxilar, fitando seu pai e Jenny do outro lado da grade.

— Eu bem que poderia te deixar passar a noite aqui, para você aprender uma lição! — o senhor, já de idade, falou enfurecido.

— Olha o vexame, pai — Matt resmungou entredentes.

— Vexame? Agora você se lembra do que é isso? Vexame é um velho como eu ter que vir a uma delegacia, às três horas da tarde para poder tirar o filho da cadeia porque estava dando uma de valentão por aí.

— Sem falar que teve sorte daqueles rapazes não terem revidado. — O policial que os acompanhavam interferiu na conversa. — Você não teria a menor chance.

— Não me arrependo. Ele mereceu — Matt rosnou, sentindo a raiva fervilhar dentro de si.

O garoto tinha mesmo sorte. Graças aos oficiais ali presentes, os colegas de Dylan não partiram para cima dele. A sorte só não foi maior, pois dois policiais almoçavam no restaurante, flagrando o ocorrido. Matt foi detido no mesmo instante por agressão, deixando Jenny sozinha, totalmente assustada e estática em pé ao lado da mesa. Nunca antes vira o amigo tão alterado.

Assim que Dylan percebeu sua presença ali, marchou firme em sua direção. Jenny apenas o viu se aproximar sem conseguir mexer um dedo sequer. Essa era a chance que ele tanto queria para falar com ela, e sabia, que naquele exato momento, provavelmente, seus amigos o bombardeavam com olhares atrás de si, no entanto, não se importou.

— O que deu nele? — O soldado massageou o maxilar arroxeado pelo soco ao parar próximo a ela.

Jenny não respondeu.

— Você tem um minuto? — Ele apontou para a cadeira a sua frente.

— Acho que não. Tenho que avisar o pai do Matt.

— Eu prometo que não demoro.

Ela mordeu os lábios por dentro, ponderando se deveria escutar o que ele tinha a dizer. Uma parte dela gritava para que saísse dali imediatamente, e a outra parte a empurrava para se sentar na cadeira.

— Se é rápido eu posso te ouvir em pé mesmo. — Jenny cruzou os braços, pois temia que ele visse que suas mãos estavam trêmulas. Dylan sorriu e se sentou mesmo assim. — Ou você apostou que me faria sentar aqui com você, para ouvir um monte de bobagens? — A amargura cultivada em seu coração durante toda aquela noite voou para fora em forma de palavras.

Dylan empalideceu no mesmo instante.

— Então é verdade... — A voz da moça soou em forma de um sussurro quase inaudível.

Jenny nunca chegou a cogitar que a revelação que ouvira no banheiro fosse mentira, mas doeu tudo de novo quando ele não desmentiu. Ela pegou sua bolsa e saiu dali. Seus olhos ficaram turvos por causa das lágrimas que os inundavam mais uma vez. Caminhou desorientada, descendo o pequeno lance de escadas que dava para rua, alheia com o que havia ao seu redor. Sentia o coração em cacos e aquela sensação era horrível de suportar.

A passos vacilantes, andou em direção ao carro de Matt que estava estacionado do outro lado da rua. O amigo tinha o hábito de deixar a chave na ignição. Torceu para que ela estivesse lá para que pudesse fugir.

De repente, escutou o estampido de uma buzina aguda. A garota olhou rapidamente para a direita, avistando um caminhão a poucos metros dela. Suas pernas travam e tudo que conseguiu fazer foi apertar os olhos e esperar o impacto. Contudo, uma forte mão segurou seu braço, puxando-a rapidamente para trás, evitando, assim, o acidente.

O coração de Jenny batia tão rápido, que era impossível ouvir seus próprios pensamentos. Por muito pouco estaria morta. Seu corpo tremia e, por um instante, suas pernas fraquejaram. Dylan a amparou, abraçando-a um pouco mais forte, e só então ela se deu conta de que o rapaz estava com seus braços em sua volta, pressionando-a contra si, tão forte que era possível sentir o seu rosto vibrar em contato com o peito dele. O perfume do soldado penetrou suas narinas e o calor que emanava de seu corpo lhe aqueceu no mesmo instante, trazendo conforto e segurança.

— Você está bem?

O timbre terno da voz de Dylan fizeram borboletas nascerem em seu estômago.

— Estou bem, obrigada. — Jenny afastou-se bruscamente.

Sem coragem de olhá-lo nos olhos, voltou a andar em direção ao velho mustang, que, como previsto, se encontrava com a chave. Assim que deu a partida no carro, Dylan apontou a cabeça na janela.

— Eu sei que deve estar me odiando e não tiro sua razão — disse com um suspiro profundo. — Fui um completo idiota ao aceitar entrar naquela brincadeira de mau gosto dos meus amigos. Eu sinto muito mesmo, Jenny.

A menina permaneceu com seu olhar fixo em um ponto qualquer à sua frente, com lágrimas nascendo neles.

— Espero, de coração, que um dia você possa me perdoar.

Ignorando o jeito que seu coração acelerava, Jenny reuniu a pouca força que lhe restava para olhar para ele.

— Adeus, Dylan.

O garoto abriu a boca para dizer algo, mas se perdeu na profundidade do verde que coloria os olhos dela.

Ela deu partida e zarpou dali em alta velocidade. Pelo retrovisor, Jenny viu o rapaz forte e esguio parado na calçada, observando-a enquanto dirigia rumo a fazenda dos Cooler.



Por um momento, Jenny deixou que essas lembranças recentes povoassem a sua mente. Com a cabeça apoiada no vidro frio da pick-up do pai do Matt, recordou claramente da voz grave de Dylan tão próximo ao seu ouvido e do perfume marcante que usava.

Matt e o pai discutiam, mas tudo parecia longe.

— Obrigada, querida, por ter ido me avisar — Sr. Cooler agradeceu gentilmente, parando o carro em frente à casa dela.

— Não precisa me agradecer. — Jenny sorriu para o simpático homem de olhos cansados.

— Matt estará de castigo pelo próximo mês, então, se quiser vê-lo terá que ir até a nossa casa. Não que eu ache que ele seja uma boa companhia para você. — Lançou um olhar severo para o filho.

— Não pode me colocar de castigo por um mês inteiro! — protestou no mesmo instante. — Eu tenho dezessete anos.

— Mas age como se tivesse dez. Então você está de castigo sim e se ficar me desaforando serão dois meses. — O rapaz se calou e Jenny teve que se esforçar para não rir da cara de garotinho emburrado que o amigo exibia.

Os dois foram embora e ela caminhou portão adentro. Para sua surpresa, Léxis se encontrava sentada nos degraus da varanda da casa.

— Você está bem? — Jenny se sentou ao seu lado.

— Sim. — Forçou um sorriso, mas ele não chegou até os olhos. — Não quis ir para casa depois do desfile. Sua mãe me contou que o Matt havia sido preso, então decidi te esperar.

— Nem me fale. — Jenny massageou as têmporas. — O Matt parecia um selvagem atacando o Dylan.

— Poderia ter acertado o Noah, isso sim! O que o coitado do Dylan fez para merecer isso?

Jenny entranhou a postura da amiga. A Léxis que ela conhecia provavelmente estaria rindo à beça de toda aquela situação antes de entender o que realmente acontecera.

— O que houve? — Jenny indagou ao perceber a tristeza estampada no rosto da melhor amiga.

Léxis baixou a cabeça, encarando os tênis que usava.

— Ele me ignorou completamente. Primeiro fingiu que não me conhecia, depois teve a cara de pau de pergunta como era mesmo o meu nome. Dá para acreditar? — Sorriu amargamente. — Depois da noite passada ele teve a coragem de colocar a culpa na bebida e dizer que realmente não se lembrava de mim ou de qualquer coisa que fizemos. Ele não estava bêbado! — Sua voz se elevou algumas oitavas, embargando. — Se tivesse eu teria percebido. Depois de tudo que aconteceu! Eu... — Léxis mordeu os lábios com força para conter o choro.

— O que aconteceu ontem à noite, Léxis? — Jenny perguntou consolidando ainda mais a certeza de que a amiga tinha aprontado alguma.

Léxis ficou em silêncio, desviando os olhos para o horizonte, onde o sol se preparava para se pôr.

— Léxis! Você me jurou que não havia acontecido nada. Você sabe que isso é errado. Somos cristãs.

Lágrimas começaram a banhar o rosto da amiga. Jenny a abraçou e ela apoiou a cabeça em seu ombro, enquanto chorava copiosamente.

— Eu sinto muito. — Soluçou com as lembranças dolorosas.

Léxis havia se entregado pensando ser a coisa certa a se fazer e tudo que lhe restava naquele momento era arrependimento. O sentimento de rejeição, tão presente em sua vida, a dilacerou por dentro mais uma vez. Jenny não disse nada e ela agradeceu internamente por isso. A única coisa que precisava naquele instante, era apenas um ombro amigo e não julgamento ou sermão.

Em meio ao silêncio, ambas contemplaram o sol sair de cena, dando lugar para a lua e as estrelas daquele início de verão.



Capítulo 6

“Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai, do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra. Oro para que, com as suas gloriosas riquezas, ele os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fé; e oro para que, estando arraigados e alicerçados em amor, vocês possam, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus”.

Efésios 3: 14-19 foi o tema do sermão daquela manhã de domingo. As palavras do pastor ficaram no coração de Jenny: “Orai uns pelos outros, mesmo que esse *"outro"* seja alguém que você não goste. Se ele está necessitado, você, como cristão, tem a obrigação de interceder por ele. Não sejamos egoístas ou mesquinhos, o Pai celestial não se agrada de tal atitude”.

A mensagem foi um tapa na cara da garota e ela se sentiu envergonhada. Na noite anterior, algo muito forte a impulsionava a orar por Dylan e seus amigos, mas estava chateada demais, se recusando, então, a citar seus nomes enquanto fazia suas preces na hora de dormir. Foi grata a Deus pelo livramento naquela tarde. Ela poderia estar morta se o rapaz não a tivesse salvado. Contudo, não orou por ele. Seu coração estava endurecido pela mágoa. Agora, sentada ali, em um dos bancos da igreja, foi tomada pelo remorso.

"Senhor, guarde o Dylan e seus amigos nessa guerra. Protege-os debaixo de sua potente mão e livra-os de todo o mal. Perdoe-me Deus, por ter negligenciado os teus mandamentos. Espero que não seja tarde demais..." — Jenny abaixou a cabeça, fechou os olhos e fez uma pequena oração.

— Estou muito atrasada? — Léxis sussurrou, sentando-se ao lado da amiga.

— Não. Você só perdeu a primeira leitura.

A jovem sorriu, parecendo melhor que o dia anterior.

Do outro lado do templo, Matt entrava com os pais. Há meses o garoto não aparecia nos cultos matinais de domingo. Sua presença ali, com certeza, era parte do castigo que recebera por ter sido preso.

Depois de um louvor, os jovens foram liberados para uma palestra especial, na qual meninas e meninos foram separados em dois grupos distintos. Uma jovem senhora, que Jenny não conhecia, subiu ao palco e começou a falar com desenvoltura:

— Meu nome é Cindy Miller e fui convidada pelos líderes de vocês, para termos uma conversa.

Enquanto a mulher seguia seu discurso com confiança, Jenny a observava com fascinação. Seus gestos eram leves e graciosos. O cabelo loiro e fino lhe fazia parecer a boneca *Barbie* em seus quarenta anos de idade.

— Sentimos a necessidade de trazer à tona um assunto que em muitas igrejas é tratado como tabu em pleno século vinte e um. Talvez por isso existam em nosso meio, muitos jovens que não se guardam e não esperam em Deus por alguém. — Léxis se remexeu desconfortável em seu assento. — Hoje nosso assunto será: — Cindy pegou um pincel atômico e escreveu em letras garrafais no quadro branco improvisado. — ***"Orando pelo seu futuro marido!".***

Um burburinho de cochichos preencheu o ambiente. O assunto chamou a atenção de Jenny, mas Léxis achou graça e sorriu com deboche.

— Essa deve ser mais umas daquelas velhas fanáticas da escola dominical, que vai querer inserir em nossa cabeça que até beijar é pecado — cochichou para a amiga.

— O assunto não parece ser esse — Jenny respondeu, ansiosa por saber mais.

— Abram suas bíblias em Lamentações, capítulo três, dos versículos vinte e cinco ao vinte e nove. — A senhora anotou a referência logo abaixo da discrição no quadro. — A garota ruiva. — Cindy pontou para Jenny, que estava na terceira fileira de cadeiras próximo ao palco. — Poderia vir até aqui e ler o texto para toda a classe?

Pega de surpresa, ela sentiu o rosto esquentar. Nunca havia tido uma oportunidade na igreja. Sempre preferiu somente ouvir, quietinha, em seu lugar. Assim como na escola, nunca fora notada em meio ao batalhão de jovens desinibidos que compunha o grupo da congregação.

Em seu íntimo, achou que estava na hora disso mudar. Afinal de contas, agora ela iniciava uma nova fase de sua vida. Tinha terminado o ensino médio e, como não iria para faculdade, teria que fazer avanços por ali mesmo.

Ainda com as mãos trêmulas, Jenny pegou a sua bíblia, já aberta no texto solicitado, e corajosamente subiu até onde Cindy se encontrava. A senhora deu-lhe um sorriso simpático, entregando o microfone para ela. Apoiando a bíblia no púlpito de vidro, Jenny começou a ler:

— 'Deus revela-se bom para o homem que espera ardentemente, para a mulher que busca diligentemente. É uma coisa boa esperar silenciosamente, esperar silenciosamente pela ajuda de Deus. É uma coisa boa quando se é jovem aguentar os tempos difíceis. Quando a vida está pesada e difícil de levar, toma a iniciativa. Entra no silêncio. Curva-te em oração. Não faça perguntas: espera que a esperança apareça'.

Aquelas palavras entraram no profundo do coração dela. Mesmo depois de lê-las, continuou a fitar o texto com admiração.

— Obrigada, querida. — Cindy tocou-lhe o ombro, sorrindo. — É incrível como a bíblia nos surpreende às vezes, não é? — sussurrou em seu ouvido.

Jenny assentiu e voltou para o seu lugar. Cindy continuou a sua ministração:

— Vivemos dias em que o sentido do casamento está sendo totalmente deturpado. Muitos estão vivendo como no tempo de Sodoma e Gomorra, casando e dando-se em casamento. Distorcendo totalmente esse princípio. Casam já pensando no divórcio, caso as coisas não saiam como planejado. Sem falar que casar virgem hoje, virou motivo de chacota. Não tem essa de experimentar antes! Devemos somente esperar no Senhor e eu posso te garantir que Deus é perfeito, te trará o melhor dessa terra.

Cindy andava de um lado para o outro e o silêncio era total, quebrado apenas pelo tom meigo, porém firme de sua voz.

— Aí vocês me perguntam: *“Onde eu vou encontrar alguém disposto a esperar por mim segundo os princípios de Deus?”* A resposta deveria ser óbvia: *“Na igreja, ora!”* Mas, infelizmente, os nossos rapazes cristãos, que deveriam estar seguindo Deus e seu reino, estão se contaminando com o mundo e torna cada vez mais difícil encontrar um homem segundo o coração de Deus.

Tudo que Jenny mais queria era alguém segundo o coração de Deus. Certa vez ouvira que ter um marido que serve ao Senhor e segue os seus mandamentos é como ter o próprio Jesus cuidando de você através de um homem. Tais palavras a aqueceram por dentro. Ela não queria menos que isso.

— Então eu estou aqui por um simples motivo — continuou Cindy. — Quero desafiá-las a orar pelo seu futuro marido. Pode ser que ele ainda não esteja pronto para você nesse exato momento, mas através da sua oração, coisas maravilhosas podem acontecer.

Jenny nunca havia ouvido falar sobre Deus escutar orações tão diferentes como aquela, no entanto, a ideia entrou em seu coração como um dardo, fixando firmemente a ele. Conforme Cindy prosseguia, contando sobre suas experiências pessoais, emocionais e espirituais, ela tinha mais convicção do que queria e como agiria a partir de então.

Por fim, a palestrante lançou um desfio para todas as garotas. Quando saíssem dali, iriam a uma loja e comprariam uma gravata. Ao chegar em casa, a colocaria em um lugar visível em seu quarto. Assim, sempre que a visse, se lembraria de orar por seu futuro marido.

Quando foram dispensadas, as garotas começam a se dispersar. Léxis queria ir ao banheiro, então se misturou no meio da multidão de meninas, deixando Jenny para trás. Cindy se aproximou dela e, como havia feito antes, tocou-lhe no ombro.

— Tem um minuto? — Sorriu singelamente.

— Claro.

O corpo de Jenny estremeceu quando a senhora segurou sua mão, fitando-a diretamente nos olhos.

— Enquanto eu ministrava, o Espirito Santo me fazia ver em você uma armadura reluzente. Eu fiquei confusa, mas agora, na oração final, ele me fez entender e pediu para eu lhe dizer o seguinte: Você será uma guerreira de oração por seu futuro marido. Não deixe de orar um só dia por ele. Seja sensível ao Espírito Santo e deixe-o conduzir os seus sentimentos. Não se precipite em momento algum, apenas ore, confie e espere.

Dito isso, Cindy se virou e foi embora sem esperar reação. O coração de Jenny batia forte, seu corpo estava trêmulo e sua mente fervilhava com as palavras que acaba de ouvir.

“Guerreira de Oração?”

A moça fitou o nada por longos segundos tentando absorver o significado daquela frase. Em algum lugar do mundo, um homem precisava que ela orasse por ele e era exatamente isso que faria. Seu interior queimou ao imaginar o porquê de ele precisar que suas orações fossem tão

fortes e por um instante sentiu medo. Porém, Jenny saiu daquela sala convicta. A partir daquele dia oraria a Deus por seu futuro marido, seja lá quem fosse ou onde ele estivesse.



— Essas são as nossas opções. — A moça alta e negra de cabelos volumosos, sorriu para Jenny e Léxis ao exibir um extenso mostruário de gravatas das mais variadas cores e estampas.

— É um presente para o seu pai? — Quis saber ela, curiosa por ter duas garotas tão nova a sua frente dispostas a comprarem algo tão peculiar.

— Não. É para o futuro marido dela — Léxis respondeu pela outra com ar de riso. Jenny lhe deu uma cotovelada por sua falta de discrição e a atendente franziu o cenho.

Léxis permanecia cética quanto ao assunto abordado na palestra. Para ela tudo não passava de uma grande bobagem. Talvez, se tivesse sido antes da noite do baile, seguiria cegamente cada ponto e vírgula do que fora dito. Só que agora a situação era diferente. A garota fora seduzida por Noah e depois dispensada, como se o que aconteceu fosse apagado completamente da memória dele. Mas a questão era: o desprezo sofrido havia acabado com qualquer sonho de viver um grande amor algum dia. Nada nesse mundo a faria confiar em um homem outra vez. Pelo menos não naquele momento em que a ferida ainda estava aberta e doía além do que podia suportar.

Jenny, por outro lado, ainda se sentia leve com as palavras que ouvira de Cindy e também depois, com o *recadinho* de Deus para ela. Não importava a opinião da melhor amiga, pois iria, sim, orar por seu futuro marido e seguir cada conselho dado naquela manhã, inclusive comprar uma gravata, mesmo que aquilo parecesse loucura para algumas pessoas.

— Vou levar essa. — Apontou decidida para uma gravata colorida. De certa forma, aquela tinha chamado sua atenção.

A vendedora pegou o objeto para embrulhar, saindo em seguida.

— Muito obrigada por ter me deixado sem graça em frente a uma estranha — Jenny ralhou com Léxis, extremamente incomodada com os

comentários sarcásticos que vinha recebendo desde que chegaram ao shopping.

— Só estava brincando. — Deu de ombros, indiferente.

— Você também deveria levar uma.

— Já te disse o que acho sobre isso.

— Você quem sabe, mas não ria de mim por acreditar que realmente possa dar certo.

— Tudo bem. Não vamos mais falar nisso.

Léxis cruzou os braços e fingiu interesse em algumas camisas masculinas sem graça pendurada em uma arara próxima a elas, demostrando o quanto se sentia incomodada com o assunto.

Horas depois e já acomodadas em uma das mesas da praça de alimentação do shopping, Jenny resolveu retomar o assunto e ter uma conversa franca com a amiga.

— Posso te fazer uma pergunta? — começou a falar sem saber direito o que dizer.

— Se eu disser não, você fará mesmo assim. — Léxis implicou colocando uma batatinha frita na boca.

— Até agora você não me contou o que realmente aconteceu na noite do baile. Apenas deixou algumas frases no ar para que eu tirasse as minhas próprias conclusões.

Léxis se remexeu desconfortável no assento. Havia fugido desse confronto, mas sabia que mais cedo ou mais tarde, Jenny a interrogaria.

— Bem, aconteceu realmente o que você acha que aconteceu — respondeu sem levantar os olhos em direção à amiga. — E aconteceu porque eu quis que acontecesse. Não fui trapaceada ou seduzida.

Era nisso que ela queria acreditar. Talvez, se ela falasse isso várias vezes, se tornaria verdade.

— O meu único erro foi acreditar que o Noah realmente estava interessado por mim e não apenas querendo *aquilo*.

— Você está errada se pensa assim. Não foi apenas um erro, sabe disso. Não te passou pela cabeça o quanto você entristeceu o Espírito Santo?

Léxis revirou os olhos e não respondeu. Então Jenny continuou:

— Você sabe que para tudo que fazemos nessa vida tem consequências, não sabe?

— Eu sei. — A outra respirou fundo, com o semblante sombrio.

— Parece que outra coisa te atormenta. — Jenny a conhecia muito bem para saber que havia algo mais naquela história mal contada.

— Não é nada. — Léxis amassou o guardanapo que estava em sua mão.

— Assim como eu, você não sabe mentir.

— É essa coisa de consequência. Será que Deus vai ser muito severo comigo?

— Eu não sei. Não dá pra saber, mas acho que se você se arrepender e pedir perdão e não voltar a pecar, talvez ele abrande um pouco sua pena.

— É que desde que tudo aconteceu, uma coisa não sai da minha cabeça. — Léxis desviou novamente o olhar para longe.

— O quê? — Jenny perguntou com expectativa e tudo que recebeu foi um olhar aflito da amiga. — Léxis, vocês pelo menos se protegeram? — A outra engoliu em seco e os olhos se umedeceram. — Ai, meu Deus! — Jenny levou as mãos ao rosto. — Você ficou maluca? E se você...

— Para Jey, isso não vai acontecer!

— Como você sabe?

— Eu até pedi, mas ele disse que não gostava e eu não questionei.

— Então ore. Ore muito e torça para que Deus tenha misericórdia de você.

Léxis sentia-se cada vez pior com a situação e ouvir a amiga lhe lançar aquele sermão impiedoso só piorou as coisas. O arrependimento pelo o que havia feito estourou dentro de si. Em meio a uma enxurrada de lágrimas, se levantou e foi embora.

Jenny sabia o quão dura tinha sido suas palavras, mas preferia ajudar a amiga a encarar a realidade do que passar a mão em sua cabeça e dizer que tudo iria ficar bem. Não sentia que estava julgando-a, mas pareceu que o peso dos seus atos ainda não havia lhe atingido até aquele momento. Então resolveu não ir atrás da amiga e dar um tempo a ela. Assim que as coisas se acalmassem, ligaria e acertariam as coisas.

Jenny voltou para casa arrasada e carente de um abraço. Sua mãe estava na cozinha concentrada em um livro de receitas. A garota a abraçou aninhando-se no peito da genitora como sempre fazia quando discutia com os coleguinhas na escola.

— O que houve? — Marina deixou o livro de lado e acariciou os cabelos da filha.

— Eu e a Léxis discutimos.

— Isso não é novidade. — A senhora riu baixinho. — O que foi dessa vez?

— Bom, ela fez algo errado e eu não concordei. Acho que se chateou com a minha opinião sobre o assunto.

Marina ficou pensativa antes de indagar:

— E se fosse você no lugar dela? — Jenny não havia pensado por esse lado, até porque nunca teria coragem de fazer o que a amiga fez. —

Gostaria de ouvir o que você disse a ela? — Pensando por essa ótica, era claro que não gostaria. Ela tinha sido dura. Sabia disso. — Não a julgue, querida. Apenas se coloque no lugar dela e tente ajudá-la. Seja a amiga que ela precisa. Não estou dizendo que você deve concordar e dizer que foi certo o que ela fez, quando não foi. — A mais velha falava como se soubesse exatamente do que se tratava.

As palavras de Marina giravam na cabeça da filha fazendo-a pensar. Realmente, ela devia um pedido de desculpas para Léxis, mas não estava arrependida do que dissera, mesmo sabendo que poderia ter pegado mais leve.

— Pense bem em suas palavras da próxima vez que for conversar com ela. — Sorriu tocando a ponta do nariz da filha. — Todos nós estamos sujeitos a erros. — Depositou um beijo no topo da cabeça da filha.

Durante o resto dia, Jenny se sentiu mal pela forma que havia tratado Léxis. Orou e pediu perdão a Deus por ter sido tão insensível, prometendo que consertaria tudo assim que possível.

Somente na hora de dormir ela se lembrou da gravata que havia comprado naquela manhã. Foi até a bolsa e pegou o embrulho. Sentada na cama, fitou o objeto em suas mãos e sorriu pela escolha um tanto quanto peculiar. A gravata era um emaranhado de cores chamativas, alegres — horrorosa, segundo Léxis. Porém, era isso que esperava de seu futuro marido: *que ele fosse alegre!*

Olhando ao seu redor, à procura de um lugar adequado, decidiu pendurar a gravata na cabeceira da cama, assim a veria com frequência, lembrando-a de interceder. Afastando-se para ver como havia ficado, sentiu uma vontade enorme de fazer a primeira oração — de muitas outras que viriam.

A moça fechou os olhos e, emocionada, sussurrou uma prece sucinta. Algumas lágrimas desceram pelos seus olhos quando lhe sobreveio a possibilidade desse homem ainda conhecer ao Senhor, então, com toda sua alma, suplicou que o Senhor o encontrasse e que o espírito santo o atraísse de forma que Deus viesse a ser a pessoa mais importante em sua vida.



Capítulo 7

Agosto de 2003 - Bagdá, Província Homônima - Iraque.

Bruce, Dylan, Adam, Ethan e Noah, desembarcam em solo Iraquiano em uma madrugada quente e abafada, depois de um mês de treinamento militar intensivo. Outros cem jovens vindo de todas as partes dos Estados Unidos se juntaram a eles em Boston, e assim seguiram para o seu destino, desconhecido até para eles. No semblante de cada um podia-se ver a angustia e temor que carregavam pelo futuro incerto.

No avião, os amigos sentaram em lugares distintos e Dylan reparou no colega ao seu lado. Desde a hora em que levantaram voo ele lia algo, concentrando sua atenção nos manuscritos por longas horas sem dizer palavras alguma, enquanto todos conversavam e se conheciam. Em dado momento, Dylan puxou conversa, não suportando o tédio daquela fatídica viagem.

— Me desculpa, mas o que você tanto lê aí? Parece uma leitura interessante.

O jovem negro e esguio, finalmente desviou os olhos do livro e sorriu.

— Estou lendo a bíblia. — Fechou o livro, guardando-o na mochila em seguida.

— O que há de tão interessante na bíblia para prender a sua atenção por tantas horas? — Deu um sorriso sarcástico.

Carlton Lee apertou os olhos em direção a Dylan e o fitou por alguns segundos em silêncio.

— Para a maioria das pessoas nada. Mas, para mim, tudo — disse com convicção. — Cada capítulo e versículo falam muito ao meu coração, pelo simples fato de ser a palavra de Deus.

— A bíblia foi inscrita por homens. Você sabe disso, não sabe?

— Sim, mas esses homens foram inspirados por Deus — Carlton rebateu taxativo.

Os dois se fitaram mais uma vez por alguns instantes, até Dylan começar a rir.

— O que é tão engraçado, senhor Fox? — O soldado leu o nome de seu mais novo colega, na tarjeta de identificação do uniforme.

— Nada. — Mordeu os lábios tentando controlar o riso. — Só é estranho um cara tão jovem como você, se interessar por algo tão...

— Arcaico?

— Tirou a palavra da minha boca.

— É isso que você pensa sobre a bíblia? Que não passa de um livro arcaico?

— É isso aí. — Dylan deu de ombros.

— Está totalmente engando! A bíblia pode ser um livro que foi escrito há milhares de anos, mas sua palavra se renova de tempos em tempos. Para mim, ela é tão atual como o recente lançamento do Harry Potter.

— Curte Harry Potter? — Dylan esboçou mais um de seus sorrisos.

— Não. — Carlton respondeu seco.

— Eu sim. É irado!

— Mas é uma grande mentira fantasiosa. A bíblia é real. E pode apostar, está repleta de histórias "iradas" e verdadeiras.

— Tipo? — Dylan perguntou, mas não que ele realmente quisesse saber.

— Tipo um mar se abrir ao meio e uma nação inteira passar para o outro lado a pés enxuto. Tipo um garoto matar um gigante com apenas uma pedra lançada por um estingue. Tipo um homem matar mil homens com pedaço de esqueleto de um animal. — O rapaz riu antes de continuar. — Irado foi um cara passar três dias na barriga de um peixe e sair vivo de lá. Irado foi quando Daniel ficou preso em uma cova cheia de leões famintos e sair ileso. Mais irado ainda foi quando Jesus, sendo Deus, desceu a terra e se fez homem, sofreu, morreu e no terceiro dia ressuscitou. — Os olhos de Carlton Lee brilhavam ao falar das maravilhas bíblicas.

— E por que Jesus faria isso?

A pergunta irritou Carlton.

— Para salvar babacas como você — dito isso, virou-se para frente e não pronunciou mais palavra alguma.

Dylan fechou os punhos e por muito pouco não socou aquele fulaninho fanático religioso. Conteve-se, pois não queria causar problemas antes mesmo de chegar ao seu destino. Teria que guardar todas as suas energias para o que estava por vir.

Pouco tempo depois, já em terra firme, juntou-se ao melhor amigo.

— Cara, minhas costas estão me matando — Noah reclamou por causa do peso do equipamento que carregava.

O capacete, a pistola, o colete, fuzil, faca, munição extra, cantil com água, lanterna, poncho e saco de dormir, entre outras parafernálias, pesavam mais de trinta quilos. O pior é que teria que carregar tudo aquilo diariamente.

— Deixa de frescura — respondeu Dylan, caçoando.

— Fala isso porque você dá dois de mim e já é acostumado a carregar esse trambolho que você chama de corpo. — Os dois riram, juntando-se aos demais companheiros.

— Certo pessoal, preciso da atenção de vocês. — O comandante da tropa elevou a voz acima do burburinho de conversa dos demais. — Iremos dividi-los em quatro grupos. Cada pelotão será enviado para uma província onde estão ocorrendo ataques frequentes. Quando chegarem a seus postos, receberão as instruções necessárias. Boa sorte e que Deus os protejam — disse com certo pesar na voz.

— Deus, como Ele pode nos proteger, se esqueceu desse lugar? — Ethan cochichou de forma com que só os amigos escutassem.

A divisão dos grupos foi feita e para a alegria de Dylan, ele e os quatro amigos ficaram no mesmo pelotão, porém, Carlton Lee estava entre eles.

Assim que se acomodaram no caminhão que os levaram até o posto militar, Carlton puxou conversa.

— Acho que te devo um pedido de desculpas, Fox. — Os quatro amigos se entreolharam sem entender o pedido do rapaz. — Não deveria ter sido tão mal-educado.

— Não se preocupe com isso, está tudo bem. — Dylan forçou um sorriso amigável.

Mas não estava tudo bem. Não para Carlton. Ele deveria estar agindo como bom cristão que era e não xingado um desconhecido, com quem passaria os próximos meses ou até anos de sua vida, só porque ele não concordava com ele. Carl estava decidido a mudar aquela primeira má impressão. Não queria ser taxado como um fanático religioso, e sim como alguém que levaria o amor de Cristo aos seus companheiros. Esse era o

propósito de estar ali. Deus tinha lhe dito isso, estava enviando-o para aquele lugar com uma missão: apresentar o Senhor a vidas que necessitavam ouvir sobre Ele. Em vez disso, em seu primeiro contato com quem realmente precisava de Deus, ele o havia feito tudo ao contrário.

"Que belo começo!"

Sentiu-se envergonhado quando o Espírito Santo lhe inquietou. Não estava fazendo o que fora designado para fazer. Pelo contrário. Tinha sido um péssimo exemplo, logo de cara.

— Chamo-me Carlton Lee e vim de St. Cloud, Minnesota — se apresentou, tentando começar com o pé direito dessa vez. — Mas podem me chamar de Carl.

Dylan assentiu e apresentou os demais.

— Esses são meus amigos Noah, Ethan, Bruce e Adam. Somos de Wisconsin.

— E de quem foi a ideia de vir? — Carl perguntou achando o máximo um grupo de amigos estarem juntos naquele lugar.

— É uma história engraçada — disse Noah, dando uma cotovelada em Dylan em seguida.

— Divirta-me!

Os rapazes engataram uma conversa animada até o alojamento, contando os detalhes do terrível episódio da aposta e coisas sobre eles mesmos. Quando chegaram ao destino, Carlton sentia-se aceito pelo seu novo grupo de amigos. Agora sim, estava cumprindo o ide do Senhor. O que dependesse dele, aqueles garotos conheceriam a Cristo.



O tempo passou e a guerra seguiu seu caminho. Alguns confrontos estouraram, mas, como disse um dos veteranos, foram somente para cair a ficha de que eles não estavam mais nos Estados Unidos e que o Iraque era real. Na maior parte do tempo, trabalhavam em patrulhas que iam de um lado para o outro, fazendo o reconhecimento do local onde estavam.

Eles, e cerca de uma centena de outros soldados e fuzileiros navais, vez por outra, ficavam de guarda do lado de fora das reuniões de alta segurança do Governo iraquiano. No fim de cada dia, voltavam para a base

a fim de passarem a noite e trocar o turno com outros soldados responsáveis pela patrulha noturna.

— Como será que Jenny Parker está, já se perguntou isso, Dylan? — Noah indagou na escuridão da barraca de dormir. — Já pensou se ela, do nada, te enviasse uma carta de amor?

Desde que presenciaram os dois juntos no restaurante e depois o ato heroico do rapaz, livrando-a de ser atropelada, não deixaram Dylan em paz. Sem falar que a aposta do baile ainda era o assunto principal entre eles, mesmo depois de tanto tempo.

— Ela estava bonita no baile. Se você não se importar, Dylan, eu gostaria de me corresponder com ela — disse Ethan se acomodando em seu saco de dormir

— A Jenny não é bonita! — disse Noah com repulsa. — Ok, ela estava bonitinha no baile, mas nós a vimos sem maquiagem por quatro e, definitivamente, Jenny Parker não é nenhum símbolo de beleza. Sem falar que ela deve ser burra.

— A Jenny não é burra — Dylan disse de forma seca, dando-se conta pela primeira vez como os comentários dos amigos em relação a ela o incomodava.

— Tudo bem. — Noah riu. — Como se fizesse diferença.

— Eu tenho que descordar, Noah. — Carlton se manifestou, intrometendo na conversa. — Quem quer uma garota com quem não dá para conversar?

— Fale por você! — Noah gesticulou, como se pudesse ser visto em meio a escuridão. — Uma garota, desde que for bonita, não precisa falar nada, só tirar a roupa. Igual a amiga dela fez na noite do baile.

— Você é nojento, Noah! — Carlton suspirou.

— Nem todo mundo tem vocação para o celibato como você, bruxo.

Carlton havia ganhado aquele apelido nada respeitoso, pois não perdia a oportunidade de falar de Deus para eles de uma maneira um tanto peculiar. Como eles eram céticos demais, Carlton resolveu abordar os temas de maneiras mais sinistras, pensando assim que chamaria mais a atenção deles. Tentava lhes mostrar que o inferno era real e que, mesmo Deus sendo amor, também era fogo consumidor. Aos poucos, sua tática estava funcionando, não com todos, mas Dylan pareceu interessado no assunto algumas vezes.

Antes que qualquer outra piada fosse feita, a sentinela passou pela tenda, obrigando-os a fazerem silêncio. Dylan ficou acordado por algum tempo. Falar sobre aquela garota lhe trouxe a mesma sensação da noite do baile. Lembrou-se com clareza da intensidade de seus olhos verde esmeralda, da cor vibrante dos seus cabelos de fogo. O perfume dela ainda

estava gravado em sua memória, assim como a sensação que sentiu quando a abraçou logo após salvá-la do atropelamento. Mas do que adiantava ficar pensando em Jenny Parker? Ela o odiava. Viu isso em seus olhos naquele dia. Tudo que ele queria era poder consertar todo aquele mal-entendido algum dia.

Mais tarde naquela mesma noite, Dylan se perguntava o que seus amigos pensariam se soubessem o que ele vinha sentindo por Jenny. Sem necessidade de quaisquer subterfúgios. Sempre que as piadas surgiam, não só em relação a Jenny, mas referente às pobres mulheres daquele lugar que se tampavam dos pés à cabeça, ele se perguntava, se a burca era uma ideia tão ruim assim. Talvez alguns homens tomassem decisões melhores se não estivessem distraídos pelos atributos externos das mulheres.

Dylan ponderou se Jenny iria desejá-lo se ele fosse '*embalado*' de forma diferente. Ele sabia que Ashley não iria. Não que ela não fosse uma boa moça, mas eles não tinham nada em comum e a achava superficial demais comparado com Jenny Parker. Nunca soube definir o que realmente existia entre eles, mas sabia que bastava tirar a beleza exterior e não sobraria nada mais. Já com Jenny, havia a possibilidade de muito mais. Pelo menos a maneira que ela o olhava na noite do baile o fazia pensar que sim. Algo naquele olhar o atraía, tanto que nunca o esqueceu. Sua temporada de serviço no exército terminaria em alguns meses. Ele decidiu que, quando chegasse em casa, descobriria o que era, se apenas uma curiosidade ou um sentimento verdadeiro. Torceu internamente para que ela ainda estivesse em Oregon quando retornasse. Talvez isso fosse impossível ou ela poderia já até estar com alguém, mas Carlton falava tanto em fé que Dylan começava acreditar nesse reencontro.



Capítulo 8

Setembro de 2003 - Oregon, Wisconsin – EUA.

Marina entrou no quarto da filha e a encontrou parada em frente ao espelho, fitando sua imagem com o rosto retorcido.

— O que está fazendo? — a mãe indagou, tentando não rir.

— Você acha que eu sou bonita?

Jenny virou de um lado para o outro, depois de costas e novamente de frente, soltando um muxoxo ao analisar cada detalhe do seu corpo pela enésima vez.

— Claro que sim — Marina respondeu sem titubear.

— Me responda não como mãe. Pode ser sincera comigo.

A mais velha riu, posicionando-se em frente a Jenny, bloqueando seu reflexo no espelho.

— Não estou dizendo isso só porque você é a minha filha. Você é linda. Olhe só esses olhos, são tão brilhantes quanto duas esmeraldas. A cor do seu cabelo é espetacular. Muitas garotas fazem de tudo para ter essa cor, mas não conseguem.

— E essas sardas? — Jenny franziu o nariz, apontando para um amontoado de pintinhas localizadas ali e outras espalhadas pelas bochechas.

— É um charme à parte. — Marina deu de ombros.

— Eu não tenho peito — Jenny choramingou, tocando-os.

— Ainda estão se desenvolvendo, filha. — Contraiu os lábios para não rir do drama.

— Eu completo dezoito anos no mês que vem. Tudo que tinha para desenvolver, já desenvolveu.

— Posso saber por que isso agora? Você sempre foi muito bem resolvida com a sua autoimagem.

Pelo reflexo no canto esquerdo do espelho, Jey avistou a gravata pendurada na cabeceira da cama. Ela vinha orando há dois meses por seu futuro marido. Tinha em sua mente como gostaria que ele fosse e, algumas vezes, até chegou a citar essas qualidades em sua oração. Mas será que alguém, em algum lugar, sonhava com alguém como ela? Sem peito, sem bunda, ruiva e cheia de sardas? Em outras palavras, alguém totalmente sem graça?

— Sei lá... — respondeu por fim. — Só queria ter alguns atributos. — Engoliu o nó parado em sua garganta.

— Você tem milhares de atributos, meu amor. E os mais preciosos estão aqui. — Marina colocou a mão na cabeça da filha. — E aqui. — Pousou a outra no coração da menina. — Beleza exterior se perde com o tempo, mas a beleza interior nunca vai embora. Pelo contrário, aformoseia-se com o tempo. — Jenny achou aquelas palavras lindas e seus olhos se enchem de lágrimas.

"Pena que os rapazes não tem visão de raio X", pensou ela com pesar.

— As pessoas, e principalmente os homens, são muito visuais — verbalizou abatida.

— Isso é verdade. No entanto, aquele que o Senhor preparou para você saberá enxergar todas as suas belezas, exterior e interior. — Marina sorriu como se lesse os pensamentos da filha e soubesse que era exatamente aquilo que lhe atormentava.

Jenny sorriu fracamente, obrigando-se a confiar nas palavras de sua genitora.

— Obrigada — agradeceu, pendurando-se no pescoço da mãe e inalando seu perfume de flores, assim como sempre fazia quando criança. Por algum motivo, aquela fragrância a acalmava em seus dias mais turbulentos.

— Tenho uma boa notícia para você — disse Marina com ternura.

— O que é? — Jenny afastou-se, curiosa.

— Hoje, na hora do almoço, conversei com o Dr. Simon sobre você.

— Sobre mim?

— Sim. Disse a ele que você estava à procura de um emprego e perguntei, já que ele conhece muita gente, se não sabia de alguém que

precisasse de um funcionário.

— E então?

— A assistente dele acabou de se casar e avisou que não continuará no emprego. Ele disse que se você quiser a vaga é sua. — Marina tinha um sorriso nos lábios enquanto falava.

— Isso é sério? — Jenny mal acreditou no que estava ouvindo.

Desde que terminara o ensino médio, vinha procurando um emprego, mas ninguém estava disposto a contratar uma jovem sem experiência, nem mesmo como garçonete em um botequim de quinta categoria; não que ela quisesse trabalhar em um, mas se não tivesse outra opção, toparia sem questionar.

— Não sei nada sobre fisioterapia. — Sentiu a empolgação se esvair como fumaça.

— E é aí que vem a notícia boa. — Marina fez suspense. — A clínica vai pagar o curso técnico para você ao mesmo tempo que trabalha lá. Isso não é maravilhoso?

Jenny se empolgou novamente.

— Sim, mas por que ele está tão disposto assim a me ajudar? — questionou ao notar tanta boa vontade por parte do tal doutor.

— Foi a mesma pergunta que eu fiz a ele. Simon só me disse que era o mínimo que ele poderia fazer por mim, já que cuidei dele durante todos esses anos.

— Huuum... — Jenny lançou um olhar travesso para a mãe, tamborilando o indicado no queixo.

Dr. Simon era um coroa charmoso que havia perdido a esposa em um acidente automobilístico há alguns anos. Desde então, Marina trabalhava em sua casa. Jenny sempre percebia um brilho diferente nos olhos de sua genitora quando falava do patrão, agora parecia que toda aquela afeição era recíproca, já que ele não medira esforços para empregá-la.

— O quê? — Marina percebeu a malícia no sorriso da filha. — Não é isso que você está pensando. Simon tem um bom coração, só isso! — disse taxativa em sua defesa.

— Tudo bem. — Jenny levantou as mãos, rindo.

— Você precisa ir até a clínica amanhã pela manhã. — Marina disfarçou seu nervosismo repentino, recolhendo algumas peças de roupas que havia sobre a cama.

— Obrigada, mãe. — A menina a abraçou por trás, feliz por finalmente ter algo com que sonhar.

— Dê seu máximo. Não é todos dias que uma oportunidade como essa cai de paraquedas em nossa vida.

— Pode deixar. Você vai ter orgulho de mim. — Jenny depositou um beijo terno no rosto de Marina. — Posso ir até a casa Léxis contar a novidade?

— Vai, mas não chega muito tarde para o jantar.

Jenny não poderia estar mais feliz. Finalmente o Senhor estava começando a responder as suas orações. A preocupação com seu futuro já havia lhe roubado o sono algumas noites e uma sensação de fracasso apoderava-se dela dia após dia.

Ao chegar à casa da melhor amiga, foi informada que ela estava no quarto e que estava um pouco indisposta. Jenny foi até lá, porém não a encontrou. Ao ver a luz do banheiro acessa e a porta entreaberta, entrou silenciosamente, pronta para dar um susto nela. Mas desistiu assim que a viu vomitando, debruçada sobre o sanitário.

— Você está bem?

Léxis se assustou, surpresa por vê-la ali.

— Sim. — Limpou o canto da boca com a toalha, olhando-a de relance.

Jenny viu logo que ela estava mentindo. Seus olhos estavam inchados e vermelhos. Léxis evitava o contato visual.

— Eu te conheço, Léxis. Você não está bem. — Ela cruzou os braços a espera de uma resposta convincente.

A garota contraiu os lábios para não desabar no choro mais uma vez, como havia feito desde a madrugada. Com a mão trêmula, apontou para a pia.

Jenny sentiu o sangue esfriar e o coração palpitar ao ver o objeto que estava sobre ela. Com apenas dois passos alcançou a bancada de mármore, agarrando-o. Seus olhos se abriram com espanto ao enxergar duas listras rosa bem definidas no teste de gravidez.

— Você está grávida? — Sua voz saiu mais alta do que esperava.

— Fala baixo! — Léxis adiantou-se em fechar a porta.

— Ai, meu Deus! — a amiga sussurrou, levando as mãos à cabeça. — Sua mãe não sabe?

— Não. Eu acabei de descobrir. — A menina soluçava feito uma criança.

— Sabe que vai ter que contar uma hora ou outra, não sabe?

— Meu pai vai me matar. Minha mãe vai surtar e eu... Adeus faculdade, adeus sonhos, adeus futuro! O que eu vou fazer da minha vida agora? — O desespero em cada palavra cortou o coração de Jenny.

— Calma. — Ela conduziu a amiga, à beira de um colapso nervoso, de volta para o quarto. — É do Noah?

— Claro que é do Noah! O que acha que eu sou? — Léxis explodiu, olhando-a com desapontamento.

— Me desculpe. Eu... — Jenny tentou se explicar. Aquela situação estava evitando-a de organizar os pensamentos.

— Minha vida acabou, Jey. — Jogou-se na cama, abraçando as próprias pernas.

— Não fala isso. Tem uma vida se formando aí dentro de você. — A amiga tentava olhar o lado bom daquela catástrofe, se é que existia um.

— Isso não é bom! Não nesse caso. Eu só tenho 17 anos, prestes a ir para a faculdade, e o pai dessa criança está do outro lado do mundo, na guerra!

Olhando por aquele ângulo as coisas não eram nada boas.

Pior que isso, era terrível!

Mas como tudo que se planta colhe, Léxis estava começando a colheita de uma má escolha.



Ao pousar sua cabeça no travesseiro naquela noite, Jenny repassou os últimos acontecimentos do dia em sua mente. Com muito custo, convenceu Léxis que o melhor seria contar tudo a sua mãe o mais rápido possível. Ela saberia o que fazer, mesmo que ficasse extremamente chateada. Aproveitando que a amiga estava ali, Léxis criou coragem para fazer a grande revelação naquele mesmo instante. Contando que Jenny ficasse com ela durante aquele processo e foi isso que a amiga fez.

Como previsto pela filha, a mulher surtou. Jenny teve que fazer água com açúcar para acalmar os nervos da mãe enfurecida e decepcionada. O pai, por sua vez, ficou em estado de choque no primeiro instante, depois de um tempo, quis saber o nome do desgraçado que havia se aproveitado da *"inocência"* da filha. Iria matar o maldito!

Léxis se recusou a falar o nome do pai da criança. Tudo que ela não queria era ser taxada como golpista, já que o rapaz vinha de uma família rica, enquanto a dela lutava todos os dias para sobreviver como podiam. Sabia muito bem que a primeira coisa que os pais fariam, era ir até eles a fim de reivindicar os direitos da filha, e isso, ela não admitiria.

Esse segredo ela levaria para o túmulo e fez a amiga jurar que também faria o mesmo. Jenny não concordou, mas aceitou a exigência. Apesar dos pesares, estava feliz e aliviada, pois Léxis em momento algum cogitou a ideia de tirar aquela criança. Iria tê-la, mesmo aos trancos e barrancos.

Deixando os problemas da amiga de lado por um momento, concentrou-se no dia seguinte. Ela teria uma entrevista de emprego na clínica do Dr. Simon e precisava arrumar um jeito de chegar até lá, já que Marina usaria o carro para ir a Madison.

O relógio digital em cima do criado mudo indicava mais de meia noite. Sem se importar com a hora, pegou o celular e ligou para a única pessoa que poderia lhe dar uma carona.

— Espero que seja algo muito importante para você me acordar a essa hora da madrugada. — Matt atendeu carrancudo e com a voz rouca de sono. Parecia que falava com o rosto enterrado no travesseiro.

— É sim. — Jenny soltou um risinho. — Preciso de uma carona.

— Agora? — a voz do outro lado da linha soou algumas oitavas acima do normal.

— Não, seu bobo. Amanhã. Tenho uma entrevista de emprego às nove horas e não tenho como ir.

— Não podia me ligar quando amanhecesse?

— Estava sem sono, por isso liguei agora. Desculpe se te acordei.

— Hunrum... — ele apenas resmungou concordando.

— Matt?

— O que é? — ele resmungou com a voz arrastada e quase inaudível.

— Preciso te contar uma coisa.

— Não pode esperar até amanhã?

— Tem razão, desculpe. Só achei que você gostaria de saber que a Léxis está grávida.

Um grande silêncio se estendeu e Jenny cogitou a ideia de que Matt deveria ter dormido novamente.

— Espera! O que você disse? — Matt gritou do outro lado, depois de um tempo. — Você está grávida?

— Não! Claro que não. Eu disse que a Léxis está. Não eu.

— Você quer me matar do coração? Não se dá uma notícia dessas enquanto uma pessoa está lutando para manter os olhos abertos. Eu achei que você estava grávida. — Com um suspiro, o rapaz relaxou. — Menos mal então.

— Menos mal? — Jenny se sentou na cama indignada. — Matt, eu acabei de dizer que a Léxis está grávida. Isso é muito mau. E por que você

se assustou com a possibilidade de eu estar grávida, mas não sentiu o mesmo já que é a Léx.

— Bom... Eu... — o rapaz gaguejou e praguejou em seguida. — Olha Jey, eu estou morrendo de sono. Amanhã conversamos — dito isso, desligou o telefone sem se despedir.

Jenny fitou o celular, completamente confusa. Alguns pensamentos lhe ocorreram, mas ela os descartou tão rápido como tinham aparecido. Matthew Cooler sempre fora bipolar e aquilo, nada mais era, que o sinal de uma de suas crises.

Apenas isso! Concluiu sentindo um calafrio percorrer sua espinha.



Capítulo 9

Sentada na varanda em frente à sua casa, Jenny avistou o velho mustang verde de Matt se aproximar. Sentiu como se tivesse mil borboletas no estômago e franziu a testa pousando a mão na barriga, estranhando aquela sensação. Arrependeu-se por ter pedido carona a ele. Estava estranha de repente.

"É só o Matt, Jenny!" Advertiu a si duramente.

Enquanto ele estacionava, ela se levantou e foi ao seu encontro, tentando desesperadamente espantar a taquicardia que lhe consumia.

— Bom dia. Obrigada por vir — falou ao entrar no carro, procurando não olhar para ele.

— O que você não me pede sorrindo, que eu não faço chorando? — gracejou. Jenny riu, mas continuou com os olhos fitos na rua. — Me fala aí sobre esse possível emprego. — Matt puxou conversa, colocando o carro em movimento.

Ele parecia normal e Jenny se perguntou se o que vinha pensando não era coisa da sua mente fértil e carente. Ao ver o amigo totalmente absorto, ela teve certeza. Estava vendo coisas onde não existiam. Durante todo caminho, agora mais calma, contou sobre a proposta do Dr. Simon e aos poucos a tensão que sentia evaporou completamente. Falaram também sobre Léxis e notou que o rapaz não deu tanta importância ao assunto.

— Ela vai ter o bebê? — ele perguntou indiferente.

— Claro que sim.

— Eu acho que o Noah nunca vai reconhecer a paternidade dessa criança. A Léxis vai acabar criando o filho sozinha.

— Que seja. — Jenny exalou um longo suspiro. — Não apoio a ideia de abortar. Nós não vamos deixá-la sozinha nessa. E você também vai ajudar.

— Eu? — Matt semicerrou os olhos em sua direção rapidamente. — O que eu posso fazer em uma situação como essa?

— Apoiar e não ficar expondo suas opiniões radicais.

Ele revirou os olhos e resmungou.

— Poderiam ter pelo menos se protegido.

— Mas não fizeram isso. Agora essa criança está vindo aí e vamos amá-la e, como já disse, apoiar a nossa amiga.

— O Noah é rico. A Léxis pode muito bem ir atrás dos avós do bebê. — Para Matt, aquilo era o óbvio a ser feito naquela situação.

— Ela não quer nada deles. Também não quer que os pais dela saibam que o Noah é o pai. Então, bico calado.

— Minha boca é um túmulo. — O garoto deu um sorrisinho, estacionando o carro em frente ao prédio moderno com uma faixada de vidro espelhado. Era o estabelecimento mais contemporâneo da pequena cidade. — Tenho que fazer umas coisas para o meu pai. Me liga quando estiver pronta, okay?

— Obrigada — Jenny agradeceu, desafivelando o cinto de segurança.

Assim que entrou na clínica, um aroma floral a recepcionou. Disposto pela sala havia inúmeras poltronas confortáveis em couro preto, onde algumas pessoas aguardavam atendimento. Várias minis palmeiras, plantada em vasos de barro, decorava o ambiente. Um lustre fino pendurado bem no meio do teto trazia uma luz âmbar e aconchegante ao local. Jenny gostou do clima calmo do lugar e se imaginou ali em um futuro próximo.

— Bom dia, sou Jenny Parker. Tenho uma entrevista de emprego com o Dr. Simon — ela se apresentou à moça sentada atrás do balcão da recepção.

— Bom dia, Dr. Simon está em uma sessão nesse momento. Mas ele avisou que você viria. Pode aguardar um momento? — Sorriu simpática.

— Posso sim. Obrigada.

Jenny se dirigiu até uma das poltronas vazias e se sentou. Para matar o tempo, decidiu folhear uma das revistas que estavam perfeitamente dispostas em uma mesinha de vidro ao seu lado. Uma em especial lhe chamou a atenção.

"Carros-bomba e uma explosão suicida atingiram bairros xiitas de Bagdá e ao sul da capital iraquiana nesta terça-feira, matando pelo menos 50 pessoas. Insurgentes islâmicos sunitas ligados à Al Qaeda intensificaram ataques a alvos xiitas desde o começo do ano, em uma campanha para alimentar a tensão sectária e minar o governo".

"Carros-bomba explodiram hoje perto de um movimentado mercado de Bagdá, próximo da altamente fortificada Zona Verde, e em outros bairros da capital".

"Um homem-bomba dirigindo um caminhão atacou uma base da polícia em uma cidade xiita ao sul da capital, informaram fontes policiais em hospitais".

A revista estava repleta de acontecimentos catastróficos daquela parte do mundo. Em uma foto podia se ver alguns soldados do exército Americano, munidos com suas armas e equipamentos de guerra. Sentiu o coração se apertar ao se lembrar de que conhecia cinco dos milhares de soldados que lutavam por seu país nos conflitos. Não pôde deixar de se perguntar como eles estavam ou como viviam ali.

"Será que Noah um dia saberá que se tornou pai?" Sentiu um arrepio na espinha assim que esse pensamento lhe ocorreu.



Quando Jenny saiu da clínica, Matt já esperava por ela do lado de fora, apoiado no carro embaixo de uma sombra do outro lado da rua.

— E então? — ele perguntou vindo ao encontro dela.

— Eu tenho um emprego! — ela respondeu empolgada.

— Parabéns! — Ele sorriu, sentindo seu coração se aquecer ao vê-la tão feliz.

— E você não sabe o que é melhor. — Jenny entrelaçou o seu braço ao dele, enquanto davam a volta no carro para ela entrar. — O Dr. Simon é professor no curso de fisioterapia da Universidade de Winsconsin, em Madison, e me convidou a participar de algumas aulas como ouvinte. Não terei um diploma, mas aprenderei o que preciso para trabalhar aqui. Isso não é o máximo? Eu vou com ele todos os dias, já que fica há apenas vinte

minutos de Oregon. E a clínica pagará um curso técnico no centro de profissões.

— Legal. — Jenny percebeu no tom de voz de Matt que o amigo não estava tão empolgado com as novidades.

— Ei! Não está feliz por mim? — Ela se afastou, fitando-o.

— Estou! Estou mesmo. Mas você não acha que vai passar muito tempo com esse coroa, não? Vai trabalhar durante o dia, depois vai de carro com ele para Madison e voltar sabe-se lá que horas. Só vocês dois!

Jenny começou a rir da preocupação do amigo com ela.

— Quem disse que vamos sozinhos? O Dr. Simon dá carona a dois estudantes todos os dias.

— Estudantes homens ou mulheres?

— Um casal. Por quê? — Ela franziu o cenho.

Matt não respondeu e os dois se encaram por alguns instantes. Jenny tentava decifrar aquela preocupação toda dele para com ela. De novo os pensamentos da noite anterior e de mais cedo lhe vieram à tona, atingindo-a como uma avalanche.

A moça sentiu as borboletas adormecidas no estômago acordarem, causando um incômodo ainda maior.

— Acho melhor irmos embora. — Matt abriu a porta para ela e depois entrou no carro rapidamente.

Não falaram nenhuma palavra sequer durante todo o caminho até a casa da garota. Sua cabeça girava e seus pensamentos a levava às atitudes de Matt. Ele não havia mudado com ela. Tratava-a do mesmo jeito de sempre, mas vez por outra manifestava mais preocupação em relação ao seu bem-estar. Jenny tentou ignorar tais pensamentos. Era só o Matt. O amigo de sempre. Nada mais.

— Obrigada pela carona — ela agradeceu assim que estacionaram, abrindo a porta rapidamente.

— Jey. — Matt coçou a nuca. — Será que podemos conversar?

— Claro, pode falar — a garota respondeu cautelosamente.

— Agora não. Eu pensei de hoje à noite... A gente... Nós... — ele gaguejou e enrubesceu. — Eu pensei que talvez pudéssemos comer alguma coisa e conversar. — Matt praguejou internamente por atropelar as palavras.

— Ah! Claro — ela respondeu sem entender o porquê de seu coração ter acelerado.

— Não é nada. — Matt de repente sentiu necessidade de explicar o convite. — É só que eu queria sair um pouco com você. Faz tanto tempo que a gente não se diverte juntos, e agora você vai começar a trabalhar e a estudar, ficará cada vez mais difícil de nos vermos. Pode ser?

— Sim — respondeu com a garganta seca.

— Legal. — Ele sorriu de lado.

Então, tudo ficou terrivelmente silencioso enquanto ambos se encaravam.

— Às sete? — ela disse desesperada por sair dali antes que desse mais bandeira quanto ao que vinha sentindo.

— Pode ser. — Matt limpou a garganta. — Pontualmente às sete horas.

Jenny sorriu sem jeito, deixando o veículo.

Mesmo depois de o mustang virar a esquina e desaparecer de suas vistas, ela permaneceu em pé na calçada olhando para a rua deserta.

“Eu vou ter um encontro com o Matt?”

Caindo em si, caminhou apressada em direção a casa de Léxis. Seus sentimentos confusos povoavam seus pensamentos e ela se sentiu perdida como nunca antes. Precisava conversar. e ninguém melhor que sua melhor amiga para lhe ouvir.



— Acha que minha barriga já está aparecendo? — Léxis fitava seu perfil no espelho de corpo inteiro preso a parede de seu quarto, com a blusa levantada até um pouco abaixo dos seios. — Acha que consigo esconder a gravidez por mais quanto tempo?

— Você ouviu o que eu acabei de falar? — perguntou Jenny aflita.

Ela havia tagarelado por vinte minutos ininterruptos e parecia que a amiga não escutara uma palavra se quer.

— Sim. Matt te chamou para sair e daí? Vocês já saíram outras vezes juntos. Não tem nada de mais. — Alisou a barriga, ainda chapada, e estreitou os olhos buscando qualquer sinal de uma protuberância em seu abdome.

— Agora é diferente. Eu não sei o que é, mas não é a mesma coisa. Quer dizer, tenho minhas suspeitas.

— O que acha que é? — Léxis virou-se, abaixando a blusa e encarando a amiga.

— Acho que o Matt gosta de mim.

— Gosta, tipo apaixonado? — A garota levantou as sobrancelhas com um sorriso travesso nos lábios.

— Não sei! — Jenny se jogou de costas na cama, tampando o rosto com as mãos. — Está tudo tão confuso!

— Você está apaixonada pelo Matt! — Léxis gritou empolgada.

— Não estou não! — Jenny voltou a sentar na cama com um salto.

— Então porque está tão preocupada com o convite dele? — A outra cruzou os braços a espera de uma resposta.

Jenny abriu e fechou a boca, porém não soube responder. Sentia um emaranhado de sentimentos tomarem conta dela de repente, deixando-a ainda mais confusa.

Ela estava apaixonada por ele?

Ele estava apaixonado por ela?

E se os dois estivessem?

Balançou a cabeça com força, certa de que assim poderia dissipar todos os questionamentos, no entanto, eles permaneceram lá, atormentando-a.



Capítulo 10

Quando Matt veio buscar Jenny para sair, ela ainda não estava pronta. Ficara horas pensando em uma desculpa qualquer para não comparecer ao compromisso marcado. Sentia-se confusa demais para raciocinar direito e temia fazer alguma bobagem ou dar algum passo em falso em uma direção que sabia que seria um caminho sem volta. Ela sempre soube que se envolver emocionalmente com alguém, mesmo que superficialmente, poderia acarretar consequências inimagináveis.

Depois de tanto pensar e quase acabar com as unhas, decidiu que era madura o suficiente para sair com o amigo. Afinal, era isso que eles eram: apenas amigos.

"Mas por que então meu estômago revirava toda vez que penso no Matt?"

— Filha? — Mariana chamou, batendo na porta. — Matt está aí, disse que vocês vão sair.

Jenny abriu, puxando a mãe para dentro do quarto.

— O que eu visto? Não tenho ideia do que vestir!

Marina olhou o amontoado de roupas na cama da filha e algumas peças espalhada pelo chão.

— Uau! — Arregalou os olhos por causa do caos instalado no quarto da filha. — Um furacão passou por aqui?

— Me ajuda! — a menina choramingou.

Confusa, Marina a encarou, mas logo compreendeu o que se passava e sorriu maliciosamente.

— É um encontro?

— Não! Nós só vamos sair como sempre fizemos. — Jenny pegava uma peça e outra sem conseguir se decidir.

— Então por que não veste qualquer coisa como sempre?

Ela parou no meio do quarto e só então percebeu que estava roendo as unhas outra vez. A mãe sorriu, pegando uma calça jeans e uma blusa branca sem estampa.

— É só o Matt, filha. Vista isso que vou arrumar o seu cabelo.

Jenny se trocou rapidamente, sentindo-se boba de repente. Sua mãe tinha razão, era só o Matt, seu melhor amigo.

"O amigo de todas as horas".

"O amigo que sempre cuidava dela desde o jardim de infância".

"O amig..."

Balançando a cabeça com força, para dissipar a nuvem de pensamentos, Jenny se sentou de frente para a penteadeira para Marina fazer-lhe uma trança embutida em seus cabelos avermelhados.

Minutos depois, desceram as escadas de braços dados. Jenny se sentia mais tranquila e morrendo de vergonha por sua genitora ter percebido seu estado emocional confuso. Mas agradeceu internamente por ela não dizer nada, caso contrário, sentiria ainda mais desconcertada.

Quando chegaram à sala, encontraram Matt dormindo no sofá. Ele usava uma calça jeans escura e uma camisa azul com as mangas dobradas até os cotovelos. Os cabelos estavam molhados e penteados — coisa rara em se tratando de Matthew Cooler.

Ao notar que o amigo havia tido o trabalho de se arrumar, abandonando seu estilo desleixado de ser, começou a sentir o nervosismo voltar.

— Acho que ele cansou de te esperar — falou Marina, conferindo as horas no relógio. — Já são oito horas!

— Uma hora de atraso é uma eternidade para alguém tão pontual. — As duas começam a rir. — Acha que devo acordá-lo?

— Não. Deixe-o dormir. Vou pedir uma pizza para vocês, assim não precisam sair. Estou adiando uma faxina no meu armário há dias. Vou estar lá em cima. — Marina pegou o telefone para fazer o pedido enquanto subia as escadas em direção ao seu quarto.

— Obrigada, mãe — Jenny agradeceu, aliviada por poder ficar em um ambiente familiar.

Ela precisava se acalmar e colocar a cabeça no lugar, caso contrário, trocaria os pés pelas mãos por conta dos sentimentos embaraçosos.

Dirigindo-se para a cozinha, olhou por cima dos ombros em direção ao rapaz mais uma vez.

“É só o Matt!”



Já que não sairiam, Jenny decidiu arrumar um pouco as coisas por ali para dar um ar mais sofisticado. Estendeu uma toalha de renda branca na mesa e posicionou um jarrinho de cristal com uma única rosa vermelha no centro dela. Organizou dois pratos um de frente para o outro e colocou as taças — que sua mãe nunca usava — ao lado de cada um. Pegou o resto de suco de laranja que estava na geladeira e depositou em uma jarra do mesmo jogo que os pratos. Pensou em acender uma vela, mas desistiu rapidamente da ideia. Pareceria romântico demais e ela não queria que ele tivesse uma impressão errada dela.

Enquanto observava sua organização, Matt entrou na cozinha, agora com o cabelo desgrenhado e a camisa amassada, com um dos lados fora da calça.

— Eu dormi por quanto tempo? — Esfregou os olhos, ainda tentando se situar.

— Uns quarenta e cinco minutos. — Jenny deu um sorriso culpado. — Me desculpe por te fazer esperar tanto. Como você dormiu e acabou ficando tarde, minha mãe achou melhor pedirmos uma pizza e comermos aqui mesmo. Espero que não se importe. — Matt olhava fixamente para a mesa enquanto ela falava.

— Não. Está perfeito. — Sorriu de lado, sentindo a mesma sensação da noite do baile, quando veio buscá-la.

— Então vamos comer. Estou faminta!

— Quando é que você não está? — Matt gracejou, adiantando-se para puxar a cadeira para ela se sentar.

Jenny revirou os olhos.

— Obrigada, gentil cavalheiro.

Matt passou as mãos nos cabelos bagunçados, colocou a ponta da camisa por dentro da calça novamente e lhe prestou uma reverencia exagera.

— Meu pai disse que eu tenho que ser mais educado — falou com desdém, sentando-se de frente para ela.

— Ele está certo. Os homens de hoje em dia são uns bandos de trogloditas — Jenny disse, servindo uma fatia de pizza para o amigo.

— Isso tudo é culpa das mulheres e suas ideologias feministas. Isso matou o cavalheirismo.

— Ah, eu concordo com você.

A conversa durante o “Jantar” fluiu levemente e Jenny se perguntou o porquê de estar tão apavorada horas antes. Matt a fez rir o tempo todo, como sempre, e não pareceu nenhum pouco com segundas intenções a seu respeito. Depois da pizza, Jenny fez pipoca e juntos assistiram um filme que estava passando na tevê.

O que ela não percebeu, foi que Matt não prestou atenção em uma só palavra do longa-metragem. O perfume da moça o atormentava de tal maneira, que era impossível se concentrar. Mal os créditos subiram, ele pulou do sofá.

— Acho que está na minha hora.

— Vou com você até lá fora. — Jenny se prontificou e ele assentiu, mesmo querendo dizer para que ela não fizesse aquilo.

O ar ameno do verão os saldou assim que saíram à varanda. O que só piorou a situação, já que a brisa trouxe novamente o *maldito* perfume dela até ele.

— Me diverti bastante hoje. Temos que fazer isso mais vezes — Matt falou, parando de frente para a amiga, antes que ela estranhasse o seu silêncio.

— Eu também me diverti. — A moça colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha corando as bochechas levemente.

Ao perceber o rubor, o rapaz demorou um pouco o olhar em Jenny, mordeu os lábios por dentro, respirou fundo e apertou os olhos em seguida. Isso só poderia significar uma coisa.

O sentimento era recíproco. Afinal, por qual outro motivo Jenny ficaria corada em sua presença?

Fogos de artifícios explodiram em seu peito e, de repente, uma confiança sem precedentes tomou conta de Matt. E tão rápido como havia chegado, foi embora no segundo seguinte.

— Está tudo bem? — Jenny perguntou ao ver o amigo dar as costas para ela e começar a andar em direção ao lance de escadas que dava acesso à calçada.

— Não! — respondeu, soltando o ar dos pulmões e virando-se para ela novamente. — Eu preciso te falar algo, mas tenho medo da sua reação.

A forma como ele disse aquilo, fez Jenny sentir tudo de novo. O coração acelerou, as mãos ficaram trêmulas e as borboletas despertaram subitamente, fazendo seu estômago se contrair.

— Eu acho que estou apaixonado por você, Jey — falou de uma vez, quando um resquício de coragem voltou a piscar dentro de si.

Jenny paralisou e seus olhos se alargaram. Abriu a boca para falar algo, porém, palavra alguma saiu de lá.

— Está vendo? Era disso que eu tinha medo! — Matt exclamou ao ver a expressão de espanto no rosto da amiga, após ouvir a sua declaração.

— Eu... Não sei o que dizer. — Apesar de desconfiar, Jenny não imaginou o quanto aquilo mexeria com ela. — Desde quando? — Ela quis saber.

— Desde a noite do baile, quando te vi descendo as escadas naquele vestido. — Apontou para dentro da casa. — Acho que, na verdade, eu sempre fui apaixonado por você, mas só naquele dia percebi.

Uma euforia, ainda tímida, começou a crescer dentro de Jenny e ela sorriu.

Matt se sentiu um pouco mais aliviado ao vê-la "*feliz*" com o que acabara de saber.

— E então, o que me diz? — indagou cheio de expectativas.

— Eu também sinto algo, não posso negar, mas não sei o que é ainda — Jenny respondeu, sentindo suas bochechas coragem outra vez.

Matt sorriu empolgado com sua resposta. Seu coração se aqueceu, dando-lhe confiança para prosseguir. Talvez ele pudesse fazer algo que a ajudasse a decidir o que sentia por ele. Então, aproximou-se consideravelmente e se inclinou para beijá-la.

O coração de Jenny saltou no peito ao perceber o que iria acontecer. Mas a euforia que sentia deu lugar a uma aflição sem tamanho, fazendo-a congelar no lugar em que estava.

"Seja sensível ao Espírito Santo e deixe-o conduzir os seus sentimentos. Não se precipite em momento algum, apenas ore, confie e espere...".

De repente, as palavras que Cindy Miller havia lhe dito depois da palestra de alguns meses atrás, lhe vieram à mente como uma avalanche, arrancando-a do lugar. Dando alguns passos para traz, Jenny se afastou bruscamente, evitando que seus lábios se tocassem.

— Não podemos fazer isso!

— O quê? — Matt indagou confuso.

— Não posso te beijar, Matt. É cedo demais! Nós... — Ela balançou a cabeça com força, ao imaginá-los juntos como um casal. Pareceu tão estranho de repente! — E se tudo isso for um terrível engano?

— Eu sei o que eu sinto por você e pode ter certeza que não tenho nenhuma dúvida quanto a isso — Matt afirmou categórico, buscando as mãos dela.

— Eu não. — Jenny puxou as mãos das dele. — Não que eu não goste de você. Eu gosto, mas e se nos envolvemos e depois não der certo, nossa amizade não será como antes, entende? Eu não quero perder o que já temos. Você é muito importante para mim. Por que estragar tudo o que construímos por uma decisão mal pensada?

— E o que você sugere, então? — O rapaz cruzou os braços, frustrado com tantos obstáculos da parte dela.

Para ele era simples como uma soma de dois mais dois. Ele mais ela, igual a felizes para sempre.

— Podemos orar a respeito — Jenny sugeriu, sem saber o que o amigo pensaria sobre isso, já que não era um cristão assíduo.

— Orar? — Matt deixou escapar um sorriso sarcástico. — Orar para saber se devemos nos beijar?

— Não! Digo em reação a tudo. Quero saber se é a vontade de Deus ficarmos juntos. Só isso.

Matt olhou para ela fixamente por um longo tempo, enquanto a cabeça de Jenny fervia ansiosa por saber em que ele estava pensando.

Indignado, era assim que ele se sentia.

— Sabe qual é o seu problema, Jey? — Explodiu de repente. — Você sempre tem a mania de espiritualizar tudo. Eu venho aqui cheio de boas intenções, abro o meu coração, falo que te amo e tudo que você faz é me chamar para orar a respeito? Acha que isso é necessário? Acha mesmo que Deus está interessado em responder algo assim, tão sem importância? — esbravejou cético. — Vamos ficar juntos e pronto. Vamos fazer dar certo.

— Quer saber? Você tem razão. Não precisamos orar a respeito.

Matt sorriu vitorioso, porém, antes que ele avançasse novamente, ela continuou:

— Eu já tenho a minha resposta. E é não!

Dito isso, a garota voltou para dentro de casa a passos largos, batendo a porta com força atrás de si.

Com o coração pulsando nos ouvidos, subiu as escadas correndo, sentindo as lágrimas aflorar em seus olhos. Quando entrou no quarto, a primeira coisa que viu foi a gravata colorida pendurada na cabeceira da cama. Andou até lá, pegou-a e apertou contra o seu peito:

— Deus, eu sei que você se importa, aliás, tenho convicção quanto a isso. É maravilhoso pensar que podes ver o meu futuro marido agora e, com certeza não é o Matt. Você o conhece e sei que o Senhor está preparando-o para mim. Obrigada por não permitir que eu desse algo tão

especial ao Matt hoje. Se eu o beijasse estaria deixando um pouco de mim com ele. Não quero isso! Quero estar completa para o meu esposo.

Quando Jenny finalizou a oração, se sentiu leve. Então teve certeza: Deus havia a livrado de cometer o maior erro da sua vida.



Capítulo 11

Agosto de 2005 - Bagdá, Província Homônima - Iraque.

A guerra se prolongou e os garotos foram ficando por ali mesmo. O que duraria apenas alguns meses se transformou em dois longos anos. Agora não eram mais rapazes recém-formados no colegial, mas homens graduados pela guerra. Haviam lutado em confrontos intensos, muitos deles o deixaram em tão alto risco que era possível sentir a morte passeando ao lado. Porém, o terror nunca fora o bastante para desistirem. O que antes era visto como martírio se transformou em amor. Não conseguiam se ver em outro lugar a não ser ali, servindo. Porém, lá no íntimo de cada um ainda vivia aqueles garotos peraltas e loucos por uma aventura e zoação.

— Finalmente folga — disse Dylan, arrancando os coturnos dos pés depois de mais de oito horas de plantão em frente à sede do governo.

— Tudo que eu quero é uma cerveja bem gelada! — Adam voltou do banho pronto para sair.

— Eu quero mulher. — Noah como sempre, não pensava em outra coisa.

Aquele cara não tinha jeito mesmo.

— Vamos naquele bar que encontramos outro dia — Ethan intimou o grupo, terminando de vestir uma camiseta.

— Também pensei em irmos lá. Quem sabe eu não encontre aquela garota... Como era mesmo o dela? — Noah piscou para os demais.

— Jennifer — Bruce respondeu, sentando-se na cama para amarrar os cadarços.

— O que me faz lembrar da Jenny. — Ao dizer isso, Noah foi atingido pela gandola suada de Dylan.

— Ei, eu já tomei banho! — protestou jogando o objeto de volta. — Como será que ela está?

Há tempos não falavam da menina, o que fez trazer à tona todas as implicâncias guardadas nesse período.

— Deve ser a mesma de sempre, só que mais velha — um deles respondeu.

— Estou começando a achar que é você quem está apaixonado por ela. Nunca te vi lembrar de uma só garota por tanto tempo. Já se passaram o quê? Dois anos? — Dylan perguntou em tom de provocação.

— Não vem querer reverter a história a essa altura do campeonato, meu amigo. Eu não seria tão cafajeste a ponto de me apaixonar pela sua garota. — Noah se defendeu cheio de sarcasmo. — E então? Você vai com a gente ou não? Não temos a noite toda.

Todos estavam prontos para a noitada, menos Dylan e Carlton, que ainda trajavam partes do uniforme.

Dylan olhou ao redor e avistou o outro colega em sua cama, lendo a bíblia. O rapaz limpou a garganta e voltou sua atenção para os amigos que esperavam sua resposta.

— Acho que vou ficar e descansar hoje. Mandem lembranças minha a Jennifer — Deitou-se, indicando que estava falando sério e que não iria sair.

— Você vai desperdiçar nossa única folga em semanas, para ficar aqui sem fazer nada? — Noah insistiu.

— Estarei fazendo algo. Descansando! — Dylan respondeu apoiando as mãos atrás da cabeça.

— Sei... — Noah fitou Carlton do outro lado do alojamento, concentrado em sua leitura sem participar da conversa. — Se você prefere não se divertir conosco, não posso fazer nada. Vamos embora galera.

Quando todos saíram, Dylan esfregou os olhos e soltou um suspiro resignado.

— Quando é que você vai contar a eles? — Carlton indagou assim que escutou o jipe partindo, restando somente os dois no alojamento.

Dylan se apoiou no cotovelo, virando-se para o amigo.

— Não encontrei uma ocasião ainda.

— Sabe que não conseguirá esconder por muito mais tempo, não é? Eles são bem espertos. — Carlton fechou a bíblia e caminhou até onde o outro estava. — Comece a ler Jeremias hoje.

— Como você acha que eles vão reagir quando souber que agora eu sou cristão? — Dylan se sentou, abrindo no livro indicado.

— Eu acho que já estão percebendo. Você está diferente, agindo diferente, e principalmente o Noah já viu que o velho Dylan não habita mais aí.

Carlton sempre que tinha uma oportunidade pregava para os rapazes, porém era ignorado todas às vezes. Dylan foi o único que demostrou interesse depois de um tempo. Não demorou muito para ser fisgado, mas tudo era mantido em segredo para não azedar a amizade com os demais, que viviam zombando da fé do soldado pregador.

Um acontecimento levou ao outro e Dylan não teve para onde fugir. Depois de um evento traumatizante, o soldado não teve outra escolha senão se render a Cristo. Porém, dia após dia, ele se sentia confiante com a decisão que havia tomado e seu coração queimava e ansiava em conhecer mais, Aquele que um dia tinha morrido por amor a ele. Carlton se tornou seu melhor amigo desde então e por várias vezes percebeu ciúmes da parte de Noah, que antes ocupava aquele posto.

Tudo que Dylan mais queria era que os amigos experimentassem a paz que vinha sentindo desde o dia em que se ajoelhou no meio do deserto em que ele estava de sentinela com Carlton, em uma madrugada, há alguns meses atrás. Pediu perdão pelos seus pecados e convidou Jesus a fazer morada permanente em seu coração.

Depois de ler três capítulos do livro de Jeremias, Dylan orou e decidiu que falaria com os amigos naquela mesma noite, assim que todos voltassem. Pediu a Deus sabedoria e que o Espírito Santo trabalhasse naqueles corações endurecidos.

Horas se passaram e, enfim, eles chegaram. Mas todos estavam tão bêbados, que preferiu deixar para a manhã seguinte. Dylan passou a noite em claro, ansioso com a revelação iminente.

Mal o sol deu o ar da graça, ele se levantou e esperou que os demais acordassem também. Daria a notícia a todos de uma só vez. Um a um, foram se despertando. As mãos do soldado suavam e seu coração batia mais forte do que de costume. Pensou em desistir, mas logo dissipou a ideia. Faria isso e seria naquele dia.

Quando todos haviam acordado, os reuniu e se pronunciou. Por uns trinta segundos eles o fitaram em silêncio, alguns segurando o riso. Pareciam procurar nas feições do rapaz se realmente estaria falando sério. Quando perceberam que não se tratavam de uma brincadeira, começou o falatório. Uns zombaram, outros simplesmente o deixaram falando sozinho e Noah ficou furioso. O chamou de traidor e não falou mais com Dylan pelos dias que se seguiram.



Era mais uma patrulha de rotina e sol estava no horizonte, quente e silencioso, fazendo um vapor abafado se erguer pelo pequeno trecho asfaltado. Dylan estava ao volante do último carro do comboio, com Carlton no banco do passageiro, ao lado dele. Apenas os dois seguiam naquele carro. Noah estava dirigindo o veículo da frente, com Bruce como copiloto, Adam no banco de trás e Ethan na torre de tiro. Tudo corria normalmente, como qualquer patrulha de fim de plantão. Andariam mais alguns quilômetros seguindo uma rota predeterminada e voltariam à base.

Carlton começou a cantarolar uma música antiga do hinário cristão, quebrando um pouco o silêncio ensurdecedor:

— "Os guerreiros se preparam para a grande luta. É Jesus o Capitão que avante os levará..."

Ethan olhou para trás e revirou os olhos por causa da música cantada. Com o gesto, Carlton começou a emendar uma música na outra, ignorando os gestos obscenos e reclamações que vinham do carro da frente. Ele apenas sorria e cantava cada vez mais alto.

— Os rapazes ainda não estão falando com você? — indagou, parando finalmente a cantoria.

Aplausos sarcásticos soaram por parte dos demais, quando o silêncio voltou a reinar.

— Não. — Dylan contraiu o maxilar, tentando parecer indiferente.

De repente, um homem surgiu de uma ruela ladeada de escombros e acompanhou o comboio correndo ao lado do carro de Dylan e Carlton. Ele gritava em um dialeto que os soldados não conseguiram identificar. Parecia furioso, ora apavorado. Por fim, começou a esmurrar a porta do veículo que seguia em baixa velocidade, obrigando Dylan a parar.

— O que ele está fazendo? — Dylan resmungou confuso, fitando o homem.

Vendo que eles não o compreendiam, o senhor passou o dedo indicador na garganta em sentido horizontal.

— Será que esse povo odeia a gente tanto assim? Querem cortar a nossa garganta? — Carlton o encarou, tentando entender o que queria dizer.

— Acho que não é isso que ele está querendo dizer. — Dylan se virou, observando ao redor em busca de algo. — Acho que estava nos avisando.

Carlton assoviou e os demais carros do comboio pararam há alguns metros à frente. Noah resmungou ao longe pela interrupção, agora que estavam tão próximos do destino.

Dylan voltou a atenção para a estrada adiante. Exceto pelos carros de patrulha, estava tudo completamente vazio, abandonado. Nem uma única alma à vista.

Uma sensação estranha se apoderou de Dylan e ele sugeriu ao grupo que pegassem outro caminho. Antes da resposta, um grande clarão explodiu vindo do chão, bem debaixo do carro dos seus amigos, jogando estilhaços de metal para todas as direções. Tudo ficou branco e depois, escuridão.



Capítulo 12

Agosto de 2005 - Oregon, Wisconsin - EUA

Jenny acordou com um sobressalto e só então percebeu que havia dormido agarrada à gravata. Há dois anos ela vinha orando por seu futuro marido e, até o momento, nada de ele aparecer. Sentia-se cada vez mais desanimada em relação a isso. Parecia que suas orações não passavam do teto.

Sua vida social não era uma das mais animadas e, mesmo na igreja, não tinham rapazes interessantes. A maioria quando atingia certa idade se mudavam em busca de estudos e um futuro longe da pequena Oregon. Nunca mais retornavam. Ela não queria se envolver com alguém que a abandonaria depois. Pessoas demais já haviam saído de sua vida.

Tanto tempo havia se passado e nada havia acontecido. A não ser Matt. Ele não desistia dela e sempre que podia, insistia em tentar uma nova aproximação, porém, Jenny tinha convicção que não era ele. Continuava a agir normalmente, tratando-o como seu melhor amigo e nada mais. Como não dava falsas esperanças, se sentia de consciência tranquila.

O coração da moça se apertou ao olhar para a gravata em suas mãos. Era sempre assim, todas às vezes que tocava aquele objeto. No entanto, naquela manhã, a sensação estava mais intensa.

— Onde será que você está? — sussurrou, pendurando-a na cabeceira da cama novamente.

Em seguida, fez uma breve oração para iniciar o seu dia e intercedeu por seu futuro marido outra vez. Aquilo já havia se tornado um hábito, passou ser um gesto automático. Ficou intrigada ao perceber que tinha repetido várias vezes, para que o Senhor o guardasse. Depois compreendeu que ele poderia estar precisando de proteção divina naquele instante, então orou novamente.

— Filha — Marina colocou a cabeça para dentro do quarto no mesmo instante em que Jenny se levantava. — Telefone para você. Parece ser urgente.

— Quem é?

Achou estranho alguém ligar àquela hora da manhã.

— É a senhora Mitchell. — Estendeu o telefone.

Mal Jenny disse alô, a mulher desandou a falar com a voz embargada.

— Jey! Que bom que está em casa. É a Léxis, ela está trancada no quarto aos prantos e não quer me deixar entrar. Não sei o que fazer. Ela disse que só vai falar com você, poderia vir até aqui?

— Claro, estou indo agora mesmo.

Enquanto seguia para a casa da amiga, mil coisas se passaram na mente da jovem. Léxis tinha amadurecido muito desde que o filho Mike havia nascido. As circunstâncias a obrigou, na verdade. Mas a jovem estava feliz e cuidava da criança com todo amor e carinho que ele precisava. Tentava suprir a falta de um pai da melhor maneira possível.

A mãe de Léxis já esperava por Jenny na varando com o neto no colo quando ela estacionou o carro em frente à casa.

— Me desculpe por te incomodar tão cedo. Realmente não sabia o que fazer. — Embalou o bebê que resmungava sem parar.

— Tudo bem. Hoje é meu dia de folga da clínica. — Jenny passou apressada pela senhora, adentrando na casa.

— Vou esperar aqui. — A outra indicou as escadas que davam acesso ao segundo andar.

Ao se aproximar do quanto, foi possível ouviu os soluços da amiga.

— Léxis! Sou eu, abra.

A garota abriu a porta e se pendurou no pescoço de Jenny, chorando compulsivamente.

— O que houve? — Jenny retribui o abraço, aflita por vê-la naquele estado.

— Ele se foi. Ele se foi para sempre! — Léxis sussurrou com a voz entrecortada.

— Quem se foi? — Jenny se afastou e encarou a amiga.

— Vem, vamos conversar aqui dentro. — Léxis a conduziu para o quarto, trancando a porta novamente.

As duas se sentaram na cama e depois de dois suspiros longos, Léxis voltou a chorar. Jenny ficou ao seu lado, esperando-a se recompor.

— Quem se foi, Léxis? — indagou quando a amiga se acalmou.

— Noah. Noticiaram hoje pela manhã no rádio. Há três dias, durante uma patrulha de rotina, o carro que ele e os meninos estavam passou por cima de uma mina terrestre no centro de Bagdá. Todos morreram. — Ela voltou a chorar desesperadamente.

— Todos?

Jenny sentiu o coração se apertar. Por mais que não os conhecesse intimamente, não deixou de sentir uma dor tomar conta de seu peito com a notícia.

— Noah, Bruce, Adam e Ethan. Os corpos estão vindo para Oregon e farão um velório no ginásio do colégio por ser o local maior da cidade.

— E o Dylan? — Jenny perguntou ao perceber que ele ficara fora das vítimas citadas no ocorrido.

— Segundo o homem do rádio ele estava em outro carro, mas também foi atingido. Está em coma e o estado dele é grave. A família dele foi para lá. — A dor latejante que Jenny sentia no peito aumentou.

Léxis fungou e enxugou as lágrimas, depois continuou:

— Eu nunca disse nada a ninguém, mas eu sonhava com o dia que o Noah voltaria e conheceria o filho. Quem sabe ele... Eu... Nós... — Ela voltou a chorar. — Agora meu filho nunca conhecerá o pai. Eu achei realmente que um dia poderíamos viver como uma família e se isso não fosse possível, ele poderia pelo menos ter o pai por perto.

Ao ver o quanto a situação perturbava a melhor amiga, Jenny não conseguiu se segurar e também chorou. Léxis havia feito planos e sonhado com algo que, agora, nunca se realizaria. Mike não conheceria o pai e a esperança que ela tinha de, um dia, viverem como uma família, não se concretizaria. Lembrou-se do próprio pai, que assim como aqueles jovens havia perdido a vida em um conflito no exterior.

Tudo parecia tão errado. A que ponto havia chegado o ser humano! Quantas vidas haviam se perdido por disputas de poder e questões tão banais. A existência humana deixara de ser preciosa e isso era realmente lamentável.

— Eu sinto muito — foi tudo que conseguiu dizer.

Abraçada a amiga, deixou sua mente vagar até Dylan e ali orou em pensamento para que Deus o *protegesse*. Orou também para que o Senhor confortasse o coração das famílias dos outros garotos que tiveram as vidas ceifadas.

Léxis chorou tanto que acabou pegando no sono. Quando Jenny saiu do quarto, horas depois, encontrou com a senhora Mitchell brincando com o neto na sala de estar.

— E então? — Ela se levantou rapidamente quando a viu adentrar ao aposento.

Os olhos de Jenny ardiam por causa das inúmeras lágrimas que havia derramado. A mulher a encarou aflita ao ver o seu estado.

— Ela dormiu. — Jenny se sentou no sofá e esfregou o rosto.

— O que houve? Fala logo, estou aflita! — a senhora inquiriu.

Jenny mordeu os lábios, ponderando se deveria contar a verdade. Tinha prometido a amiga que em hipótese nenhuma revelaria o seu segredo. Por fim, decidiu que se alguém tinha que falar sobre aquilo, seria a filha e não ela.

— Os garotos que foram para o Iraque. Noticiaram hoje pela manhã a morte de quatro deles. Foi isso — disse apenas.

— Minha filha era tão próxima assim deles? — a mulher indagou desconfiada.

— Bom — Jenny se remexeu no sofá. Odiava ter que mentir ou omitir algo —, estudamos todo o ensino médio na mesma escola. É provável que fossem amigos.

— Minha filha é mesmo muito sentimental — senhora Mitchell disse pensativa. — Depois que engravidou ficou ainda mais apegada às pessoas. Pensando bem, isso é típico dela.

Jenny assentiu e olhou para Mike, alheio a tudo ao seu redor. Sentiu um nó na garganta ao imaginar que ele nunca conheceria o pai. A guerra tinha levado para sempre momentos que nunca seriam vividos, do mesmo jeito que havia acontecido com ela. Porém, Jenny ainda possuía algumas lembranças que vivera ao lado do seu progenitor. Mike nunca construiria tais lembranças.

— Posso pegá-lo um instante? — pediu, tentando disfarçar uma lágrima teimosa que corria por sua face.

— Claro! Se puder ficar com ele um pouco, vou ver como minha filha está.

Jenny aconchegou o bebê em seus braços. Quando só restavam os dois na sala ela se permitiu chorar outra vez e, novamente, orou por Dylan.



O dia seguinte amanheceu nublado. O céu estava encoberto de grossas nuvens negras. O clima parecia transparecer o que toda a pequena Oregon sentia. No meio do ginásio poliesportivo do Oregon High School, estavam os quatro caixões alinhados, cada um coberto por uma bandeira dos Estados Unidos. Ao lado, as fotos oficiais dos rapazes uniformizados e com olhares firmes, mostrava o quanto eles haviam mudado com o tempo fora.

As pessoas iam e vinham prestando suas condolências às famílias enlutadas. Ninguém falava e o silêncio pesado era quase palpável.

Do alto da arquibancada, Jenny observava toda a movimentação sentada entre Léxis e Matt. Relembrou o dia em que fora anunciado à partida deles naquele mesmo lugar. Lembrou-se da angustia que sentiu ao saber que eles estavam indo para a guerra. Fora ali também que havia sido realizado o baile de formatura. Recordou de sua dança com Dylan e o quanto ele estava aflito com a ideia de ir para a guerra com os amigos, por mais que ele tentasse esconder e parecer confiante, o medo estava lá, no fundo dos seus olhos. E fora ali que ela havia tido a pior decepção da sua vida ao escutar as revelações de Ashley no banheiro.

Um calafrio percorreu sua espinha enquanto as lembranças tomavam conta de si, fazendo-a respirar fundo. Virou-se para a amiga que olhava fixamente para os caixões. Seus olhos vermelhos e lacrimejados deixavam transparecer toda a sua dor. Matt parecia alheio a tudo, como se estivesse ali apenas para apoiá-las e nada mais, já que ambas demostravam estar muito mais abaladas com todo o ocorrido do que ele.

— Será que já podemos ir? — Matt chamou as amigas. — Esse clima de funeral está me matando!

Jenny o olhou de cara feia.

— Tudo bem para você, Léx? — A moça tocou no abraço da amiga, que desviou o olhar do ponto fixo em que mirava há horas.

— Sim — respondeu apática.

Durante todo o caminho até sua casa, Léxis não disse palavra alguma. Quando Matt estacionou o carro, ela desceu sem ao menos se despedir dos amigos.

— Será que eu deveria ficar aqui com ela? — Jenny indagou ao ver a amiga naquele estado.

— Acho que ela gostaria de ficar sozinha um pouco. A senhora Mitchell está aí, Léxis vai ficar bem — Matt respondeu, enquanto observavam a outra entrar em casa.

Jenny concordou e ambos foram embora envoltos no mesmo silêncio que pairava no carro até então.

— Posso ficar aqui um pouco? Não quero ir para casa agora — Matt pediu ao estacionar o mustang em frente à casa da amiga.

— Claro. Também não quero ficar sozinha. — Ela suspirou pesadamente.

Era fim de tarde e uma brisa gelada começava a soprar. Ignorando a queda de temperatura, eles se sentam nas escadas que davam acesso para a varanda. Continuaram em silêncio observando um bando de pássaros migrando para algum lugar.

— Você acredita que nossas palavras têm poder, Jey? — Matt perguntou, fitando o céu cinzento.

— Sinceramente? Sim. Mas por que a pergunta?

— Acha que eu ter desejado a morte deles aquele dia pode ter contribuído para... — ele parou e pigarreou. — Você sabe... Naquele dia na escola, eu realmente desejei que eles morressem. — Abaixou a cabeça, mirando os sapatos.

— Não! Claro que não. As palavras têm poder, no entanto, não é um poder sobrenatural, mas um poder de gerar consequências boas ou ruins dependendo de como são usadas. Mas, nesse caso, não acho que tenha a ver com o que você disse há anos atrás. Se fosse assim, começaria a dizer agora mesmo para a violência acabar, para as guerras deixarem de existir, para as doenças serem curadas... Resolveríamos todos os problemas do mundo, não é verdade?

— Sim, você tem razão. — Matt balançou a cabeça sorrindo. — É que isso ficou na minha cabeça desde que soube que eles estavam mortos. — Suspirou pesadamente.

— Não se sinta mal. — Ela acariciou o braço do amigo. — Não teve nada a ver com o que você disse e sim com a vontade de Deus.

— Obrigado — ele agradeceu, envolvendo-a pelos ombros.

Jenny apoiou a cabeça no amigo. Amava momento como aqueles em que um dava força ao outro quando precisavam.

— Você é incrível, sabia? — Matt falou, depositando um beijo na têmpora da amiga. — Sempre sabe o que dizer.

— Não sou tudo isso.

— É mais... — Ele deu um longo suspiro.

— Matt, nós já conversamos sobre esse assunto. — Jenny se afastou ao perceber que o amigo estava indo por um caminho que ela se recusava a trilhar.

— Desculpa! — Ele levantou as mãos em sinal de rendição. — Mas não consigo deixar de sentir o que sinto e você sabe.

Jenny abaixou a cabeça. Estava cansada de explicar seus motivos e, naquele momento, não gostaria de iniciar mais uma discussão sobre o assunto. Não estava bem emocionalmente. Palavras poderiam ser ditas que ambos se arrependeriam depois.

— Tudo bem. Não vou mais te chatear com esse assunto. — Matt saiu em direção ao carro e partiu, deixando Jenny mais uma vez aflita com aquela situação.

As semanas avançaram e levou consigo o luto que pairou por toda a cidade por bastante tempo. Aos poucos as coisas voltaram ao normal. A dor ainda estava lá, mas não passava de um borrão.

A cada dia, Jenny se dedicava mais ao trabalho na clínica. Graças ao curso que fizera, desenvolvia suas atividades com eficiência, tanto que o Dr. Simon confiou a ela algumas seções de fisioterapia menos complexa. Ela estava feliz com sua profissão. Nunca havia se imaginado trabalhando nessa área, mas se apaixonou por ela ainda na primeira semana de trabalho.

Léxis também se recuperava aos poucos dos acontecimentos. Depois de quase duas semanas trancada no quarto, e após inúmeras visitas e conselhos de Jenny, ela percebeu que a vida seguia e que seu filho precisava dela mais do que nunca.

Matt era o mesmo amigo presente em todos os momentos e ignorava completamente o clima pesado entre ele e Jenny. O rapaz também ajudava Léxis do seu jeito, mas sua presença com elas foi de grande valia, pois levava Mike para passear e distraía o menino como podia. Além do avô, Matt era a figura masculina mais presente e o garotinho amava os momentos em que estava com ele. Léxis dizia que era porque Matt regredia quando estava com o filho. Parecia ter cinco anos de idade.

Por diversas vezes, Jenny orou por Dylan, que ainda permanecia em coma. As poucas notícias que chegavam até Oregon não eram muito animadoras. O quadro clínico do rapaz permanecia inalterado. Orou por ele mais do que por ela, mesmo as lembranças lhe atormentando a cada vez que pronunciava o nome do rapaz.

Ame o próximo como a ti mesmo...

Ame o próximo como a ti mesmo...

Assim seguiu orando e ignorando uma voz que insistia em dizer que ele não merecia toda a sua intercessão.



Capítulo 13

Outubro de 2005 - Oregon, Wisconsin – EUA

— Jenny, o doutor Simon pediu para ir até a sala dele daqui a dez minutos.

Jéssica, sua colega de trabalho, avisou, colocando sua cabeça para dentro da sala em que Jenny atendia os seus pacientes. Os cabelos loiros e finos da moça estavam soltos e caíam pelo ombro, deixando-a com uma aparência meiga.

— Eu já estou indo, obrigada — agradeceu, terminando de colocar alguns objetos em seus devidos lugares. — O que foi? — Voltou sua atenção à garota que permanecia na porta observando-a. Parecia querer lhe dizer algo.

— Sabe, Jenny, há algum tempo venho querendo te fazer uma pergunta. — Jéssica ajeitou as pastas que trazia nos braços e corou.

— Pode falar.

— Você e o Matt são namorados?

Jenny arqueou as sobrancelhas, surpresa com a pergunta.

— Ah, não! Somos apenas amigos. Por que acha isso?

— Bom... Vocês estão sempre juntos, então, pensei que fossem. — Jéssica quicou os ombros e mordeu os lábios por dentro, desviando o olhar.

Jenny sorriu.

— Você gosta dele?

— Não! Quer dizer, ele é legal e tudo. — A garota pigarreou ao ser encarada pela outra. — Está tão na cara assim? — Se entregou, relaxando os ombros e choramingando.

— Talvez um pouco, mas não se preocupe. Não há nada de errado nisso. Matt é um cara legal, está disponível e você também. — Coçou a nuca. — Só tem um pequeno problema — Jenny falou aproximando-se.

— Qual?

— Não sei se ele está pronto para assumir um relacionamento sério agora. O Matt tem muito que amadurecer antes de ter um compromisso com alguém.

— Como assim? — Jéssica indagou intrigada.

— Digamos que ele precise, antes de tudo, ter um relacionamento profundo com Deus, primeiramente. Caso contrário ele sofrerá, e pior, fará outra pessoa sofrer também.

A colega encarou Jenny, desanimada.

Jéssica era filha do pastor da igreja que frequentava. No templo, mal trocavam um cumprimento, mas depois que ambas começaram a trabalhar juntas cresceu uma amizade sincera, então Jenny se sentia à vontade para falar de qualquer assunto com ela.

— Posso te dar um conselho? — continuou após um tempo de silêncio e a outra assentiu ainda muda. — Você é muito jovem, então ore e peça orientação a Deus a respeito do que está sentido. Tenho certeza que Ele te responderá.

— Tudo bem. Vou fazer isso — Jéssica respondeu sem jeito.

— E se quiser conversar mais a respeito, não hesite em me procurar.

— Obrigada.

A garota voltou para seu posto na recepção, enquanto Jenny se dirigiu para a sala do doutor Simon.

— Com licença, mandou me chamar? — Ela esperou na porta até que o senhor na casa dos quarenta e poucos anos de idade fizesse um sinal com a mão para que ela entrasse.

— Sim. Sente-se.

O doutor vasculhava uma gaveta de arquivos a procura de um prontuário. Quando enfim o encontrou, abriu um largo sorriso sentando-se em sua cadeira, de frente para Jenny.

— Como foi a sessão do senhor Wilson? — Ele cruzou as mãos sobre a mesa.

— Correu tudo bem. Hoje foi a última! — Sorriu aliviada.

— Tenho certeza que na semana que vem ele aparecerá aqui novamente com outro probleminha. — Dr. Simon piscou para a funcionária, antes de começar a rir.

— Isso não tem graça! — ela protestou. — Me recuso a atendê-lo por mais uma semana que for.

— Isso quer dizer que ele te pediu em casamento de novo?

— Não só isso! Ficou falando sem parar de todas as suas posses em algum paraíso fiscal. Ele estava tentando me comprar, acredita? Quando eu disse a ele que não era *o tipo* interesseira, o velho riu dizendo que todas as mulheres eram sim, por mais que negassem.

— Não o leve em consideração. Senhor Wilson só é um velho que se esqueceu de que não é mais um garotão. Mas não foi para falar dele que te chamei aqui. — Simon abriu o arquivo que havia pegado na gaveta. — Temos um novo paciente e quero que você fique responsável por ele alguns dias da semana. Farei sessões mais intensivas periodicamente, porém, é um caso delicado e precisa de atendimento diário. Como não disponho desse tempo, confio ele a você. Eu já iniciei o tratamento, mas preciso de sua ajuda integral.

— Claro! Qual é o problema do paciente?

— Bom, é algo diferente de tudo que já fizemos aqui. Trata-se de um paciente que está em uma clínica de repouso.

— Um idoso abandonado pela família? — Jenny crispou os olhos em direção ao patrão, já se imaginando cuidando de outro ancião que ficaria dando em cima dela.

— Não é esse tipo de clínica. É uma especializada em receber pacientes em coma ou em estado vegetativo. Quando a família não pode receber o parente em casa, levam para um lugar assim, onde terá assistência médica vinte quatro horas por dia.

— Não temos esse tipo de clínica aqui em Oregon.

— Não temos mesmo. Essa fica em Madison. E é por isso que preciso que você assuma essa responsabilidade para mim. Não poderei me deslocar até lá cinco vezes por semana.

— Em Madison não tem um fisioterapeuta que possa atendê-lo?

— Tem sim, mas sou amigo dos pais do rapaz há muitos anos e não poderia dizer não a um pedido deles. Você não poderia fazer isso por mim?

— Você disse que ele está em coma. Não teria que ser um profissional mais capacitado? Sou apenas uma técnica.

— Não. — O doutor encostou-se ao assento e gesticulou com as mãos. — São apenas exercícios simples de alongamentos para ajudar na circulação do sangue e evitar trombose, ou qualquer outro problema circulatório causado pela falta de movimentos. É tudo o que você já vem fazendo. Só que o paciente não está consciente. Qualquer procedimento mais complexo que for necessário, eu assumirei.

— Tudo bem, então — concordou receosa, mas disposta a tentar.

— Aqui estão algumas informações sobre o paciente. É uma ficha antiga. Teremos que atualizá-la depois.

Jenny começou a ler as informações. Aparentemente, Simon tinha atendido o paciente pela primeira vez há doze anos, quando este quebrou o braço. Depois houve uma série de atendimentos esporádicos a fim de reparar algumas contusões simples, típicas de um atleta. A última consulta fora há cinco anos quando o rapaz havia torcido o tornozelo e precisou se recuperar da lesão.

Só depois de ler toda a ficha, notou que não sabia ainda o nome do tal paciente. Voltou à primeira página e petrificou ao ler, em letras garrafais, no canto esquerdo superior da ficha, o último nome que ela esperava: *DYLAN FOX*

— Eu não posso! — Jenny jogou o arquivo sobre a mesa, como se uma corrente elétrica passasse por ela de repente.

Ver o nome de Dylan trouxe à tona todo rancor que ainda sentia desde o baile de formatura, apesar de afirmar categoricamente que aquilo não lhe perturbava mais e que o coração estava limpo de qualquer mágoa ou sentimento de desprezo pelo que ele havia feito a ela.

— O quê? — Simon a olhou por cima dos óculos, confuso com a reação repentina da garota.

— Não posso assumir esse caso. — Ela se levantou. — Sinto muito.

— Por que não? — Ele retirou os óculos, enquanto Jenny andava de um lado para o outro em frente à escrivaninha.

— Eu... Eu... Tenho que falar o meu motivo? — choramingou.

— Tem sim! Preciso entender o porquê da sua recusa. Já havia aceitado, mas agora, do nada, mudou de ideia e está agindo como louca — disse Simon, vendo-a com o olhar perdido, roendo as unhas.

— Eu tenho um motivo, só não quero dizer. — Jenny encolheu os ombros em uma vã tentativa de desaparecer dali.

— Você precisa me dizer. É por que tem que ir até Madison todos os dias? São apenas vinte minutos até lá!

— Não é isso... — Ela voltou a se sentar, unindo as mãos sobre a mesa e tentando assumir uma postura menos aflita.

— Olha, vou deixar você exclusivamente para atender esse paciente e já disse que minhas sessões também continuarão. Você não estará sozinha. Só não posso sair daqui todos os dias para fazer apenas alguns alongamentos. Não vou te sobrecarregar. — O doutor tentou acalmá-la.

— Eu não me importo em atender outros pacientes.

— Então por que não pode atender o Dylan? — A insistência do patrão já estava deixando Jenny perturbada.

Não queria ter que contar tudo o que a levava a se recusar. Apesar de ter perdoado Dylan há muito tempo pelo que fizera a ela e aos amigos na noite do baile, a mágoa ainda estava lá. Simplesmente não conseguia se ver sendo sua fisioterapeuta. Havia prometido para si mesma que nunca mais voltaria a ter contato com ele.

Nunca!

Jamais!

Ao pensar isso, sentiu algo estranho. O que ela estava fazendo? O pobre rapaz estava em coma e precisava da sua ajuda.

— Olha Jey, eu sei que é algo novo e você pode se sentir incapaz ou até mesmo despreparada para assumir essa responsabilidade, mas eu confio em você e na profissional que se tornou nesses dois anos que trabalha comigo. Tenho plena convicção que fará um trabalho excepcional.

Vendo que não lhe restava alternativa senão aceitar, Jenny respirou fundo, baixando a guarda. Simon continuou:

— Se concordar, eu prometo não colocar o senhor Wilson nunca mais para você atender. — Sorriu esperançoso.

— Golpe baixo! — a moça respondeu com falsa indignação.

— Cada um luta com as armas que têm. — O doutor quicou os ombros, ainda sorrindo. — E então, o que me diz? É uma proposta bem tentadora, não é?

— Tudo bem, eu vou. Mas nunca mais farei uma sessão sequer naquele velho rabugento. — Simon rompeu em uma gargalhada vitoriosa.

— Vai por mim, querida, um dia você ainda irá me agradecer por te obrigar a isso. — Fitou a garota com um olhar enigmático.



Enquanto dirigia seu Honda Civic Ex azul marinho ano 2003, rumo a Madison, Jenny sentia as mãos suando, coração acelerado e uma vontade louca de dar meia volta e ir para casa. A garota mordia freneticamente o lábio inferior, procurando reunir coragem para prosseguir a viagem.

Ainda tentava assimilar tudo o que estava acontecendo. Soube no dia anterior que, há duas semanas, Dylan tinha dado entrada na clínica de repouso. Desde então, Simon vinha acompanhando o caso de perto, mas

as viagens começaram a interferir em compromissos com outros pacientes. A família do rapaz havia decido tirá-lo do hospital de Boston, onde ele estava internado desde que voltara aos Estados Unidos, pois também precisam voltar a sua rotina, tendo em vista que não existia previsão de quando o soldado acordaria.

Os médicos já haviam feito de tudo por ele e só restava agora aguardar. Existia uma possibilidade remota de isso nunca acontecer, mas seus familiares se recusavam a acreditar nessa opção. Sabiam que ele era forte o bastante para lutar e sair daquela situação.

Alguns quilômetros depois, Jenny avistou a Clínica. Ela ficava em uma propriedade afastada da cidade. O lugar era tranquilo, com muitas árvores de grande porte espalhadas ao redor do prédio amplo de cinco andares. Sua arquitetura era rústica, indicando que estava ali há algumas décadas. Um caminho cimentado, ladeado por palmeiras e flores de várias espécies, dava acesso à entrada do local.

Ela estacionou o carro na vaga destinada aos visitantes e se obrigou a sair do carro.

Você é adulta. Não é mais uma garotinha do colegial! Esse é o seu trabalho. Você irá até lá, fará a sessão como se ele fosse um paciente qualquer e voltará para casa. Simples assim... Simples assim... Sem drama, garota!

— Bom dia. Em que posso ajudar? — Jenny se assustou com a voz que a cumprimentou inesperadamente.

Uma senhora na recepção a encarava com as sobrancelhas levantadas.

Jenny sentiu o rubor lhe subir pelo pescoço.

— Oi! Sou Jenny Parker. — Estendeu a mão, procurando não olhar a mulher nos olhos. — Sou assistente do Dr. Simon...

— Eu estava a sua espera — a mulher interrompeu sorrindo. — Meu nome é Sarah. Sou a enfermeira responsável por esse lugar.

— É uma bela propriedade.

— É sim. Mas vamos ao que interessa? — Sarah fez um sinal com a cabeça em direção a uma mesa, onde outra moça se encontrava.

Jenny recebeu sua credencial, que lhe daria passe livre até o último andar, onde os pacientes como Dylan ficavam. Depois de mostrar sua licença e assinar alguns documentos, Sarah a levou em direção ao elevador. Durante a subida, mais algumas orientações foram ressaltadas pela enfermeira.

Minutos depois, ambas pararam em frente a uma porta branca no fim de um longo corredor. A mulher entrou, mas Jenny permaneceu do lado de fora, paralisada. Recusava-se a olhar para dentro do quarto.

— Entre. — Sarah fez sinal para a garota. — Vou te apresentar a ele. — Sorriu, indo para perto da cama.

Estranhando o modo como Sarah falava, Jenny caminhou para junto dela, ainda contrariada. Ao levantar os olhos do chão, ela paralisou mais uma vez.

Dylan estava ligado a um tubo de respiração e alguns aparelhos de monitoramento que apitavam ininterruptamente. Ainda era possível ver manchas arroxeadas de alguns hematomas espalhado pelos braços e rosto. Um enorme corte que ia da orelha direita até embaixo do queixo estava começando a cicatrizar. Existia mais um corte pequeno na testa e outro nos lábios.

Jenny sentiu um nó se formar em sua garganta ao vê-lo naquele estado. Não parecia em nada o garoto de quem ela se lembrava, cheio de vida e atleta do time de futebol da escola. Não parecia o garoto do baile e muito menos o soldado que havia lhe salvado de ser atropelada.

— Dylan, querido — Sarah falou suavemente, segurando a mão dele —, quero que conheça Jenny Parker. Ela virá aqui diariamente para ajudá-lo em alguns exercícios, para evitar que os seus músculos e articulações atrofiem. Não fique tão feliz assim, suas sessões com o Dr. Simon ainda irão continuar. — Sarah sorriu como se ele houvesse lhe contado uma piada. — Ela é muito bonita. — A enfermeira olhou por cima dos ombros avistando Jenny, que estava parada a poucos passos de ambos. — Então, comporte-se, pois ela é uma moça de família.

Sarah se virou e faz sinal para que Jenny chegasse mais perto. A garota obedeceu, meio que no automático.

— Conforme for executando os exercícios, vá falando com ele e explicando exatamente o que está fazendo e para o que serve. Estudos comprovam que o paciente em estado de coma pode ouvir o que falamos apesar de não assimilar o que é dito. Então se sinta à vontade para conversar com ele.

Depois de mais algumas instruções, a senhora se retirou, deixando-os a sós. O silêncio que se instaurou era quebrado apenas pelos bips das máquinas posicionadas ao lado da cama.

Jenny respirou fundo, porém seu suspiro saiu entrecortado. Algumas lágrimas escaparam e ela rapidamente as deteve. Naquele momento, Jenny se deu conta que aquilo seria mais difícil do que havia imaginado.



Capítulo 14

Dez minutos.

Esse foi o tempo que Jenny permaneceu imóvel, deixando as lágrimas rolarem, enquanto fitava Dylan inerte na cama daquela clínica. Seu coração estava em pedaços e sentia uma compaixão tão grande naquele momento, que nem ao menos se lembrava do que ele havia feito a ela.

Aquilo já não importava mais. Eram todos garotos imaturos que não sabiam o que estavam fazendo. Anos havia se passado e estava na hora de deixar os acontecimentos no passado. A mágoa e o rancor foram substituídos por um amontoado de sentimentos inéditos sua vida.

A moça enxugou o rosto, obrigando-se a fazer alguma coisa. Sarah voltaria em poucos minutos e, se a visse da mesma maneira de quando saiu, precisaria explicar, e tudo que ela não queria era ter que expor o motivo de seus olhos estarem vermelhos e o seu estado de petrificação.

Jenny amarrou o cabelo em rabo de cavalo alto, tirou o cardigã de lã que usava e começou a se preparar para a sessão de exercícios. Aproximou-se do rapaz, hesitando por um instante antes de tirar o lençol que o cobria.

— Com licença — disse tão baixo antes de tocá-lo, que mal escutou a própria voz.

Com cuidado, pegou na mão dele, levantando o braço do moço para remover o tecido. Apesar de estar como morto, pôde sentir o calor que emanava do garoto quando sua pele entrou em contato com a dele. Algo diferente percorreu seu corpo e, tão rápido quanto à velocidade luz, Jenny

se lembrou de ter sentindo a mesma sensação quando Dylan a abraçou no dia em que ele a havia salvado de um atropelamento.

Desfez o contato rapidamente e balançou a cabeça, tentando dissipar as lembranças. Enquanto fazia seu trabalho, Jenny não falou palavra alguma, apesar de Sarah recomendar que o fizesse. Parecia estranho demais para ela conversar com alguém que não lhe responderia.

Depois de algum tempo, o silêncio absoluto começou incomodar a garota. Dirigiu-se até sua bolsa e pegou o mp3 player e os fones de ouvido. Em seguida, escolheu sua *play list* preferida e colocou-a para tocar.

A melodia de *Touch The Sky* penetrou em seus tímpanos, trazendo consigo uma onda de conforto. Era impressionante como aquela música tinha um efeito tão poderoso. Não só ela, mas todas que tocaram na sequência, deram-na o ânimo que precisava para concluir os exercícios.

Por causa dos diversos hematomas espalhados por todo o corpo de Dylan, Jenny preferiu não forçar muito as articulações do rapaz, já que não sabia se ele poderia sentir alguma dor com os movimentos.

Quando finalizou, voltou a cobri-lo. Com cuidado, posicionou os braços do rapaz sobre o cobertor novamente e instintivamente acariciou uma cicatriz, quase sã, na mão esquerda dele, deixando o sentimento de pena, mais uma vez, tomar conta de si.

— Eu sinto muito — sussurrou, sentindo uma lágrima quente e solitária percorrer seu rosto até cair sobre suas mãos dadas.

Sarah irrompeu pelo quarto, fazendo Jenny se afastar bruscamente.

— Desculpa, te assustei? — Ela sorriu para a jovem ruborizada a sua frente.

— Não! Está tudo bem.

— Como ele se comportou? — perguntou Sarah, enquanto arrumava o travesseiro de Dylan.

— Bem... Eu acho. — Tentou não olhar para a senhora.

— Você conversou com ele? — A enfermeira colocou as mãos nos bolsos do jaleco branco e a encarou.

— Não... Eu... Não me senti à vontade — respondeu, enrolando os fones de ouvidos.

— Gosta de música, Jenny? — Sarah apontou para as mãos da garota.

— Sim. Não consigo fazer nada sem música. Tem que ter algo para me distrair, o silêncio me perturba.

— O silêncio é mesmo torturante... — A mulher voltou sua atenção para Dylan, ajeitando os cabelos do rapaz.

Jenny sentiu que Sarah quis dizer mais do que realmente havia dito. Estaria ela se referindo ao silêncio constante em que Dylan se encontrava,

ou pelo fato de ela não ter conversado com o acamado como havia pedido?

Quando as duas se despediram no andar de baixo, Sarah mais uma vez sentiu necessidade de enfatizar que ele poderia ouvi-la. Mesmo que não processasse as informações, aquilo era de fundamental importância para sua recuperação.

Jenny passou todo o caminho de volta para casa pensando no que Sarah havia lhe dito. Iria se esforçar, prometeu a si mesma que, da próxima vez, conversaria com Dylan.



Deitada em sua cama naquela noite, Jenny fitava o teto, esperando o sono vir. Já era tarde e mesmo depois do dia exaustivo, ela não conseguia dormir.

O silêncio do quarto parcialmente iluminado pelo brilho da lua que entrava pela janela, perturbou-a momentaneamente. Fechou os olhos e então um pensamento lhe ocorreu.

É exatamente assim que Dylan se sente?

De repente, a escuridão e o silêncio começaram a sufocá-la. A moça se sentou ofegante e acendeu o abajur.

Voltou a respirar.

Pegando o laptop, conectou-o a internet. No primeiro momento, não sabia o que realmente queria pesquisar, mas quando percebeu, já havia lido vários artigos de estudos sobre o coma.

Um em especial lhe chamou a atenção:

"A musicoterapia tem se consolidado como uma técnica de extraordinário auxílio terapêutico e esta, aliada a tratamentos alopáticos, tem proporcionado bem-estar físico e mental a uma ampla variedade de distúrbios, incluindo as disfunções neurológicas. Ouvir música envolve uma incrível ativação cerebral, ambos os lados do cérebro colaboram no projeto de discriminar sons complexos. O presente estudo verificou as alterações nos sinais vitais e na expressão facial dos pacientes em coma farmacológico ou fisiológico, submetidos a sessões de musicoterapia como resposta ao estímulo auditivo e relacionou o nível de interação do paciente e o ambiente".

Entusiasmada com a descoberta, foi até o armário e puxou uma caixa em que guardava objetos que não usava mais. Lá no fundo, encontra seu *Discman*[1]. Sorriu ao ver o velho toca CD. Desde que ganhara um MP3 de presente de Natal, havia o abandonado ali. Testou para ver se ainda funcionava e sorriu novamente quando o pequeno painel indicador de faixas acendeu sua luz azul neon. Vasculhou um pouco mais a caixa e encontrou alguns CDs. Com a era digital avançando, tudo aquilo tinha se tornado inútil até aquele momento.

Guardou na bolsa de trabalho o aparelho e um CD do cantor Jeremy Camp, que havia ganhado de Matt, e sorriu mais uma vez sentindo crescer uma expectativa repentina dentro de si. Não via a hora de ver Dylan novamente.



No dia seguinte, Jenny só precisou mostrar a credencial pendurada no pescoço antes de se encaminhar até o quarto do Dylan. Munida com seus aparatos para os exercícios e uma infinidade de CDs, que havia colocado na mochila antes de sair de casa pela manhã, entrou no elevador que a levaria até seu destino.

Uma senhora bem vestida segurava a mão do rapaz quando Jenny adentrou ao aposento. Seus cabelos castanhos caíam como cascatas pelo pescoço até alguns centímetros abaixo da linha dos ombros. Os olhos vermelhos indicavam que havia chorado. Ela encarou duramente a garota por ter entrado sem bater.

— Me desculpe. Não me disseram que ele estava com visitas. Volto depois. — Fez menção em sair, desejando desaparecer o mais rápido possível.

— E você, quem é? — O tom da mulher soou seco e inquisitivo.

— Jenny. Jenny Parker. Sou a fisioterapeuta do Dylan. Quer dizer, sou a assistente do Dr. Simon, o fisioterapeuta — a garota gaguejou sob o olhar gélido que recebia.

— Ah, sim. Claro! Desculpe-me, não te reconheci. Você está — a olhou dos pés à cabeça — diferente. Cresceu! — Respondeu, depois de um tempo somente fitando-a.

Jenny tentou puxar à memória alguma vez que já havia estado com daquela mulher, para ela falar com tanta intimidade, mas não se lembrou de nada. Deduziu que fosse a mãe de Dylan, mas não se atreveu a perguntar.

— Vou esperar lá fora — disse a garota, dando um passo em direção ao corredor.

— Não será necessário. Eu já estou de saída. — A mulher respirou fundo, depositando um beijo na testa de Dylan.

— Já está indo, senhora Fox? — Sarah entrou no quarto, com seu habitual sorriso simpático, confirmando as suspeitas de Jenny.

— Não posso ficar muito tempo hoje. Tenho uma reunião daqui a algumas horas e preciso ser pontual. — A mulher sorriu fracamente, ajeitando a alça da bolsa no ombro e conferindo o relógio em seu pulso.

— Tudo bem. — Sarah pareceu desapontada.

— Foi um prazer te ver, senhorita Parker. Mande lembranças a sua mãe — falou antes de sair.

— Você já conhecia Darla Fox? — Sarah indagou, indo em direção ao paciente.

— Eu não. Mas parece que ela me conhece. O que é estranho. — Franziu a testa ainda tentando recordar. — Não me lembro de ter me encontrado com ela em outra ocasião. — Jenny deu de ombros, seguindo logo atrás da enfermeira. — Os pais dele vêm aqui com frequência?

— A mãe sim. Aparece pelo menos três vezes por semana. O pai, apenas uma vez. Sempre nas sextas-feiras.

— Não deve ser fácil para eles verem o filho nesse estado. — Jenny encarou o jovem, cheia de compaixão.

— Tenho certeza que não. Porém, acho que eles deveriam ser mais presentes. Isso ajuda muito o paciente em sua recuperação — falou Sarah com pesar.

— E o que eles fazem quando vêm. Ficam conversando com ele?

— Nunca fico aqui no horário das visitas. Mas, nas poucas vezes que presenciei os três juntos foi estranho. A mãe ficou ao lado da cama o tempo todo chorando, e o pai sempre traz um livro.

— O senhor Fox lê para o filho?

— Antes fosse! Mas não. Ele simplesmente planta o traseiro naquela poltrona e lá fica lendo em silêncio.

— Você já disse a eles que é bom interagir? Ler deve fazer bem também.

— Já conversei diversas vezes com eles a respeito e já desisti também. Não deram a mínima para as minhas instruções. — Lançou um olhar significativo para a garota. — A maioria não dá.

— Eu sinto muito por ontem. — Jenny tratou logo de se explicar. — Deveria ter seguido suas instruções.

Jenny ainda se sentia mal. Depois de tudo que leu na internet compreendeu o porquê de a enfermeira insistir tanto para que todos que tivesse contato com o garoto falasse com ele.

— Está tudo bem, querida. — Sarah voltou sua atenção ao paciente. — Bom dia, bonitão — ela cumprimentou Dylan tocando sua mão. — A senhorita Parker está aqui para seus exercícios. Eu sei que ela não é muito de falar. — Olhou de relance para a garota. — Então, não a chateie, está bem?

— Eu pensei muito em tudo que você me disse ontem. Pesquisei também... — disse Jenny pausadamente.

— Jura? — O rosto de Sarah se iluminou com expectativa. — E o que descobriu?

— Você estava certa. Li vários artigos de faculdades sobre pacientes em coma e descobri algo incrível! — A garota abriu a bolsa e retirou o discman cheio de adesivos coloridos.

— Descobriu o discman? — A enfermeira franziu o cenho. — Talvez você ainda não saiba, mas agora já temos o MP3 player. Você está atrasada — provocou com um risinho.

— Não! — Jenny também sorri. — Musicoterapia. — Balançou o aparelho no ar. — Estudos comprovam que a música tem poder de cura.

— Como não pensei nisso antes? — Sarah ficou eufórica, agarrando-se ao objeto.

— Espero que não se importe de eu colocar o Dylan para ouvir algumas músicas enquanto eu estiver fazendo as sessões. Acho que ajudará mais do que eu ficar falando.

— Não só pode, como deve! Se você não se importar, poderia deixar o aparelho aqui para eu pôr pra ele ouvir à noite também. Tenho certeza que ele amaria. Não é Dylan? — Sarah perguntou, olhando para o rapaz, como se ele fosse respondê-la.

— Sem problema. Posso deixar sim. Trouxe também alguns CDs, assim ele terá variedades de músicas para escutar. Não sei se é o que ele gosta de ouvir, mas são as minhas preferidas.

— Tenho certeza que ele vai amar. — A enfermeira conferiu os aparelhos ligados ao paciente. — Tenho que ir ver os outros agora. Volto aqui mais tarde.

Sarah saiu do quarto, deixando-os sozinhos como no dia anterior.

Jenny mordeu os lábios por dentro, respirando fundo. Mesmo ele estando alheio a sua presença, ela sentia-se totalmente sem jeito quando estava a sós com ele.

— Olá, Dylan — disse depois que a porta se fechou, aproximando do rapaz, ainda retraída. — Trouxe algo para você, espero que goste.

A moça colocou um dos CDs dentro do aparelho, ligando-o. Em seguida, conferiu o volume, certificando que não estivesse muito alto.

— Você gosta de música? Espero que sim, caso contrário, você vai me odiar por ter essa ideia. — Jenny se pegou sorrindo, então pigarreou. — Essa é uma banda cristã chamada hillsong. Enquanto você ouve, faremos seus exercícios.

Ela estava começando a se sentir à vontade. De repente, tudo era mais natural do que imaginou que seria. Conversar com ele não era tão estranho assim. Apesar de não obter resposta alguma, notou que poderia fazer aquilo sem receio.

— Vou pôr os fones em você.

Assim que o fez, algo aconteceu, fazendo com que os olhos de Jenny se enchessem de lágrimas e surpresa. A pele do braço de Dylan se arrepiou no mesmo instante que a música começou a tocar.

— Ai, meu Deus!

Eufórica, ela apertou o botão para chamar a enfermeira, diversas vezes. Em poucos instantes, Sarah irrompeu pela porta.

— O que houve? — Olhou para cama com expectativa, mas logo mudou sua expressão ao ver Dylan ainda imóvel.

— Veja isso. — Jenny apontou para a pele eriçada do rapaz. — Aconteceu assim que coloquei os fones no ouvido nele.

— Ai, meu Deus! Isso é incrível. É uma resposta. Ele gostou! Ele realmente está ouvindo. Tenho que contar ao médico. Temos que fazer isso com todos os outros pacientes! — Sarah saiu correndo do quarto.

Jenny não queria chorar, mas a emoção tomou conta dela naquele instante. Então, se deixou levar pelo sentimento.

Diferente do dia anterior, Jenny se sentiu mais confortável para tocar em Dylan durante o resto da sessão de fisioterapia. Talvez fosse coisa de sua cabeça, porém, uma ligação entre eles estava sendo criada. Como era possível? Era apenas seu segundo dia em contato com ele. Mas, mesmo assim, se sentiu bem. Em sua mente já bolava mil maneiras de poder ajudá-lo a sair daquela situação e sabia por onde começaria.

Quando terminou seu trabalho, Sarah ainda não havia voltado. Aproveitando, então, a oportunidade, Jenny se aproximou novamente da cama e segurou as mãos do rapaz entre as suas a fim de colocar seu primeiro plano em prática.

— Posso fazer uma oração por você, Dylan? — perguntou fechando os olhos.



Capítulo 15

Semanas se passaram e o quadro clínico de Dylan permaneceu inalterado. As sessões continuaram religiosamente todos os dias, no mesmo horário. Independente se estava chovendo, fazendo frio ou calor, Jenny dirigia até Madison sem reclamar para atendê-lo.

Tudo aquilo havia se tornado prazeroso para a moça. Saía da clínica pensando na volta e o que faria de diferente no dia seguinte. Além das músicas, ela também começou a ler para o paciente. Sarah havia informado que as visitas dos pais de Dylan eram cada vez menos frequentes, e quando iam não ficavam mais que quinze minutos. Ela sentiu-se na obrigação de fazer algo pelo rapaz, já que a própria família havia, de certa forma, o abandonado. Começou a passar mais tempo com o soldado do que com os amigos ou até mesmo em casa.

— Mãe? — Jenny chamou assim que entrou pela porta de casa, depois de retornar do trabalho.

— Aqui na cozinha — Marina respondeu, terminando de colocar alguns pratos na lava louça. — Você demorou hoje. Está tudo bem?

— Sim. Fui falar com o Dr. Simon depois que cheguei de Madison.

— Sobre o quê? — Marina indagou rapidamente, virando-se de frente para a filha.

— Coisas do trabalho. — Intrigada, Jenny crispou os olhos em direção a mãe. — Por que a pergunta?

— Nada! — exclamou elevando a voz algumas oitavas acima. — Você está com fome? Seu jantar está na geladeira. Fiz frango do jeito que você gosta. Molho suave nem picante nem salgado, ao ponto.

Marina foi até a geladeira, pegou o prato da filha e pôs no micro-ondas sem esperar que a garota respondesse.

— Mãe? — Jenny percebeu que sua genitora não agia no seu normal.

— O que é? — Ela voltou a olhar para a filha com os olhos em alerta.

— Respira. — Jenny sorriu, enquanto a senhora soltava o ar preso nos pulmões. — Você está bem?

— Claro! Só estou cansada. Hoje o dia foi bem puxado e... Vou me deitar. Boa noite, querida!

Marina depositou um beijo na testa da filha, indo em direção às escadas às pressas.

A garota notou que depois de ter pronunciado o nome do patrão, Marina começou a agir diferente. Achou estranho. Aliás, nos últimos meses, sempre que Simon era citado, a mãe comportava-se suspeitamente. Jenny fez uma anotação mental. Depois apuraria essa situação.

— Mãe! Preciso falar com a senhora. Será que você não teria cinco minutinhos para mim?

— Ah, claro! — A mais velha mordeu os lábios inferiores. Hábito que Jey havia herdado da genitora.

— Está tudo bem mesmo? — A moça voltou a perguntar, cada vez mais intrigada.

— Sim. Pode falar. O que quer conversar?

— De onde conhecemos Darla Fox? — A fisionomia de Marina mudou imediatamente.

— Darla?

— Sim. A mãe do Dylan Fox. Ela estava lá na clínica há algumas semanas e falou comigo como se me conhecesse. Mandou lembranças à senhora e tudo. Eu havia me esquecido de te perguntar sobre isso, mas hoje ela foi lá de novo e eu não consigo me lembrar se já nos conhecíamos de algum lugar. Acho que me lembraria.

— Bem, Darla e eu não nos falamos desde o ensino médio. No entanto, moramos em Oregon. Todo mundo aqui se conhece.

— É que ela falou como se fossemos íntimas e comentou o quanto eu havia crescido. — Marina foi aparentando ainda mais desconforto à medida que a filha ia falando.

— Não sei por que falou isso. Olha, querida, eu realmente estou exausta. Podemos conversar outra hora?

— Claro. Vai descansar.

Marina sorriu e saiu da cozinha, deixando a filha confusa por causa do seu comportamento mais uma vez.

O celular da jovem apitou, indicando a chegada de um torpedo.

"Você sabia que existe vida além do trabalho? Encontre-nos no Cantina em dez minutos. Não aceitamos não como resposta."

Léxis e Matt.

Jenny sorriu ao ler a mensagem enviada pela amiga. Realmente, fazia muito tempo que não saía com eles e precisava espairecer um pouco. Depois de avisar a mãe, dirigiu até o local marcado e estacionou ao lado do mustang de Matt. Quando entrou no restaurante, o cheiro de molho de tomate e alho frito a cumprimentou. Léxis a viu primeiro e acenou.

— Que bom que veio. Você está trabalhando demais, amiga. Até parece que se esqueceu de nós — Léxis reclamou assim que Jenny se juntou a eles na mesa.

— Oi para você também. — Ela sorriu, ignorando os protestos.

— Eu fui à clínica hoje e eles me disseram que você não vai lá há semanas. — Léxis semicerrou os olhos, desprezando o cumprimento.

— Estou atendendo um paciente em Madison e isso está tomando bastante do meu tempo.

— Madison? Por que tão longe? — Matt quis saber, apoiando os cotovelos na mesa.

— A família do paciente e o doutor Simon são velhos conhecidos.

— Então, por que você é quem tem que ir até lá e não ele? — Léxis perguntou em seguida.

Aquilo era um interrogatório?

— Porque esse é meu trabalho. Vem cá, me chamaram aqui para me interrogar ou para termos um momento bacana entre amigos?

O garçom se aproximou, colocando três copos grandes de Cherry Coke sobre a mesa.

— E quem é esse paciente? — Matt encarou Jenny, ignorando seus protestos.

Ela emudeceu.

Jenny não havia dito aos amigos que estava vendo Dylan Fox todos os dias. Não tinha uma explicação para isso, só não quis contar. Talvez por achar que eles não apoiariam tudo que vinha fazendo pelo rapaz e as intermináveis horas extras lendo, conversando e até mesmo orando por ele. Seria motivo de discórdia entre os três, levando em conta tudo que o soldado havia feito com os amigos e com ela. Sabia, com toda certeza, que Matt surtaria e faria a maior cena assim que tomasse conhecimento da situação.

Léxis não sabia de tudo o que havia acontecido na formatura, mas dadas as circunstâncias e sabendo o quanto ela desejava que Noah estivesse vivo, preferiu não tocar no assunto com a amiga também. Então,

manteve em segredo, sem saber se aquilo era mesmo necessário, porém com medo da proporção que a informação tomaria.

Jenny pegou seu copo e começou a beber, procurando deixar sua boca ocupada.

— Disseram que Dylan Fox está internado em uma clínica em Madison — Matt continuou e Jenny se engasgou com o refrigerante.

— Então é verdade! — Léxis debruçou sobre a mesa de forma intimidadora. — Por que não nos contou que estava sendo a fisioterapeuta dele?

— É, Jey, por que não nos contou? — Matt cruzou os braços a espera de uma resposta.

— Por que eu deveria contar? É um paciente como outro qualquer!

— Não é não. É o Dylan Fox — Léxis enfatizou.

— Não é mesmo! — o rapaz concordou. — Se você estivesse só fazendo o seu trabalho, eu não falaria nada. Mas, pelo que fiquei sabendo, você virou uma espécie e babá do cara. Depois de tudo que ele fez pra gente!

— O que ele fez pra gente? — Léxis virou-se confusa para o amigo.

— Ele não fez nada! — Jenny lançou um olhar duro em direção a Matt. — Pessoal, esse é o meu trabalho. Eu já disse.

— Seu trabalho é ir lá e fazer sessões de no máximo trinta minutos. Jéssica disse que você passa o dia todo com ele.

— Jéssica? E desde quando vocês são amigos? — Jenny perguntou, não entendendo o porquê de sua colega de trabalho ter entrado na conversa de repente. Mas logo se lembrou de que a menina era apaixonada por seu amigo, então sorriu. — Vocês...

— Não tente mudar o rumo da nossa conversa, Jey! — Matt interrompeu.

— Quem é Jéssica? — Léxis tentava entender o sorriso travesso da melhor amiga.

— Esquece a Jéssica! Concentra-se no Dylan. — Enfurecido, Matt tentou voltar ao foco inicial da conversa.

— Eu não estou entendendo nada. Dá para me explicar? — Léxis começou a se estressar.

— Você conta ou eu conto? — o rapaz perguntou, ainda encarando Jenny.

— Por que você está fazendo isso? — ela indagou, sentindo um nó se formar em sua garganta. — Isso não importa mais.

O silêncio reinou entre o trio, quebrado apenas pelo burburinho das conversas espalhadas pela lanchonete.

— Dylan e os amigos apostaram que nos fariam de trouxas no dia da formatura. Por isso Ashley dançou comigo, Noah se *“encantou”* por você e Dylan pela Jey. Era tudo uma maldita aposta. — Matt cuspiu a última frase entredentes.

Jenny fechou os olhos, enquanto os da amiga iam e vinha entre os dois amigos.

— O quê? Você sabia disso, Jey? — Léxis parecia não acreditar no que acabara de ouvir.

Quando a outra não respondeu, desabou no choro.

— Viu só o que você fez? — Jenny advertiu Matt, que revirou os olhos.

— Tudo não passou de uma aposta? Eu... Engravidei por causa de uma droga de aposta? — Léxis se alterou, atraindo a atenção das pessoas próximas a eles.

— Léxis...

— Vocês sabiam o tempo todo e não me contaram? Que espécie de amigos são vocês?

— Fica calma. As pessoas estão olhando — Matt pediu, mas foi ignorado.

— De você eu espero qualquer coisa. — Apontou o dedo para o amigo. — Mas de você, Jey... — Fungou chorando um pouco mais. — Você me decepcionou!

Quando Léxis saiu correndo porta afora, Jenny encarou Matt, furiosa.

— Satisfeito? — Seus olhos ardiam, enquanto impedia as lágrimas.

— Sinto muito, mas ela merecia saber!

— Não! Você não sente nada, Matt. Quando vai deixar de ser tão egoísta? Não te passou pela cabeça o que essa revelação causaria a ela? Léxis foi a maior prejudicada naquela brincadeira de mau gosto. Tudo que ela não precisava era saber o que houve. Não nesse momento.

Jenny não entendia o porquê de o amigo ter feito toda aquela cena, sabendo o quanto o assunto era delicado e como Léxis havia sofrido com a morte de Noah.

Quando saiu à procura da amiga, ela já tinha ido embora.

Voltou para casa lutando contra as lágrimas que insistiam em embaçar suas vistas. Só depois de fechar a porta do seu quarto atrás de si, foi que se permitiu colocar para fora todo o choro retraído dentro do peito.



Capítulo 16

Quando o despertador tocou naquela manhã, Jenny apenas o desligou e virou-se para o outro lado. Sentia o corpo dolorido e uma forte dor de cabeça, resultado da noite mal dormida. O que ela mais queria era passar as próximas horas enclausurada em seu quarto. Estava decidida a não ir até Madison, não naquele dia.

Acabou pegando no sono novamente em poucos instantes, sendo despertada muito tempo depois por sua mãe.

— Não tem que ir trabalhar hoje? — Marina entrou no quarto ao perceber que a filha não havia se levantado.

— Tenho, mas não vou. Pode avisar o doutor Simon, por favor? — Puxou o cobertor até o queixo.

— Claro. Está se sentindo bem? Precisa de algum analgésico?

— Só algo para dor de cabeça. Parece que tem um macaco maluco usando o meu crânio como bateria.

Marina sorriu e saiu para buscar o medicamento. Quando voltou, a moça estava sentada na cama com o olhar fixo em um ponto invisível. Uma lágrima escapou dos seus olhos, mas ela a limpou rapidamente.

— Tem certeza que está sentindo apenas uma dor de cabeça? — a mãe perguntou preocupada, vendo que a garota não estava nada bem e que algo a mais estava acontecendo.

— Sim. — Jenny fungou, enxugando o rosto novamente, forçando um sorriso que ao menos chegou aos olhos. — Obrigada.

— Descansa. Vou pedir ao Edward se posso sair um pouco mais cedo hoje, já que você não está se sentindo bem.

— Edward, hein? — Jenny gracejou apesar do mal-estar.

— O que é?

— Vocês parecem bem íntimos ultimamente. Já nem o chama mais pelo sobrenome, somente... Edward. Posso até apostar que ele te chama de Mari. — Marina olhou com reprovação para a filha.

— Vai se deitar, menina. Acho que sua dor de cabeça já está afetando partes importantes do seu cérebro.

— Eu apoio essa união, mãe. Dr. Simon é uma boa pessoa e vocês se conhecem há tantos anos. Os dois são viúvos e ainda são novos...

— Não fale besteiras, Jey! — O rubor tomou conta do rosto da mulher.

— É sério! Vocês formam um belo casal.

— Descanse. — Marina forçou a filha a se deitar, depositando um beijo no topo de sua cabeça. — Estarei de volta dentro de algumas horas.

Depois que sua mãe saiu, Jenny não conseguiu voltar a dormir. Um milhão de coisas passavam por sua cabeça, impedindo-a de repousar. Precisava conversar com Léxis e se explicar. Devia-lhe um pedido de desculpas e odiava ficar brigada com a melhor amiga por muito tempo. Sem falar que já estava sentindo falta da sua rotina das últimas semanas. Àquela hora deveria estar na clínica com o Dylan e não deitada remoendo culpa.

Ignorando a dor pulsante na fronte, levantou-se decidida a ir consertar as coisas. Viu no registro de chamadas perdida do celular que Sarah havia ligado algumas vezes, mas ignorou. Mais tarde retornaria a chamada e explicaria o porquê de não ter comparecido. Dylan ficaria bem e não seria um dia sem exercícios que o faria piorar.

Quando chegou à casa de Léxis, encontrou-a brincando com o filho no gramado em frente à residência.

— Oi. Precisamos conversar — Jenny falou aflita.

— Acho que tudo já foi dito na noite passada.

— Preciso esclarecer o que você ouviu ontem.

— Pareceu bem claro para mim, Jey. — Lançou um olhar duro para a amiga.

— Me perdoe. Eu só estava tentando te proteger — sua voz embargou.

— Não sou uma criança que precisa de proteção. Não tinha o direito de esconder isso de mim. Quando você descobriu? — Léxis se levantou e a encarou.

Jenny abaixou a cabeça e encarou a grama, incapaz de olhar nos olhos de Léxis naquele momento.

— Na noite do baile. Eu estava no banheiro e ouvi uma conversa da Ashley e suas amigas. Quando saí de lá, você já havia ido embora com o

Noah. Eu tentei te ligar. Tentei impedir, mas já era tarde demais.

— Você me viu no outro dia. Por que não me contou? — Gesticulava com os braços, furiosa. — Agora eu entendo o porquê de todo o desprezo do Noah quando o procurei no desfile. Eu te contei isso também e mesmo assim você ficou calada — acusou com o dedo apontado para a outra.

— Você já estava sofrendo, não queria dar o golpe de misericórdia. — Lágrimas surgiram nos olhos claros de Jenny, quando enfim encarou a amiga.

— Então você esperou cicatrizar para depois me fazer sofrer tudo de novo! — Léxis sorriu sarcástica.

— Não, Léxis! Não é nada disso. Eu só estava tentando te proteger. Você é minha melhor amiga, não queria te ver sofrer ainda mais. Se soubesse que tudo tinha sido uma aposta, teria tido o Mike mesmo assim?

— Eu... Eu, não sei. — A mãe solteira havia pensado seriamente em tudo aquilo durante a noite.

— Está vendo? As coisas teriam sido piores para você enfrentar.

Por um longo tempo, nenhuma das duas falou. Uma brisa suave passou por elas, agitando as plantas do jardim, enquanto ambas observavam Mike brincar tranquilamente.

— Você deveria ter me contado — disse Léxis com um longo suspiro. — Não tinha o direito de esconder isso de mim.

— Tem razão.

Deus sabia o quanto aquele segredo a havia corroído por dentro durante todos aqueles anos. Omitir aquela informação da melhor amiga trazia tantos sentimentos ruins, que se sentiu aliviada por finalmente se livrar daquele segredo.

— Nunca mais esconda nada de mim. — Léxis a abraçou. — Eu te perdoo, vamos esquecer isso.

— Obrigada.

Em seguida as duas se sentaram na varanda. Enquanto cuidavam de Mike, as amigas conversavam amenidades. Jenny percebeu naquele momento o quanto ela havia sentido falta disso. Só ela e Léxis, jogando conversa fora.

O telefone tocou outra vez, mas a Jenny ignorou. Precisava um pouco mais daquele momento.

— Não vai atender?

— É a Sarah querendo saber o porquê não fui até Madison hoje. Eu ligo depois.

O telefone tocou novamente.

— Parece que ela está preocupada. Deveria atender.

Jenny negou com a cabeça, desligando o aparelho.

— Como ele está? — perguntou Léxis.

— Bem, na medida do possível.

— Como consegue cuidar dele depois de tudo?

— Quando soube que o teria como paciente, eu recusei. Porém, não tive muita escolha. Como eu disse ontem, esse é meu trabalho. — Léxis assentiu. — Foi horrível chegar lá no primeiro dia. Só que depois, tudo mudou. Vê-lo naquele estado... — Jenny engasgou com o nó que se formava em sua garganta outra vez. — Ele Precisava de mim e eu quis ajudá-lo. Quando percebi, não era mais uma obrigação, se tornou prazeroso. Não sei até quando Dylan ficará nessa situação e eu não me importo em me dispor a ir lá todos os dias. Ajudarei enquanto precisar de mim.

— Você tem um coração tão puro! — Léxis sorriu também emocionada. — Gostaria de ser assim também.

— Só faço o que gostaria que fizessem por mim. Não me custa nada e se você se esforçar um pouquinho, também conseguirá. — Sorriu, abraçando a amiga.



Quando Jenny voltou para casa, sua mãe já havia chegado do trabalho e estava furiosa.

— Onde estava? Eu disse que voltaria mais cedo. Achei que não estivesse bem! Você não me fez mentir para o Edw... Dr. Simon — corrigiu rapidamente —, fez?

— Não! Eu realmente não estava bem. Mas precisava falar com a Léxis, por isso saí.

— Ligaram da clínica de repouso. Disseram que estão tentando falar com você durante toda a manhã e não conseguiram. Pareceu ser urgente.

— Sarah deve estar querendo saber por que eu não fui trabalhar hoje. Vou subir. Ligo para ela lá do meu quarto.

— Não demora. O Almoço está quase pronto.

Após ligar o aparelho, discar o número da enfermeira e mal ter colocado o telefone no ouvido, escutou o clique de alguém atendo.

— Meu Deus, Jenny, por que você não atende essa coisa quando alguém liga para você? — Sarah inquiriu indignada.

— Desculpa! Eu não estava me sentindo bem — a garota se defendeu.

— Sua mãe já me avisou, mas custava atender as minhas ligações? — abrandou a voz e depois perguntou: — Você já está melhor?

— Sim. Amanhã estarei aí antes da hora para compensar minha falta. Prometo!

— Não será necessário. — Jenny não soube decifrar o tom de voz da enfermeira naquela afirmação.

— O quê? Por quê?

— Era sobre isso que eu queria falar com você. — Sarah suspirou. — Por isso liguei tantas vezes. Você não vai acreditar no que aconteceu.

— Sarah, fala logo! O Dylan está bem? — Jenny sentiu o estômago apertar.

Houve um longo silêncio do outro lado da linha. Apenas se escutava a respiração pesada da senhora.

— Ele acordou.

Tudo ficou em câmera lenta de repente, enquanto Jenny tentava assimilar a notícia. Uma mistura de alívio e outra coisa, que ela não soube compreender naquele instante, tomou conta de seu corpo. Lágrimas vieram à tona e tudo que ela conseguiu fazer foi desabar na cadeira próxima a penteadeira.

— Oi? Você está aí? — Sarah a trouxe de volta.

— Sim. — Sua voz saiu embargada, então ela pigarreou. — Como aconteceu?

— Foi logo pela manhã, no horário dos exercícios. Era para você está aqui. Ia ser fantástico se estivesse!

Jenny não sabia se gostaria que isso tivesse acontecido. Temia não saber como agir. Seria um tanto quanto embaraçoso. Estar lá quando ele não notava sua presença era uma coisa, e outra totalmente diferente era vê-lo acordado, olhando para ela. Olhar aquele que ela nunca esquecera, desde o baile.

— Como ele está? — Tentou manter a calma.

— Bem, está desorientado, como era de se esperar. Não tive tempo de falar com ele. Foi encaminhado ao hospital rapidamente para ser avaliado. Mas creio que deverá seguir com a fisioterapia. Dylan passou muito tempo sem andar, sem falar que fez uma cirurgia na perna. Oportunidades para vocês se encontrarem não irão faltar. — Sarah sorriu. — Ele precisa saber quem é a dona da voz que estava constantemente com ele enquanto dormia.

— Não sabemos se ele realmente me ouvia e acho que agora será com o Dr. Simon. Meu trabalho foi concluído.

No que dependesse dela, nunca mais se encontraria com ele. Aquilo estava fora de cogitação.

Alguém chamou por Sarah do outro lado da linha.

— Olha, eu preciso desligar agora. Mas saiba que gostei muito de ter te conhecido, menina. Não se esqueça dessa velha aqui. Venha me visitar.

— Vou sim. Também amei te conhecer e será muito bem-vinda a Oregon sempre que quiser.

Depois de encerrar a ligação, a garota permaneceu sentada, encarando sua imagem refletida no espelho a sua frente.

Dylan estava acordado. Tinha vencido o coma!

Quando se virou, avistou a gravata colorida pendurada na cabeceira da cama e, por uma fração de segundos, vislumbrou o soldado usando-a, posicionado logo abaixo de um arco de flores brancas. Jenny saltou da cadeira surpresa com os pensamentos repentinos que acabara de invadir sua cabeça sem pedir licença.

Com passos largos alcançou a gravata, jogou o objeto dentro da gaveta do móvel ao lado da cama e levou a mão ao coração, prestes a sair pela boca.



Capítulo 17

Dylan fitava o teto do quarto, ainda tentando compreender tudo o que havia acontecido desde que abriu os olhos há alguns dias. A claridade feriu suas retinas no primeiro momento e um grito agudo soou bem ao seu lado, forçando abri-los novamente.

Ainda tentando se localizar, viu uma senhora de meia idade, com roupas brancas e cabelos grisalhos, encarando-o com surpresa e um largo sorriso nos lábios.

— Você acordou! Você acordou! Você acordou! — Repetia sem respirar.

Atropelando tudo que encontrava pela frente, Sarah correu até o interfone para chamar o médico de plantão. O rapaz tentou se mexer, no entanto, seu corpo não respondeu. A impressão era que estava pesando uma tonelada e por mais que se esforçasse, seus músculos não se moviam.

Ele se apavorou.

— Calma! — Sarah voltou para perto da cama. — Está tudo bem. Tente não se mover.

Com a respiração ofegante, Dylan movia a cabeça olhando para o quarto, a fim de se localizar. Tudo em sua volta estava desfocado. A mulher lhe pedia para ficar parado, mas ele não conseguia enxergar o seu rosto. Tudo parecia sufocá-lo.

— Onde estou? — sua voz saiu rouca e trêmula após Sarah retirar o tubo de respiração.

— Você está em uma clínica, em Madison, Wisconsin. Tente se acalmar. O médico já está vindo.

— Por que não consigo me mover? — perguntou aflito.

— Você acabou de sair de um longo período de coma. É normal não conseguir se mexer nas primeiras horas. Daqui a pouco o seu cérebro voltará a dar os comandos corretos. Sua visão deve estar desfocada também. Não se preocupe, apenas respire e se acalme. Vai ficar tudo bem. — Dylan apertou os olhos com força e algumas lágrimas escaparam.

O médico entrou às pressas no quarto, seguido por uma equipe de profissionais e começaram a examiná-lo. A mente do soldado era um emaranhado de pensamentos confusos. A última coisa que se lembrava, era de estar no Iraque, patrulhando. Carlton estava ao seu lado. No carro da frente, seus amigos. Depois, uma bola de fogo surgiu do chão e então um clarão seguido escuridão.



Depois das primeiras avaliações, fora levado da clínica em que se encontrava para o hospital da cidade. Longas horas de exames e avaliações, parentes eufóricos e um trilhão de perguntas sem respostas haviam se passado. Agora ele se encontrava sozinho, ainda em observação. Para o seu alívio, já enxergava com clareza e conseguia se mover sem grandes dificuldades, apesar de precisar de auxílio para se levantar e andar.

Segundo o médico, por um grande milagre, ele não teria nenhuma sequela em decorrência da lesão cerebral que sofrera. Com o tempo e com o acompanhamento adequado, tudo voltaria a ser como antes do acidente.

No entanto, Dylan sabia que nunca mais seria o mesmo. Ainda tentava entender e assimilar os acontecimentos. Porém, o que mais o intrigava era: Por que todos desviavam do assunto quando perguntava dos amigos? Bem lá no fundo ele sabia o motivo, mas se negava a acreditar.

— Com licença. — O psicólogo entrou no quarto para a sua avalição final antes da alta hospitalar. — Como se sente?

— Confuso... — Dylan se ajeitou na cama e apertou a mão do senhor de aparência simpática.

— Imagino, afinal de contas você ficou muito tempo inconsciente. Mas tudo voltará ao normal, não se preocupe. Estou aqui para te ajudar a

assimilar tudo que aconteceu.

Dylan apenas assentiu. Não tinha vontade de conversar naquele momento. Quanto mais pensava, mais confuso ficava.

— Preciso que você me conte do que se lembra de antes do incidente. — O homem sentou em uma poltrona de frente para a cama.

Indo contra sua vontade, o jovem começou a falar:

— Eu estava no Iraque e lembro-me de estarmos em uma patrulha de rotina. Meus amigos iam no carro da frente. O sol brilhava silencioso no horizonte. Não estava quente naquele dia. Carlton cantava uma música... — Dylan parou de falar, contraindo o rosto e tentando não chorar. — Preciso lhe perguntar uma coisa e não quero que minta para mim ou mude de assunto como todos fizeram até agora — disse com a voz embarcada.

— Pode perguntar.

— O que aconteceu com meus amigos?

O senhor a sua frente empalideceu. Não esperava ser ele a dar as más notícias.

— Eu... Sinto muito, Dylan. Infelizmente, eles não tiveram a mesma sorte que você — falou cauteloso. Visivelmente abalado, o soldado não se preocupou em esconder suas lágrimas. — Eu sinto muito.

— Todos? — Dylan se recusava a acreditar que suas suspeitas estivessem certas.

— Sim.

O rapaz tampou o rosto com as mãos e chorou compulsivamente. Uma dor dilacerante tomava conta de seu coração. Lembrou-se que os amigos estavam chateados por saber que ele havia se tornado cristão, o que só piorou o que sentia. A culpa era toda dele. Havia arrastado cada um para aquela maldita guerra. Ele tinha escondido algo importante por meses, traindo, assim, a cumplicidade entre o grupo.

O psicólogo aguardou em silêncio até Dylan se recompor.

— Até o Carlton? Ele estava comigo no meu carro. Lembro-me de não sermos atingido diretamente pela explosão.

— Desculpe, não tenho informação dos outros soldados, apenas dos que moravam em Oregon. Foram todos trazidos e sepultados lá.

Um longo silêncio se estendeu.

Carlton era importante para ele. Era o seu pai na fé. Desejava com todas as suas forças que o amigo estivesse bem. Iria procurá-lo assim que saísse dali. Mas de onde ele era mesmo? Tentou buscar na memória, porém não conseguia se lembrar. Será que Carlton havia lhe dito de onde vinha?

— Eu sei que tudo isso é pesado demais para você assimilar em tão pouco tempo, mas precisamos continuar. — O doutor interrompeu seus

pensamentos. — Tudo bem para você? — Dylan assentiu. — Depois da explosão, se lembra de mais alguma coisa? Talvez de algo enquanto estava em coma, qualquer coisa.

— Não muito. Mas as imagens ficam rodando a minha mente sem parar.

— Pode me descrever?

— Logo depois da explosão, era como se eu estivesse em um lugar com um imenso gramado verde. Parecia sem fim. O céu tinha um azul límpido e intenso. Era silencioso. Tudo que eu sentia era uma paz muito grande. Por fim comecei a me incomodar depois de um tempo. Era quieto demais. Sentia-me sufocado! Queria sair de lá. Eu corria, mas não encontrava a saída. Um tempo depois não era tão silencioso como antes. Toda a quietude foi substituída por música, então senti paz novamente.

— Música? Que tipo de música?

— Músicas tranquilas e outras mais alegres. Vários tipos e estilos diferentes. — Ele sorriu com as lembranças desfocadas.

— Do que mais se lembra, Dylan?

Ele pensou um pouco antes de responder.

— Da voz de uma garota. — O rapaz franziu o cenho, intrigado.

Por que ela não estava lá antes?

Tinha consciência que aquilo poderia ser fruto da sua imaginação. Mas tudo era real para ele. Se fechasse os olhos seria capaz de reviver todas as sensações novamente. A música, a paz e o timbre calmo e sereno da voz dela...



— Pronto para ir para casa? — Darla Fox sorriu animada. O pesadelo havia acabado e finalmente tinha seu filho de volta. — Algum problema? Está se sentindo bem? — perguntou com preocupação ao ver o filho sério e com os olhos fitos em um ponto qualquer.

— Não era para eu estar aqui. — Ele suspirou pesadamente, olhando para ela.

— Não diga isso! Claro que era para você estar aqui — Darla o advertiu.

— Eu é que deveria estar morto, mãe, não eles. Foi ideia minha ir para a guerra. Eram para estarem todos vivos! Se eu não tivesse...

— Dylan! Não diga bobagens. Eles foram porque quiseram. Não se culpe pelo que aconteceu. Todos tiveram a oportunidade de voltar meses depois, mas preferiram ficar. Foi uma fatalidade e não teve nada a ver com você.

— Fala isso porque eu estou aqui! E se a situação fosse totalmente o contrário?

— Mas não é! Será que você não pode ser grato por estar bem e vivo? Você não tem ideia do que eu passei, e ouvir você dizer isso é dilacerante. — A mãe falou com a voz embargada.

Dylan virou o rosto para o outro lado, a fim de esconder às lágrimas. Havia passado a noite em claro pensando nos amigos. Se ele não tivesse tido a brilhante ideia de ir para a guerra, todos estariam vivos, cada um cursando suas faculdades, sãos e salvos. Não conseguia imaginar sua vida sem seus companheiros. Nunca haviam se separado desde o jardim de infância, mas agora era apenas ele. Como encararia os familiares dos amigos outra vez. Eles o odiariam e com razão.

— Eu sei que não deve ser fácil para você. — Darla prosseguiu. — Se conheciam desde criança, mas a culpa não foi sua.

Dylan permaneceu em silêncio. Nada que lhe falassem era capaz de tirar a dor que assombrava o seu interior.

— Vamos para casa e você verá que aos poucos sua vida voltará ao normal.

— Nada será como antes — respondeu entredentes.

Irritava-o a falta de sensibilidade de sua genitora.

Não estava tudo bem e não queria que ficasse tudo bem. A seu ver, desejar isso era egoísmo demais. Ele deveria sofrer e, mesmo assim, seria pouco comparado ao destino que os demais tiveram.

— Eu sei que não. Mas você está tendo uma nova chance. Não a desperdice com pensamentos depressivos. Eu te amo e estou feliz que tenha voltado. Fique feliz por isso também.

A mulher depositou um beijo no topo da cabeça do rapaz. Seu coração apertado lhe dizia que ainda teriam um longo caminho de superação pela frente.



Os pôsteres do Harry Potter colados na parede do seu antigo quarto, deram as boas-vindas a Dylan quando chegou em casa. O estômago se apertou ao se lembrar do primeiro contato com Carlton Lee. Dylan nunca imaginara que aquele soldado maluco se tornaria tão importante para ele.

Darla pôs os pertences do filho sobre o baú ao pé da cama e o observou suspirar algumas vezes.

— Deite-se, você precisa repousar.

— Não estou cansado.

A mãe mordeu os lábios por dentro, tentando ignorar a petulância do filho. O rapaz estivera de mau humor desde o dia anterior, quando descobrira tudo o que acontecera com os amigos. Ela sabia que era muita coisa para assimilar, mas ele estava indo longe demais se punindo por todo o ocorrido.

— O que está fazendo? — indagou ao vê-lo desfazer a mala. — Maria pode fazer isso depois.

— Eu sei guardar as minhas roupas. Não precisa incomodá-la, e para de ficar me tratando como criança.

— Você não pode fazer esforço enquanto não iniciar a fisioterapia. — Dylan revirou os olhos e respirou fundo.

— Não vou fazer fisioterapia.

— Por que não? — Darla indagou, indignada com a decisão do filho.

— Não quero fazer, só isso.

— Isso não está em discussão. Você precisa recuperar totalmente os seus movimentos. Principalmente da perna operada. — Darla deixou o último resquício de paciência esvair.

— Posso viver do jeito que estou.

— Isso é alguma piada? — A mãe deu um sorriso nervoso. — Vejo que você não perdeu o seu bom humor. Só que isso não tem graça.

— Não estou brincando — falou, contraindo o maxilar.

— E eu posso saber o porquê dessa decisão? — Ela cruzou os braços e o encarou.

— Não me parece justo.

— Eu achei que já tínhamos encerrado esse assunto. — Darla começou a retirar as roupas do filho da bolsa em uma vã tentativa de se acalmar.

— Eles perderam a vida, posso perder alguns movimentos. Sei que a comparação é grotesca, mas vou me sentir melhor.

A ira de Darla explodiu:

— Amanhã mesmo vou te levar de volta ao neurologista. Só pode ter ficado alguma sequela no seu cérebro! — esbravejou. — Não vou permitir esses pensamentos autodestrutivos. — Ela saiu do quarto aos prantos.

Dylan permaneceu imóvel por vários minutos depois que a porta bateu com força. Odiava vê-la assim. Mas o que poderia fazer? Não conseguia ter expectativa alguma para si no futuro. Tudo que queria era apenas passar os restos de seus dias trancado naquele quarto, definhando. Detestava a compaixão alheia e não se submeteria a isso. Já tinha recebido olhares de pena da família o suficiente. Não gostaria de ser tratado da mesma maneira por pessoas de fora.

Resmungando por conta da forte dor na perna, voltou-se para a mala, a fim de terminar de arrumar as roupas que a mãe havia abandonado. Ao tirar a última camiseta de dentro da bolsa, viu um discman no fundo.

Confuso, franziu o cenho ao erguer o objeto. Observou intrigado os diversos adesivos coloridos colados por todos os lados. Ao virar o aparelho, seu coração gelou quando leu o nome gravado na lateral. Se Noah estivesse vivo, juraria que havia lhe pregado uma peça, mas como não acreditava em fantasmas, tentou encontrar outra explicação para o nome de Jenny Parker está escrito ali.

Olhou para os lados como se fosse encontrar os amigos todos rindo dele naquele momento. Fechou os olhos com força, certo que tudo era apenas uma ilusão e que, ao abri-los, aquilo teria desaparecido. No entanto, nada aconteceu. O discman era real, assim como o nome gravado nele.



Capítulo 18

— Como assim, ele não veio?

Jenny guardava seu material de trabalho enquanto Jéssica tagarelava sem parar, encostada no batente da porta.

— Simplesmente não apareceu para a sessão que o doutor Simon marcou para ele essa manhã. Depois o ouvi ao telefone com a senhora Fox. Parecia ser sério. — A garota fez uma bola no chiclete que mascava.

— E por que está me contando tudo isso?

Jenny sabia que Dylan iniciaria suas sessões de fisioterapia naquele dia e por isso havia se trancado durante toda a manhã em sua sala, para não correr o risco de trombar com ele pelos corredores da clínica. Só de imaginar isso acontecendo, sentia as pernas moles como gelatina.

— Ah... Você cuidou dele enquanto estava em coma. Achei que se preocupava com seu bem-estar, já que fazia tanta hora extra.

Jéssica deu de ombros e abriu um sorriso travesso em seguida.

— Só estava fazendo meu trabalho — a outra respondeu indiferente.

— Não. O seu trabalho era fazer apenas as sessões. Porém você passava quase que o dia todo lá.

— Fiz uma amiga na clínica. Não ficava apenas por ele. — Jenny desconversou.

— Sei...

A colega sorriu, vendo a outra tão vermelha quanto um pimentão. Uma toalha voou, acertando Jessica no rosto.

— Eu odeio interromper a brincadeira, mas preciso falar com você, Jenny. — Dr. Simon entrou na sala no mesmo instante em que a secretária

jogava a toalha de volta. — Jéssica, cancele minha última consulta. Surgiu um compromisso inadiável. — Ele sorriu por um breve instante.

— Sim, senhor. — A menina saiu apressada.

— Eu sei que não é da minha conta, mas nunca vi o senhor cancelar suas sessões por causa de compromissos. O que é tão importante assim? — Jenny indagou cruzando os braços de modo inquisitivo.

Há tempos vinha notando um comportamento suspeito do seu chefe. Não só dele, mas de sua mãe também, que aliás, trabalhava na casa dele. Curiosamente, sempre que ele tinha um compromisso, ela também tinha. E naquele dia não foi diferente. Horas antes, havia recebido uma mensagem da mãe avisando que não jantaria em casa. Ela nunca jantava fora. Questionada, desconversou e apenas disse que tomaria um café com Shirley, sua melhor amiga. Porém, o que ela não ponderou foi que a tal amiga odiava café e ainda por cima se encontrava a três mil quilômetros de distância para participar do casamento da irmã, que seria no dia seguinte.

— Você está certa, não é da sua conta. — O senhor sorriu para a garota, voltando ao seu consultório.

— Por acaso você não vai jantar com minha mãe, vai? — Ele parou de repente, virando-se para a funcionária. — Eu sabia! — Jenny estalou os dedos, exibindo um sorriso vitorioso.

— E quem disse que você está certa? — Simon encarou a moça.

— Eu estou errada, Edward Simon? — Levantou as sobrancelhas, esperando uma resposta.

— Droga! Sua mãe vai me matar! — O homem levou as mãos ao rosto, ao ver um enorme sorriso sapeca se alargar nos lábios de sua auxiliar, enquanto ela batia palma com gritinhos histéricos.

— Você não me disse nada, eu adivinhei.

— Mari não quer que você saiba ainda. Eu não sei disfarçar e ela vai descobrir e depois vai me matar.

Simon voltou a andar, entrando em sua sala.

— Mari, hein? — A garota o seguiu, implicando.

— Isso é um assunto sério, Jenny. Eu sou um homem morto se ela descobrir.

— Eu sei, eu sei. Mas o que não entendo é que sempre a apoiei em suas decisões e até já disse que sou *super* a favor de vocês como um casal.

Assim que as palavras saíram, ela se arrependeu. Seriam dois assassinatos agora.

— Você apoia? — Simon pareceu surpreso e feliz.

— Sim. Acho que minha mãe merece e vejo como os olhos dela brilham quando ela fala o seu nome.

Agora era oficial. Marina mataria a filha se soubesse o rumo que aquela conversa estava tomando.

— Obrigado por me contar isso, Jey. Sua mãe é sempre tão reservada que eu preciso fazer um esforço descomunal para interpretar seus pensamentos. Fico um pouco mais aliviado em saber que o sentimento é recíproco.

— Isso é fácil de descobrir. Ela sempre funga quando está nervosa. Entrega-se totalmente com esse tique nervoso.

— Não é a rinite alérgica? — Ele uniu as sobrancelhas e sorriu.

— Mas não conte pra ela, por favor!

— Será nosso segredo. — Simon cruzou os dedos e piscou.

— O que queria falar comigo?

— Ah! Claro. Eu até já havia me esquecido. — Simon pigarreou, se ajeitando na cadeira e retomando sua postura de chefe. — Hoje iniciaria o tratamento de Dylan Fox, mas ele não apareceu.

A moça engoliu em seco ao ouvir o nome do rapaz.

— Aconteceu alguma coisa? — Usou sua voz indiferente, aquela que jurava esconder seus sentimentos.

— Aparentemente, não. Entrei em contato com a senhora Fox e ela me disse que ele simplesmente se recusa a continuar o tratamento. Parece que tem algo a ver com a perda dos amigos. Ela não quis falar ao telefone. Por isso marquei de ir até sua casa para que assim eu possa conversar com o Dylan e explicar as complicações que pode acarretar, caso ele não faça fisioterapia o quanto antes.

— Entendo. Mas onde eu entro nessa história?

— Como eu desmarquei com o último cliente de hoje, terei que atendê-lo no meu único horário vago de amanhã, que seria o tempo que usaria para ir até a casa dos Fox. Então, quero que você vá em meu lugar.

— Eu? — A voz da garota saiu esganiçada.

— Você o conhece. Passou meses o acompanhado enquanto ele estava em coma. E pode perfeitamente explicar o que vai acontecer, caso não faça o acompanhamento necessário.

— Mas...

— Por favor, Jey. Eu confio em você e sei que tudo que você falar, vai ser exatamente o que eu falaria — suplicou.

— Eu posso atender o seu cliente. Assim você poderá ir. — Jenny tentou escapar do compromisso.

— Mesmo que ele seja o senhor Wilson? — O doutor encostou-se à cadeira e cruza os braços.

Golpe baixo. Até quando o chefe a chantagearia?

Sabia que era errado, mas odiava aquele senhor arrogante e prepotente e era capaz de fazer qualquer coisa só para não ter que ficar na mesma sala que ele outra vez.

— Não é ele! — Torceu para que o patrão estivesse blefando.

— É sim. — Simon mostrou a ficha daquele que seria o seu próximo cliente do dia.

Jenny torceu os lábios e escorregou na cadeira ao ver que ele falava sério. Não existia martírio maior. Ou tinha? Respirou fundo, considerando seriamente atender o velho a ter que ir ver o Dylan. O que implicava em ele também vê-la. O que ela jurou que nunca mais aconteceria. Pior que isso! Teria que falar com ele. Definitivamente se encontrava entre a cruz e a espada.

Qual foi o meu pecado, Deus?

— Então? — Simon esperava sua resposta com expectativa. — Só a título de informação — ele prosseguiu —, o senhor Wilson marcou a consulta esperando que fosse você que o atenderia, já que ficou sabendo que tinha retornado sua rotina aqui na clínica. Vai mesmo satisfazer as suas expectativas? Soube que até comprou um perfume novo na lojinha da Beth e...

Que Deus me ajude!

— Ok. Você venceu. Eu vou.

Digamos que o gosto para perfumes do senhor Wilson fosse um tanto quanto... Peculiar. Seu estômago embrulhou só de pensar em ficar por uma hora inteira sentindo a tal fragrância.

— Sabia que podia contar com você. — Simon se levantou animado, conferindo as horas no relógio de pulso. — Nos vemos amanhã. Agora eu tenho um encontro. Deseje-me sorte! — Ela o olhou de cara feia. — Deixa pra lá. Sei que você torce por nós. — Simon saiu sorrindo, empolgado com o que estava por vir.

Aflita, Jenny mordeu os lábios e fitou a janela com desânimo.

Onde fui me meter?



No dia seguinte, com o carro estacionado na entrada da casa de Dylan, Jenny ainda tentava criar coragem para descer. Sensação parecida de quando teve que ir até a clínica de repouso e iniciar a fisioterapia. Só

que agora era, no mínimo, mil vezes pior. O rapaz estava acordado e ela realmente não sabia como se portar naquela situação.

Será que ele se lembraria dela?

Anos havia se passado desde o colegial e ela mudara desde então. Não muito, mas torcia para que as pequenas mudanças fossem o bastante para ele não a reconhecer.

Agarrada a esse pensamento. Saiu do carro e caminhou até a porta, hesitou, mas finalmente tocou a campainha.

Seja lá o que Deus quiser. Pensou, entregando seus temores nas mãos do seu Criador.

Algum tempo depois, Darla Fox abriu a porta. Pareceu procurar por Simon antes de olhar para Jenny.

— Não esperava que fosse você a vir — disse depois de certificar que era apenas a garota ali.

— Dr. Simon teve uma consulta remarcada para hoje de manhã, então pediu para que eu viesse em seu lugar.

— Tudo bem. Entre. — Darla finalmente desfez o semblante confuso e sorriu fracamente. — Não faz diferença, contando que convença o meu filho a fazer o tratamento. Aceita uma água, um chá ou um café?

— Não. Eu estou bem, obrigada.

— Vou chamá-lo. Fique à vontade. — A senhora indicou o sofá.

Darla subiu as escadas até o segundo andar da casa e Jenny se sentou por alguns instantes, porém, estava tão nervosa que se levantou um segundo depois.

Muitos quadros com fotografias decoravam o ambiente. Impulsionada pela curiosidade, se aproximou a fim de ver melhor. Em vários deles, Dylan aparecia ainda quando criança. Outros eram da época do colégio em seus jogos de futebol. Via que o esporte havia sido sua paixão desde muito pequeno. Os seus amigos apareciam com ele em algumas fotos. Vendo Noah ainda quando criança, percebeu a grande semelhança entre ele e o pequeno Mike. Eram idênticos. Sentiu o coração se apertar ao pensar que nunca os veriam lado a lado um dia.

Um longo tempo se passou até que Darla retornasse com o semblante abatido e sem o filho.

— Eu sinto muito por você ter se deslocado até aqui, mas infelizmente o Dylan não vai descer. — Lançou um olhar de desculpas para a garota.

Os lábios da senhora ficaram trêmulos, antes de ela começar a chorar.

— O que houve? Você está bem? — Jenny se aproximou, mas ela ergueu a mão, impedindo-a.

— Eu só estou cansada, sabe? Dylan se recusa a seguir com sua vida. Mal se alimenta, não sai daquele quarto para absolutamente nada. Eu temo por sua saúde. Não está sendo fácil. — Balançou a cabeça e enxugou as lágrimas.

— Eu sinto muito. Se a senhora preferir, posso ir até lá. — Mesmo sendo um sacrifício e tanto, ela se ofereceu só para ver a mulher bem.

— Não será necessário. — Darla suspirou. — É bem capaz de ele te expulsar assim como fez comigo. Eu não conhecia esse lado amargo do meu filho. Ele sempre foi tão amoroso, mas agora, tudo que eu vejo é um rapaz que perdeu a vontade de viver. Acho melhor você ir embora. Não quero que desperdice o seu tempo aqui.

Jenny se sentiu compadecida do sofrimento daquela mulher. Imaginou que não deveria ser nada fácil para uma mãe ver o filho em uma situação como aquela.

Sem muito o que fazer e, secretamente, aliviada, concordou em voltar para a clínica.



Dylan não suportava mais a insistência da mãe em relação ao seu tratamento. Sabia que, mais uma vez, tinha sido incessível e extremamente grosso com ela. Não se agradava em ter que agir daquela maneira, mas foi à única forma que encontrou para tirá-la de seu pé. Odiava vê-la chorar e ainda mais quando era ele o motivo de suas lágrimas. Mas já havia tomado sua decisão e não voltaria atrás.

Após Darla sair do quarto, pegou o discman, colocando os fones e aumentou o volume no máximo. Estranhamente, aquele aparelho e os CDs haviam se tornado sua companhia preferida em meio ao turbilhão confuso e solidão em que se encontrava.

As letras e as melodia o acalmavam. E ainda tinha a voz. Sempre que ouvia aquelas músicas se recordava dela, como se houvesse uma ligação entre ambas. Era suave e tranquila, como se sussurrasse em seu ouvido.

Com dificuldade, andou até a janela de seu quarto e se sentou no largo vão entre a parede. Abriu um pouco a cortina para ver o movimento

da rua, a fim de se distrair. Havia um carro que ele não conhecia na entrada garagem. Dois garotos passaram de bicicleta apostando corrida pela calçada, assim como ele e Noah sempre faziam durante a infância. Um senhor passeava com seu cachorro e outro caminhava apressado. A vida seguia seu curso normal.

Dylan viu quando uma garota ruiva saiu de sua casa e caminhou em direção ao carro. Não a reconheceu, mas algo lhe dizia que sabia quem ela era. Encarou a figura feminina e graciosa, tentando se lembrar. De repente, ela parou de andar, como se sentisse que estava sendo observada, e se virou em direção a sua janela. Dylan fechou a cortina rapidamente, impedindo que ela o visse.

Seu coração palpitou como nunca antes. Encarou o discman em suas mãos, enquanto *Christ In Me* ecoava pelos seus tímpanos.



Capítulo 19

Quando Jenny voltou da casa dos Fox, encontrou Matt encostado no seu mustang em frente à clínica de fisioterapia. Ele acenou quando ela saiu de seu carro e depois enfiou as mãos nos bolsos. Desde que discutiram no restaurante, quando Matt havia feito toda aquela confusão em torno da aposta e o fato de ela estar cuidando de Dylan, não tinham mais se falado. O rapaz sabia o quanto tinha sido inconveniente, imaturo e chateado a amiga, por isso se aproximou com cautela.

— Oi. — Deu seu habitual sorriso torto.

— Oi, Matt. — Jenny ajeitou a alça da bolsa sem olhar diretamente para o amigo.

— Você já almoçou? — Ele passou a mão nos cabelos, jogando os fios lisos e crescidos para trás.

— Ainda não.

— Eu queria conversar com você, então pensei em irmos comer em algum lugar. — Como ela ficou em silêncio, ele prosseguiu: — Olha, eu sei que agi como um idiota da última vez que nos vimos. Quero consertar as coisas. Não gosto de ficar brigado com você. Isso está me matando!

— Tudo bem — Jenny respondeu, baixando a guarda. Também odiava aquele clima entre eles. — Eu volto logo.

— Te espero no carro.

Matt sentiu a tensão entre eles se esvaindo quando ela assentiu e sorriu, finalmente olhando para ele.

Depois de conversar com Simon sobre sua visita sem sucesso, seguiram para o restaurante de sempre. Ficaram em silêncio durante todo o caminho. Os pensamentos de Jenny estavam em outro lugar. A sombra por trás da cortina na casa de Dylan, só confirmava a sua sensação de estar sendo observada enquanto seguia de volta para o seu carro. Será que era mesmo ele? Será que a havia reconhecido?

Estava aliviada por não ter precisado falar com o soldado, mas agora queria saber como ele realmente estava. Sentiu que Dylan ainda precisava dela, como quando estava em coma, e tudo que desejou naquele momento era voltar lá e falar com o rapaz, mesmo à força. Tinha consciência que ele vivia uma dura realidade. Havia ido para a guerra, sofrido um atentado e ficado desacordado por meses. Quando acordou, a vida como conhecia não existia mais.

Sua garganta se apertou.

O rapaz estava confuso e precisando de apoio, mas todos os amigos haviam sido arrancados dele pela guerra. Assim como o pai dela. Jenny lembrava muito bem da dor quando perdeu o seu ente mais querido. Precisava fazer algo por Dylan. Só não sabia o quê. Talvez, se ele tivesse um sonho pelo qual ansiava muito. Qualquer coisa que o fizesse ter vontade de voltar a lutar para conquistar. Quem sabe assim decidiria iniciar a fisioterapia e seguir em frente.

— Jey?

A garota foi despertada dos seus devaneios pela voz firme do amigo. Mal havia notado que já estavam estacionados em frente ao restaurante e Matt esperava do lado de fora de sua porta, com a mão estendida.

— Ah, me desculpe. — Sorriu sem graça, aceitando a ajuda para descer.

— No que estava pensando? Não falou nada durante todo o caminho e precisei te chamar três vezes até você se dar conta que havíamos chegado.

Mesmo depois de a garota sair do carro, Matt permaneceu de mãos dadas com ela. Jenny estava tão desatenta, que nem ao menos percebeu o gesto.

— Em nada. Eu só estava...

— Pensando em alguém? — Matt a olhou de relance e depois para as suas mãos. Sorriu ao perceber que a moça não havia desfeito o contato.

— Só estava distraída.

Percebendo que segurava a mão do amigo, soltou-a delicadamente, fingindo precisar arrumar a alça da bolsa sobre os ombros.

Matt puxou uma cadeira para que Jenny se sentasse e depois ocupou a cadeira da frente. Realizaram os pedidos ao garçom e outro

silêncio pairou entre eles. O rapaz a observou durante alguns minutos perdidas em seus pensamentos, deixando-o aflito. Pigarreando, chamou-lhe a atenção.

— Jenny, gostaria de te pedir perdão pela forma que eu me comportei outro dia. Não deveria ter falado daquela maneira e nem ter te colocado em uma situação difícil com a Léxis.

— Está tudo bem, Matt. No dia seguinte nós conversamos. Léxis acabou entendendo.

— Que bom. — Sorriu aliviado. — Não me perdoaria se a nossa amizade arruinasse por minha causa.

— Você sabe que eu não consigo ficar com raiva de você por mais de vinte e quatro horas, não sabe? — Ela gracejou, tentando desfazer o clima pesado entre eles.

— Sim, eu sei. Mas, mesmo assim, precisava pedir perdão.

O garçom chegou com os pratos e outro silêncio pairou sobre os amigos, mesmo depois de o senhor ter se retirado.

— Fiquei sabendo que o Dylan acordou... — Matt deixou a frase no ar.

— Sim. Ele saiu do coma na semana passada. — A moça tentou soar indiferente, mas borboletas que habitavam o seu estômago acordaram.

— Você estava lá quando aconteceu?

— Não. Não havia ido trabalhar naquele dia.

Ela tomou um generoso gole de água, a fim de afogar as hóspedes indesejadas.

— Já o viu depois?

Aquilo estava parecendo um interrogatório. Onde Matt queria chegar com tantas perguntas?

— Não. Apesar de ter ido a casa dele, mas não o vi.

Mesmo incomodada, ela seguiu respondendo. Talvez, se aparentasse indiferença com o assunto, ele não perceberia o que realmente se passava dentro dela. Os amigos taxavam-na como transparente ao extremo. Eles sempre sabiam o que sentia.

— Você foi até a casa dele? — Matt levantou a voz algumas oitavas acima, erguendo as sobrancelhas.

— Estava vindo de lá quando nos encontramos há pouco. — O rapaz não precisou perguntar. Jenny via nos olhos do amigo a curiosidade em saber o motivo da visita. Então tratou de explicar. — Dylan está se recusando a seguir com o tratamento. Como o Dr. Simon estava ocupado, tive que ir até lá para tentar fazê-lo mudar de ideia. Porém, ele não me atendeu.

— Dylan te mandou embora?

— Não cheguei a vê-lo. Sua mãe disse que ele não quis descer para conversar e que não mudaria de opinião.

— Acha que ele sabe que era você quem estava cuidando dele e por isso está se recusando?

— Não sei. Mas, segundo a senhora Fox, ele está assim por conta dos amigos. Dylan ficou muito abalado com a perda e ainda está confuso com os acontecimentos.

A face de Matt adquiriu um tom rosado à medida que Jenny falava. O tom de compadecimento em sua voz o estraçalhou por dentro. Tudo que conseguia sentir pelo outro era raiva.

— E se ele mudar de ideia, você continuará o atendendo? — Matt a encarava com explícito incômodo.

— Não. — Negou, tomando mais um pouco de água. — A partir de agora é com o Dr. Simon.

O músculo do rosto dele relaxou e um sorriso quase imperceptível surgir em seus lábios.

— Menos mal — disse, tocando a mão dela pousada sobre a mesa.



Depois do almoço, um tanto quanto embaraçoso com Matt, Jenny teve que ter outra conversar séria com o amigo sobre os sentimentos que ele insistia em nutrir por ela. Em uma atitude impensada, o aconselhou a prestar mais atenção em Jéssica, sua colega de trabalho, que dava sinais claros do seu interesse por ele, pedindo para que orasse a respeito. Depois de torcer o nariz com a sugestão, Matt finalmente aceitou. Porém, Jenny não sabia se aquilo havia sido sincero ou se tinha concordado apenas para ela encerrar o assunto.

No entanto, quando chegou em casa, arrependeu-se de tal sugestão. Temia que Matt pudesse se machucar, e pior, que ele machucasse o pobre coração da garota. Queria vê-lo feliz e mais do que isso, desejava que fizesse as coisas da maneira certa da próxima vez que se declarasse, contudo, sabia o quão cético Matt era em relação ao ponto de vista dela.

— Precisamos conversar, mocinha. — Marina veio da cozinha, encarando duramente a filha.

— O que eu fiz dessa vez?

— Jura que você não sabe? — A senhora levantou o cenho e cruzou os braços a espera de uma resposta.

— Hã... — Jenny engoliu em seco.

Marina apertou o ponto entre os olhos, impaciente.

Havia chegado sua hora. Conhecia aquele olhar de quem vê tudo e de que tudo sabe. Sua mãe já havia descoberto que ela falara de mais quando conversou com o chefe.

— Como o Simon sabe que eu fungo quando estou nervosa? Ou que meus olhos brilham quando eu falo dele? Ou que você aprova um relacionamento entre nós? — Jenny encarou a mãe com a boca aberta, tentando formular sua defesa.

Que fofoqueiro! O que aconteceu com: 'Esse será nosso segredo'? Eu tentando ajudá-lo e ele me delatando na primeira oportunidade!

— Responde, Jenny!

— Talvez eu tenha dito algumas coisas a ele. Mas foi tudo sem querer, eu juro! — Levantou as mãos em defesa. — Só estava querendo ajudar.

— Minha filha, eu quase tive um infarto! Você tem noção na situação que você me colocou? Eu queria ser um avestruz para poder enfiar minha cabeça no buraco mais próximo que encontrasse. — Marina choramingou, deixando-se cair no sofá.

Jenny ficou em silêncio.

— Não vai dizer nada?

— Sinto muito? — A moça deu um sorriso nervoso.

— Não deveria ter feito isso, mas obrigada.

A mais velha contraiu os lábios, tentando não sorrir.

— Como? — Jenny indagou confusa ao ver os lábios da mãe se abrirem, enquanto ela tampava os olhos com as mãos como uma garotinha tímida.

— Graças a sua total indiscrição, eu e o Edward decidimos... — Marina corou violentamente enquanto puxava uma almofada para cobrir o rosto completamente outra vez.

— Vocês estão namorando? — a garota indagou com a voz estridente. — Ai, meu Deus, mãe! — Gritou quando a outra confirmou com a cabeça.

— Eu sei. É loucura! — falou envergonhada.

— Claro que não! Por que seria?

— Na nossa idade ainda atrás de romance? É cômico!

— Não é não. É lindo! Estou tão feliz! — Jenny abraçou a mãe. — Por que ele não me disse nada? Agiu normalmente comigo como se nada

estivesse acontecendo.

— Eu pedi, queria contar a você. E, tem outra coisa...

— O que é?

A senhora corrigiu sua postura e pigarreou:

— Como já nos conhecemos há tanto tempo e praticamente já sabemos tudo um do outro, ele não me pediu apenas em namoro. Também me pediu em casamento. Então, tecnicamente, eu estou noiva. — Marina deu de ombros, como se a notícia não fosse nada de mais, porém, em seu interior explodiam fogos de artifícios. — Ele não me deu um anel porque era para ser apenas um jantar. Mas, parece que a sua conversa com ele antes do nosso encontro mudou completamente os seus planos.

Jenny estava sem palavras. Há tanto tempo eram apenas as duas, que demorou para a *ficha* cair. A partir de então, haveria uma terceira pessoa entre elas. Contudo, estava feliz por sua genitora. Marina, apesar de não admitir, se sentia muito sozinha, e Simon seria um excelente companheiro.

Quando a garota estava sozinha em seu quarto e dado ao clima de romance no ar, lembrou-se da gravata, que agora jazia solitária em uma gaveta fria. Ao pegar o objeto em suas mãos, deixou algumas lágrimas escaparem.

Há muitos dias que não orava por seu futuro marido. Ela tinha tirado férias de sua função de guerreira de oração. Sentiu-se mal ao pensar que talvez o futuro amor de sua vida estivesse precisando mais do que nunca de sua interseção, mas ela o tinha abandonado.

Apertou a gravata contra o peito, pedindo perdão. Ajoelhou onde estava e orou. Depois, devolveu-a ao seu lugar, na cabeceira da cama, de onde nunca deveria ter saído.



Capítulo 20

Como de costume, antes de ir para o trabalho, Jenny passou no pequeno café a alguns quarteirões da clínica onde trabalhava. O lugar estava movimentado naquele dia, diferente da calmaria que ela sempre encontrava por lá. Quando entrou, mal notou o grupo de militares sentados em uma das mesas do canto do estabelecimento.

Pedindo licença, ziguezagueou entres as pessoas até se aproximar do balcão. O senhor do outro lado sorriu ao vê-la.

— O de sempre? — perguntou, enquanto atendia uma senhora.

— Sim. Por favor. — Jenny olhou ao redor. — O que está acontecendo aqui hoje?

— Um ônibus de turistas quebrou na entrada da cidade. Estão aguardando até os mecânicos consertá-lo. — O atendente estendeu o café cremoso à cliente que aguardava.

Enquanto esperava seu pedido ficar pronto, Jenny continuou a observar o lugar. Os turistas riam alto e brincavam uns com os outros. A maioria eram jovens e apenas alguns adultos compunham o grupo. Pensou o quanto seria legal participar de uma viagem como aquela com seus amigos. Porém, percebeu que tal proeza seria praticamente impossível para ela. Léxis trabalha dia e noite. O seu tempo livre passava com o filho. Matt não era de se misturar e estava tão distante desde aquele almoço, que temeu perder a intimidade com ele a partir de então.

— Jenny? Jenny Parker? — A garota ouviu uma voz grave chamar por ela, vindo da direção oposta em que olhava.

— Tio Eli! — Ela correu e se lançou nos braços do homem que trajava um uniforme completo do exército.

— Meu Deus! Quanto tempo! Como você cresceu. — O militar observou com admiração a bela jovem a sua frente.

Eli Adams era o melhor amigo do pai de Jenny, serviram juntos no exército e lutaram lado a lado em vários confrontos no oriente, até que, em um deles, James Parker não voltou. Por muito tempo, Eli prestou todo o apoio que a família do melhor amigo precisou para se recuperarem do golpe da separação, ganhando o carinho da menina, que passou a chamá-lo de tio do coração.

— O que faz aqui? — Ela perguntou feliz por vê-lo depois de tanto tempo sem contato.

— Temporada de recrutamento. Tivemos muitas baixas no exército nos últimos meses — disse com pesar.

O sorriso dos lábios de Jenny desapareceu. Ela sabia muito bem o que significava o termo baixa. Foi essa a palavra que escutou diversas vezes dos colegas de farda do pai durante os discursos no funeral.

— Me desculpe. Você ainda sente muito a falta dele, não é? — Eli percebeu o quanto aquilo ainda a perturbava.

— Não tem um dia que eu não me lembre do meu pai. — Os olhos de Jenny umedeceram.

— É, eu também.

Por mais que Eli quisesse parecer forte, ainda sentia a perda do melhor amigo. Era algo que ele duvidava conseguir superar completamente algum dia. Anos haviam se passado, mas a dor ainda latejava em seu peito. E vendo Jenny novamente, trouxe à tona todo aquele sentimento lacrado em seu coração.

— Você disse que está recrutando... — Jenny mudou de assunto, tentando parecer estar bem.

— Sim. — Ele pigarreou e engoliu o nó preso na garganta. — Estamos indo em escolas e conversando com rapazes dispostos a entrar no exército.

— Foram no meu colégio há alguns anos. Cinco atletas do time de futebol foram para o Iraque.

— Sério? Ainda estão na guerra?

— Não. Quatro morreram e apenas um voltou com vida. No entanto, parece que perdeu a vontade de viver e tudo que faz é ficar em casa se recusando até a fazer procedimentos básicos de fisioterapia para se recuperar.

A moça exalou um longo suspiro.

— Fala como se conhecesse bem o caso. — Eli a olhou intrigado.

— Ah... — Deu de ombros. — Cidade pequena. Aqui todo mundo sabe tudo sobre todos. — Jenny deu graças a Deus por seu pedido ficar pronto naquele exato momento, dando uma brecha para escapar.

— Sei como ele se sente. — Eli retomou o assunto depois que a garota voltou para junto dele, após pagar por seu café. — Quando voltei da guerra sem meu melhor amigo, tudo que eu desejava era ser eu naquele caixão e não ele.

E lá estavam novamente as lembranças dolorosas.

— Você superou... — Jenny suspirou.

— Sim. — Eli afirmou. Mas, na verdade, ainda tentava se recuperar dia após dia. Porém, ele era mais forte que toda aquela dor e não deixava transparecer o quanto aquilo ainda o machucava. — Graças a Deus, em primeiro lugar, depois a minha família e ao trabalho. Não sei o que teria sido de mim se não tivessem me levado para trabalhar na base.

Talvez seja exatamente disso que Dylan precise também. Pensou.

— Não estão precisando de alguém para trabalhar lá?

— Sempre precisamos.

— Isso é perfeito! Será que você não poderia ver se o encaixam lá em alguma coisa? Creio que uma proposta como esta poderá fazê-lo reconsiderar o tratamento.

A garota se animou.

— Eu posso ver o que consigo fazer. Mas ele terá que estar recuperado fisicamente. Mesmo para trabalhos internos, é preciso que o soldado esteja cem por cento novamente.

— Talvez se conversasse com ele... — Ela o olhou suplicante. — Você passou pelo que ele está passando agora, poderá ser o exemplo que o Dylan precisa.

— Dylan Fox? É sobre ele que está falando?

— Sim. Você o conhece?

— Ah, sim. Fui o orientador dele e dos seus amigos antes de irem para a base de Boston. Foi mesmo uma grande catástrofe o que aconteceu àqueles garotos. Havia me esquecido que eram de Oregon — Eli falou com pesar.

— Então? Você irá? — Jenny indagou com expectativa.

— Posso aproveitar que estou aqui e ver se consigo falar com ele.

O oficial percebeu que quilo parecia importante para ela. E, assim como foi ajudado um dia, sentiu que deveria fazer o mesmo por aquele rapaz.

— Ah, tio! Isso seria ótimo. — Empolgada com o rumo daquela conversa, Jenny voltou a abraçar o seu tio do coração.

— Cidade pequena, hein? — Eli olhou para a garota, com um sorriso travesso dançando nos lábios.

— Não entendi. — Ela ajeitou a alça da bolsa no ombro, sentindo o rubor subir pelo seu pescoço.

— Esse interesse e essa empolgação toda... — Ele continuou a provocá-la ao ver quão vermelha ela já estava.

— Bem — procurou soar indiferente —, eu fui a fisioterapeuta dele quando ainda estava em coma. Preocupo-me com seu bem-estar. Só isso!

— Então tudo bem se eu disser a ele que foi você quem o recomendou a mim? — Eli cruzou os braços, levantando uma de suas sobrancelhas.

— Não! — Ela praticamente gritou, chamando atenção das pessoas que estavam por perto. — Não diga isso. Não quero que toque no meu nome. Por favor! Apenas diga... Ah! Não diga nada. Assim, ele vai pensar que você está lá por causa do tempo que passou na base de Madison. — A forma como ela atropelou as palavras não o convenceu.

Eli sorriu mais uma vez.

— Tudo bem. Como você quiser.



— Dylan? — Darla chamou ao entrar no quanto do filho.

O rapaz se encontrava deitado na cama, com os olhos fechados e fones nos ouvidos. Era assim que ele passava os seus dias: largado sobre o colchão, grudado ao velho discman.

— Dylan? — chamou mais uma vez, mas ele não se mexeu.

Aproximando-se, o tocou levemente. Dylan abriu os olhos assustado, agarrando o pulso da mãe.

— Sou eu!

Ele a soltou, arrancando os fones que pulsavam em volume máximo em seus tímpanos.

— Perdão. — Dylan esfregou os olhos. — Eu já te pedi para não se aproximar sorrateiramente de mim.

Desde que voltara, era como se ele estivesse o tempo todo em alerta. Alguns dias antes, enquanto Darla arrumava o quarto, deixou um objeto cair no chão. O filho se assustou tanto, que ela se preocupou. Desde

então, tomava todas as precauções possíveis, porém ele parecia piorar a cada dia.

— Eu o chamei, mas você não me ouviu. — Ela massageou o braço. — Essa coisa ainda vai te deixar surdo, sabia?

— Eu não me importo. — De mau humor, Dylan tentou colocar os fones novamente, mas foi impedido pela mãe.

— Você tem vista.

— Diga que eu estou dormindo.

— Não vou mentir outra vez.

— Se for novamente o Dr. Simon ou qualquer um a mando dele, diga que não mudei de ideia.

Simon havia tentado entrar em contato com Dylan por diversas vezes depois que Jenny fora à casa do rapaz. Mas, assim como ela, o médico também não foi atendido. Porém, ele não desistiu. Sempre que podia passava por lá para mais uma tentativa.

— Não é o Dr. Simon, e sim um oficial. — Dylan olhou para a mãe, surpreso.

— Um oficial do exército? — Indagou, sentando-se rapidamente na cama.

— Sim, de Madison. Está aqui para vê-lo. Parece ser alguém importante. Tem um monte de medalhas espalhadas pelo uniforme.

— Está bem. Eu já vou. Peça para ele esperar um minuto.

— Sério? — Darla sorriu, mal acreditando no que acabara de ouvir. — Você irá recebê-lo?

— Sim. Se um homem como a senhora acabou de descrever veio até aqui para me ver, deve ser importante. Um oficial não faria isso por nada.

Sem questionar e com medo do filho mudar de ideia, a senhora apenas assentiu, se retirando do quarto a passos largos.

Apoiando-se, Dylan levantou e se olhou espelho. Ajeitou o cabelo crescido, trocou a camiseta amarrotada e suspirou. Sua aparência não era das melhores. Haviam manchas escuras envolta dos olhos e algumas pequenas cicatrizes pelo rosto e pescoço, e uma maior, que ia da orelha direita até o queijo.

Do que vale as embalagens, afinal?

Recordou de uma época em que a beleza fora tão importante para ele, no entanto, agora via o quanto aquilo era banal. Entendia que o verdadeiro atrativo das pessoas está sempre na essência, nos valores, na forma de tratar o próximo, na maneira de se comportar, em todas as pequenas coisas que fazem parte da personalidade de cada um. A guerra o havia ensinado isso.

Suspirou outra vez e tentou se concentrar no porquê da visita do oficial. Mas se um homem importante da alta patente do exército estava ali para vê-lo, significava algo bom. Ao pensar nisso, se sentiu animado de repente.

Apesar das tristes perdas que o tempo na guerra lhe trouxe, Dylan não conseguia se imaginar fazendo outra coisa que não fosse ligada ao exército. Aparentemente, uma aposentadoria forçada e iminente tinha sido lhe imposta, o que o deixava ainda mais angustiado. No entanto, aquela visita inesperada reacendeu a esperança adormecida dentro dele.

Ainda com alguma dificuldade para andar, Dylan desceu o lance de escadas que dividia o segundo andar do térreo. Praguejou internamente por todos a sua volta terem razão. Sentia seus músculos e articulações atrofiando. Tudo em seu corpo doía.

— Senhor. — Dylan prestou uma continência quando se aproximou, reconhecendo o militar.

Eli se levantou e o cumprimentou com um aperto de mão. Não pode deixar de notar que o rapaz forte e robusto de anos atrás, não existia mais. Viu-se nele. Era exatamente assim que havia ficado depois de sua perda. Jenny tinha razão. Aquele garoto precisava de sua ajuda. Engoliu o nó na garganta e decidiu que só sairia dali depois que Dylan reconsiderasse o tratamento.

Após se acomodarem no sofá, Darla serviu algo para os dois beberem. Seu coração saltitava de contentamento por ver seu filho, finalmente, fora do quarto, onde havia se enclausurado desde que voltara do hospital.

— O que traz o senhor aqui?

— Estou acompanhando a comissão de recrutamento. As baixas no exército nos obrigam a percorrer o país de tempos em tempos, a fim de encontrarmos jovens valentes dispostos a lutarem por nossa pátria.

— Entendo.

— Eu soube o que aconteceu a você e a seus amigos. Sinto muito, sei como se sente. Perdi meu melhor amigo na guerra também.

— Eu perdi quatro — Dylan respondeu com o olhar perdido.

— Mas creio que a dor é a mesma. Não é fácil perder quem amamos. Não importa quantos sejam.

— Ainda estou tentando me recuperar desse golpe. Os treinamentos nos preparam para lutar, usar um rifle e matar pessoas. No entanto, não nos prepara para quando as pessoas alvejadas são nossos companheiros. — Por mais que se esforçasse para não chorar, algumas lágrimas escaparam dos olhos de Dylan enquanto ele falava.

— Você tem razão. Só que existem pessoas dispostas a ajudar quando as perdas acontecem. Eu recebi apoio para superar e recomeçar. E é por isso que estou aqui. Para te oferecer o mesmo tipo de ajuda que eu tive. Mas, claro, você tem que estar disposto a ser ajudado.

— Que tipo de ajuda? — Dylan se ajeitou no sofá, certo que Eli fosse falar em terapia. Toda a expectativa que criara começava a se esvair.

— Gostaria de convidá-lo a integrar o nosso quadro de militares que são responsáveis pelos trabalhos administrativos na base. Quem sabe, até integrar a comissão de recrutamento. Você terá algumas opções, poderá escolher o que achar melhor. Não voltará a linha de combate, levando em consideração tudo que passou. — O coração do rapaz saltou dentro do peito. — Mas para isso você terá que estar bem fisicamente outra vez. — O oficial completou ao ver um leve sorriso se formar no rosto do rapaz.

— Está falando sério? — Dylan queria ter certeza se havia ouvido certo.

Eli teria que confirmar antes com seus superiores sobre a proposta que acaba de fazer. Não estava em seus planos estar ali, mas aquilo não importava no momento.

— Sim. Mas depende de você ter a vaga ou não.

— Eu aceito — respondeu rapidamente, antes que a proposta fosse retirada.

— Sabe que terá muito trabalho pela frente com a recuperação, não sabe? — Eli quis se certificar de que Dylan estava entendendo o que aquela proposta significava.

— Sim, eu sei. Não se preocupe. Tenho quanto tempo para estar pronto?

— Seis meses. É quando se iniciam os treinamentos dos novos recrutas.

O peito do soldado se aqueceu.

— Eu estarei pronto. Prometo.

— Fico feliz em ouvir isso. — Eli sorriu.

Não achou que seria tão fácil assim convencê-lo. Mas percebeu que tinha acertado direto no ponto que mais feria o rapaz. Não era a perda dos amigos, mas sim o sentimento de invalidez. Na verdade, Jenny havia acertado. Ela o conhecia melhor do que queria admitir.

— Senhor, posso fazer uma pergunta? — Dylan indagou ao acompanhar o oficial até a porta depois de alguns minutos de conversa.

— Claro.

— Por acaso foi a minha mãe quem ligou para a base procurando ajuda?

Ele odiaria se fosse esse o motivo de tal caridade.

— Não. Não foi a sua mãe.

— Quer dizer que veio até aqui sem que ninguém pedisse? — Dylan sabia que aquilo era pouco provável.

— Para falar a verdade, não. — Como cristão, Eli não poderia mentir, mas também havia prometido não contar a verdade. — Só posso dizer que há alguém, além da sua mãe, que se importa muito com você.

Surpreso, Dylan uniu as sobrancelhas.

— Quem?

— Nos vemos dentro de seis meses. E, se você não estiver se esforçando, eu vou saber. — Eli deu o ultimato, ignorando a curiosidade do rapaz.

— Não vai me dizer quem é? — Corroído pela ansiedade, Dylan inquiriu novamente.

— Eu não posso fazer isso. Eu prometi a ela. — Eli piscou para ele, antes de virar as costas para sair.

Intrigado, Dylan observou o oficial entrar no carro e partir.

Ela?



Capítulo 21

— Bom dia, Jéssica. — Jenny cumprimentou sua colega de trabalho ao entrar na clínica para mais um dia de trabalho.

— Bom dia. — A menina desviou os olhos do computador e sorriu. — Ah, só um minuto. — Fez sinal para que a outra se aproximasse. — Dr. Simon pediu para você cobri-lo hoje novamente. — Estendeu a ficha de um paciente.

Jenny pegou a pasta e fez uma careta ao ver o nome gravado na capa do prontuário.

— Senhor Wilson? — Choramingou.

— Sinto muito. — Jéssica deu de ombros. — Ele já está te aguardando na sala de atendimento do Dr. Simon.

— E onde está o meu *magnífico* chefe? — perguntou com ironia.

— Está no escritório. Apareceu um paciente sem hora marcada. Quando cheguei, eles já estavam trancados lá. O doutor só me avisou que você teria que atender esse senhor.

— Tudo bem. Depois eu me acerto com ele. — Jenny respirou fundo.

Girando sob os calcanhares, arrastou-se em direção à sala de atendimento do seu querido *padrasto*.

"É isso que ganho por ajudá-lo com minha mãe. Que bela forma de me agradecer!"

— Bom dia, querida! — Uma voz rouca a cumprimentou, animado e surpreso, assim que a viu entrar pela porta. — Então, finalmente, tirei a sorte grande e você irá me atender?

— Bom dia, senhor Wilson. — A moça forçou um sorriso, tentando aparentar simpatia. — O que o trás aqui mais uma vez? — Ignorou o comentário inicial.

— Torci meu tornozelo quando praticava marcha atlética. Você sabe que eu gosto de fazer exercícios, não sabe? É a maneira que eu encontrei de manter esse meu corpinho sarado para as meninas. — Sorriu, exibindo um dente de ouro.

E lá vamos nós!

— Entendo. — Jenny folheou o prontuário. — Onde está o seu encaminhamento?

— E precisa de um?

— Claro que sim. Tenho que ver se está apto para a fisioterapia e qual foi o tipo de lesão causado pela torção. Não posso fazer qualquer procedimento sem essa informação. Caso contrário, corre-se o risco de lesionarmos ainda mais o seu tornozelo.

— Bem — o velho coçou a nuca —, eu não achei que precisasse disso. Na verdade, nem ao menos fui ao médico. Quis poupar tempo. — O senhor falou como se sua “eficiência” fosse impressionar a garota.

— Sendo assim, infelizmente não posso tocar no senhor sem esse papel. — Jenny fechou o prontuário e fez menção em sair, aliviada por aquilo ter acabado antes mesmo de começar.

— Eu também estou com torcicolo. Preciso de um encaminhamento para isso também? — Ele indagou com expectativa.

— Não. — Um enorme sorriso se forma no rosto do senhor Wilson. — Mas torcicolo se resolve com massagem e aqui não oferecemos esse tipo de serviço.

— Ah, mas o meu caso é crônico. Está na minha ficha. Já fiz sessões aqui por esse mesmo problema e...

Blá, blá, blá...

Jenny virou-se de costas, massageando as têmporas e tentando ignorar o falatório. Não tinha para onde correr.



Dylan estava concentrado na explicação do seu fisioterapeuta acerca de seu tratamento, quando ouviu a voz que tanto o perturbava desde que acordara do coma. Tentou ignorar no primeiro instante, porém sentia o coração dar uma leve descompassada sempre que a voz soava novamente. Diferente das outras vezes, parecia real e não algo preso apenas em sua cabeça

Será que agora estou delirando e ouvindo coisas?

— Dylan? — O rapaz voltou a si e olhou para o médico, que o observava e esperava por uma resposta à pergunta que havia lhe feito. — Está tudo bem?

— Me desculpe. — A voz soou novamente. — Está ouvindo? — perguntou sem se importar em parecer um louco.

— Ouvindo o quê? — Simon se concentrou e escutou a voz de Jenny do outro lado da parede. — Ah! Sim. Desculpe-me. É a minha assistente. Ela está atendendo aqui ao lado. Está te incomodando? Quer que eu peça para falarem mais baixo? — Simon começou a se levantar para ir até a outra sala pedir silêncio.

— Não! — Dylan fez um sinal com a mão para que ele voltasse a se sentar. — É que essa voz... Eu me lembro dela. — Perplexo, Simon encostou-se na cadeira. — Não me recordo de quase nada desde que estive em coma. Mas lembro-me claramente dessa voz.

— Isso é inacreditável! Minha assistente foi a sua fisioterapeuta enquanto você estava hospitalizado. Chegou até a me contar uma teoria maluca da enfermeira da clínica, que insistia para ela conversar enquanto fazia os exercícios. Segundo ela, você a ouviria. Quem diria que estava certa? Você a ouvia?

Os dois ficaram em silêncio, enquanto ouvia a voz abafada de Jenny do outro lado da parede.

— *Tenha um bom dia, senhor Wilson, e traga um encaminhamento médico da próxima vez que ficarei feliz em atendê-lo. E, pela milésima vez, minha resposta é não. É contra a política da clínica eu sair com os pacientes. Sem contar que o senhor tem idade para ser meu avô, com todo respeito.*

Simon riu, imaginando o quanto estava encrencado por tê-la feito atender o seu paciente.

— Só um minuto. Eu volto já. — Saiu em direção à porta que dava acesso a sala de atendimento adjacente ao seu escritório.

— Bom dia — cumprimentou a enteada, que fechava a porta após a saída do senhor Wilson.

— Sem dúvida meu dia estaria sendo infinitamente melhor se meu querido chefe não tivesse quebrado uma promessa. — Jenny cruzou os

braços e o encarou indignada.

— Culpado. — Simon levantou as mãos com um sorriso amarelo. — Mas, pelo que ouvi, você conseguiu dispensá-lo rapidamente.

— Nem tão rapidamente. Ele me encurralou com a desculpa do torcicolo.

— É. Nós ouvimos toda a conversa.

— Ai, meu Deus! Eu te atrapalhei? Estava falando alto demais? Eu sempre elevo a voz quando estou irritada e você sabe que eu fico assim só de olhar para aquele homem.

— Não atrapalhou. Fica tranquila. Pode me acompanhar? Preciso de você aqui um instante. — Ele apontou o escritório com um aceno de cabeça.

— Claro.

Simon seguiu na frente, enquanto Jenny tirava as luvas e o jaleco. Quando ela entrou na sala um minuto depois, viu um rapaz de ombros largos sentado de costa para ela. Não o reconheceu.

— Aí está ela. — Simon sorriu, apontando em sua direção. — Dylan, essa é Jenny Parker, minha assistente.

Assim que os nomes foram proferidos, ambos paralisaram em seus lugares. A moça encarou o patrão e Dylan simplesmente não conseguia se virar em direção à moça. Um filme passou diante dos seus olhos. O baile, Jenny na calçada no dia do desfile, ele a salvando do atropelamento em frente ao restaurante, as intermináveis brincadeiras dos amigos, referente a ela, o discman com o seu nome gravado e, por fim, a voz que povoava os seus pensamentos durante semanas.

Sempre ela.

Quando finalmente conseguiu respirar, Dylan levantou e virou-se em sua direção. No instante em que, finalmente, seus olhos se encontraram, ele sorriu.

— Olá, Jenny — a cumprimentou.

A voz da garota não saiu.

— Como eu disse a você, Dylan, Jenny foi quem te acompanhou durante o coma. — Simon começou a falar ao perceber que palavra alguma sairia da boca dela. — Sente-se aqui querida. — Ele indicou para a cadeira ao lado de onde Dylan estava.

Jenny desviou o olhar para o chão e andou até a cadeira apontada. Podia sentir os olhos de Dylan cravados nela.

— Bem, eu preciso buscar sua ficha. Só um minuto — disse Simon, enquanto alternava o olhar entre os dois jovens a sua frente.

— Eu posso fazer isso. — Ela fez menção em sair.

Tudo o que queria, era desaparecer dali. A simples presença do soldado a desestabilizava sobremaneira.

— Não! Eu vou. Preciso falar com a Jéssica e vocês devem ter muito que conversar. — Simon recebeu um olhar estranho da enteada, mas ignorou, quicando os ombros e saindo rapidamente, antes que a moça falasse novamente.

Jenny não imaginava como o silêncio poderia ser tão ensurdecedor. Durante intermináveis segundos, nenhum dos dois falou, porém, o rapaz não desviava os olhos dela, piorando a situação.

— Fim do mistério. — Dylan pensou alto.

— O que disse?

— Você é a dona da voz. Eu já devia ter imaginado.

— Do que está falando? — Reunindo a pouca coragem que existia dentro de si, Jenny levantou os olhos em direção a ele.

Assim tão perto, foi possível ver a enorme cicatriz que ia da orelha até embaixo do queixo do soldado. Sentiu vontade de tocá-la, como fazia quando ele estava em coma. Desviou os olhos novamente.

— Eu a ouvia enquanto estava em coma. — Dylan a fitava tão profundamente, que despertou as borboletas que habitavam o estômago da garota. — Na verdade, é tudo que consigo me lembrar.

— Está falando sério?

Ela ainda duvidava que Sarah tivesse razão.

— Bem, lembro-me das músicas também... — Ele deixou a frase no ar, pois sabia que ela era a responsável por estarem lá.

Jenny piscou três vezes para dissipar as lágrimas que se acumulavam em seus olhos, pensando como era incrível ele se lembrar dessas coisas.

— Obrigado — Dylan agradeceu tocando a mão dela.

Uma eletricidade percorrer seus braços, parando no centro de seus corações.



Capítulo 22

Sentado na varanda de sua casa, Dylan observava o céu estrelado. A noite estava fria, mas ele não se importava com o vento constante e congelante que soprava. Havia passado tanto tempo enclausurado em seu quarto, que seu corpo clamava por um pouco de ar fresco.

— Filho, você vai pegar um resfriado se continuar aqui. — Darla chamou o rapaz, após um longo tempo em que ele permanecia do lado de fora da casa.

— Eu já vou entrar, mãe. Só mais um minuto. — Dylan puxou o ar para dentro dos pulmões outra vez, fitando o céu.

Darla se sentou ao seu lado e também olhou para a imensidão negra, salpicada de pequenos diamantes. Permaneceram em silêncio, enquanto um sentimento nostálgico atingia a senhora.

— Assim que nos casamos, seu pai e eu costumávamos nos sentar aqui todas as noites para ver as estrelas. — Ela sorriu com as lembranças, mas logo o sorriso desapareceu. — Hoje tudo que ele faz é trabalhar e mal fala comigo quando chega em casa.

— O que aconteceu enquanto estive fora? Vocês eram mais próximos. — Dylan tocou a mão da mãe, ao perceber o quanto ela parecia triste de repente.

— Para falar a verdade, eu não sei. Acho que caímos na rotina. Quando demos conta, já era tarde demais para voltar a sermos o éramos.

— Isso é triste. — O rapaz se encostou na cadeira reclinada, colocando as mãos embaixo da cabeça.

— Eu também acho. — Darla respirou fundo outra vez. — Você ainda não me contou como foi lá na clínica.

— Iniciarei o tratamento segunda-feira — respondeu, tentando parecer indiferente, mas a verdade era que mal podia esperar o fim de semana acabar.

Não queria perder mais tempo. Precisava estar pronto na data determinada pelo exército. Seu ânimo começava a se renovar e ele travava constantemente uma batalha interna, para não se abater novamente.

— Que bom. — Sorriu aliviada por, finalmente, ouvir aquelas palavras saírem da boca do filho.

O telefone tocou e Darla se retirou para atendê-lo. Dylan olhou novamente para o céu e, sem aviso prévio, sua mente o levou até Jenny. Recordou especificamente do momento em que a viu horas antes, paralisada no meio da sala do seu fisioterapeuta, tão surpresa quanto ele.

A moça ruiva de rosto sardento havia mudado. Estava muito diferente do que ele se lembrava. Porém, seu olhar ainda era o mesmo: calmo e sereno.

Dylan fechou os olhos buscando trazer de volta a memória cada traço do rosto da garota, que não saía dos seus pensamentos desde a formatura do colegial. Os anos haviam se passado e aquele mesmo sentimento ainda estava lá, ele não a havia esquecido.

Abriu os olhos e sorriu ao pensar o quão irônico era a situação. Logo ela tinha cuidado dele enquanto esteve em coma? E por que ele não se lembrava de outras pessoas conversando com ele, já que ficou sabendo que sua mãe, às vezes seu pai e até mesmo a enfermeira estavam constantemente ao seu lado. Por que se lembrava justamente da voz dela e somente a dela?

— Filho, ligação para você. — Darla retornou com o telefone sem fio nas mãos. — É um tal de Helton, Kelton, Selton...

— Carlton? — Dylan pegou o aparelho rapidamente. — Alô?

— Cara, você tem noção de quantos Dylan Fox existem no Wisconsin? Quinze! Eu não me lembrava do nome da sua cidade, então, liguei para todos antes de você. Se eu tivesse começado as ligações de trás pra frente teria acertado de primeira. Agora fico me perguntando: Por que eu não liguei para a base militar logo de uma vez e...

— Você está vivo! — Dylan interrompeu Carlton, que falava sem parar.

— Claro que estou, a menos que os mortos falem e liguem para os amigos — gracejou.

Dylan soltou uma gargalhada, aliviado por saber que pelo menos um amigo havia sobrevivido. Algumas lágrimas escaparam de seus olhos.

— Eu estou bem, mãe. — Ele tampou o bocal do telefone e indicou a porta com a cabeça para a senhora, que observava a reação do filho sem saber o que se passava. Darla entendendo que o filho queria ficar sozinho, saiu sorrindo. — Como você está? — perguntou, voltando sua atenção a Carlton que resmungava alguma coisa com alguém do outro lado da linha.

— Estou bem. Mas e você? Estou há meses tentando te localizar.

— Me recuperando.

— Eu sinto muito pelos rapazes. — Carlton deu os pêsames.

— É. Eu também. — Dylan olhou para o céu outra vez. — Eu não paro de pensar em onde eles provavelmente estejam nesse momento. Posso ser o responsável por...

— Ei, a culpa não é sua. — Carlton o interrompeu. — Todos tiveram oportunidades iguais. No entanto, existe uma coisa chamada escolha. Você fez a sua e eles, as deles.

— Estavam furiosos comigo! Você sabe disso. Se eu não tivesse contado que eu havia me decidido a Cristo, estaríamos todos no mesmo carro — Dylan disse, recordando o quão chateado e sentindo-se traídos por ele, os amigos se encontravam.

— E provavelmente estaríamos todos mortos — Carlton rebateu. Houve silêncio por um longo tempo. — Olha, me desculpe. Você me conhece, sabe que eu falo pelos cotovelos. Não deveria ter dito isso.

— Tudo bem. Sei que você não é tão rabugento de propósito.

Carlton riu.

— Foi assim que Deus me fez, cara. Olha, Dylan, não fique pensando nessas coisas. Não sabemos o que realmente aconteceu. Vamos crer que eles tiveram tempo de se arrependerem de seus pecados. Nada é impossível para Deus. Tenha fé.

— Tomara... — Suspirou, desejando que o amigo tivesse razão.

Dylan deixou sua mente vagar sobre uma infinidade de possibilidades, em que os amigos teriam tido a oportunidade de rever seus conceitos, tomando a sua decisão antes de partirem, como o que acontecera com o ladrão crucificado ao lado da cruz de Jesus. Eles não eram ignorantes acerca da salvação. Não tinha um único dia em que Carlton não pregasse sobre isso.

— Obrigado, amor. — Carlton resmungou do outro lado.

— O quê? — indagou Dylan, saindo de seus devaneios

— Ah, não falei com você. — Carlton riu alto. — Era a minha namorada.

— Namorada? Você mal voltou da guerra e já teve tempo de arrumar uma namorada?

— Eu já tinha. Terminamos um mês antes de eu ir para o Iraque. Quando voltei, reatamos. Sabe como é, as mulheres não resistem a um soldado machucado. — Carlton sorriu e reclamou em seguida, indicando que havia sido alvejado por algum objeto.

Dylan se preocupou com a afirmação do amigo.

— Você se feriu muito?

— Bem... — Carlton pigarreou. — Não muito. Os médicos disseram que tive sorte e que sou um milagre.

— Não muito? — A resposta não o havia convencido.

— Tive apenas uma lesão na coluna. Nada de mais. O importante é que estou vivo e sou grato a Deus por isso.

— Carlton, você... — Dylan não tinha certeza se queria verbalizar o que vinha a sua mente.

— É isso aí, cara. Eu não posso mais andar — disse como se aquilo não fosse nada.

— Eu sinto muito.

— Não sinta. Porque eu não me importo. A minha vida é mais preciosa para mim. E estar de volta com a minha família, isso não tem preço — Carlton respondeu confiante.

Dylan sentiu as palavras do amigo acertarem ele como um tapa na cara. Ele estava bem, com todos os movimentos intactos em seu corpo. Apenas algumas sessões de fisioterapia e estaria inteiro outra vez, ficando apenas com poucas cicatrizes pelo corpo. Carlton por outro lado, nunca mais andaria e mesmo assim não se deixou abalar. Sentiu-se envergonhado por ter entregado os pontos e sido tão fraco.

— É sério, Dylan, está tudo ótimo. Estou feliz do jeito que estou — Carlton falou, notando que de alguma forma a notícia havia chocado o amigo.

— Como você consegue ser tão otimista?

— Deus é a minha força, e tenho pessoas maravilhosas ao meu lado que não me deixa pensar diferente. Tenho uma família unida e uma namorada que me ama.

Dylan sentiu inveja do colega naquele momento.

— Por falar nisso, você já viu a Jenny? — Carlton o surpreende com a pergunta, mudando o rumo da conversa drasticamente.

— O quê?

— Vai me dizer que ainda não a procurou? Você passou dois anos falando dessa garota!

— Quem falava dela eram vocês — Dylan protestou.

— E então?

— Sim, eu a vi hoje. — Dylan sorriu ao ouvir a animação de Carlton do outro lado da linha. — Sinto muito em te decepcionar. Só a vi porque ela é assistente do meu fisioterapeuta — explicou.

— Hum... Tem certeza? Está me contando toda a história? — indagou, provocativo.

— Foi ela quem cuidou de mim quando estive em coma — Dylan respondeu depois de alguns segundos.

— Cara, Deus é demais! — O outro explodiu em comemoração.

— Do que você está falando? O que Deus tem a ver com isso?

— Fala sério Dylan! Você às vezes é bem bobinho. Não enxerga os planos do todo poderoso? Ele a levou até você outra vez. Essa garota poderia muito bem ter ido embora para a faculdade e de lá se mudado para qualquer lugar no mundo. Mas não. Ela ficou aí no Wisconsin, trabalhando em uma clínica de fisioterapia, esperando você voltar! — Carlton expôs sua teoria com empolgação.

— Isso é a coisa mais sem sentido que você já disse em toda a sua vida!

— Não é não! E você sabe disso. Sabe também que por mais maluca que sejam as minhas teorias, elas sempre estão certas.

— Não sei, não. — Dylan sorriu.

— Olha. Tive uma ideia. Eu vou me casar daqui a alguns meses. Quero que você venha e traga a Jenny. Sabe o que descobri? Estamos a apenas cinco horas de distância, apesar de morarmos em estados diferentes. Vocês até podem vir de carro, se quiserem.

— Agora você ficou maluco de vez. Vem cá, tem certeza que foi somente na coluna que você teve sequela? — Para Dylan, aquilo tudo era puro exagero por parte do amigo.

— Não acredita que vou me casar?

— Estou falando dessa sua ideia maluca de eu ir com a Jenny ao seu casamento.

— Escreve o que eu estou te falando. Vocês virão. Vou orar por isso, e até lá, se Deus quiser, vai estar tudo no esquema.

— Carlton, está tarde e acho que passou da hora de você dormir. — Dylan o faz sorrir.

— Brincadeiras à parte, acho que você deveria pensar bem em tudo o que te falei — Carlton falou sério dessa vez.

Dylan respirou fundo, considerando que, talvez, Carlton tivesse razão em algumas coisas que falara. Por que, dentre tantas pessoas, logo ela tinha cuidado dele? Mas era só isso. O lado intrigante da situação acabava aí. Porém, havia algo que ele não poderia negar. Jenny Parker mexia com algo dentro dele.

— Ela está mais bonita do que você esperava que estivesse, não é? — Carlton perguntou enquanto o amigo estava absorto em seus pensamentos.

— É. Ela está. — Dylan respondeu, e só então se deu conta do que havia falado depois de ouvir o amigo sorrir vitorioso do doutro lado da linha.



Capítulo 23

Novembro de 2005 - Oregon, Wisconsin - EUA

Mais um inverno estava se iniciando. Naquela manhã fria do início de novembro, Jenny seguiu sua rotina normalmente. Sabia que não teria cliente antes das dez horas, por isso resolveu chegar um pouco mais tarde.

Quando chegou à clínica, Jéssica não se encontrava na recepção para lhe entregar a lista das sessões do dia, como era costume. A moça, então, seguiu direto para sua sala, a fim de se preparar. Depois procuraria a colega já que ainda tinha alguns minutos antes do primeiro horário marcado. Ao abrir a porta, Jenny paralisou com o que seus olhos avistaram.

Dylan encontrava-se apoiado na maca de exercícios com um buquê de flores em uma das mãos. O coração da garota acelerou e ambos se encararam por longos segundos em silêncio. Jenny, então, intercalou o olhar entre o soldado e as flores, sem entender o que ele fazia ali e porque trazia aquele ramalhete consigo.

— Oi — Dylan finalmente a cumprimentou, dando alguns passos em sua direção.

— Acho que você errou de sala. O escritório do Dr. Simon fica no final do corredor. — Jenny piscou algumas vezes tentando se recuperar.

Por que ele parece mais bonito a cada vez que o vejo?

— Acho que não. — O rapaz sorriu. — Foi ele quem me pediu para esperar aqui.

— Deve haver um engano — gaguejou, dando alguns passos para trás. — Vou ver o que aconteceu. — Ela tentou sair, mas Dylan a segurou

pelo braço.

— Espera. — Voltou a encará-la. — Por que eu tenho a sensação que está fugindo de mim?

Porque isso é exatamente o que estou fazendo?

— Não sei do que você está falando. — Ela encarou o próprio braço, onde Dylan ainda a segurava.

— Sabe sim. — Ele a soltou, estendendo o buquê.

— São para você, como um agradecimento por ter cuidado de mim e também um pedido de desculpas.

— Desculpas pelo quê? — Torcendo para ele não perceber sua mão trêmula, Jey pegou as flores.

— Pela noite do baile, por tudo. Eu fui um idiota e o que eu fiz foi algo totalmente impensado e egoísta. Sei que te magoei e vi o quanto quando você me olhou pela última vez naquele restaurante.

Jenny crispou os olhos em direção ao rapaz. Procurava qualquer indício de sarcasmo, mas ele parecia sincero em suas palavras.

— Não precisava se incomodar. Já se passou tanto tempo...

— Eu sei. Mas eu precisava fazer isso. Quero que saiba que sou uma pessoa diferente agora e preciso consertar os meus erros do passado.

Jenny o fitou outra vez, incapaz de se desvencilhar do olhar penetrante que recebia.

Por que ele estava fazendo aquilo? Por que de repente se importava em ter magoado os seus sentimentos depois de tantos anos? Será que por ter estado entre a vida e a morte algo nele havia mudado? Ou quem sabe até mesmo a própria guerra o havia moldado. Jenny pensou enquanto o observava. Mas alguma coisa no fundo dos olhos de Dylan provava que, seja lá o que fosse, era muito maior que isso.

— Eu já te perdoei há muito tempo — ela respondeu, afastando-se.

— Não tenho dúvida quanto a isso. Caso contrário, você não teria aceitado cuidar de mim.

— É o meu trabalho. — A moça olhou para as flores em suas mãos, incapaz de continuar a fitá-lo.

— Mesmo assim. Você poderia ter recusado. — Ele colocou as mãos nos bolsos, olhando em direção a janela.

— Eu recusei. No entanto, meu chefe me chantageou. — Dylan sorriu ao vê-la fazer uma careta.

— Que bom que ele fez isso. — Jenny corou e encarou o chão, porém viu que Dylan ria, percebendo seu desconforto em sua presença. — Bem, eu estou com algo que eu suponho ser seu. — O rapaz foi até sua mochila e tirou de lá o discman decorado de adesivos coloridos.

Jenny arqueou as sobrancelhas, surpresa por ver que o aparelho se encontrava com ele. Nem ao menos se lembrava de que o havia deixado na clínica. Sarah deveria ter colocado sem querer no meio dos pertences de Dylan quando ele ganhou alta.

Isso queria dizer que ele sabia o tempo todo que ela esteve com ele na clínica de repouso e aquela história de ouvir a voz dela era apenas um blefe?

— Você tem muito bom gosto. Adorei as músicas, me ajudaram muito, não tem noção do quanto!

Dylan estendeu o discman e os CDs, e Jenny pegou o aparelho portátil. Assim que o faz, suas mãos se tocam. Sentindo algo conhecido se agitar dentro de si, ela pigarreou, engolindo em seco.

— Já que gostou tanto das músicas, pode ficar com eles. — Devolveu os Cds para ele.

— Com todos? Até com esse? — Indicou um com uma dedicatória de Matt, lhe desejando feliz natal. — Ele não se importaria?

Jenny sabia que sim, mas negou com a cabeça. Primeiro, Matt nunca saberia que ela havia doado o seu presente, e segundo, eles nem eram mais tão próximos quanto antes e provavelmente o garoto nem se lembrava de ter lhe presenteado. Se Matt chegasse a se importar, seria por pura implicância.

— Obrigado. Eu realmente gostei das músicas. Significam muito para mim. — Sorriu com gratidão estampada em seu semblante.

— Bem, vou falar com o Dr. Simon sobre sua fisioterapia. — Jenny se dirigiu para a porta, sem ser impedida desta vez.

— Ele disse que seria você, mas se quiser se certificar antes eu espero aqui. Não estou com pressa. — Dylan voltou a se apoiar na maca, da mesma forma que estava quando ela entrou na sala, e cruzou os braços.

Ela crispou os olhos, vendo sua postura autoconfiante.

— Não sou apta para atendê-lo. Com certeza houve um equívoco.

Quando a porta se fechou atrás de si, ela soltou a respiração. A sensação que tinha era que havia segurado o ar nos pulmões desde o momento que avistara Dylan a sua espera.

Fitou o buquê de flores em suas mãos. O cheiro que exalava dele era maravilhoso. Num impulso, fechou os olhos e inalou a fragrância.

— Uau! — Jenny pulou de susto ao ouvir a voz de Jéssica soar próximo a ela. — Eram para você?

— O quê?

— As flores do soldado eram para você! — Lançou um olhar sapeca para a amiga.

— Cadê o Simon? — Fingiu não ter percebido a provocação da colega.

— Na sala dele, por quê? — Jéssica se inclinou para cheirar as flores também. — Que delícia. Ele tem bom gosto — comentou sentindo o cheiro agradável do ramalhete.

— Preciso ter um papo sério com ele.

O futuro padrasto só podia estar armando para ela.

— O que houve?

— Depois conversamos. Pode colocá-las na água para mim?

Antes Jéssica fizesse alguma outra pergunta e temendo Dylan ouvir a conversa das duas, Jenny entregou o buquê para a colega e saiu em direção ao escritório do patrão.

— Olá, querida! — Simon a cumprimentou, olhando por cima dos óculos assim que ela entrou bufando.

— Por que Dylan Fox está na minha sala e não aqui? — Foi logo inquirindo sem retribuir o cumprimento.

— Me desculpe por não avisar antes, mas você terá que atendê-lo algumas vezes para mim, principalmente nesse início de tratamento — Simon respondeu tranquilo. Aparentemente não percebera o humor alterado da enteada.

— Eu não posso e você sabe disso.

— Pode sim. Seu certificado lhe assegura nesse caso. Você apenas estará me substituindo periodicamente. O que ele precisa agora é somente de exercícios leves, nada que você já não tenha feito antes.

— Não sei, não. Se a fiscalização passar por aqui e discordar de você?

— Confia em mim, Jey. Quando digo que você pode, estou sendo sincero. Não arriscaria minha carreira a tal ponto. E outra, sua mãe precisa da minha ajuda nos preparativos do casamento. Eu prometi a ela, e você sabe o quanto ela é indecisa. Tanto que ela demorou anos para decidir ficar comigo. Não quero que desista do casamento ou que todos os preparativos durem mais tempo que o necessário. Quero me casar esse ano ainda.

— Sei.

— Daqui a dez minutos nos encontraremos com a responsável pelo buffet para decidirmos o cardápio do jantar. — Lançou um olhar piedoso para a garota.

— Não me olha assim! — Jenny cruzou os braços.

— Está dando certo? — Simon deu uma piscadela. — Faz isso por mim?

— Já fiz algo por você quando atendi o senhor Wilson na semana passada, mesmo me prometendo que eu nunca mais precisaria fazer aquilo

novamente.

— Por sua mãe, então? — Ele partiu para a chantagem emocional.

Ela respirou e inspirou três vezes.

— Jey, posso te fazer uma pergunta? — Simon tirou os óculos e deu a volta na mesa, ficando de frente para dela.

— Depende... — respondeu pausadamente ao ver que o chefe ficara sério de repente.

— É uma pergunta bem pessoal, na verdade.

— Se eu disser que não, você vai fazer de qualquer jeito.

— É. Eu vou. — Sorriu. — O que aconteceu entre você e esse rapaz para fugir dele dessa maneira? — Viu o semblante da garota mudar completamente.

— Nada!

— Mentira.

— Por que acha que estou mentindo?

— Respondeu muito rápido e eu já disse que você é transparente demais. Qualquer um, a quilômetro de distância, consegue ver o que está sentindo.

— É complicado... — Ela desviou o olhar.

— Olha, seja lá o que aconteceu, é passado. Eu o conheço desde criança e vejo o quanto está diferente.

A moça já havia notado alguma mudança, não que ela tivesse prestando atenção. Estava ocupada demais fugindo dos olhares intensos que recebia.

— Tudo bem. Eu posso fazer esse sacrifício. — Aceitou para poder evitar mais perguntas a esse respeito. — Mas só dessa vez!

— Obrigado. — O homem lhe deu um abraço apertado. — Agora tenho que ir. Sua mãe está me esperando.

O chefe saiu e a garota se deixou cair na cadeira. Minutos depois, marchou de volta a sua sala.

Preciso enfrentar Dylan de uma vez por todas.



Capítulo 24

Uma eternidade havia se passado e nada de Jenny voltar para a sua sala. Se restava alguma dúvida no coração de Dylan de que ela fugia dele, naquele momento teve certeza quanto a isso. Chegou a lhe ocorrer que ela não retornaria. Porém, ele esperou. Pacientemente esperou por intermináveis minutos até que a moça reapareceu. Não soube discernir o que sentiu quando a porta se abriu novamente e ela caminhou a passos firmes em sua direção.

— E então...? — perguntou com expectativa.

— Eu irei fazer sua sessão hoje. — Ela juntou o cabelo cor de cobre, amarrando-os em um rabo de cavalo alto.

— Eu te disse — Dylan provocou sutilmente.

Jenny crispou os olhos notando o tom zombeteiro e ele fez o mesmo, contraindo os lábios, tentando não rir.

— Por gentileza, tira o casaco e os sapatos. Iniciaremos com alguns alongamentos. — Apontou para um dos colchonetes no chão.

— Se importa se eu usar isso durante a sessão? — Dylan apontou para o discman sobre a mesa.

Ele havia se apegado ao objeto que fora sua única companhia durante semanas de solidão. Passava a maior parte do dia em posse do aparelho.

— Não. — Um leve sorriso surgiu nos lábios de Jenny. — Pode usá-lo.

— Você deveria fazer isso mais vezes, sabia? — o rapaz afirmou, colocando os fones nos ouvidos.

— Fazer o quê?

— Sorrir.

E, de novo, lá estava Jenny, presa aos olhos de Dylan. E lá estavam suas adoráveis companheiras, vulgo borboletas, passeando pelo seu estômago. Aquilo a perturbava. Sentia-se vulnerável cada vez que ele a olhava e a impressão que tinha, era que ele podia ler os seus pensamentos.

E se Matt, Léxis e o doutor Simon estivessem certos? E se ela fosse mesmo tão transparente ao ponto de Dylan perceber seus sentimentos confusos em relação a ele e toda a situação em que se encontravam?

— Eu sorrio com bastante frequência — respondeu, afastando-se para pegar o seu MP3.

— Mas essa foi a primeira vez que eu a vi fazer isso. — Dylan insistiu no assunto.

— Deve ser porque essa seja a segunda vez que nos falamos — ela rebateu, colocando os seus fones.

— É a quarta. Se contarmos o baile e o dia em que eu salvei a sua vida em frente aquele restaurante.

Ele estava contando?

— Aquilo já faz tantos anos! — respondeu intrigada por ele se importar com a quantidade de sorrisos que ela dava.

— Mas eu me lembro. E você não sorriu em nenhuma dessas vezes. Pelo contrário, parecia chateada com a minha presença. — O tom de mágoa era perceptível em sua voz.

— Precisamos iniciar a sessão, tenho outro cliente em quarenta minutos.

Jenny conferiu a hora no relógio de pulso, visivelmente incomodada com o rumo daquela conversa.

Dylan assentiu e se deitou.

Os minutos subsequentes foram os mais embaraçosos em que ela se encontrou em toda a sua vida até aquele momento. Olhou para Dylan que estava com os olhos fechados, fones nos ouvidos e alheio ao conflito interno dela. De repente, era como se estivesse desaprendido tudo o que sabia. Não conseguia nem ao menos se lembrar de por onde deveria começar. Não encontrava coragem para tocá-lo.

Suas mãos começaram a suar e seu coração a acelerar. Ser sua fisioterapeuta enquanto Dylan estava inconsciente já tinha sido difícil, com ele acordado, era, no mínimo, mil vezes pior.

Jenny fechou os olhos com força e começou silabar um pedido de ajuda a Deus. Quando voltou a abri-los, deu de cara com Dylan fitando-a, intrigado.

— O que está fazendo?

— Orando! — Forçou um sorriso.

— Sempre faz isso antes das sessões? — ele perguntou duvidoso.

— Sim.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela quis muito voltar no tempo de dar um tapa em si mesmo.

Ah... Que maravilha! Agora comecei a mentir.

Dylan sorriu, notando o quanto ela era diferente de qualquer outra garota que ele já havia conhecido. E então, tão rápido como um relâmpago, lembrou-se da voz dela, enquanto estava em coma. O que antes eram apenas palavras aleatórias e sem nexo algum, se juntaram, fazendo-o recordar de uma frase inteira.

Por favor, meu Deus, traga-o de volta...

Dylan se sentou de repente.

— Você orou por mim quando estive em coma? — Suas palavras soaram mais como uma afirmação do que como uma pergunta, levando Jenny a arquear as sobrancelhas, surpresa. — Eu me lembro. Você orou! — falou convicto antes da resposta dela.

— Bem, posso ter orado — respondeu cautelosa, prestando atenção em cada palavra, a fim de não se entregar.

A verdade era que havia orado por ele até mais do que ela mesma se lembrava.

— Por quê? — ele quis saber.

— Eu... Eu não sei. — Ela gaguejou, intimidada mais uma vez pelo olhar que recebia. — Você estava em coma. Pareceu a coisa certa a se fazer. — Como ele não disse nada e permanecia encarando-a, ela indagou: — Isso te incomoda?

— Não! Claro que não. Eu sou grato por ter feito isso. Pode ser que tenha sido através da sua oração que Deus resolveu me dar uma segunda chance. — Os olhos de Dylan brilharam enquanto falava.

— Não acho que tenha sido apenas por minhas orações. A cidade inteira intercedeu por você. — Jenny tentou afastar os méritos para bem longe dela.

— Obrigado — ele agradeceu, como se somente a oração dela lhe importasse.

— Não precisa me agradecer por isso. Apenas cumpri com o meu dever de cristã. — Pela primeira vez, Jenny retribuiu o olhar do rapaz sem desviá-lo.

Dylan sorriu, contraindo os lábios de um canto ao outro, sem disfarçar seu fascínio por ela. Sua vontade era abraçá-la por se preocupado tanto com ele, mesmo não merecendo, mas se conteve. Não queria assustar a garota.

— Verdade. Esse é o *nosso* dever como cristão, interceder pelo próximo — preferiu dizer apenas.

— Nosso dever? Está me dizendo que você também é cristão? — A moça não conseguiu evitar o sorriso surpreso que tomou conta de seus lábios.

— Sou — respondeu, mais uma vez encantado com o sorriso dela.

— Desde quando?

Era visível a empolgação em sua voz, mas Jenny não se deu ao trabalho de disfarçar.

— Desde o dia em que eu me ajoelhei no meio do deserto pedindo perdão pelos meus pecados e um soldado orou por mim, após eu tomar a melhor decisão da minha vida: Convidar Jesus para habitar no meu coração. — Os olhos de Dylan se encheram de lágrimas ao falar.

Maravilhada, Jenny fitou-o com admiração. Então esse era o motivo do brilho tão intenso em seus olhos! Era por isso que estava tão diferente. Dylan havia se decidido a Cristo.

— E os outros? — quis saber ela, referindo-se aos amigos dele.

Dylan deixou escapar um suspiro doloroso.

— Infelizmente não tomaram a mesma decisão.

— Eu sinto muito. — Dessa vez, foi Jenny quem sentiu vontade de abraçá-lo, mas, assim como ele, se conteve.

Os dois ficaram em silêncio e Dylan pareceu distante por longos segundos.

Dando-se conta de que ele estava pouco à vontade, Jenny se obrigou a iniciar a sessão. A cada toque dela, o soldado se contraía, obrigando-a parar o exercício, pedindo perdão pelos incômodos.

— Não se desculpe e não precisa parar. Eu suporto a dor.

— Não precisa se fazer de forte, Dylan. Isso não se trata do quanto você suporta a dor. Há múltiplas lesões delicadas que precisamos tratar com cautela. — Afastou-se. — Acho que por hoje está bom. Aos poucos vamos intensificando os exercícios. Você deverá ser paciente. Não vai ficar bom da noite para o dia — advertiu, lançando lhe um olhar compassivo.

— Preciso estar pronto em seis meses. Acha que consigo? — Jenny o ajudou a se levantar e alcançou seu casaco.

— Se você não desistir do tratamento e seguir à risca o programa criado pelo doutor Simon, sim. Estará bom em seis meses ou até antes disso.

— Ótimo.

— Mas não precisa ter pressa, Dylan. Temos que respeitar o ritmo do seu organismo.

— Eu preciso ter pressa, se não, adeus exército.

Jenny, que estava de costas, sorriu. Sem dúvida o tio havia ido até a casa do rapaz. Não voltou a falar com Eli depois do encontro na cafeteria, mas sabia que quando prometia fazer algo, ele cumpria.

— Sua próxima sessão será amanhã. — Entregou-lhe um quadro de horários. — Faremos o tratamento intensivo. Todos os dias deverá estar aqui na hora marcada. E você pode fazer caminhadas leves. Vai te ajudar no condicionamento físico, mas nunca abuse, por favor. Caso contrário, teremos um resultado totalmente contrário do que queremos. Apenas uma volta no quarteirão da sua casa é suficiente. Tudo bem?

— Claro. Sem problemas.

— Até amanhã, então. — Ela sorriu, enfiando as mãos no jaleco.

Dylan teve vontade de perguntar se seria ela quem faria a sessão no dia seguinte também, mas preferiu não demonstrar sua ansiedade em voltar a vê-la. Estranhamente, sentiu-se mais à vontade em sua presença do que imaginou que ficaria. Precisava encontrar uma forma de se verem outra vez. Quando estava prestes a sair da sala, ele parou e voltou em direção a ela novamente.

— Sei que você já me deu os CDs, mas sem querer abusar da sua bondade, será que eu poderia ficar com o seu discman por mais alguns dias?

— Se não se importar com os adesivos. — Ela deu de ombros.

— Para falar a verdade, a Barbie sempre foi meu desenho animado favorito. Meu sonho era ser o Ken.

— Sério? — Jenny riu identificando o sarcasmo presente naquela afirmação e imaginando-o assistindo um dos filmes da Barbie. — Sendo assim — ela entregou o aparelho —, pode ficar com ele para você.

— Não sou tão fã assim. Eu vou te devolver um dia. Prometo! — Retribuiu o sorriso.

— Nos vemos amanhã, Dylan. — Ele assentiu e saiu.

Aquilo era tudo o que o rapaz mais queria: Vê-la no dia seguinte e em todos os outros pelo resto da sua vida — só que não havia se dado conta disso ainda.



Capítulo 25

Mesmo depois de sair da clínica, Dylan manteve um sorriso nos lábios sem perceber. O tempo que havia passado na companhia de Jenny durante aquela sessão, tinha sido o melhor desde que acordara do coma.

— Pelo jeito foi tudo bem — disse Darla, ao notar o semblante alegre do filho quando este entrou no carro.

— Foi sim. — Ele depositou um beijo estalado no rosto da mãe.

Ela gostou do novo Dylan sentado ao seu lado.

— Pensei em almoçarmos fora para comemorar. Só eu e você, o que acha?

— Parece ótimo!

Ao contrário de dias antes, agora Dylan se sentia confiante quanto ao tratamento. Sentados na praça de alimentação do shopping, contou para a mãe sobre o programa de exercícios da fisioterapia e de seus planos para o futuro no exército. Momentos depois, o painel eletrônico indicou que os pedidos já estavam prontos, então ele foi até o balcão buscá-los.

Ao se aproximar, ouviu a voz de Jenny no guichê ao lado, pegando seu almoço para viagem.

— Está me seguindo? — Dylan perguntou, parando ao lado da garota sem que ela percebesse sua aproximação.

— Eu compro meu almoço aqui todos os dias, se tem alguém me seguindo, é você. — Ela devolveu a provocação, sorrindo.

— Minha mãe quis almoçar aqui hoje. Achou que merecia uma comemoração por eu ter finalmente decidido voltar à vida. Palavras dela. — Fez uma careta como se tivesse dito a coisa mais cafona do mundo.

— Mães são tão dramáticas.

— No caso da minha é um pouco pior.

— Bom almoço para vocês então. Eu preciso ir, tenho apenas uma hora de intervalo. — Jenny fez menção em sair.

— Você poderia comer conosco. — Dylan convidou com os olhos fitos nela.

— Eu não quero atrapalhar o momento de vocês. — Jenny colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, em uma vã tentativa de demonstrar indiferença ao convite.

— Não vai atrapalhar. Aliás, tudo que eu faço ultimamente é ficar com a minha mãe. Não me entenda mal, eu a amo. Mas — Dylan coçou a nuca —, seria bom ter outra pessoa para conversar, só para variar.

A forma cheia de expectativa com que ele a olhou, fez com que Jenny cedesse por um breve instante, o necessário para fazê-la aceitar o convite.

— Tudo bem. Só que não posso demorar.

— Legal. — O tom da voz do rapaz soou mais empolgado do que ele queria. — Vou só pegar meu pedido.

Assim que avistou o filho na companhia da moça, Darla se remexeu na cadeira, franzindo o cenho ao ver os dois rindo à medida que se aproximavam lado a lado. A senhora alternou o olhar entre a Jenny e o filho, visivelmente desconfortável pela presença dela.

— Encontrei a Jenny no balcão e a convidei para se juntar a nós, espero que não se importe. — Dylan colocou os pratos sobre a mesa, para puxar uma cadeira para sua convidada se sentar.

— Pensei que seríamos apenas nós dois, meu filho. — Darla não disfarçou seu descontentamento.

— Tudo bem. Eu não quero atrapalhar. — Jenny desejou nunca ter aceitado aquele convite. Onde ela estava com a cabeça? Já havia notado que Darla não era sua *fã*.

— Você é a minha convidada, Jenny. — Ele olhou duramente para a mãe. — Sente-se. — Pediu gentilmente, voltando sua atenção à garota.

Jenny ficou sem saber o que fazer. Dylan segurava a cadeira para ela, enquanto Darla deixava mais que visível em seu olhar que ela não era bem-vinda ali, sem contar o choro entalado em sua garganta.

— Eu realmente preciso voltar. — Decidiu que o melhor seria não ficar, caso contrário, choraria se aquela mulher dissesse qualquer outra coisa. — A gente almoça juntos em outra oportunidade.

Eu não acabei de falar isso!

— Tem certeza? — Dylan indagou decepcionado.

— Claro! — ela exclamou, forçando um sorriso. — Bom almoço para vocês e desculpe a incômodo. — Tentou ao máximo parecer indiferente ao

que acabara de ocorrer, porém, sabia que não estava enganando a ninguém.

Jenny saiu rapidamente, antes que caísse no choro ou falasse mais alguma coisa que viesse a se arrepender mais tarde.

Dylan fitou a sua genitora, deixando transparecer seu descontentamento com o comportamento dela. Sentia-se envergonhado pelo que ela acabara de fazer.

— Tem noção de como você foi grossa?

— É um almoço em família. — Darla puxou seu prato, servindo-se como se nada daquilo importasse.

— Nós almoçamos e jantamos juntos todos os dias. Custava ser educada? — Dylan permaneceu em pé ao lado da mesa.

— Não gosto dela. — Darla levou mais um pouco de alimento à boca.

— E posso saber por quê? — Dylan cruzou os braços esperando uma resposta.

— Sua comida vai esfriar.

— Responde a minha pergunta.

— Ela me lembra alguém — disse, pousando os talheres o prato.

— Quem? — Intrigado, Dylan questionou achando aquilo tudo muito estranho. Darla permaneceu em silêncio, evitando olhar para o filho. — Quem ela te lembra, mãe?

— Alguém! — esbravejou, deixando bem claro que não estava em seus planos aprofundar o assunto. — Vamos comer. Esquece isso.

— Perdi a fome.

Ele saiu, deixando-a sozinha na praça de alimentação. Sua mãe acabara de tratar uma pessoa com arrogância, gratuitamente. Pior que isso, havia maltratado Jenny. Logo ela, a pessoa mais doce que conhecia. O que tanto a perturbava a ponto de ser tão mal-educada com a garota?

Nunca, em toda a sua vida, viu a mãe tratar alguém daquela maneira. Logo no momento em que ele e Jenny estavam começando a construir uma ligação — pelo menos era isso que ele achava. Ambos estavam realmente começando a se entender, levando em consideração as várias situações em que os dois haviam passado e somada à sessão daquele dia. No entanto, depois do ocorrido, teve medo de que tudo voltasse à estaca zero. No outro dia teria que se retratar com ela novamente e pedir perdão outra vez. Sentiu-se culpado por ter colocado Jenny naquela situação.



Durante todo o jantar naquela noite, Jenny permaneceu em silêncio e mal tocou na comida, enquanto a mãe tagarelava sobre os preparativos de seu casamento.

Sentia-se extremamente envergonhada e chateada com a maneira que havia sido tratada por Darla. O tom áspero da voz da mulher ainda rondava a sua mente, fazendo-a se sentir nauseada. Como se isso já não fosse o bastante, um nó em sua garganta ameaçava levá-la aos prantos a qualquer momento. Jenny não havia conseguido chorar até àquela hora, por isso o peito estava pesado de rancor.

Se pudesse escolher, não gostaria de voltar a ver Dylan tão cedo. Não o culpava pelos atos da mãe, foi visível a sua reprovação quanto ao comportamento dela, mas sentia tanta vergonha que pediu o dia seguinte de folga para Simon, apenas para não correr o risco de esbarrar com o soldado na clínica.

— Filha, o que houve? Mal tocou na comida e eu estou aqui falando sem parar, enquanto você está me respondendo apenas com monossílabos.

— Não é nada — sussurrou, deixando uma lágrima escapar.

— E desde quando você chora por nada? Me fala o que tanto está te chateando.

— Quando a senhora vai até Madison escolher o seu vestido de noiva?

— Na semana que vem, por quê? — Marina encarou a filha, intrigada. — Sua chateação tem a ver com o casamento? O que não está te agradando?

— Não é isso, fica tranquila. Só que amanhã eu estou de folga. Queria passar um tempo com a senhora. Há tanto tempo não fazemos isso e não sei se poderei tirar outro dia na semana que vem. Gostaria muito de estar presente quando escolhesse o vestido.

— Eu posso ligar para a loja e remarcar para amanhã de manhã.

A menina assentiu e forçou um sorriso. Após alguns minutos pendurada ao telefone, Marina volta para a sala, sorridente.

— Pronto, deu trabalho, mas consegui que me encaixassem amanhã.

— Obrigada.

— Por que está agradecendo? — Marina sentia que algo muito ruim havia acontecido à filha.

— Por mudar seus planos para ficar comigo. — A voz de Jenny saiu embargada e ela teve que fazer um esforço descomunal para engolir o choro naquele momento.

— Você realmente está bem?

— Sim. — Várias lágrimas escaparam de seus olhos.

— Então por que está chorando?

Jenny não conseguiu mais se segurar, caindo em um choro sentido.

— Filha! O que houve? — Marina se preocupou ainda mais, vendo-a tão vulnerável. — É o casamento, não é? Não está à vontade com a ideia de eu me casar com o Simon? Porque se for isso, podemos repensar nossa decisão.

— Não! Vocês se amam e a senhora sabe que eu fui a maior incentivadora dessa união.

— Então o que é? Alguém te distratou na clínica? — Ela meneou a cabeça em negação.

— Eu vi Darla Fox hoje no shopping na hora do almoço e ela...

— O que ela fez? — Marina se levantou em um salto, assustando Jenny.

— O que aconteceu entre vocês? — A moça observou a mãe andar de um lado para o outro no meio da sala. — Quando eu perguntei sobre ela há um tempo, você ficou pálida e agora está irritada só de ouvir nome dela.

Marina passou as mãos no rosto e no cabelo, tentando retomar o controle de suas emoções. Quando se sentiu mais calma, voltou a se sentar.

Estava na hora da filha saber de toda a história.

— Darla e eu éramos melhores amigas na época do colégio — falou, fitando um ponto qualquer na parede atrás da filha. — Mas, do nada, ela começou a andar com os populares da escola e isso a mudou. Tornou-se arrogante e egoísta. Foi então que todos os amigos começaram a se afastar dela. Inclusive o namorado que ela tinha na época e eu. — Suspirou como se ainda estivesse ferida pelo ocorrido de anos atrás. — Ela não se importou no início, mas um tempo depois nem os populares a suportavam mais, então Darla quis voltar a andar com a turma anterior. Porém, as coisas tinham mudado. — Marina fixou os olhos no chão dessa vez.

— Mudado como? — Jenny perguntou, tentando entender o relato de sua mãe.

— Tudo. Eu tinha uma nova melhor amiga e o namorado dela havia encontrado outra pessoa. Darla não aceitou muito bem e nunca mais nos falamos. — Marina fungou, e foi aí que Jenny soube que ela não estava contando toda a história.

Um pensamento lhe veio à cabeça e ela tentou dissipar. Não fazia o menor sentido, mas mesmo assim perguntou:

— Como se chamava o ex-namorado?

Marina fungou outra vez e apertou os olhos antes de pronunciar o nome.

— James Parker. — Espiou a filha com os olhos semiabertos.

— O papai? — Surpresa, Jenny levou as mãos a boca.

— Agora você entende o motivo. — Marina soltou o ar preso nos pulmões.

— Entendo.

— Ela nunca aceitou o que aconteceu e fez de tudo para nos separar. Mesmo depois de ambas estarmos casadas.

— E o papai? Como ele agiu no meio desse conflito todo?

— Ele sentia pena da pessoa que ela havia se tornado, tentou ajudá-la algumas vezes, mas Darla achava que poderia ter outra chance. Eu sempre confiei no seu pai, ele nunca me deu motivo para pensar o contrário. Foi terrível àquela época. Só quando James foi convocado para combater no exterior pela primeira vez, foi que ela finalmente nos deixou em paz.

— Por que nunca me contou? Eu não fazia ideia que vocês haviam passado por isso. Nunca percebi nada de estranho.

— Você era nova demais para entender esses assuntos complicados de adultos e nós nunca deixamos que essa situação interferisse em nossa relação. Eu sabia o quanto ele me amava e que nunca seria capaz de ceder aos apelos daquela libertina. Depois que Darla sumiu, eu preferi deixá-la no passado.

Marina olhou para a filha tentando entender o que se passava em sua cabeça depois de ouvir tudo aquilo.

— Parece que ela não esqueceu.

Puxando a filha para um abraço, Marina imaginou as coisas horríveis que a menina tinha ouvido de sua rival.

— Fica longe dessa mulher. Eu não duvido nada que ela possa querer te magoar só para me atingir novamente. Não sou tão paciente como o seu pai. Sou capaz de dar o que ela realmente merece se voltar a te magoar.

Quanto a isso, Mariana não precisava se preocupar. No que dependesse de Jenny, ela nunca mais trocaria uma palavra sequer com Darla Fox.



Capítulo 26

Aquela viagem até Madison com a mãe era tudo o que Jenny precisava para se recuperar dos acontecimentos do dia anterior. Havia muito tempo em que as duas não se dedicavam a um momento só delas. Conversaram sobre muitos assuntos diferentes, falaram da expectativa do grande dia de Marina e Simon, riram de lembranças antigas, comeram mais do que suportavam e provaram tantos vestidos, que perderam as contas.

Durante todo o passeio, Jenny não pôde evitar pensar como seriam os preparativos do próprio casamento. Vendo toda a correria da mãe, estava certa de que quando chegasse a sua vez, optaria por algo simples, reduzindo, assim, o trabalho pela metade. Seria apenas ela, o noivo, o pastor, os amigos mais chegados e os pais de ambos, nada mais.

O sol já estava se pondo no horizonte quando chegaram de volta a Oregon. Ao estacionar o carro na calçada em frente à garagem, avistaram Matt sentado em um dos degraus da varanda. O vento agitava os cabelos lisos e crescidos do garoto, jogando-os de um lado para o outro. Ele se levantou indo ao encontro delas para ajudar com as sacolas.

— Oi, Matt. Quanto tempo! — Marina o cumprimentou com um abraço.

— Boa noite, senhora Parker. Realmente não tenho aparecido com tanta frequência ultimamente. Estou cheio de serviços no haras.

— Não deve ser fácil cuidar de tudo aquilo apenas em duas pessoas.

— Meu pai não anda bem de saúde, então eu faço tudo praticamente sozinho.

— Eu sinto muito. Não sabia que ele não estava bem. Poderíamos ir até lá qualquer dia lhe fazer uma visita, não é Jey? — Marina perguntou para a

filha, que retirava as compras do bagageiro do carro.

— Claro. Estou morrendo de vontade de andar a cavalo. — Jenny se aproximou, cumprimentando o amigo com um abraço, assim como a mãe momentos antes.

Apesar dos pesares, Matt era um bom amigo e ela sentia falta da companhia dele diariamente, como na época do colégio. O rapaz retribuiu o abraço um pouco sem jeito. Afinal, a amizade estava abalada há dias.

— Meu pai ficará muito feliz. Por que não almoçam conosco domingo? Tenho certeza que minha mãe não se importaria. E aproveitamos para andar a cavalo, Jey. — Sorriu, animado com os planos.

— Perfeito! — Marina concordou. — Você fica para o jantar?

Matt olhou para Jenny buscando ver a reação dela com o convite. Não tinha certeza se estava tudo bem entre eles depois do almoço desastroso de semanas antes. Não se viam desde aquele dia, então ponderou antes de responder.

— Não quero incomodar.

— Você nunca incomoda. Vou fazer aquela macarronada que eu sei que você ama.

Quando o assunto era comida, Marina sabia muito bem como convencê-lo. Ele praticamente devorava tudo o que ela cozinhava. Foi assim durante todo o tempo em que ele frequentava constantemente sua casa nos tempos da escola.

Jenny sorriu e fez um gesto com ombros, como se estivesse o autorizando a aceitar.

— Sendo assim, eu fico. — Sorriu aliviado ao perceber que nada havia mudado. — Obrigado.

Marina entrou em casa. Jenny e Matt se sentaram lado a lado nos degraus.

— Está aqui há muito tempo? — Ela puxou assunto.

— Uns vinte minutos. Fui até a clínica, mas me disseram que você tinha tirado o dia de folga.

— Sim. Eu estava precisando de um tempo para mim. — Jenny levou a mão ao pescoço, sentindo o cansaço do dia lhe atingir.

— Vem cá. — Matt indicou o degrau logo abaixo. — Vou te fazer uma massagem.

— Não precisa Matt. Eu estou bem.

— Vem logo. Você vai se sentir melhor — insistiu.

— Você vai acabar me deixando ainda mais dolorida se não souber o que está fazendo — Jenny protestou.

— Eu sei fazer uma massagem. — O rapaz revirou os olhos impaciente. — Acredite em mim!

— Da última vez que me pediu para confiar em você, torci o tornozelo.

— Dessa vez é diferente, mas você só saberá se me deixar provar. — Ele puxou as mangas compridas da camiseta que usava até os cotovelos.

— Tudo bem, mas se amanhã eu acordar pior, te mando a conta da farmácia.

— Feito. — Apontou novamente o degrau e dessa vez ela aceitou.

Matt tinha razão, Jenny teve que admitir. Ele realmente sabia fazer uma massagem. Aos poucos, a dor e o desconforto no pescoço foram diminuindo. Enquanto ele a massageava, fazia piadas de como poderia facilmente conseguir um emprego na clínica de Simon, sob os protestos dela, que dizia que esse não era o tipo serviço que eles ofereciam.

Há tempos Jenny não sorria daquela maneira. Sentiu remorso por ficar evitando-o.

De repente, Matt parou rir e interrompeu a massagem. Quando a moça olhou para o mesmo ponto que ele fitava, sentiu o coração palpitar.

— Dylan? — indagou surpresa.

O soldado olhava para eles fixamente, a alguns passos de distância. Jenny se levantou e procurou pelo carro da mãe do rapaz, mas não o encontrou.

— O que está fazendo aqui? Você veio andando? — inquiriu com reprovação ao se aproximar dele.

— Sim — respondeu sem mudar a expressão carrancuda.

— Eu disse para você fazer caminhadas leves. Não pode andar tanto assim! Não está preparado para isso. A sua perna...

— Eu precisava falar com você. — Dylan olhou para Matt, que permanecia sentado na escada o encarando.

Jenny fez o mesmo, mas o amigo cruzou os braços, indicando que não os deixariam a sós.

— Pode falar. — Ela voltou a sua atenção para Dylan.

— Achei que te veria hoje na clínica. — O soldado falou um pouco mais baixo, aproximando-se dela.

— Fui com minha mãe até Madison.

Jenny colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça jeans. Estava tão perto um do outro, que precisou fazer alguma coisa para ele não perceber como sua presença a deixava totalmente desestabilizada.

— O Dr. Simon me disse. — Ele fez uma pausa antes de prosseguir. — Bem, eu gostaria de me desculpar pela maneira que a minha mãe te tratou ontem. Não sei o que deu nela para agir daquela maneira. Aconteceu alguma coisa entre vocês que eu não sei?

— Sua mãe só queria passar um tempo com você, sem a interferência de outra pessoa — falou rapidamente.

— Não, Jenny, ela foi muito grossa e sei que existe um motivo para isso! — Dylan elevou a voz ao tom normal, sem importar se Matt escutaria a conversa.

A moça desviou os olhos para o horizonte, com medo de deixar transparecer que sabia dos motivos.

Tarde demais.

— Você está escondendo algo.

— Por que eu estaria? — ela indagou, encarando-o pela primeira vez.

— Alguém já te disse que você não sabe mentir? — Dylan a encarou de volta.

Matt observava a discussão de onde estava. Os dois pareciam um casal discutindo a relação e aquilo o incomodou.

— Me conta por que ela te tratou daquele jeito. Minha mãe me disse que você a fazia se lembrar de alguém. Sabe quem é? — Dylan prosseguiu com o interrogatório.

— Isso você vai ter que perguntar a ela. — Jenny desistiu de tentar demostrar desconhecer os motivos.

— Mas eu estou perguntando a você!

Os dois se fitaram em silêncio por um longo tempo. A garota não saberia nem por onde começar a contar tudo que sua mãe lhe havia revelado. Seguiria o seu conselho e ficaria o mais longe possível de Darla. E isso incluía não mexer com o passado. A mãe dele deveria contar ao filho o porquê de sua implicância, não ela.

— Quer dizer que tem alguma coisa... — Dylan concluiu. — Tudo bem. Não precisa me contar se não quiser. E me desculpa se atrapalhei alguma coisa aqui. — Dylan deu uma última olhada em direção a Matt, antes de se virar e começa a andar rumo à rua. Ele ainda mancava e caminhava com dificuldade.

O soldado morava do outro lado da cidade e ela sabia que não deveria permitir que ele fizesse todo o trajeto de volta para casa andando. Seria negligência de sua parte, conhecendo as condições físicas dele.

— Dylan, espera. — Ele não parou. — Você não pode voltar andando. Eu te levo até a sua casa.

— O quê? — Matt não se aguentou em seu lugar, saltando para perto dela. — Se ele quer andar, deixa.

— Eu aceito a carona — Dylan respondeu virando-se para os dois. — Apenas se eu não for atrapalhar... — Alternou o olhar entre Jenny e Matt, que posicionou a mão no ombro da garota.

— Para falar a verdade... — Matt começou a falar, mas Jenny o interrompeu.

— Você não atrapalha e muito menos interrompe alguma coisa aqui. — Tirou a mão de Matt do seu ombro. — Eu já volto. — Lançou um olhar de reprovação para a implicância do amigo. — Comporte-se — disse apenas para ele escutar.

A garota saiu para buscar as chaves de seu carro, deixando os dois rapazes sozinhos. Assim que a porta se fechou e ela desapareceu dentro da casa, Matt se aproximou de Dylan com passos firmes. Sua intenção era dizer algo que o intimidasse. Porém, quando parou de frente para o seu oponente, teve que levantar os olhos para poder olhá-lo. Dylan o encarou de volta, então, ele recuou um passo.

— O que você pensa que está fazendo? — Matt inquiriu.

— Não entendi. — Dylan uniu as sobrancelhas.

— Você já magoou demais aquela garota e eu não vou permitir que isso se repita. E não importa — analisou o outro de cima a baixo — se você dá dois de mim. Aliás, eu já te acertei uma vez, lembra? — Matt deu um sorriso torto ao recordar do momento da sua vida em que ele mais se orgulhava.

— É. Eu me lembro. — Dylan continuou sério, o encarando fixamente. — Eu mudei Matt. Não se preocupe, pois minha intenção não é aborrecê-la. Nós já conversamos a esse respeito e está tudo resolvido.

— Ah, é? — Matt cruzou os braços e deu um sorriso sarcástico. — Eu posso saber quando isso aconteceu?

— Vocês estão namorando? — Dylan imitou o gesto do outro.

— Por que não me responde? — Matt se irritou com a pergunta.

— Minha resposta depende da sua. — Dylan percebeu o desconforto que sua pergunta havia causado.

Se o exército lhe ensinara alguma coisa, era interpretar a linguagem corporal das pessoas em busca de coisas suspeitas.

Matt semicerrou os olhos em direção à *muralha* de músculo em sua frente.

— Foi o que eu pensei. — Dylan sorriu.

Quando Jenny voltou, eles ainda se encaravam com os braços cruzados, um de frente para o outro, como dois oponentes antes de uma luta por disputa de cinturão.

— Está tudo bem aqui? — indagou enquanto alternava o olhar entre os dois.

— Está — Dylan respondeu direcionando a sua atenção a ela e sorriu. — Estava aqui dizendo ao Matt que nós conversamos sobre as coisas ruins que aconteceram no passado e que ele não precisa se preocupar, porque a

minha intenção não é te magoar outra vez. Pelo contrário, meu único desejo é ser seu *amigo*.

Por um milésimo de segundo, Jenny pensou ter notado um significado diferente naquela frase. A forma que ele a olhou fez com que pensasse assim. Sentiu as temíveis borboletas que habitavam em seu estômago acordarem. De novo.

Após se desvencilhar do olhar de Dylan, virou-se para o amigo em busca de confirmação.

— É isso mesmo — o outro respondeu a contragosto, dando um passo para trás e posicionando ao lado dela.

— Aproveitando que você está aqui. Eu também te devo um pedido de desculpas, Matt. Fui um babaca com você também. — Dylan se desculpou.

— É. Você foi mesmo.

— Matt! — Jenny o advertiu.

— Não tiro a sua razão em me odiar. Mas hoje eu não sou mais aquele garoto inconsequente de anos atrás. Como disse anteriormente, eu mudei, e foi para melhor. — Matt fez cara de deboche. — Não precisa ser agora. Se algum dia você puder me perdoar, serei grato. — Matt não respondeu.

— Vamos? — Jenny passou entre eles, seguindo para o carro.

— Claro. — O soldado a seguiu. — A gente se esbarra por aí, Matt — disse por cima do ombro.

Durante todo o caminho até a casa de Dylan, nenhum dos dois falou palavra alguma. Jenny tentava agir normalmente para não deixar transparecer o quanto aquela aproximação lhe afetava cada vez mais. O perfume do rapaz tomava conta de todo interior do carro, fazendo-a perder a concentração.

Quando parou o veículo em frente à residência dele, viu Darla sentada na varanda. Dylan olhou para a mãe ao longe e depois para Jenny sem pressa em sair.

— Não quero criar problemas com sua mãe — ela pediu, desviando os olhos para frente. — É melhor você ir.

— Eu já sou bem grandinho e posso escolher as minhas companhias.

— Dylan, eu falei sério quando disse para você fazer apenas caminhadas leves. Andar até a minha casa foi perigoso. Você ainda está se recuperando da cirurgia em sua perna. Acho melhor repousar amanhã e retornar às sessões na quinta-feira. — Ela mudou de assunto.

Um vagalume pousou no para-brisa e ela concentrou sua atenção no inseto.

— Eu precisava falar com você.

— Existe telefone para essas coisas.

— Se eu tivesse o seu número... — Dylan deixou a frase no ar.

Antes de ficar ainda mais vermelha por causa da indireta, Jenny pegou um pedaço de papel qualquer e anotou o número do seu telefone.

— Agora tem. Não faça mais isso! — Dylan sorriu.

— Almoça comigo amanhã? — Convidou, pegando-a de surpresa.

— Como? — Ela não conseguiu evitar olhar para ele.

— Você disse que poderíamos almoçar juntos qualquer dia. Quero que seja amanhã.

— Eu não posso. — Desviou o olhar e, por pura mania, colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, sem perceber que aquele era seu tique nervoso.

Dylan já havia notado isso nela.

— Não pode ou não quer? — inquiriu, fazendo-a olhar para ele novamente.

— Não posso — disse taxativa. — Acho melhor deixarmos tudo apenas na área profissional. Não vamos começar a confundir as coisas. — Decidiu abrir o jogo antes que sua mente fértil criasse algo que não existia.

— Não sei se concordo. — Olhou para ela impaciente.

— Dylan...

— É só um almoço, Jenny! E pode ficar tranquila, eu não apostei isso com ninguém.

Jenny não disse nada, mas sentiu os olhos embaçarem. Piscou várias vezes para impedir que as lágrimas viessem à tona e engoliu o nó que se formava em sua garganta.

— Me desculpa. — Dylan passou as mãos no rosto, praguejando internamente por ter dito aquelas palavras. — Eu sou um idiota. Não sei por que falei isso. Eu sinto muito. — Olhou para ela, aborrecido. — É só que eu não tenho mais ninguém para conversar, além da minha mãe. Achei que seria bom sair com alguém da minha idade, só para variar. Mas, fica tranquila, não precisa fazer sacrifício maior do que me atender na clínica. — Ele abriu a porta e saiu do carro.

Jenny travou uma batalha interna. Uma parte dela suplicava para deixá-lo ir e a outra gritava para mudar aquela situação. Era apenas um almoço, não um encontro.

— Espera... — Jenny o chamou timidamente. — Acho que eu posso fazer mais esse sacrifício.

— Tem certeza?

Não, eu não tenho.

— Sim.

— Não vai me dar *bolo*, vai? — Dylan questionou vendo um fio de dúvida em seus olhos.

— Não. Pode ficar tranquilo. — Ela sorriu, baixando a guarda.

— Que bom, porque eu sei onde você mora — ele ameaçou.

— Não se atreva a andar até lá novamente.

— É só você não se atrever a me afastar novamente. — Piscou antes de voltar a andar, deixando-a totalmente desconcertada.



Capítulo 27

Jenny arrumou a franja e conferiu as horas no relógio pela enésima vez. Agora era oficial, Dylan não estava apenas atrasado, mas havia lhe dado um bolo daqueles. Sentiu vontade de chorar por ter sido ingênua ao ponto de pensar que eles poderiam agir como amigos. A regra era clara, populares não se misturavam com perdedores e não importava se estavam ou não no colegial.

Seu horário de almoço estava preste a acabar quando o garçom se aproximou pela terceira vez.

— Quer pedir agora? — perguntou abrindo um sorriso enternecido.

— Ah, sim. — Ela suspirou. — Um sanduíche de atum para viagem, por favor.

O rapaz saiu e ela olhou para o restaurante quase vazio. Avistou sua imagem refletida em um dos vários espelhos que compunha a decoração do local de arquitetura retro. Aquele lugar tinha sido escolha de Dylan. Já era tarde da noite, quando recebeu um torpedo com o endereço do estabelecimento e onde estava ele agora?

Seu cabelo avermelhado estava perfeitamente arrumado e ela usava uma roupa um pouco mais formal do ela acostumava trajar. Todo o conjunto pareceu exagerado demais de repente.

Por que eu me dei ao trabalho de me arrumar?

Pior, por que me dei ao trabalho de acreditar que Dylan Fox, realmente estaria a fim de passar um tempo comigo?

Jenny fechou os olhos e respirou fundo, prometendo a si mesma, nunca mais acreditar em uma só palavra que saísse da boca dele. Quando os

abriu novamente, viu a imagem de Dylan refletida atrás de si.

Ela se virou e o encarou sem expressão.

— Desculpa a demora. — Ele se sentou, sem desfazer o contato visual.

— Eu já tenho que ir. Meu horário de almoço já acabou. — Jenny pegou a bolsa para sair.

— Eu liguei para o doutor Simon e ele te deu a tarde de folga. — A garota crispou os olhos. — É sério. Pode ligar e perguntar se não acredita.

— Não precisava ter se dado ao trabalho.

— Eu tive um contratempo ao sair de casa. Expliquei que almoçaríamos juntos, mas por causa do meu atraso não seria possível se você tivesse que voltar ao trabalho. Ele entendeu e te deu o resto do dia de folga. Disse que estava te devendo uma — Dylan explicou, torcendo internamente que ela realmente ficasse. Jenny parecia decidida a partir.

— Ele disse? — indagou sem saber se realmente acreditava no que ele estava dizendo.

— Disse. A propósito, quem é senhor Wilson? — Jenny sorriu, baixando a guarda. Como ele saberia disso se não houvesse conversado com o seu patrão?

— É um pretendente — ela gracejou, pendurando a bolsa na cadeira novamente.

Daria uma chance, afinal, ele havia tido um contratempo, não é mesmo?

Dylan sorriu aliviado, ao ver que ela ficaria.

— Mais um? — perguntou ele, arqueando as sobrancelhas. — Matt, senhor Wilson... — começou a contar nos dedos. — Quantos pretendentes você tem?

Para alívio da moça, o garçom retornou e o interrompeu.

— Creio que gostaria de trocar o seu sanduíche de Atum para viagem, por algo para comer aqui. — O moço bem afeiçoado sorriu para ela, ignorando a presença de Dylan.

— Sim. — Ela sorriu de volta, um pouco envergonhada. — Lasanha, por favor.

— O mesmo para mim — falou Dylan, quando o garçom se virou para ele a contragosto.

O soldado mediu o moço à medida que ele se afastava. Depois encarou Jenny.

— Então... Matt, senhor Wilson e agora o garçom? É, parece que a cada instante a lista fica mais extensa. — Acrescentou mais um dedo a sua contagem.

— Ele só estava sendo gentil.

Ela ficou se perguntando de onde Dylan tinha tirado aquela ideia. Não havia percebido nenhum flerte por parte do pobre menino.

— Você disse que teve um contratempo ao sair de casa. O que houve? — Ela mudou de assunto rapidamente.

— Não gostaria de falar sobre isso, se não se importar. — Dylan pareceu desconfortável com a pergunta.

— Não foi sua mãe, foi?

— Não. Nós conversamos e ela não vai mais te tratar daquela maneira.

— Hum... — Sabendo o que sabia sobre Darla Fox, Jenny achou que seria pouco provável que aquilo acontecesse.

— Em qual igreja você vai? — Dylan levou a conversa para um terreno totalmente oposto e menos perigoso. — Carlton disse que eu preciso frequentar uma.

— Quem é Carlton?

— Meu pai na fé. — Dylan sorriu nostálgico. — Ele era um soldado maluco que pregou para mim durante todo o tempo que eu estive no Iraque.

— O soldado que orou por você no deserto? — Ele assentiu. — Minha igreja não é tão grande, mas me sinto bem lá. Te passo o endereço depois.

— Então creio que vou gostar também. Obrigado.

— Como aconteceu a sua conversão? — Jenny perguntou curiosa.

— Quer mesmo falar sobre isso?

— Sim. — Ela sorriu, apoiando os cotovelos na mesa e entrelaçando as mãos. — Pode parecer estranho, mas eu amo saber como as pessoas chegaram à conclusão de que queriam que Jesus fosse o centro de suas vidas. Sempre fui cristã e não vivi algo assim. Lógico, teve uma época na minha vida que tive um verdadeiro encontro com Deus. Você, por outro lado, não era conhecedor da palavra e teve que ir contra todas as convicções já formadas em sua mente. Entende o que eu quero dizer?

— Acho que sim.

— Então me conta, como aconteceu com você?

Dylan sorriu com a empolgação dela. Para outra garota, aquele não seria um assunto para um primeiro *encontro*. Mas, lógico, aquilo não era um encontro. Era apenas um almoço entre dois amigos.

— Bem, você me conheceu na época da escola. Tanto eu como meus amigos nunca fomos voltados às responsabilidades da vida. Eu buscava ser aceito o tempo todo e cheguei a fazer coisas que eu não aprovava pelo simples fato de não querer perder o que eles me proporcionavam.

— Popularidade.

— Exatamente — Dylan concordou. — Eu não sabia dizer não para eles. E podia ser a ideia mais absurda do mundo.

— Foi isso que aconteceu no baile? — Jenny perguntou, mas logo se arrependeu.

Dylan se remexeu desconfortável em seu lugar e tomou um pouco de água.

Porque aquele assunto sempre vinha à tona?

— Sim e eu me arrependo amargamente por aquilo. — Dylan a olhou com pesar pelas lembranças dolorosas, mas respondeu naturalmente, deixando-a mais tranquila. — Quando fomos para o Iraque, não tínhamos ideia do que nos aguardava. Mesmo depois do treinamento em Boston, tudo era motivo de festa e brincadeiras no nosso grupo.

Dylan sorriu e meneou a cabeça antes de prosseguir:

— Ainda no avião, eu conheci um rapaz chamado Carlton Lee. Ele era cristão. Mas não um convencional. O cara era maluco! Ele falava de Deus com tanta paixão e admiração, que aquilo me irritava. Carlton era sinistro, para falar a verdade. Aquele maluco grudou na gente como um sangue suga e sempre que tinha oportunidade falava de Jesus, e nós — quicou os ombros — zombávamos dele todas às vezes por ele ser tão fanático.

O rapaz interrompeu seu relato por alguns segundos deixando a nostalgia tomar conta de si.

— Sem que eu percebesse, tudo que ele falava estava ficando gravado dentro de mim. Quando colocava a minha cabeça no travesseiro a noite, era como se suas palavras rodassem em minha mente. Por diversas vezes perdi o sono, então comecei a odiá-lo por aquilo.

— Mas você não cedeu tão facilmente, ou cedeu? — Jenny sabia que decisões como aquelas não se tomavam da noite para o dia.

— Não. Eu ainda me importava demais com o que meus amigos pensariam de mim se soubessem que eu estava dando ouvido às pregações do Carlton. Algo terrível teve que acontecer para eu me decidir.

— Terrível como? — Um arrepio percorreu a coluna da garota.

— Aqui estão os pratos de vocês. — O garçom interrompeu, colocando uma lasanha fumegante na mesa e uma travessa de salada. — E isso é para você. — Entregou um embrulho para Jenny. — O chefe já havia feito o seu sanduíche. Mas não precisa pagar. Fica como os cumprimentos da casa. — Sorriu outra vez para a garota, demorando-se no olhar.

— Não precisava, mas obrigada. — Ela retribuiu o sorriso, agradecida.

— É sério que vocês vão flertar como se eu não estivesse aqui? — Dylan perguntou fazendo o outro empalidecer no mesmo instante.

— De maneira alguma. Essa não era a minha intenção. — O rapaz saiu apressado, provavelmente amedrontado pelo olhar que recebia do soldado, que mesmo sentado era quase do seu tamanho.

— Por que você fez isso? — Jenny inquiriu, sentindo pena do garçom e furiosa pela insinuação sem cabimento.

Dylan a olhou de uma maneira como se perguntasse se queria mesmo que ele respondesse aquela pergunta.

— Esquece. — Ela revirou os olhos, preferindo deixar o assunto de lado. — Continue contando o que aconteceu.

Dylan deu um sorriso travesso, antes de prosseguir o seu relato:

— Certa vez estávamos fazendo segurança no centro comercial de Bagdá e, do nada, começou um tiroteio. As balas apareciam de todos os lados e não conseguíamos ver de onde estava vindo. O nosso grupo se dispersou procurando se proteger e passamos a atirar também, sem um alvo certo. Apenas apontávamos nossas armar e apertávamos o gatilho aleatoriamente. Eu me abriguei atrás de um carro e os outros entraram em um prédio. Foi a primeira vez que eu realmente senti medo naquele lugar.

Jenny o escutava aflita, como se estivesse naquela cena de guerra.

— Os tiros não sessavam e eu entrei em pânico. Vi alguns civis serem atingidos e algo muito forte dentro de mim dizia que eu tinha que sair dali, caso contrário, algo terrível aconteceria comigo. Mas eu estava apavorado e não conseguia me mover. De repente, senti uma força me impulsionar que, quando me dei conta, eu estava atravessando a chuva de balas correndo em direção ao prédio onde os outros estavam abrigados. Só tive tempo me proteger antes de o carro explodir.

— Meu Deus! — Jenny levou as mãos à boca, totalmente compenetrada na história que ouvia.

— Era para eu ter morrido aquele dia. — Os olhos de Dylan se encheram de lágrimas. — Hoje compreendo que foi uma intervenção divina que me tirou dali. Desde esse ocorrido as coisas mudaram e o que Carlton falava começou a fazer mais sentido para mim.

— Não consigo nem imaginar como isso deve ter sido traumatizante para você.

— Mas foi o que eu precisava. Alguns dias depois, eu e Carlton ficamos de sentinelas em um posto de comando no meio do deserto. Pela primeira vez, eu consegui falar com alguém sobre o medo constante que sentia desde o tiroteio e não só sobre isso. Conversamos a noite toda e eu contei a ele coisas da minha vida. Sonhos, erros e a vontade de mudança que pulsava no meu peito sem que eu me desse contar que estava lá. Eu sentia remorso das decisões erradas que eu já tinha tomado. Tudo se misturou com o medo que não me abandonava e eu só queria que aquilo desaparecesse de dentro de mim. Carlton disse que apenas Jesus poderia fazer isso, mas eu precisava me arrepender dos meus pecados, de coração, e que isso tinha que partir exclusivamente de mim. Não era pra eu me importar mais com o que meus amigos pensariam a meu respeito. Então eu finalmente abri o meu coração para o Senhor, pedi perdão dos

meus pecados e foi libertador. Simplesmente a melhor coisa que eu fiz em toda a minha vida. Não foi uma cura instantânea. Porém, meus medos e temores se abrandaram, até que sumiram com o tempo. Era como se um fardo enorme tivesse sido retirado dos meus ombros.

Quando ele terminou de falar, Jenny se sentia comovida por toda aquela experiência que ele tivera. Era simplesmente a coisa mais linda que já havia ouvido em toda a sua vida.

— E seus amigos, como reagiram?

— Eu não contei a eles logo de início. Demorei meses para criar coragem. Sei que deveria ter sido mais corajoso, deveria ter dito a eles no mesmo instante em que retornei ao acampamento. Mas fui um covarde.

Dylan apoiou os cotovelos na mesa e passou as mãos no rosto.

— Às vezes eu acho que se eu não tivesse amarelado, eles teriam tido mais tempo e tomado essa decisão também. Quando eu finalmente falei, todos se revoltaram contra mim e alguns dias depois veio o ataque. A culpa de eles morrerem sem Cristo foi toda minha.

— Ei, não fala isso! — Jenny o advertiu. — Eles tiveram a mesma oportunidade que você. Carlton pregava para todos igualmente.

— Mas se eles tivessem ouvido de mim, talvez tivessem mudado de ideia, teriam pelo menos mais tempo para isso. Eu adiei o máximo que eu pude e quando o fiz era tarde demais.

— Eu sinto muito, Dylan. — Jenny tocou a mão dele pousada sobre a mesa em um gesto involuntário. — Mas você não deve se culpar assim.

— Eu não fiz a minha parte. Então não consigo pensar diferente.

Ele entrelaçou seus dedos aos dela e só então ela percebeu o que havia feito. Mas já era tarde demais para se esquivar. E ela nem queria mesmo.

— Você é a primeira pessoa com quem eu falo sobre isso, além do Carlton — falou Dylan, fitando as mãos dadas.

Novamente, a mesma sensação de eletricidade invadiu seus corações. Naquele momento, Jenny decidiu que não queira mais correr dos sentimentos embaraçosos que lhe rondava.

Algo também se agitou dentro de Dylan, causando estranheza, pois era tão bom que ele não soube decifrar.

— Sempre que quiser conversar eu estarei aqui — disse Jenny, o surpreendendo.

— Pode ter certeza que eu vou querer — Dylan respondeu acariciando o dorso da mão dela com o polegar.



Capítulo 28

Se alguém dissesse para Jenny que Dylan Fox, o capitão do time de futebol da Oregon High School, se tornaria tão próximo dela um dia, provavelmente teria debochado dessa pessoa, afirmando que estava delirando. Porém, ela tinha que admitir, ambos haviam não só se tornado amigos, mas companheiros.

Como isso foi possível em tão pouco tempo? Eles não saberiam responder. O certo era que algo maior, muito maior do que ambos podiam imaginar, estava orquestrando tudo ao redor desde antes de se reencontrarem.

As semanas que se seguiram após aquele almoço foram de grande avanço no tratamento do rapaz e na convivência entre ele e Jenny. O soldado começou a frequentar a mesma igreja que ela e, a cada dia, sua sede por conhecer mais de Deus aumentava. Passaram a ter uma coisa em comum, algo que a cada dia os ligavam um ao outro: A Bíblia Sagrada.

Dylan sempre brincava com Carlton, quando se falavam por telefone, que preferia mil vezes a forma como a moça explicava sobre as coisas de Deus. Carlton o deixava apavorado com seus exemplos e metáforas. Jenny, por outro lado, era boa em suas ilustrações.

Graças a um projeto da igreja, Jenny ajudava Dylan com o discipulado. Os estudos aconteciam sempre que o rapaz tinha alguma dúvida que não conseguia sanar com o professor da classe de estudos bíblico. À medida que avançavam, os laços entre eles só cresciam, deixando-os mais à vontade na presença um do outro. Ela nem mesmo se lembrava das chateações do passado. Seu coração estava completamente

limpo do rancor enraizado por anos, mas que agora não existia mais. Era libertador poder pensar em Dylan ou até mesmo falar com ele sem sentir asco.

Em seu quarto, naquela manhã de sábado de dezembro, Jenny orou para que a chama que ardia no coração de seu mais novo amigo não se apagasse. Que o amor que ele sentia por Jesus aumentasse, até que não houvesse espaço para mais nada. Via a mudança real que o Espírito Santo havia feito em Dylan e, sem que percebesse, passou a admirá-lo pelo homem que ele havia se tornado, totalmente diferente do garoto imaturo e inconsequente do colégio.

Orou para que Deus curasse os seus traumas e o ensinasse a viver com as lembranças dolorosas — que ela sabia que ainda estavam lá. Por diversas vezes, Dylan havia confidenciado seus sentimentos mais profundos e obscuros, preocupando-a de que aquilo o prejudicasse de certa forma no futuro e essa era uma das razões que a fazia interceder por ele todos os dias.

Quando Jenny abriu os olhos, a primeira coisa que viu foi a gravata sobre o criado mudo. Ficara lá desde a noite anterior, quando orou por seu futuro marido. Respirou fundo, pegando-a e notando que a peça estava ficando desbotada.

Onde você está?

Por que está demorando tanto?

Fitou a gravata em silêncio por alguns segundos e depois sorriu. Ela não se importava quanto tempo demoraria, contando que estivesse vindo ao seu encontro!

Ainda encarava o objeto envelhecido quando Léxis e Matt irromperam porta adentro.

— Lembra-se de nós? — A amiga cruzou os braços com evidente chateação em seu tom de voz.

Jenny sorriu, indo até ela e abraçando-a.

— Que surpresa agradável. — Afastou-se, falando com empolgação.

No entanto, ela tinha razão. Reconhecia que estava em falta com seus melhores amigos.

— O que é isso? — Matt indagou intrigado, apontando para a gravata colorida que Jenny ainda segurava.

Léxis começou a rir.

— Já faz tanto tempo que não entro no seu quarto, que havia me esquecido dessa gravata. — Ela franziu o cenho, enquanto direcionava seu olhar para a amiga. — Você ainda não desistiu disso?

— Não! E nem vou — Jenny respondeu convicta.

Por mais que estivesse demorando para suas orações serem atendidas, nunca pensou em desistir.

— Dá para explicar do que vocês estão falando? — Matt a pegou, colocando-a em seu pescoço. — Eu odeio gravatas e essa é bem ridícula — debochou, fazendo uma cara estranha.

— Ainda bem que não gostou. — Jenny sorriu da palhaçada do amigo. — Porque ela não é para você mesmo. Agora tira. — Estendeu a mão para pegá-la de volta.

— Só tiro depois que vocês me contarem o que isso faz no seu quarto.

— Essa gravata é para que a Jenny não se esqueça de orar por seu futuro marido — Léxis respondeu sarcástica, antes que a amiga pudesse se recusar a falar sobre o assunto.

Jenny lançou um olhar atravessado para a outra e Matt desatou a rir, achando que Léxis apenas brincava.

— É verdade, Matt — disse Jenny, estendendo a mão outra vez. — Agora tira, por favor.

— Isso é maluquice total, sabe disso, não sabe? — O rapaz entregou-lhe o objeto.

— Faz sentido para mim. — Ela quicou os ombros, indiferente ao olhar perplexo de Matt.

— Não adianta. Tudo que você falar será ignorado. — Léxis se jogou na cama. — Eu já usei todos os meus argumentos e ela ainda persiste com essa ideia.

— É tão bom ter o apoio dos meus melhores amigos. Não sei o que seria de mim sem vocês. — Jenny guardou a gravata na gaveta do criado mudo, longe dos olhos zombeteiros dos dois. Depois a devolveria em seu lugar.

— Melhores amigos não furam com os outros quando recebem um convite para um almoço. — Matt a encarou, chateado.

A garota respirou fundo, deixando os ombros caírem.

— Me desculpe por aquele dia. Realmente não deu para eu ir — Ela se desculpou, sentindo-se culpada por ter preferido ir com Dylan a igreja, do que com sua mãe até a fazenda de Matt para o almoço combinado.

— A senhora Parker me disse.

— O que ela disse? — perguntou cautelosa.

Havia feito Marina prometer que não revelaria o motivo de sua ausência. A maneira que Matt a olhava naquele instante, deixou claro que ele sabia.

Será que sabia que além das sessões, Dylan e ela estavam se encontrando para os estudos bíblicos?

— Você foi vista, amiga. Nós já sabemos de tudo. — Léxis entrou na discussão como se lessem os pensamentos de Jenny. — Eu vi você e o Dylan almoçando juntos algumas vezes no shopping. Esqueceu que eu trabalho lá? — Fez cara de ofendida. — Só não entendo porque você escondeu isso de nós.

— Não sabia que tinha que informar cada passo meu.

Jenny odiava ser colocada contra a parede, como seus amigos estavam fazendo. Se eles não conseguiam perdoá-lo e seguir em frente, não queria dizer que tinha que fazer o mesmo.

— E não precisa. Mas estamos falando de Dylan Fox, o cara que dilacerou seu coração no baile de formatura. — Matt fez questão de lembrá-la.

— Ele não é mais assim. O Dylan mudou de verdade e vocês ficariam surpresos do quanto se dessem uma chance de conhecê-lo melhor. Ele é um novo homem.

— Eu não colocaria minha mão no fogo por ele.

— Matt, você o odeia desde que o viu pela primeira vez.

— Ele derrubou o meu sorvete no quinto ano e não pediu desculpas.

— Ele era um idiota no colégio, mas isso foi há muito tempo. A guerra o mudou e se você desse relevasse suas diferenças, saberia do que eu estou falando.

Ela poderia passar horas enumerando as qualidades de Dylan, mas sabia que seria perca de tempo, já que eles não estavam dispostos a ouvir nada de bom que tivesse relação com o soldado.

— Ai, meu Deus! — Léxis arregalou os olhos. — Você está apaixonada por ele! — Pulou da cama dando um gritinho em seguida.

— Não estou não! — Jenny protestou.

— A forma que você acabou de defendê-lo disse exatamente o contrário. — Léxis cruzou os braços, encarando a amiga com um sorriso travesso nos lábios.

— Eu não estou apaixonada por ele. Somos apenas amigos.

Pelo canto dos olhos, Jenny percebeu o quanto o assunto estava incomodando Matt que, estranhamente, permaneceu quieto.

— Fiquei sabendo na igreja que você o ajuda com o discipulado. — Léxis prosseguiu.

— Isso quer dizer que estão passando bastante tempo juntos... — murmurou Matt.

— Sim — Jenny direcionou sua atenção ao amigo —, mas não quer dizer que estou apaixonado por ele. Eu vivi praticamente a minha vida inteira com você, Matt, e nem por isso me apaixonei por você.

Assim que falou, quis voltar no tempo e engolir as próprias palavras.

Matt abriu e fechou a boca sem dizer nada, porém seu semblante se alterou no mesmo instante. Um grande desapontamento surgiu nos olhos do rapaz, substituído por raiva de um segundo para o outro.

— Desculpa — Jenny balbuciou.

— Sabe de uma coisa? — Ergueu as mãos, como que se rendendo. — Foi você quem mudou, Jey. Passando tanto tempo com ele, tornou-se uma versão feminina daquele idiota.

— Matt...

— Quando ele quebrar seu coração mais uma vez, não diga que eu não te avisei. Porque é exatamente o que caras assim fazem. Aproximam-se, tiram proveito de moças cheia de boas intenções como você e depois, quando se cansam de se fazer de bom rapaz, mostra quem é de verdade. — O garoto exalou um longo suspiro enquanto apertava o ponto entre os olhos. — Eu te amo demais para ficar por perto e ver você se enganar dessa forma.

Dito isso, Matt foi embora, batendo com força a porta do quarto ao sair.

— O que eu acabei de ouvir, foi realmente o que eu acabei de ouvir? — Léxis olhou perplexa para a amiga.

— Acho que sim. — A outra cobriu o rosto com as mãos.

— Matt te ama?

— Sim.

— Achei que ele não tivesse coração!

— Isso não é hora para piadas, Léxis.

Jenny fitou a amiga tão séria que a outra parou de rir na mesma hora.

— Por que tenho a impressão que você já sabia disso?

— Porque ele se declarou há um tempo.

— E você não me contou? — Léxis pôs as mãos na cintura, indignada.

— Não quis fomentar, já que isso não daria em nada mesmo.

— Na verdade, eu sempre suspeitei. — Léxis fez um sinal com a mão, como se dissesse que aquilo não importasse. — Deixa o Matt pra lá. Ele fala essas coisas na hora da raiva, mas depois volta. — As duas riram. O amigo já havia feito isso inúmeras vezes e sempre voltava como se nada tivesse acontecido. — Agora que estamos a sós, pode me falar. — Ela puxou Jenny para se sentarem na cama. — Está ou não apaixonada pelo Dylan?

Jenny demorou um tempo para processar a pergunta. Não havia pensado nisso antes. Sabia que o rapaz mexia com algo dentro dela. Um

sentimento diferente. Seria isso, amor? Era bom, não podia negar. Mas era confuso demais para falar com convicção.

— Eu não sei — respondeu fitando o nada, ainda perdida em seus pensamentos.

— Como não? A gente sabe dessas coisas!

— Para mim, essa coisa de sentimento sempre foi complicada, você sabe disso.

— Para nós duas. — Léxis suspirou.

Por um longo tempo nenhuma delas disse nada. A pergunta da amiga girava na mente de Jenny e ela tentava decifrar o que sentia realmente por Dylan. Ainda era tudo um emaranhado de sentimentos dentro dela. A única coisa que sabia era que, quanto mais tempo passavam juntos, mais queria estar com ele. Sentia-se bem perto dele. Porém, também se sentia bem perto de várias outras pessoas, inclusive com Matt. Então isso não significava muita coisa.

— Você não contou a ele sobre o Mike, contou? — Léxis despertou a amiga de seus devaneios.

— Claro que não! Prometi a você que não faria isso e não fiz.

— Obrigada.

— Eu acho que essa notícia faria bem ao Dylan. Ele sente muito a falta do Noah.

— Você sabe que eu não me sentiria bem se as pessoas soubessem quem é o pai do meu filho. Ainda mais agora que ele morreu. Pensariam coisas horríveis ao meu respeito e tudo que eu não quero é que meu nome esteja na boca dos fofoqueiros dessa cidade.

— Como você quiser.

— Voltando ao outro assunto anterior... — Léxis cutucou suas costelas. — Não sente absolutamente nada pelo Dylan? Por que, convenhamos, ele é um gato! E está ainda mais bonito que na época do colégio. E não me diga que não reparou. Vocês têm passado muito tempo juntos.

Jenny sorriu, rendendo-se ao humor da amiga.

— Ele é bonito, não posso negar. Porém, isso não quer dizer nada. Se fosse assim, estaríamos apaixonadas por todos os rapazes bonitos de Oregon.

— Como se em Oregon tivesse rapazes bonitos e a gente fosse rodeada deles. — Elas riram, caindo de costas na cama. — Ele mudou mesmo como você disse? — Léxis perguntou mais séria, fitando o teto.

— Sim. Ele mudou da água para o vinho.

Jenny suspirou e Léxis riu baixinho. No silêncio do quarto, começou a relembrar de todos os seus momentos com Dylan Fox.

Cada gesto, olhar, palavra...

Tudo tão sutil, quase que imperceptível. Foi então que, pela primeira vez, ela percebeu que o que vinha sentindo podia ser algo que ia muito além de uma simples amizade.



Capítulo 29

Dylan fitava o teto do quarto antes de se levantar naquela manhã. Com os fones nos ouvidos e discman nas mãos, leu o nome na lateral do aparelho — e sem relutância alguma por parte dele —, deixou seus pensamentos vaguearem até certa garota ruiva e de olhos verdes que vinha fazendo-o perder o sono. Jenny Parker, quem diria, havia roubado o coração daquele soldado.

Respirou fundo, tampando o rosto com o travesseiro.

— Que droga! — praguejou, sentindo-se tão confuso como um adolescente.

De onde tinha vindo todo aquele sentimento e se apoderado dele como um parasita sem ao menos se dar conta?

O pior de tudo era que quando estava com ela, não conseguia disfarçar tais sentimentos. Jenny, por outro lado, parecia totalmente alheia às suas indiretas. Que eram *bem* diretas, para falar a verdade.

Definitivamente ela não sente nada por mim.

Atirou o travesseiro para longe.

Talvez, se não se vissem com tanta frequência, tudo aquilo desapareceria.

Era isso. Estavam passando muito tempo juntos e ele já estava confundindo a simpatia da moça com outra coisa. No entanto, apenas cogitar não a ver mais causava-lhe pavor. Não se afastaria dela por nada nesse mundo. Decidiu, naquele instante, que pagaria para ver no que aquilo tudo daria. Nunca fora de fugir de nada e não seria agora a primeira vez.

Darla entrou no quarto do filho e o encontrou absorto em seus pensamentos.

— Você está bem? — Franziu o cenho ao ver o travesseiro do filho sobre a cômoda e alguns objetos do móvel no chão.

— Sim. — Forçou um sorriso.

— Vou ao mercado. Quer alguma coisa de lá?

— Precisa de companhia? Vou com a senhora.

Ficar ali remoendo seus sentimentos embaraçosos estava o deixando agoniado.

— Seria maravilhoso! Te espero no carro. — Ela sorriu animada, pois já fazia muito tempo que não passava um tempo só deles.

Quando Dylan entrou no veículo, sua mãe iniciou uma espécie de interrogatório, típico das mães. Conversaram amenidades por um tempo, porém, ele sabia que ela só estava dando voltas até chegar ao assunto que realmente queria.

— Você não acha que tem passado tempo demais com *aquela* garota? — Darla finalmente encontrou uma brecha, quando ele falou o nome de Jenny.

— Aquela garota tem nome, mãe.

— O que eu quero dizer é que você tem os seus primos, tem a mim... Não existe só ela.

— Meus primos têm suas famílias e estão pouco se importando comigo.

— Isso não é verdade.

— Então por que eles nunca vieram me fazer uma visita depois que saí do hospital?

— Eles foram à clínica. — Darla tentou justificar.

— Eu estava desacordado. Não conta.

— E quanto a mim?

— Quer mesmo que eu passe cada minuto do meu dia com a senhora?

— Eu não acharia ruim.

— Mas eu sim. — Darla olhou ofendida para o filho. — Não me leve a mal por pensar assim. Eu te amo e sabe disso, mas — coçou a nuca — preciso estar com outras pessoas também.

— O problema é que você só fica com *ela*! — Darla fez questão de enfatizar.

— Eu gosto de estar com a *Jenny*.

— *Jenny* não faz o seu tipo.

— E qual seria o meu tipo? — Fitou a mãe, intrigado.

— O que estou tentando dizer é que ela é diferente das garotas que você costumava sair. Ashley, por exemplo, aquela garota sim tinha presença.

— Caso a senhora não tenha percebido ainda, mãe, eu mudei em vários aspectos. Não é mais só o exterior que me atrai. Hoje dou mais valor ao conteúdo do que a embalagem. Até porque as embalagens se deterioram com o tempo. E depois que isso acontecer, o que sobra?

Darla, que já havia estacionado o carro em frente ao supermercado, encarou o filho.

De onde teria vindo tudo aquilo?

Ele estava realmente muito diferente e ela havia notado.

Sentiu o coração se apertar e um sentimento de *perda* tomar conta de si.

— Só toma cuidado para não se apaixonar por ela.

Dylan não teceu comentário algum após a fala da mãe. Nem a favor, nem contra. Apenas desviou os olhos para frente e permaneceu olhando fixamente para um ponto qualquer.

— Eu não acredito. Você já está apaixonado! — Darla começou a resmungar.

— Não precisa ser tão dramática, senhora Fox. — Dylan começou a rir.

— Então me promete que vai se afastar dela.

— Não posso te prometer isso — Dylan falou taxativo, dilacerando ainda mais o coração da pobre mãe enciumada.

Durante as compras, Darla ignorou o filho completamente. Sentia-se frustrada ao constatar que o que ela mais temia havia acontecido. Teria que admitir que havia perdido aquela batalha contra Jenny Parker. Não culpava a garota, pois ela tinha o mesmo charme que o pai, sem precisar fazer esforço algum, e Darla sabia melhor que ninguém, como era difícil não cair como um patinho por aqueles olhos cor de esmeralda. Não culpava Dylan por ter se apaixonado, mas mesmo assim doía.

Quando guardavam os mantimentos no porta malas do carro, o soldado avistou um casal vindo em sua direção. Cada um de seus músculos se contraíram.

Vinha tentado evitar encontros como aquele a todo custo, porém, sem sucesso. Esse seria o terceiro em apenas duas semanas.

Respirou fundo e torceu para que passassem direto por ele, mas o casal parou junto ao seu veículo.

— Senhor e senhora Thompson — Dylan os cumprimentou.

— Olá, Dylan. — O senhor o encarou tão aflito quanto ele, antes de desviar o olhar para a esposa.

Darla, ao vê-los, se posicionou ao lado do filho. Os quatro se encararam por alguns segundos. A mãe de Noah não escondia o asco que sentia em relação ao rapaz sempre que o via. Tinha deixado isso bem claro semanas antes, quando foram até a sua casa. Naquela ocasião, estava tão alterada

que Dylan ainda podia sentir a aspereza de suas palavras cravadas em seus ouvidos. Graças à visita indesejada, quase perdeu o almoço com Jenny.

— Se lembra de que dia é amanhã? — A senhora perguntou com seu sotaque sulista carregado.

— Sim, eu sei. — Dylan abaixou os olhos.

— Não sente remorso? — Ela elevou o tom da voz.

— Vivian, aqui não! — o marido advertiu-lhe entredentes.

— Ele tem que entender o que causou a nós!

— Acho que você já deixou isso bem claro da última vez. — Darla saiu em defesa ao filho.

— Não me importo em ter que relembrá-lo — a outra rebateu.

— Isso não trará o Noah de volta. — O senhor Thompson parecia se compadecer de Dylan, mas foi ignorado pela esposa.

— Meu filho estaria completando vinte e três anos amanhã se você não o tivesse arrastado para a guerra. — Apontou o dedo para o rapaz, que procurava não encarar a senhora enfurecida.

Se ela soubesse o quanto aquilo ainda o machucava, não seria tão dura com ele. Todos os dias Dylan demorava pegar no sono, pensando como seria se seus amigos ainda estivessem vivos, pensando como teria sido suas vidas se não tivessem ido para aquela maldita guerra. A seu ver, tudo isso já era sofrimento demais. No entanto, não tirava a razão de Vivian Thompson. Sabia também que merecia toda a raiva direciona a ele naquele momento.

— Eu sinto muito.

— Não mais que nós. — Vivian soluçou, deixando algumas lágrimas escaparem. — Sua mãe fez questão de nos contar que daqui alguns meses você estará de volta ao exército. Te ofereceram um emprego lá. Você está seguindo sua vida como se nada tivesse acontecido e isso é tão frustrante para mim! É dilacerante ver você seguindo em frente... — Vivian começou a chorar compulsivamente.

O esposo pediu desculpas ao rapaz e em seguida guiou a mulher para longe.

Enquanto o casal se afastava, Dylan engoliu o nó que se formava em sua garganta. Sentiu todo o remorso, que achava ter superado, voltar com força total.

Ela tinha razão. Ele nunca deveria ter saído de seu quarto e sonhado em prosseguir com sua vida como se nada tivesse acontecido.



Dylan se trancou em seu quarto pelos dias subsequentes ao encontro com os pais do Noah no supermercado. Deixou de ir às sessões de fisioterapia, deixou de fazer suas caminhadas matinais, deixou de se alimentar corretamente, deixou de ler a bíblia, deixou de orar, deixou de pensar em Jenny e ignorou todas as tentativas de aproximação da garota.

Sentia-se indigno de tudo à sua volta, permitiu que o remorso tomasse conta do seu coração mais uma vez. Sentiu novamente desejo de ter sido ele no lugar dos amigos.

Darla não sabia mais a quem recorrer. O filho parecia pior do que quando saiu do coma. Temia que ele caísse em uma depressão profunda e que o pior acontecesse. Havia lido inúmeros artigos na internet sobre traumas pós-guerra que a deixaram apavorada.

Assustada e sem ter outra opção, teve que ligar para a pessoa que ela nunca imaginou precisar pedir ajuda. Por mais que ela odiasse admitir, o filho era outra pessoa quando estava com Jenny Parker e nessa hora de angústia, só poderia recorrer a ela.

Foi obrigada a engolir seu orgulho, que ainda estava atravessado em sua garganta, quando abriu a porta para a moça.

— Entra. Ele está lá em cima.

As duas subiram as escadas em silêncio e seguiram assim até a última porta do corredor do andar superior da casa. Antes de Darla abrir a porta do quarto, virou-se para Jenny.

— Obrigada por vir.

— Deveria ter me ligado antes. Eu estava preocupada. Nenhum de vocês davam sinal de vida.

— Sinceramente, não achei que você fosse me atender. Não depois de eu ter te tratado tão mal.

— Não sou uma pessoa rancorosa, senhora Fox.

— Eu sei que não. Seu pai não te ensinaria diferente. Ele era um homem muito íntegro. — Um silêncio desconcertante pairou entre as duas e Darla soube que a moça sabia do seu passado com James Parker. — Vou deixar vocês a sós, mas estarei por perto, caso precise.

Jenny assentiu.

Quando a mulher estava longe o bastante, ela bateu na porta, mas ninguém respondeu. Bateu mais três vezes e nada.

— Eu sei que você está aí, Dylan. Vi sua sombra na janela quando cheguei.

— Vai embora. — Ouviu a voz abafada do rapaz do outro lado.

— Não. Eu não vou — disse ela, abrindo uma fresta na porta. — É bom que esteja vestido, porque eu estou entrando.

Do jeito que Dylan estava sentado no vão da janela, permaneceu. Seu olhar perdido, fitando o lado de fora da casa, fez o coração de Jenny se apertar. Queria correr até ele e abraçá-lo, mas se conteve por não saber o real estado emocional dele.

— Vim ver como você está. Não apareceu mais às sessões, não foi à igreja, não atendeu as minhas ligações ou respondeu aos meus torpedos.

— Não precisava ter se dado ao trabalho. Pedi para minha mãe avisar que eu não ia prosseguir com o tratamento. É uma grande perda de tempo — disse frio como uma pedra de gelo.

— Você sabe que não é verdade. Em apenas um mês você teve um grande avanço na sua recuperação e...

— Não vai me convencer do contrário. — Ele a interrompeu, olhando-a pela primeira vez. — Você perdeu o seu tempo vindo até aqui. Vai embora!

— Olha, eu entendo que não é fácil passar por tudo o que você passou. — Jenny ignorou a arrogância do rapaz. — Mas não pode simplesmente desistir assim. É do seu futuro e da sua saúde que estamos falando. Não pode jogar a chance de recomeçar pela janela. Você é mais forte do que isso. Tem que provar para si mesmo que consegue.

— E o que você sabe sobre isso? Você não pode falar como se soubesse exatamente o que eu estou passando, Jenny, porque você não sabe. Então não venha querer me dar lição de algo que nunca viveu realmente. Nem você, e nem ninguém nessa cidade sabe o que é perder alguém para uma maldita guerra! Não imaginam o quão traumatizante isso possa ser. Não sabe o que se passa dentro de mim. — Ofegante, virou-se novamente para a janela. — Só me deixa em paz e vai embora.

Jenny tentou conter as lágrimas.

Dylan havia tocado em um ponto doloroso sem se dar conta. A morte de seu pai que, assim como os seus amigos, a guerra tinha ceifado. Anos se passaram, mas a dor ainda estava lá. Porém, ela tinha superado e seguido em frente. Mas ainda doía e ele acabara de abrir a ferida.

— É. — Deu um suspiro trêmulo. — Talvez eu não saiba mesmo o que é isso. Me desculpe por te perturbar. Isso não irá mais acontecer. — Jenny saiu do quarto tão apressada, que mal notou Darla a alguns passos da porta.

— O que você acabou de falar para essa garota não foi legal, Dylan. — A mãe, que ouvia toda a conversa do corredor, entrou no quanto do filho.

— Você a odeia, porque se importa? Deveria estar feliz.

Dylan viu pela janela quando Jenny correu para o seu carro, provavelmente aos prantos. Não impediu que as próprias lágrimas viessem à tona. Sentiu-se um idiota por ter maltratado a menina mais doce que já conhecera em sua vida quando ela só queria ajudá-lo.

— Eu me importo porque ela, mais do que ninguém, sabe o que é perder alguém para a guerra muito antes de você sonhar em estar em uma. Se tem uma pessoa que sabe realmente o que você está passando, é a Jenny.

— Do que você está falando?

— Acho que ela nunca te contou sobre o pai, não é mesmo?

— Jenny nunca me falou nada sobre ela. — Observou o carro se afastar, evitando olhar para a própria mãe.

— Talvez porque seja doloroso demais e ela prefira deixar certos assuntos no passado. Eu o conheci. James Parker era um bom homem. Ajudava a comunidade e amava a família acima de qualquer coisa. — Darla fez uma pausa sentindo as lembranças lhe atingir de maneira avassaladora. — Nós namoramos durante o colégio, até que eu decidi que ele não era bom o bastante para mim. — Deu um sorriso amargurado, atraindo a atenção do filho. — Quando somos jovens, tomamos decisões precipitadas. Era tarde demais quando caí em si e vi a burrada que havia feito. Outra mulher tinha tomado o meu lugar. — Darla deu um tempo para o filho absorver as informações. — É por isso que eu odeio tanto a Jenny. Todas as vezes que a vejo me recordo do quanto fui idiota, e a mãe dela, esperta.

— Por que ela nunca me contou nada disso? — Dylan apoiou a testa no vidro frio da janela. — Eu não fazia ideia...

Havia sido tão injusto e inconsequente em suas palavras e tudo que ela queria era o seu bem. Se ao menos sonhasse que Jenny tinha passado por tudo aquilo, nunca teria gritado daquela maneira com ela.

— Agora você sabe. Meu filho, essa garota e a mãe superaram a perda. Está na hora de você fazer o mesmo e seguir em frente. Não liga para o que as pessoas falem ou pensem a esse respeito. Sei que a Jenny significa alguma coisa para você, posso ver isso nos seus olhos. E por mais que eu odeie admitir, não posso continuar negando isso a mim mesma. Só alguém que passou por isso vai poder ajudá-lo e eu não consigo pensar em outra pessoa senão ela. Mas você tem que querer. Então, o meu conselho como mãe é que lute para superar. Por que eu não quero perder mais uma pessoa que amei nessa vida. — A voz de Darla embargou. — Pense bem nisso e vá atrás dela, até porque você deve um pedido de desculpas para *aquela* garota.

Depois que Darla o deixou sozinho, Dylan chorou.

Precisava se esvaziar por completo de todo o sentimento autodestrutivo que vinha sentindo. Sabia que só uma pessoa podia fazer aquilo por ele. Lembrou-se das várias vezes que Carlton lhe dissera que Deus era capaz de fazer a tristeza saltar de alegria e tudo que ele queria era ser feliz de novo, sem trauma e sem amargura em seu coração.

Após horas se derramando aos pés do Senhor, Dylan abriu a bíblia e tão claro como águas cristalinas, o Espirito Santo o acalmou através de deuteronômio capítulo trinta e um, versículo oito:

“O Senhor Deus irá na sua frente; ele mesmo estará com você e não o deixará, não o abandonará. Não temas, nem tenha medo”.

Tudo seria diferente a partir de então.



Capítulo 30

Jenny olhou para sua mãe pela última vez antes de sair do carro. Marina sorria, deixando transparecer toda a sua alegria pelo grande dia ter, finalmente, chegado. Apesar do frio, o sol brilhava no poente, pintando o céu de laranja e azul. Mãe e filha se abraçaram.

— Quero que saiba que estou muito feliz pela senhora — disse Jenny ao se afastar.

— Sua vez também vai chegar um dia e será lindo! — Marina limpou as lágrimas e sorriu. — Algo me diz que não vai demorar muito. — Piscou enigmática.

— Porém, algo me diz que isso não acontecerá tão cedo.

Ela procurava não pensar muito sobre o assunto. Todas às vezes que fazia isso, se deixava levar pela ansiedade e frustração.

— Não seja tão pessimista. O amor da sua vida pode estar bem debaixo do seu nariz.

— Não estou vendo nada. — Jenny olhou para a ponta do nariz, ficando vesga com o movimento dos olhos.

Marina deu uma gargalhada.

— Apenas se atente um pouquinho mais, querida.

A garota deu um longo suspiro.

— Sim, senhora.

— Agora vá, avise que podem iniciar a cerimônia antes que o Simon desista de me esperar.

— Ele nunca faria isso. Ficaria de pé no altar até o natal se fosse preciso. — Jenny gracejou.

Talvez fosse exagero da sua parte, mas Simon demonstrava tanta devoção a sua mãe, que não lhe restavam dúvidas de que ele realmente fosse capaz de tal proeza.

A pequena igreja estava repleta de convidados. Uma música suave, tocada por um quarteto de cordas, deixava o ambiente envolto em uma atmosfera extremamente romântica. As flores brancas que decoravam o corredor e o altar traziam paz a todo o conjunto. Ao ver quão belo o lugar estava, sentiu todo o esforço e correria dos últimos meses recompensados.

A cerimônia se iniciou.

Jenny, que era a madrinha de Marina, entrou com o padrinho do noivo pelo imenso tapete vermelho e se posicionou no altar ao lado de Simon, que também não disfarçava o seu contentamento. Ele piscou para a enteada e sorriu, esfregando as próprias mãos em frente ao corpo, demostrando nervosismo.

Quando a música mudou e a marcha nupcial soou, Marina surgiu na porta da igreja, carregando um modesto buquê de flores coloridas e pequenas. Jenny se emocionou mais uma vez ao ver Simon chorar à medida que sua mãe se aproximava vindo ao seu encontro. Os noivos não desfizeram o contato visual por nenhum momento, até finalmente se encontrarem. Simon deixou um beijo terno na testa de Marina antes de unirem suas mãos e se virarem para o ministro.

Jenny deixou um suspiro escapar ao presenciar aquela cena tão romântica.

Então, o pastor iniciou o sermão:

— "Ponha-me como um selo em seu coração, como um selo em seu braço; porque o amor é tão forte quanto à morte, uma paixão sólida como a sepultura. Seus clarões são clarões de fogo, uma chama violenta. Muitas águas não podem apagar o amor, nem inundações podem afogá-lo. Dr. Martin Luther King Jr. disse certa vez: 'Precisamos descobrir o poder do amor, o poder redentor do amor. E quando descobrirmos isso, seremos capazes de fazer deste velho mundo um novo mundo. O amor é o único caminho.' Há poder no amor. Não o subestime. Qualquer um que já tenha se apaixonado sabe o que eu quero dizer. Mas pense no amor sob qualquer forma. Ser amado e expressar amor é bom. Há alguma coisa certa a respeito disso. Um antigo poema medieval diz: 'Onde houver o amor verdadeiro, o próprio Deus estará presente.' Na Bíblia, João diz isso da seguinte forma: 'Amados, vamos amar um ao outro porque o amor vem de Deus; todos os que amam são filhos de Deus. Aquele que não ama não conhece Deus porque Deus é amor.' Há poder no amor. O amor pode ajudar e curar quando nada mais pode. O amor pode levantar e liberar para a vida quando nada mais o fará. E o amor que aproxima duas pessoas é o

mesmo amor que pode mantê-las juntas, seja no cume da felicidade ou nos vales da dificuldade. Paulo diz que o amor não é invejoso, rude ou arrogante. O amor não busca os seus próprios interesses. O amor é altruísta, se sacrifica, é bom e justo. O amor busca o bem e o bem-estar do outro. O amor cria espaço para que o outro seja. Esse é o amor, e é o que muda o jogo (...)"[2]

Enquanto o pastor falava, Jenny meditava em cada palavra. Sabia que o amor de Deus era incomparável. Porém, desejou sentir o mesmo que sua mãe e Simon compartilhava um pelo outro.

Sentado no último banco da igreja, estava Dylan.

O rapaz olhava fixamente para Jenny desde que a viu entrar no templo. Nunca, em toda a sua vida, ficara tão encantado por alguém como estava naquele momento. A coroa de flores nos cabelos vermelhos e o vestido pérola esvoaçante fazia com que ela parecesse um anjo.

Mesmo longe, era capaz de ver o brilho intenso de seus olhos cor de esmeraldas visivelmente emocionados com as palavras do pastor. Dylan teve que admitir naquele instante o que vinha tentando ignorar a muito tempo.

Estava perdidamente apaixonado por aquela garota.

Contudo, poderia estar tudo perdido graças a sua falta de sensibilidade e duras palavras proferidas contra ela. Depois da conversa com a sua mãe, decidiu que estava disposto a retornar de onde havia parado, tanto no tratamento, quanto em sua ralação com Jenny. Tudo que ele mais queria era que se acertassem, mas as coisas não saíram como planejou.

Jenny não atendeu as suas ligações, não respondeu aos recados. Simplesmente desapareceu. Sua única alternativa, então, foi ir até a casa dela. No entanto, ela não o atendia. Em uma tentativa desesperada, começou a passar horas sentado na varanda da casa da moça. Sabia que ela estava lá dentro e ficaria ali até que resolvesse falar com ele.

Isso nunca aconteceu.

Enternecida ou com pena pela atitude desesperada do rapaz, Marina o convidou para o casamento, sabendo que seria a única maneira de ele falar com a filha sem que ela fugisse. Não que estivesse do lado do garoto, mas porque seria bom terem uma conversa para se acertarem e cada um seguir sua vida.

Sabia o quanto aquela discussão havia abalado a garota, tanto que lhe causou preocupação. Há anos não via a filha chorar pela morte do pai como chorara nos dias posteriores ao desentendimento. No entanto, não foi só isso que a fez convidá-lo. Viu nos olhos de Dylan o quanto fazer as pazes era importante para ele.

Camuflado entre os convidados, o rapaz observou atentamente cada movimento de Jenny, cada sorriso e cada lágrima que ela deixava escapar ao olhar para o casal a sua frente. Foi então que seus campos de visão se cruzaram. O soldado sentiu um aperto no peito ao ver a fisionomia da garota mudar de terno a gélido ao vê-lo, porém, ela não desviou o olhar. Encarou-o com evidente desapontamento, fazendo-o engolir em seco. Aquele pedido de desculpas seria mais difícil do que havia imaginado.

Ao término da cerimônia, Dylan observou de longe quando Matt se aproximou dela. Jenny disse alguma coisa no ouvido dele. O rapaz olhou em volta como se procurasse alguém e depois disso, não se afastou mais, impedindo-o de se aproximar. Não que Matthew Cooler o intimidasse, mas gostaria que ela estivesse sozinha quando fossem conversar. Além do pedido de desculpas, tinha algo muito importante para revelar e ele sabia que Matt não daria a privacidade que precisava.

Os convidados seguiram para outro lugar, aonde seria a festa. Dylan sabia que uma hora ou outra Matt teria que sair de perto de Jenny, ir ao banheiro ou qualquer outra coisa e ela ficaria sozinha. Quando isso aconteceu, não perdeu tempo e se aproximou. Graças à fisioterapia, já andava com mais agilidade, o que o ajudou a surpreendê-la.

— Precisamos conversar. — Dylan a pegou pela mão, conduzindo-a para longe de todos antes que ela se desse conta do que estava acontecendo.

— Me solta seu maluco! — protestou tentando se desvencilhar, mas o rapaz ignorou, caminhando decidido até estar distante o bastante.

— Eu não queria que fosse assim, mas você não me deu outra escolha. Me evitou durante todos esses dias e isso está acabando comigo! — Parou de andar, virando-se de frente para ela, mas não soltou sua mão.

— Achei que você já tinha me dito tudo que queria. — Jenny o encarou.

Pela primeira vez, aquele olhar profundo não a intimidou.

— Eu não fazia ideia — Dylan disse, abrandado o tom de voz. — Minha mãe me contou sobre o seu pai.

— Eu tenho que voltar. — A garota tentou desfazer o contato e passar, mas Dylan a impediu, segurando um pouco mais firme a mão dela.

— Me desculpa, Jenny, eu fui um idiota. Não deveria ter te tratado daquela maneira, independentemente de qualquer coisa. Você só estava querendo me ajudar e eu estraguei tudo.

— Você não faz ideia do que me fez passar. — A voz de Jenny saiu embargada. — Eu já tinha trancado essa dor em um lugar que eu pretendia nunca mais visitar. Mas você... — Jey fez uma pausa para engolir o choro. — Você trouxe à tona tudo de novo. Foi como se eu estivesse revivendo o luto. Eu sei, mais do que ninguém, o que você está passando e sei que não

é fácil. Pelo contrário, é como se a dor fizesse parte de você e nunca te abandonasse. — Dessa vez ela não conseguiu se segurar e por mais que odiasse chorar na frente de outra pessoa, não teve outra escolha a não ser deixar às lágrimas saírem.

— Me perdoa, por favor. — Comovido pelo choro compulsivo da moça, Dylan a puxou para si, envolvendo-a com um abraço.

Jenny não protestou e nem se afastou, ao invés disso, se aconchegou ao peito do soldado, sentindo um estranho conforto com o toque dele. Dylan a trouxe para mais perto, com o coração dilacerado por ter causado tanto mal a ela com suas palavras. Se pudesse, voltaria no tempo e mudaria o rumo daquela discussão. Ouviria o que ela tinha a dizer e a deixaria ajudá-lo como pretendia.

Dylan beijou o topo da cabeça dela e inalou o perfume que emanava de seus cabelos. A fragrância suave intensificou os seus sentimentos, fazendo seu coração acelerar. Queria dizer naquele mesmo instante que estava apaixonado. Chegou a abrir a boca para pronunciar tais palavras, mas se dissesse o que queria naquele momento, poderia parecer que estava aproveitando da situação e da fragilidade de Jenny. E tudo que ele não queria, era ser interpretado de forma errado. Teria paciência e revelaria seus sentimentos no momento certo. Por hora, aquele abraço teria que ser suficiente.

O rapaz prolongou o contato pelo tempo que pôde. Seu âmago implorava para nunca mais se separassem. Quando enfim se afastaram, Dylan a olhou diretamente nos olhos como se quisesse que ela lesse seus sentimentos, mas depois de alguns segundos se encarando, Jenny quebrou o contato visual.

— Estamos bem outra vez? — ele indagou, deslizando as mãos pelos braços dela e segurando suas mãos novamente.

Jenny estremeceu com o toque e apesar de trêmula, acariciou a mão dele com o polegar.

— Acho que sim.

— Que bom. — Dylan sorriu ao perceber o pequeno carinho, porém suficiente para que soubesse que por menor que fosse já era um começo. — Quero te pedir um favor. — Ele desviou o olhar das mãos, fitando-a novamente. — O doutor Simon irá viajar por uma semana e eu não quero ficar parado nesse período. Poderia substituí-lo na fisioterapia?

— Eu não sei.

— Por favor! — choramingou, usando todo o seu charme. — Só por uma semana e eu prometo me comportar.

Jenny mordeu os lábios inferiores e suspirou, sentindo as pernas como gelatina.

Que encrenca!
— Assim que o Simon voltar, eu saio. — Aceitou, rendendo-se.
Uma expressão enigmática tomar conta do rosto dele.
— Perfeito!



Capítulo 31

— Bom dia, Jéssica.

— Bom dia, sortuda. — A colega sorriu travessamente, retribuindo o cumprimento.

Jenny a olhou intrigada.

— Sortuda, eu? — indagou com curiosidade.

— O soldado está na sua sala — revelou, alargando o sorriso ao entregar a lista dos pacientes do dia.

— Eu esqueci completamente que ele viria hoje.

— Como se esquece de um cara daqueles? — perguntou Jéssica, admirada.

— Sem piadinhas, por favor. Ele é apenas um paciente e eu estava ocupada demais despachando minha mãe e o marido para a lua de mel deles. — Fez uma careta ao perceber o quanto aquilo havia soado esquisito. — Isso foi estranho.

Jéssica gargalhou.

— Falando em coisa estranha. O soldado trouxe algo que se encaixa nessa categoria.

— O que ele trouxe?

— Você terá que ver. — A recepcionista piscou enigmática.

Jenny pegou os prontuários e seguiu até a sua sala, curiosa.

O que Dylan estava aprontando dessa vez?

Havia aprendido que dele poderia se esperar qualquer coisa.

— Bom dia — cumprimentou. — Desculpe o atraso, é que...

Ela parou depois de alguns passos ao ver o que ele tinha em suas mãos.

— Bom dia. — Dylan sorriu ao perceber a confusão na expressão dela e se aproximou. — São para você. — Estendeu um buquê de flores secas.

Jenny franziu o cenho e, mesmo sem entender o porquê daquilo, aceitou o “presente”.

— Por que está me dando isso? — ela teve que perguntar.

— Para que você saiba o quanto me fez esperar até aceitar falar comigo — disse sério, mas ela percebeu um brilho divertido em seus olhos.

Jenny corou e sorriu envergonhada. Realmente havia se recusado a se encontrar com ele por tempo demais, e se Dylan não tivesse aparecido no casamento de surpresa, era bem provável que ainda estivessem sem se falar.

— Você mereceu. — Jenny ergueu o queixo e caminhou até a sua mesa para deixar o ramalhete sobre ela.

— Eu sei que sim. — Dylan coçou a nuca. — E se serve se consolo, foi torturante ver cada uma dessas flores murcharem completamente.

— Não serve, mas é um bom começo. — Ela virou-se para ele outra vez, com um sorriso dançando nos lábios.

O gesto da garota o pegou totalmente desprevenido.

Como era possível apenas um sorriso o desestabilizar daquela maneira?

— Fico feliz em saber que meus esforços estão sendo ponderados. — Dylan colocou as mãos no bolso da calça para disfarçar o nervosismo que sentiu de repente.

— Não fique tão feliz. — Jenny ergueu o queixo outra vez, tentando parecer durona. — Eu posso ser bem difícil de persuadir.

— Eu sei o quanto!

Ela crispou os olhos em direção a ele e torceu o lábio. Às vezes a sinceridade dele a surpreendia. Achava isso uma qualidade. Porém, as suas palavras sempre vinham acompanhadas de um olhar tão penetrante que ela se sentia vulnerável, como se ele pudesse ler seus pensamentos.

— Acho melhor iniciarmos. Temos apenas quarenta minutos até a próxima sessão — disse ela, quebrando o contato visual.

Dylan se preparou e aguardou até que Jenny fizesse o mesmo. Quando ela iniciou os alongamentos, ele a interrompeu.

— Não está se esquecendo de nada?

Jenny pensou por um instante e após olhar em volta e constatar que tudo que ela precisava estava ao seu alcance, voltou a fitá-lo.

— Acho que está tudo aqui.

Dylan segurou as mãos dela, pegando-a de surpresa e sorriu.

— Você não orou antes de iniciar. — Jenny continuou olhando-o, confusa. — Sempre faz isso, não faz?

Só então lembrou-se do primeiro dia de sessão, quando havia sido pega intercedendo para que Deus a ajudasse na terrível missão de tocar em Dylan para fazer a fisioterapia. Todas as outras vezes ela apenas auxiliava o chefe, não tendo, assim, contato direto com o paciente.

Dylan pigarreou, tirando Jenny de seu pequeno momento de devaneio.

— Ah, claro! — Ela segurou um pouco mais firme as mãos dele e fechou os olhos.

Dylan fez o mesmo assim que Jenny pronunciou as primeiras palavras da oração. No início, ela não fazia ideia do que falaria. Começou agradecendo pelo dia, pelo privilégio de estarem vivos; pela oportunidade de poder falar com o Senhor livremente. No entanto, sem que percebesse, já estava orando para que Deus abençoasse a vida de Dylan, o auxiliasse em suas escolhas e decisões, o guiasse em sua vida secular, sentimental e espiritual. Desejou uma boa recuperação física e emocional a ele. Orou para que superasse o luto e que nada viesse fazê-lo perder a fé de que um dia tudo ficaria melhor do que parecia estar no momento.

Quando Jenny abriu os olhos, Dylan a fitava com algumas lágrimas nos olhos. Aquela havia sido a oração mais linda que alguém já fizera por ele. Sentiu o coração transbordando de um misto de sentimentos tão forte que tudo que queria naquele momento era poder retribuí-la por todo o carinho e cuidado, desde que voltara da guerra. Queria poder dizer o quanto a amava e como a considerava importante. Queria dizer o quanto havia pensado nela durante os últimos dois anos e meio, e tudo que sentia desde o baile de formatura.

Sem ponderar muito sobre o que estava prestes a fazer e apenas deixando ser guiado por seus sentimentos, resolveu que poderia resumir tudo em apenas um gesto. Então, Dylan se inclinou e a beijou.

Pega de surpresa, Jenny soltou para trás assim que os seus lábios se encontraram.

— Por que fez isso? — perguntou, procurando puxar um pouco de ar para os pulmões. Seu coração batia tão forte que era possível senti-lo pulsar nos ouvidos.

— Eu te amo, Jenny — disse cheio de convicção. — É tão bom poder dizer isso finalmente. — Dylan sorriu aliviado.

Chocada demais para responder, ela apenas o encarou perplexa. Sua cabeça de repente havia se transformado em um emaranhado confuso. Não conseguia assimilar o beijo e a declaração de Dylan ao mesmo tempo.

— Isso não está certo. — Esfregou o rosto com as mãos, tentado se acalmar.

— O que não está certo? Eu te amar? — Ele tomou as mãos dela entre as suas.

— Você está falando sério? — Jenny inquiriu enquanto ele a fitava esperando uma resposta.

— Nunca disse nada tão sério em toda a minha vida.

A garota emudeceu mais uma vez e procurou qualquer sinal de sarcasmo no semblante de Dylan. Porém, seus olhos pareciam tão sinceros que ela mal pôde acreditar no que realmente via. Mesmo assim, duvidou que aquilo fosse real.

Não era assim que deveria ser. A forma como as coisas tinham acabado de acontecer, parecia errado.

O coração da garota palpitou forte quando o viu se aproximar um pouco mais, colocando uma mecha do cabelo dela atrás da orelha, ao mesmo tempo em que a fitava diretamente nos olhos.

Antes que os seus lábios se tocassem novamente, Jenny colocou as mãos no peito de Dylan, impedindo-o de prosseguir.

— Não podemos fazer isso. — Apertou os olhos ao sentir a respiração dele tocar o seu rosto.

— Estou indo rápido demais? — sussurrou ele, gentilmente.

— Sim. Eu acho que...

— Podemos ir com calma. — Dylan a interrompeu sem se afastar.

— Na verdade — o encarou receosa —, eu gostaria que isso nunca mais voltasse a acontecer — completou, dando um passo para trás.

— Nunca? — Foi evidente a decepção no tom de voz e no semblante do soldado.

— Acho melhor você ir embora, Dylan — pediu reunindo as poucas forças que lhe restavam.

— O quê? — Ele passou as mãos nos cabelos sem tentar disfarçar o seu desapontamento.

Havia imaginado um milhão de maneira que ela pudesse reagir quando ele finalmente se declarasse, mas essa, definitivamente, não era uma delas.

— Isso não vai dar certo. Acho melhor você esperar o doutor Simon voltar.

— Jenny...

— Por favor, Dylan. — Ela se afastou quando ele tentou se aproximar. — Não torne isso mais difícil do que realmente é.

Ele a encarou atônito.

Jenny se dirigiu direto para a porta, mas antes que ela saísse Dylan a alcançou, impedindo-a.

— Eu preciso entender o porquê. — Ele bloqueou a sua passagem, tirando a mão dela da maçaneta. — Achei que você sentisse o mesmo por mim.

— Você não entenderia.

— Tente explicar. — Passou as mãos no cabelo, frustrado. — Não vou permitir que saia daqui até falarmos a respeito.

Jenny suspirou aflita. Como ela explicaria algo que nem ela mesma sabia o que era? Só parecia errado. Não a parte de ele estar apaixonado por ela, mas sim o caminho que as coisas estavam tomando e a velocidade dos acontecimentos.

— Não pode sair por aí beijando as pessoas do nada, Dylan.

— Não foi do nada! Caso você não tenha escutado, eu disse que te amo! — exclamou impaciente.

— Eu escutei.

— Então por que todo esse drama? Eu te amo e quis demostrar isso.

Jenny revirou os olhos.

— Me beijando? — Ela não queria, mas suas palavras saíram com certo tom de desdém. Tudo estava ficando cada vez pior.

Dylan abriu a boca para responder, mas fechou em seguida, sentindo-se confuso com a proporção que aquilo estava tomando. Havia sido um selinho de meio segundo! As garotas geralmente não faziam tanto estardalhaço quanto a isso. Por que tudo com ela era diferente?

Claro, ele sabia, Jenny Parker não era qualquer garota. Era especial, diferente de todas as mulheres com quem já havia se relacionado. Ela era peculiar. Mas isso já era exagero a seu ver.

— Eu não te entendo — confessou desorientado. — Definitivamente, não te entendo.

— Não esperava que entendesse mesmo. — Afinal, nem ela mesmo compreendia o porquê de estar agindo assim. Só parecia o certo a se fazer.

— Ainda está tentando me punir pelo que aconteceu no passado? — Dylan perguntou com o olhar distante.

— Não tem nada a ver com o passado! Eu já te perdoei e não estou a fim de tirar essas lembranças do lago do esquecimento. — Jenny respirou fundo se sentindo exausta de repente. — Acho que tem a ver com o presente e com o futuro.

— O que quer que eu faça? — Ele voltou a fitá-la. — É só você me dizer que eu faço.

Jenny apenas olhou para ele, procurando uma maneira de juntar as palavras e explicar como achava que um relacionamento deveria ser. Mas

não conseguia formular uma frase sequer.

— Ah, claro! — Dylan levou as mãos ao rosto. — Como fui tão burro! — Ele procurou novamente as mãos dela e colocou o joelho bom no chão. — Jenny Parker, quer namorar comigo?

— Não! — respondeu sem pensar duas vezes.

Definitivamente não era assim que as coisas deveriam acontecer.

— Por que não? — Ele se levantou ainda mais confuso e irritado.

— Só não, Dylan!

— Eu não posso saber nem o porquê da sua recusa?

— Porque está tudo errado. Não é assim que as coisas funcionam.

— Então me explica!

Uma batida soou vinda da porta, antes de Jéssica colocar a cabeça para dentro da sala.

— Desculpe se interrompo alguma coisa. — Deu um sorriso nervoso. — O senhor Wilson está aqui e disse que tem que falar com você. Falou que agora tem um encaminhamento ou algo do tipo. Ele está eufórico demais. Achei muito estranho para alguém que está machucado. Quer que eu fale para voltar quando o doutor estiver?

Jenny nunca se sentiu tão feliz por saber que o velho queria vê-la. Era a oportunidade perfeita para escapar daquela situação.

— Não. Diga que eu já vou atendê-lo. — Jéssica assentiu e antes de sair, olhou para o soldado petrificado ao lado de Jenny com o semblante sério e olhar fixo na colega.

— Está tudo bem? — silabou sem som, olhando para Jenny novamente.

Ela fez que sim com a cabeça antes de virar-se para Dylan.

— Preciso ir.

— Podemos terminar essa conversa depois? — Ele tentou soar paciente.

— Claro. Eu te ligo — ela prometeu, antes de sair logo atrás de Jéssica.



Jenny andava de um lado para o outro no quarto de Léxis, enquanto a amiga se preparava para seu turno da noite na loja de animais do shopping.

— Me deixa ver se entendi. Dylan Fox disse que te ama, te beijou, e você simplesmente surtou?

Léxis tentava juntar as peças do relato confuso da amiga. Ela tinha falado sem parar por vinte minutos, atropelado as palavras, e ao mesmo tempo tentando entender o que havia acontecido naquela manhã.

— Eu não surtei com isso! — protestou roendo as unhas.

— Então você surtou quando ele te pediu em namoro?

— Não surtei em momento algum. Apenas o adverti pelo que fez. Ele não pode chegar assim do nada e me beijar. Eu fui pega de surpresa e não soube como reagir!

— Eu gostaria de uma surpresa assim. — A amiga deu um sorriso travesso.

— Léxis!

— Estamos falando de Dylan Fox, Jey! O cara disse que te ama, te pediu em namoro e te beijou. Não consigo ver qual é o problema. — Deu de ombros sem dar tanta importância ao dilema da amiga.

— Não foi nessa ordem que as coisas aconteceram! Se tivesse sido seria totalmente diferente e menos confuso. O problema foi exatamente que ele me beijou, falou que me amava e só então, depois que o questionei, foi que ele me pediu em namoro.

Léxis olhou para amiga sem entender o porquê de a ordem dos acontecimentos serem tão importantes. Se fosse com ela, estaria deslumbrada com tudo e não o contrário. A seu ver, a amiga estava fazendo muito drama em alguma coisa tão simples!

— Mas e você, o que sente por ele?

— Eu realmente não sei — Jenny choramingou, sentando-se na cama. — Tudo que eu sei é que estou confusa.

— Então te aconselho a pensar sobre isso, porque na minha opinião, o sentimento é recíproco. Você só precisa admitir isso para você mesma. — Jenny encarou a amiga que parecia tão séria de repente. — Preciso ir trabalhar. Podemos continuar essa conversa quando eu sair do pet shop, pode ser? — Léxis pegou a bolsa e as suas chaves. — Passo na sua casa às dez.

Enquanto Jenny dirigia de volta para casa, as engrenagens de sua mente trabalhavam incansavelmente. O seu coração ainda estava acelerado desde que ouvira a declaração de Dylan.

O que ele viu em mim? Pensou com desdém.

E se tudo não passasse de outra brincadeira de mau gosto? Não! Essa possibilidade ela descartou imediatamente. Dylan não era mais assim. Então, por que era tão difícil acreditar que ele estivesse falando a verdade? Talvez tivesse confundido a amizade com outra coisa. Era isso. Ele estava confuso. Não era amor.

Mas e ela? O que sentia?

A pergunta de Léxis a atormentava. Desde o início, a relação entre os dois fora um tanto quanto conturbada e tudo que sentiu por ele durante anos foi raiva e decepção. Depois que tudo mudou, ela sabia que sentia algo diferente. Gostava de estar com Dylan. Seu coração acelerava, suas mãos suavam pelo simples fato de sentir o seu perfume. Pensava nele antes de dormir e assim que acordava, Dylan Fox era o seu primeiro pensamento. Seu abraço lhe trazia conforto e ela simplesmente amava as conversas que tinham.

De repente, tudo ficou claro como um cristal. Jenny pisou no freio e parou o carro no meio da rua em uma freada brusca. Ficou a fitar a escuridão do outro lado do para-brisa por alguns instantes.

— Ai, meu Deus! Eu o amo — disse em voz alta pela primeira vez, o que o seu coração já gritava há muito tempo.



Capítulo 32

Dezembro de 2005 - St. Cloud, Minnessota – EUA.

Dylan parou no semáforo e conferiu o endereço de Carlton no mapa mais uma vez. Teria que virar à esquerda e seguir por alguns quilômetros até a fazenda onde o amigo morava.

O sol já estava alto, diferente de quando saiu de Oregon naquela madrugada. Havia pegado o carro do pai, por ser automático e mais confortável para dirigir os quinhentos quilômetros até St. Cloud, Minnessota.

Dois dias se passaram desde que tinha se declarado para Jenny e tomado o maior *fora* de sua vida. Nunca havia sido rejeitado naquela proporção.

A moça não ligou como prometido, e Dylan, com o orgulho ferido, resolveu que daria a ela o tempo que precisasse para pensar. Porém, com o passar do tempo, ele ficava cada vez mais intrigado com o que ouvira dela.

O que exatamente estaria errado? Ele sempre fazia aquilo e nunca obteve uma reação tão desprezível. Onde teria errado dessa vez? Chegou a pensar se o problema não seria ela e não o que fez. Quis sentir raiva, no entanto, continuava amando-a cada vez mais.

Cansado de quebrar a cabeça sozinho, resolveu pedir ajuda a única pessoa que poderia lhe dar uma luz em meio àquela escuridão. Não gostaria de fazer isso por telefone, teria que ser pessoalmente, sem falar que a viagem seria uma distração perfeita para sua mente.

Quando o GPS indicou que havia chegado ao seu destino, Dylan entendeu o porquê de o amigo amar tanto aquele lugar. Estacionou o carro em frente à casa estilo colonial e de cores vibrantes. Sua perna doeu assim que firmou o pé no chão, mas ignorou a dor. Estava feliz por estar ali.

Um jardim bem cuidado se estendia por todo o caminho, desde a porteira até onde ele estava. Muitas árvores, que balançavam com o vento, completava a paisagem pitoresca ao redor do casarão. Os pássaros cantavam, dando-lhe boas-vindas ao paraíso. A paisagem verde se estendia além do horizonte, onde montanhas completava aquela obra prima do criador.

Depois de falar com um funcionário da fazenda, Dylan seguiu até onde Carlton se encontrava. Ao longe, avistou o amigo lendo a bíblia em baixo de uma enorme árvore.

— Então é aqui que um soldado sinistro se esconde?

— Dylan? — Carlton indagou surpreso por ver o amigo a alguns passos dele. — O que faz aqui? Como me encontrou?

— St. Cloud tem apenas um Carlton Lee, e diferente de você, eu tenho uma boa memória e sabia exatamente onde te procurar — gracejou cumprimentando o amigo.

Dylan encarou a cadeira de rodas sentindo um grande aperto no peito. Estava tão concentrado em seus problemas que não havia se preparado para ver o amigo na situação em que se encontrava.

Carlton percebeu o olhar de pena que recebia do colega e quis tirar o foco de si.

— O que te traz aqui?

— Estou encrencado e só você pode me ajudar. — Dylan se sentou no chão, sentindo-se exausto emocionalmente.

— O que aconteceu? — Carlton fechou a bíblia que lia.

Dylan ofegou, resignado.

— Jenny Parker. Foi isso o que me aconteceu.

— Uau! — Carlton riu da cara de sofrimento que o outro exibia. — O que ela fez para você viajar até o Minnessota atrás de conselhos?

— Está mais para o que eu fiz. — Desviou os olhos para o horizonte, exalando o ar puro do campo.

— Não vai me dizer que você se declarou, mas as coisas não saíram como você achou que seria?

— Sou tão previsível assim? — Dylan começou a arrancar a grama ao seu redor, cada vez mais inconformado.

— Não. Mas é isso que a maioria dos homens fazem.

O rapaz ficou em silêncio.

— Ela foi a primeira garota que te rejeitou, não foi? — Carlton conhecia aquele olhar de orgulho ferido que o colega exibia.

— A maioria dos homens também são rejeitados quando dizem que ama uma garota?

— Só aquele que faz da maneira errada.

— É exatamente isso que eu não entendo. — Dylan voltou a encarar o amigo. — O que eu fiz de errado? Eu mal consegui dormir as últimas duas noites revisando tudo o que aconteceu e não consigo encontrar onde está o erro. E o pior, Jenny também me disse que estava tudo errado. Mas o que está errado? — A voz do soldado saiu impaciente.

— Me conte exatamente como aconteceu. — Carlton já imaginava quais eram os erros, pois ele mesmo já tinha cometido todos os vacilos possíveis em um relacionamento.

— Nós estávamos na sessão de fisioterapia — Dylan iniciou o seu relato —, então Jenny fez uma oração antes de começar. Foram as palavras mais lindas que eu já tinha ouvido em toda a minha vida. Ela orou por mim como se eu fosse o cara mais especial da face da terra. — Ele riu ao recordar da oração carinhosa. — Uns dias antes, eu tinha percebido o quanto eu a amava e aquela oração só me mostrou que ela sentia o mesmo por mim, pelo menos foi o que pareceu naquele momento. Então, assim que a Jenny disse amém, eu a beijei.

Carlton fez uma careta e coçou a nuca.

— O quê? — Dylan indagou sem entender o porquê da expressão de reprovação.

— Você a beijou do nada?

— Não foi do nada. Eu a amo. Em seguida eu me declarei...

Carlton torceu o nariz interrompendo o relato outra vez.

— Vai me deixar terminar? — Dylan inquiriu impaciente.

— Termine. — O outro fez sinal com as mãos para que ele prosseguisse. — Como ela reagiu?

— Ela ficou surpresa, claro, e quis fugir. Nós discutimos e então eu a pedi em namoro.

— E ela disse não.

— Parecia ser o que ela queria que eu fizesse. Porém, ela só ficava falando que estava tudo errado!

— Por que está!

— O que está errado?

— Chega mais perto, Dylan. — Carlton pediu sério como se quisesse contar um segredo.

Mesmo sem entender o que Carlton queria, ele se aproximou.

— Ai! Por que fez isso? — Dylan reclamou ao ser golpeado na cabeça pela bíblia que Carlton segurava.

— Você não aprendeu nada comigo? Não prestou atenção quando estudávamos as escrituras?

— Me desculpe. — Dylan passou a mão no local dolorido pela pancada. — Você nunca me ensinou como fazer isso!

— Você errou do começo ao fim, cara. Você inverteu a ordem e não foi só isso, deixou ser levado pelos seus sentimentos. Em Jeremias diz que o coração é enganoso. Antes de tudo, você deveria ter orado e pedido orientação a Deus e não ir fazendo as coisas por seus próprios meios.

— Orar sobre isso? — Dylan franziu a testa.

— Sim. Sempre se deve orar e colocar Deus em primeiro lugar nas suas escolhas e não importa o que seja. E outra coisa, não deveria ter a beijado até que o que estivesse entre vocês fosse perpétuo.

— Perpétuo?

— Sim, perpétuo! Que não cessa, que dura para sempre; constante, contínuo, permanente; perene, eterno...

— Eu sei o significado de perpétuo. — Dylan revirou os olhos.

— Nesse caso podemos colocar também como *"Até que a morte os separe".*

Dylan ainda parecia confuso, mostrando não entender absolutamente nada o que Carlton falava.

— Olha, lembra quando estávamos no treinamento em Boston e o que eles nos ensinaram sobre o número três? — Carlton perguntou.

— Sim, mas o que isso tem a ver com o assunto?

— Eles disseram que os exércitos do mundo inteiro se baseiam no número três. Isso torna tudo mais fácil de ser entendido. Três soldados formam uma unidade militar, três unidades formam um esquadrão, três esquadrões formam um pelotão, três pelotões formam uma companhia, três companhias formam um batalhão e três batalhões formam um regimento. No relacionamento entre um homem uma mulher deve ser assim também. Afinal, o cordão de três dobras não arrebenta facilmente.

— Acho que dessa vez você terá que desenhar, porque eu não estou entendendo aonde você quer chegar. — Dylan olhou para o amigo, fazendo o outro revirar os olhos impaciente.

— Quando é que você ficou tão lerdo? — Carlton estava fazendo o seu melhor, mas Dylan não estava colaborando.

— Só para com essas metáforas e fala claramente. — O outro começou a azedar. Nos últimos dias, seu humor não era um dos melhores.

— Em um relacionamento, Deus deve estar presente. No seu caso, por exemplo, deve ser Deus, Dylan e Jenny. Não são somente vocês dois.

O problema é que você está acostumado com um tipo de namoro diferente. Para nós, cristãos, o padrão é outro. A ideia de namoro do mundo é totalmente recreativa: "*estou com ela porque eu gosto dela*". Vamos passar um tempo juntos, dá uns beijos, fazer sexo e depois, quando não for mais divertido, escolhemos outros parceiros. Afinal, que mal há nisso? Mas, para nós, cristãos, deve ser diferente. Nada de carícias íntimas demais, nada de amaço e nada de sexo. Deve ser: "*estou com ela porque quero me casar com ela*". E só então será livre para o recreio. — Carlton sorriu travessamente. — O seu primeiro erro foi quando a beijou. Vocês não estavam em um compromisso, e para mim isso é errado. E pior, você nem ao menos deu a chance para a Jenny dizer se ela queria a mesma coisa. Você a violou.

Dylan começava compreender o quanto tinha errado. Nunca lhe passou pela cabeça nada daquilo que o amigo acabara de falar. Mas tudo fazia sentido agora.

— Pelo que eu sei sobre a Jenny, ela é especial. — Carlton completou quando Dylan não disse nada.

— Sim, ela é.

— Então eu entendo porque ela agiu dessa maneira.

— Eu estraguei tudo. — Dylan respirou fundo deixando sua frustração evidente. — O que eu faço agora?

— Faça as coisas da forma certa. — Carlton entregou ao amigo uma folha em branco e um lápis que estava dentro da bíblia. — Anota aí as minhas dicas. Se você seguir fielmente todas elas, vai dar tudo certo da próxima vez.

— E desde quando você virou o guru do amor? — Dylan gracejou pegando o material.

— Desde que você viajou até aqui para se aconselhar comigo — Carlton rebateu com uma cara engraçada.

— Tudo bem. — Dylan começou a rir. — Fala aí, oh, grande guru do amor!

— Antes, você precisa me responder uma coisa. Quais as suas verdadeiras intenções com ela?

— Essa pergunta não deveria ser feita pelos pais dela?

— Vou reformular a pergunta então. A sua intenção é transformá-la na senhora Fox? — Dylan crispou os olhos em direção ao amigo.

— Não está cedo para saber? Achei que precisaríamos namorar antes para termos essa resposta.

— É como eu disse. — Carlton bufou impaciente. — Para nós, cristãos, a coisa funciona diferente. Mas vou te dar um tempo para pensar e orar. Quando tiver a resposta, voltamos a falar sobre o assunto.

Nesse momento, uma jovem esguia, cabelos longos encaracolados e pele morena, se aproximou de onde os dois estavam conversando.

— Desculpa interrompê-los. Está na hora de entrar, senhor Lee. — Piscou para Carlton.

Dylan observou o amigo depositar um beijo terno nas mãos da moça.

— Amor, quero que conheça meu grande amigo Dylan Fox. Dylan essa é Nicole, minha noiva.

— É um prazer finalmente conhecê-lo. Ouvi muito sobre você — disse ela, sorrindo para Dylan.

— Espero que só coisas boas. — O rapaz olhou desconfiado para o amigo.

— Ah, claro que sim. — Carlton e Nicole trocaram olhares cúmplices.

— Dylan ficará por aqui hoje, avise a minha mãe para arrumar o quarto de hóspede. Nós iremos em um minuto.

Dylan notou a forma carinhosa como eles se olhavam e toda a cumplicidade entre eles. Sentiu uma pontinha de inveja.

— Claro. — Nicole depositou um beijo terno no rosto do namorado antes de sair.

— Você é um cara de sorte.

— Deus realmente foi muito bondoso comigo. Mas eu demorei a entender os planos dEle. Ainda bem que não foi tarde demais quando finalmente compreendi os Seus planos. — Carlton sorriu olhando para o céu.

— Como soube que era com ela que queria passar o resto dos seus dias?

— Eu orei. — Lançou um olhar para o amigo como se dissesse o óbvio.



Durante todo o jantar, Dylan observou Nicole e Carlton em sua bolha de amor particular. Além de alguns apertos de mãos e o beijo no rosto de mais cedo, não houve outras trocas de carícias e, mesmo assim, eles pareciam felizes como nenhum outro casal que ele já houvesse visto. Quis ter aquilo em sua vida também. O amigo parecia tão feliz ao lado da noiva!

A conversa que teve com Carlton não saia de sua cabeça e a pergunta crucial ainda martelava em seus ouvidos. Quais eram suas intenções com Jenny Parker? Será que o que sentia era suficiente para querer passar o resto da sua vida ao lado dela?

Quando Dylan ficou sozinho no quarto de hóspede, decidiu seguir o conselho do amigo e orar, pela primeira vez, apresentando seus sentimentos.

Interceder por aquele propósito foi mais fácil do que achou que seria. Era como se estivesse conversando com um amigo e, o mais impressionante, sentia que era ouvido. Dylan ponderou todas as qualidades de Jenny, como se a colocasse em uma balança.

Ela era a pessoa mais bondosa que já conhecera na vida. Colocava o próximo sempre acima si mesmo. Prova disso, foram os inúmeros dias em que cuidou dele quando estava em coma, mesmo aquela não sendo a sua atribuição como fisioterapeuta. Jenny amava a Deus e era uma cristã exemplar, falava das coisas celestiais com uma empolgação e sabedoria invejável. O sorriso dela aquecia o seu coração e o seu olhar era sincero, como se ela nunca fosse capaz de mentir sobre nada no mundo, incluindo os seus sentimentos. Foi através daqueles olhos verdes, que ele soube que ela o amava tanto quanto ele a amava.

Dylan não conseguia pensar em uma mulher melhor para viver com ele o resto dos dias. Estar para sempre ao lado dela não seria um peso, mas um privilégio.

Horas mais tarde, o rapaz tinha plena convicção do que queria, mas sabia que havia um longo caminho pela frente. Teria que consertar o que fizera de errado e iniciar do zero outra vez. Porém, agora do jeito certo.

Antes de o sol nascer, Dylan saiu para uma caminhada no campo. Voltou até a árvore em que tinha encontrado Carlton no dia anterior e novamente orou pedindo uma última confirmação sobre sua decisão. Sentiu paz em seu coração e por um milésimo de segundo, vislumbrou os longos cabelos ruivos da garota, esvoaçante sob uma coroa de flores, enquanto ela sorria para ele. Era isso. Ele realmente queria se casar com ela. Queria que ela fosse a senhora Fox em um futuro não tão distante.

Ficou por ali até o sol nascer. Seu coração estava transbordando de contentamento pela linda experiência que tivera naquela noite. Sentiu confiança para seguir em frente e conquistar o coração daquela que havia roubado o seu há muito tempo.

— Madrugou, soldado? — Carlton estava na varanda da casa quando Dylan voltou de sua caminhada.

— Eu não dormi.

— Já imagino o porquê.

— Eu sei o que eu quero. — Sorriu para o amigo.

— Que bom. — Carlton retribuiu o sorriso. — Agora eu já posso te dizer o que fazer. — Estendeu novamente uma folha em branco e um lápis.

— Estou pronto para aula — gracejou.

No fim da tarde, Dylan se encontrava com uma lista enorme em uma das mãos e a chave do carro em outra, pronto para partir. Agora compreendia os seus erros e estava disposto a consertar todos eles.

— Você já sabe o que quer e sabe o que fazer, mas não se esqueça de que ainda falta saber o que a Jenny quer. E o mais importante, o que Deus quer para ambos. Então, vai com calma e não tome nenhuma decisão precipitada dessa vez. Lembre-se, essa lista só vai dar certo se Deus quiser a mesma coisa que os dois. — Carlton deu o último conselho.

— Farei tudo certo dessa vez. Prometo.

Enquanto dirigia de volta para casa, Dylan aproveitou para planejar cada passo que tomaria a partir de então, e que a vontade de Deus fosse soberana em suas vidas.



Capítulo 33

Janeiro de 2006 - Oregon, Wisconsin – EUA.

Dylan desceu do carro e olhou a sua volta. A base do exército não parecia ter mudado em nada desde que tivera ali há quase três anos, antes de ser enviado ao Iraque com os amigos.

Ajeitou o uniforme e conferiu mais uma vez se os coturnos estavam limpos e engraxados como deveriam estar. No dia anterior, tinha recebido uma ligação do oficial Eli Adams, solicitando que ele comparecesse à base militar para um cerimonial, onde Dylan seria condecorado com a *Purple Heart*[3]. Foi informado também que os familiares dos amigos mortos receberiam as mesmas honrarias, por terem perdido seus entes queridos enquanto defendiam seu país.

Desejou que Jenny estivesse com ele naquele momento.

Por mais que a ansiedade em vê-la lhe corroesse por dentro, teve que seguir o conselho do amigo. Sabia muito bem como funcionava os seus instintos e odiaria agir por impulso mais uma vez, estragando tudo novamente.

Preferiu, então, cortar todo e qualquer contato direto com ela, até ter uma resposta clara de que era a vontade de Deus ficarem juntos. Precisava de uma confirmação, qualquer uma, para que soubesse que estava na hora de dar o próximo passo. Seu coração ardia de amor, mas preferia sofrer agora, sem se envolver ou até mesmo envolvê-la, a saírem machucados por não esperar uma resposta para saber quais eram os planos de Deus.

Retornou para as sessões quando Simon pôde atendê-lo. Com o coração apertado, solicitou que Jenny não participasse como assistente

durante as consultas. Se a visse, poderia pôr tudo a perder. Usou esse tempo para orar mais a respeito dos seus sentimentos e ponderar se estava mesmo disposto a fazer aquilo. Chegou a pedir que Deus tirasse do seu coração todo e qualquer sentimento, porém a cada dia que se passava o que sentia por ela só aumentava. No entanto, ele não poderia se basear somente por seus sentimentos. Como Carlton havia frisado: o coração do homem é enganoso.

Os dias e as semanas se arrastaram e parecia que Deus havia se esquecido dele. Dylan esperou por sua resposta, mas ela não veio tão rapidamente como queria. O natal passou e veio um novo ano e a saudade de estar com ela aumentava. Porém, surpreendendo a si próprio, permaneceu firme em sua espera.

Eli o recepcionou assim que Dylan entrou na sede da base e o conduziu até o auditório, onde a cerimônia ocorreria. Os pais de Ethan, Adam e Bruce vieram cumprimenta-lo e dizer o quanto estavam felizes por vê-lo e que, apesar de os filhos não estarem mais entre eles, sentiam-se orgulhosos por tudo que eles fizeram por sua nação. Os pais de Noah, por sua vez, apenas os encararam de longe.

A cerimônia foi simples e cheia de emoção. Dylan segurou as lágrimas ao ouvir o discurso de um dos pais, sentindo ainda mais a falta dos amigos ali com ele. Ao final, Eli o convidou para ir ao seu escritório para dar entrada na papelada de admissão como funcionário da base.

— Fique à vontade, Dylan, vou buscar os formulários para que você preencha e assine.

— Obrigado, senhor. — O oficial saiu, deixando-o sozinho na ampla sala repleta de armários de aço.

Apesar dos pesares, Dylan estava feliz. Uma nova fase de sua vida se iniciaria em breve. Deus havia dado a ele a oportunidade de recomeçar mais uma vez. Tudo havia acontecido tão rápido que, pela primeira vez, parou para pensar o que tinha o levado até ali. Estava afundado no mar da depressão quando Eli surgiu do nada e o resgatou. Realmente, Deus era surpreendente e agia sempre no momento certo.

Fez uma breve oração em agradecimento por tudo que o Pai eterno já fizera por ele, mesmo não merecendo um por cento de Sua graça. Quando abriu os olhos lagrimejados, avistou uma fotografia sobre um aparador próximo à janela, atrás da escrivaninha. Piscou algumas vezes para dissipar as lágrimas e ter certeza que não estaria vendo coisas.

A claridade sobre o vidro do quadro o impedia ver com clareza, mas reconheceria aqueles olhos a quilômetros de distância. Caminhou até lá e pegou a moldura em formato de coração. Sentiu o estômago e o peito arfar

ao ver Jenny ao lado de Eli. Ela trajava uma camiseta do clube de biologia da Oregon High School e exibia com orgulho o troféu da fera de ciências.

Perplexo, Dylan fitou a foto, descobrindo, finalmente, o motivo de estar ali.

Ela a quem Eli se referiu naquele dia em sua casa era Jenny.

Sua Jenny.

Ao constatar aquilo, seu coração acelerou.

Seria essa a confirmação de Deus para ele?

Muito antes de se reencontrarem, ela se importava com ele, e graças àquela proposta tinha ganhado o ânimo que precisava naquele momento difícil. Jenny sempre estivera ao lado dele. Desde o hospital, quando ainda estava em coma, até aquele exato momento. Preocupava-se com ele, não só com sua saúde física, mas também espiritual.

Ela havia se doado a fim de ensiná-lo um pouco mais sobre Deus, sacrificado seus momentos de descanso para estudarem a bíblia juntos. Sem falar que ele tinha pisado tanto na bola com ela, mas a moça sempre o perdoava. Jenny era um exemplo de mulher virtuosa, altruísta e que destoava completamente dos padrões do mundo. Não restavam mais dúvidas em seu coração. Era Deus quem tinha colocado Jenny Parker em sua vida para ser sua ajudadora e isso não havia sido por acaso. Ele tinha um propósito.

Dylan ainda segurava o quadro em suas mãos com os olhos cheios de lágrimas, quando Eli retornou com a papelada.

— Acho que fomos descobertos — disse Eli, ao ver o que tanto prendia a atenção de Dylan.

— Por que não me disse que era ela?

— Jey me pediu para não dizer. Ela é dessas que gosta de fazer o bem sem receber reconhecimento em troca. Além de ser uma garota muito especial.

— Sim, ela é.

— Eu e o pai dela servimos juntos por um tempo no Afeganistão. Quando ele faleceu, me senti na obrigação de preencher o enorme vazio que ele havia deixado. Mas, na verdade, era eu quem precisava dela e não o contrário. Jenny me fez ser forte e não desistir da vida.

— Acho que ela fez a mesma coisa comigo. — Dylan sorriu, colocando o quadro de volta no lugar, fitando-o por mais alguns segundos.

— Quem se casar com ela será um homem de sorte.



Dylan não podia afirmar com certeza que Deus tinha respondido as suas preces, porém, diferente de antes, sentia confiante em dar o próximo passo. Estava na hora de colocar em prática o segundo item da lista que Carlton lhe dera.

— Dylan?

— Boa noite, Dr. Simon.

— O que faz aqui? Aconteceu alguma coisa? — Simon indagou ao ver o seu paciente em sua porta.

— Não. Eu estou bem. Por acaso a Jenny está?

— Não. Ela foi à igreja.

— Ótimo! — exclamou, deixando escapar o seu nervosismo. — Eu preciso falar com o senhor e sua esposa.

— Com minha esposa? É algo sobre a Jey? O que ela fez? — Simon levantou as sobrancelhas, ainda sem entender o que o rapaz queria.

— Ela não fez nada, fica tranquilo. Eu posso entrar? Gostaria de conversar com vocês antes que ela chegasse.

— Claro. — Simon deu passagem, seguindo-o logo depois.

Dylan sentou no sofá, enquanto Simon foi chamar a esposa. Suas mãos suavam à medida que repassava em sua mente o discurso ensaiado por horas em frente ao espelho. Pareceu tão fácil antes, mas agora as palavras pareciam fugir, impedindo-o de recordar da metade do que pretendia falar.

Quando Marina e Simon sentaram de frente para ele, era possível perceber o quão curioso eles estavam.

— Bem, vocês devem estar se perguntando o que eu estou fazendo aqui. — Dylan sorriu ao vê-los tão apreensivo quanto ele.

— Confesso que estou bem curioso — Simon respondeu se ajeitando no assento.

— Me desculpe por vir sem avisar, mas eu precisava fazer isso ainda hoje.

— Não tem problema. Parece ser importante.

— É sim. — Dylan apertou as próprias mãos e deu um longo suspiro antes de prosseguir. — Eu não sei como abordar isso, mas, é que eu queria apresentar as minhas intenções. — Alternou o olhar entre o casal a sua

frente. — Eu preciso da autorização de vocês para prosseguir em um relacionamento com a Jenny. Gostaria de me aproximar mais dela.

Simon e Marina se entreolharam surpresos pelas palavras do soldado.

— Eu sempre fui ensinado a seguir o meu coração. Mas aprendi recentemente que o coração do homem é enganoso. Antes de vir até aqui, eu orei muito. Lutei contra a minha carne e os meus desejos, que imploravam para que eu fizesse as coisas como sempre fiz. Sei que já quebrei o coração de muitas garotas e me arrependo amargamente por todas as vezes que me envolvi com alguém apenas por diversão. Eu seria incapaz de fazer isso com a filha de vocês. Não posso dizer com plena convicção que sei o que Deus tem para nós no futuro. Não dá para saber essas coisas. No entanto, sinto que Ele orquestrou tudo em nossa volta para que entrássemos na vida um do outro algum dia.

— Nós apreciamos que tenha vindo falar conosco sobre isso, Dylan. Você me parece um homem íntegro e está disposto a honrar tanto a Jenny quanto a Deus. Então, vamos dar um passo de cada vez, com o Senhor dirigindo o nosso caminho — disse Simon, impressionado com as palavras que acabara de ouvir, vindo de um rapaz tão jovem.

— Nós estamos dispostos a ver o que Deus tem para vocês dois. — Marina sorriu. Em seu íntimo sentia uma felicidade sem fim por saber que, se ele estava ali com aquele intuito, era porque o que sentia por sua filha era digno de tal sacrifício.

— Eu agradeço.

— Quem dera existissem mais rapazes com essa atitude! — Marina acrescentou com lágrimas nos olhos.

— Confesso que ainda estou aprendendo. — Dylan sorriu ao recordar das aulas de Carlton.

— E está se saindo muito bem — Simon elogiou. — Tem o nosso apoio.

— Obrigado, senhor. Não quero mais tomar o tempo de vocês. Obrigado mais uma vez — disse, levantando-se para ir embora.

— Não gostaria de esperar a Jenny? Ela deve estar chegando. — Marina o convidou para ficar.

— Não quero incomodar. Posso falar com ela amanhã.

Na verdade, esperá-la era tudo que ele mais queria. Já estava ali, poderia resolver tudo naquela noite mesmo. A seu ver, tinha esperado tempo suficiente.

— Não será incômodo algum. Fique à vontade. Vou preparar alguma coisa para comermos.

Marina se retirou para a cozinha, enquanto Dylan e Simon engatavam uma conversa sobre o tratamento do rapaz. Um assunto levou a outro e o moço se sentiu bem com a afabilidade deles para com ele. Ficaria feliz em fazer parte daquela família um dia. Percebeu que a atmosfera daquele lar era diferente. Não parecia em nada o ambiente hostil em que vivia com os pais. Eles mal se falavam e quando isso acontecia, era sempre em um tom impaciente, como se quisessem estar longe um dos outros. Talvez estivesse tendo aquela boa impressão por se tratar de um casal recém-casado, mas, mesmo assim, quis aquilo em sua vida para sempre.

Enquanto ainda comiam, Jenny chegou da igreja. Ao se deparar com a cena a sua frente, a moça paralisou no meio do caminho. Seu coração palpitou forte quando Dylan percebeu a sua presença e se virou em sua direção, ainda sorrindo de algo que Simon acabara de falar.

— Ah! Você chegou! — Marina se levantou e foi ao encontro da filha.

Dylan encarou a garota, enquanto Marina a conduzia até o sofá, fazendo-a sentar ao lado dele.

— Bem, preciso fazer algo lá na cozinha. Me ajuda Simon? — A senhora inventou qualquer desculpa para deixar os jovens a sós, arrastando o marido com ela.

— O que faz aqui? — Jenny perguntou quando a mãe e o padrasto desapareceram cozinha afora.

Achou estranha a aparição repentina do rapaz, já que ele simplesmente a havia evitado por um mês inteiro depois de se declarar para ela. Após constatar que sentia o mesmo por Dylan, Jenny orou para que Deus confirmasse se aquele sentimento vinha dEle ou era algo dela. Durante o tempo que passaram afastados, nada mudou e sempre que se lembra do soldado, o coração batia diferente. Porém, ela sabia que não deveria se basear apenas pelo que sentia. Deus teria que revelar a sua vontade.

— Eu precisava conversar com sua mãe e o doutor Simon sobre algo. — Como ela não disse nada e apenas o olhava confusa, Dylan continuou: — Vim até aqui porque quero fazer as coisas do modo correto desta vez, Jenny.

— Tem como você ser mais claro? — Ela pigarreou, tentando assumir uma postura despreocupada, quando na verdade, temia por ele poder ouvir o seu coração, que batia acelerado dentro do peito.

— Vim até aqui para pedi permissão a eles para que eu possa me aproximar de você. Sei que agi muito mal da última vez que nos vimos e que te deixei confusa. Mas agora quero fazer diferente. Estou disposto a ir com calma e no tempo de Deus.

Jenny crispou os olhos e encarou Dylan, mal acreditando no que tudo aquilo significava.

— E o que isso significa? — indagou, apenas para ter certeza.

— Significa que quero te conhecer melhor.

O rapaz a sua frente falava como se fosse outra pessoa.

— Quem é você e o que fez com Dylan Fox? — Ela lhe lançou um olhar desconfiado.

Ele sorriu.

— Ainda sou eu, mas em uma versão melhora, posso te garantir. Eu já errei muito e você foi uma vítima dos meus impulsos. Estou cansado de coisas superficiais, agora eu quero algo perpétuo.

Perpétuo? Ela pensou surpresa.

O que mais poderia significar perpétuo em um relacionamento? Jenny deixou sua mente viajar por alguns segundos no significado daquela palavra.

— Jenny?

— Hum? — A garota despertou do seu devaneio momentâneo e se deparou com Dylan a fitando sorridente.

— Sei que tem muito que pensar. Eu já revelei meus sentimentos a você e isso não mudou. Porém, não se sinta coagida a me corresponder. — Apesar da voz dele sair firme e aparentar confiança, Jenny percebeu o quanto Dylan estava nervoso em relação a tudo, assim como ela. — Quero continuar sendo seu amigo e eu prometo não te pressionar, não ir além daquilo que te faça sentir bem, respeitar o seu tempo e, acima de qualquer coisa, esperar a resposta de Deus antes de dar qualquer outro passo. Quero que Ele esteja no centro da minha vida em todas as áreas, inclusive direcionando os meus sentimentos. — Dylan procurou ver se ela compreendia o que ele tentava dizer.

A moça o olhava em silêncio.

— Por que eu? — perguntou depois de um tempo, tentando entender os critérios da escolha dele.

— Por que não você? — Jenny desviou o olhar para longe.

O ceticismo dentro dela não a deixava acreditar que um cara como Dylan Fox poderia querer algo sério com uma garota como ela.

— Ei — o rapaz segurou delicadamente o queixo dela, fazendo-a olhar para ele novamente —, não quero que fique insegura quanto a isso! Não faz sentido algum. Você é uma pessoa incrível, Jenny Parker. — Ele sorriu lindamente ao recordar o que ela fizera por ele, mandando Eli ao seu encontro. — Eu orei muito desde a última vez que nos vimos. Confesso que no primeiro momento eu fiquei muito chateado por você ter me rejeitado

daquela maneira, mas agora eu entendo porque fez isso e era eu quem tinha agido mal. Tudo foi necessário para que eu aprendesse algo precioso.

Fogos de artifícios explodiram dentro dela e uma única pergunta ecoava em sua cabeça: *Por que não?*

Ela sempre soube que nada acontecia por acaso. Deus não teria permitido nada daquilo se Ele não tivesse um propósito maior. Mesmo assim, teria que agir com muita cautela, por mais que sua vontade era se lançar nos braços de Dylan naquele exato momento e declarar todo o amor que sentia por ele.

— Tudo bem — disse, rendendo-se.

Deixando os seus receios de lado por um instante e, por um impulso que ela não sabia de onde tinha vindo, acariciou o rosto de Dylan. Cada músculo da face do rapaz se contraiu e ele fechou os olhos sentindo o toque suave da mão dela em sua pele.

Jenny recolheu a mão rapidamente, se advertindo inteiramente por ter feito aquilo. Onde estava com a cabeça? Havia acabado de concordar que iriam devagar!

— Eu preciso ir agora — ele disse em um fio de voz, se levantando. — Podemos nos encontrar amanhã?

— Eu não sei se é uma boa ideia. Acho que eu preciso de um tempo. Como você mesmo disse, tenho muito em que pensar. Preciso orar a respeito também. Talvez você já tenha a sua resposta, mas eu ainda não.

— Claro! Eu concordo com você. Como eu disse, não quero pressioná-la a nada. Você terá o tempo que precisar. Mas, antes de qualquer coisa quero ser seu amigo. Quero te conhecer melhor e creio que há muitas coisas sobre mim que você ainda desconheça.

— Tem certeza que quer fazer isso? Pode ser que depois de conhecer o meu verdadeiro eu, você fuja sem olhar para trás — Jenny gracejou enquanto caminhavam lado a lado em direção a porta.

— O que eu já sei sobre você é o suficiente para me fazer querer ficar. A não ser que eu esteja errado e essa não seja a vontade Deus. Contra ele não há argumentos — Dylan disse com convicção.

— Posso te dar a resposta sobre nos encontrar depois? — Ela abriu a porta para ele sair.

— Claro. — Dylan passou por ela, parando a alguns metros de distância. — Boa noite, Jenny.

— Boa noite, Dylan.

Ao fechar a porta, Jenny se apoiou nela e apertou os olhos. Não pode evitar que um sorriso se formasse em seus lábios. Aquilo parecia ser um sonho. Ainda não acreditava no que acabara de acontecer. Ele parecia empenhado em fazer tudo da forma que deveria ser. Não tentou beijá-la ao

se despedir e tirando o seu momento constrangedor, ao tocar o rosto do rapaz, nenhum outro contato mais íntimo foi requerido por parte dele. Seja lá onde ele tinha buscado ajuda, havia dado certo.

Quando Jenny abriu os olhos novamente, Marina e Simon estavam a alguns passos, sorrindo para ela.

— Minha menininha está crescendo! — a mãe disse eufórica, jogando seus braços em volta da filha.

— Não exagera, mãe. — Jenny sentiu o rosto mudar de cor.

— Ele foi tão fofo! — Marina suspirou. — Hoje em dia os rapazes não fazem mais esse tipo de coisas.

— Não mesmo — Simon concordou.

— E então? O que você disse a ele? — a mãe perguntou curiosa.

— Por que quer saber? Eu sei que vocês ouviram tudo atrás da porta. — A moça cruzou os braços, enquanto os encarava.

— Por que acha que faríamos isso? — Simon entrou em defesa dele e da esposa.

— Está bem. Fomos pegos. — Marina se entregou. — Mas teve momentos que vocês falaram muito baixinho. Não deu para ouvir nem com uma taça contra a parede.

— Mãe! — Jenny sorriu pegando a sua bolsa, dirigindo-se rumo às escadas.

— Não vai nos contar? — Simon e Mariana perguntaram ao mesmo tempo, corroendo-se de curiosidade.

— Vamos orar a respeito. Ir com calma e ver o que Deus tem para nós — ela respondeu.

— É o melhor caminho. — Simon sabia como era bom estar debaixo da vontade de Deus, pois estava vivendo o tempo do Senhor em sua vida.

Ao entrar no quarto, Jenny parou em frente ao espelho e encarou sua imagem refletida ali. Não viu nada de mais que pudesse ter chamado a atenção de Dylan para que se apaixonasse por ela, como ele disse que estava. Suas roupas eram sempre tão básicas e nunca usava maquiagem, sem falar que sua beleza não se encaixa nos padrões ditados pela sociedade.

O que, afinal de contas, o atraiu?

Sabia muito bem o tipo de garotas com quem ele costumava sair na época da escola. Todas eram o extremo oposto dela. Gostaria de acreditar que apenas o seu jeito de ser teria sido o culpado por tais sentimentos, mas duvidava muito que só isso fosse suficiente. Jenny sentiu toda a insegurança do mundo cair sobre si naquele momento.

Dylan, diferente dela, era totalmente atraente. Sua beleza exótica chamava tanta atenção, que era impossível passar despercebido. Por

diversas vezes, quando estavam juntos, Jenny viu mulheres encará-lo sem o menor pudor. Sua presença era marcante e preenchia qualquer lugar em que chegasse. Jenny se sentiu uma formiguinha insignificante todas as vezes que saíram juntos.

No entanto, recordou-se do modo tão sincero com que Dylan falava sobre os seus sentimentos, olhando-a nos olhos. Não parecia estar mentindo sobre aquilo. Não! Definitivamente ele não estava mentindo. Mas, então, por que era tão difícil entender o porquê de ser ela a escolhida, quando ele podia ter qualquer outra?

Pelo reflexo do espelho, avistou a gravata pendurada na cabeceira da cama. Foi até lá e a pegou. Uma brisa fresca entrou pela janela aberta do quarto, fazendo os seus cabelos se agitarem.

Naquele instante sentiu seus medos e incertezas se acalmarem. Assustada com a sensação fitou a gravata outra vez, apertando-a entre os dedos.

Seria Dylan a resposta de suas orações?



Capítulo 34

Jenny acordou naquela manhã decidida a ser diferente. Vez por outra, sua aparência lhe causava certo incômodo, mas nunca como na noite anterior. Ela precisava fazer algo para mudar. Lógico, não seria nada radical, mas sabia que com um pouco mais de cuidados se sentiria melhor. Afinal de contas, Dylan merecia alguém um pouco mais apresentável ao seu lado.

O que eu estou pensando? Eu nem sei se é isso que Deus quer!

Pensou, levantando-se da cama e seguiu para o banheiro, no entanto, prosseguiu com o plano.

No armário, pegou um pote de máscara facial de argila, presente que sua mãe trouxera da viagem de lua de mel. Jenny não havia dado tanta importância à lama verde e, sinceramente, achou que nunca usaria aquilo. Agora o cosmético reluzia em suas mãos.

Disposta a mudar realmente, passou a máscara no rosto, ignorando uma vozinha em sua cabeça que insistia em dizer que aquilo não era importante. Enquanto o produto agia sobre a pele, foi até o pequeno closet e analisou as suas roupas. Definitivamente precisava de um novo guarda-roupa. Separou as peças do vestuário e no final, percebeu que pouquíssimas delas se encaixavam no novo estilo que elaborava em sua mente. Jogou as demais em uma caixa de papelão para doação, planejando ir às compras naquela mesma tarde.

O estômago da moça reclamou, e só então ela percebeu que ainda não havia comido nada naquele dia. Estava tão compenetrada em sua tarefa, que mal percebeu a hora do almoço aproximar. Então, foi até a cozinha

para comer algo. Na geladeira, encontrou um bilhete da mãe, informando que ela e Simon passariam o dia em Madison e que havia comida congelada no freezer.

Jenny olhou no relógio e mordeu os lábios inferiores. Dylan estava esperando sua resposta sobre um possível almoço, porém, ela não se achava preparada ainda para sair com ele. Não depois de ter sido tão fofo na noite anterior. Temia se deixar levar pelos sentimentos aflorados recentemente e que isso a fizesse agir por impulso.

Enquanto preparava um sanduíche, Jenny orou mais uma vez, pedindo ao Senhor uma confirmação clara sobre sua vontade. Em seguida, acomodou-se confortavelmente em frente à tevê para assistir sua série favorita.

Momentos depois a campainha tocou.

Seu coração errou algumas batidas ao ver Dylan parado na porta, munido de várias sacolas.

— Olá — ele cumprimentou pausadamente, enquanto a encarava com apenas a sobrancelha direita levantada. Lentamente, um sorriso travesso tomou conta do rosto do rapaz. — Se está tentando me mostrar o seu verdadeiro eu, quero que saiba que eu estou adorando — gracejou, deixando Jenny confusa. — Verde é minha cor preferida, sabia? — completou, apontando para o rosto dela.

— Ai, meu Deus! — Jenny levou as mãos à máscara de argila, fechando a porta na cara de Dylan.

Correu para o banheiro para lavar o rosto, que a essa altura queimava de vergonha.

Droga, droga, droga! Isso que dá querer ser alguém que eu não sou! Que vergonha, meu Deus! choramingava enquanto esfregava o rosto, tentando tirar o produto grudado na pele por ter passado tempo demais sobre ela.

Ao sair do banheiro, avistou a caixa de roupas para doação. Sentiu um grande remorso que não soube explicar.

Seja você mesma, Jenny. Uma voz soou em sua cabeça.

Correu até lá e jogou tudo de volta no closet. Dylan tinha se apaixonado por ela assim, do jeitinho que ela era e sem subterfúgios. Por que agora haveria necessidades de mudanças?

Retornou para o andar de baixo, jurando que o rapaz já teria ido embora depois de sua total falta de educação. Mas, quando abriu a porta novamente, ele estava apoiado em um dos pilares da varanda, olhando em sua direção, ainda com as sacolas penduradas nos braços.

Dylan sorriu assim que a viu.

— Não teve graça. — Jenny revirou os olhos.

— Teve sim. — Ele rompeu em uma gargalhada.

A moça baixou a guarda, se rendendo ao lado cômico da situação, rindo juntamente com ele.

— Me desculpa por bater a porta na sua cara.

— Tudo bem. Eu acho que faria a mesma coisa. Mas pode ter certeza, você nunca me verá usar uma coisa daquelas no rosto.

— Nunca diga nunca. — Ela mirou as sacolas. — O que tem aí?

— Ingredientes para fazer brownie. Achei que seria legal se fizéssemos juntos. É isso que os amigos fazem, não é?

— Eu não sei. Nunca fiz nada do tipo com meus amigos.

— Sempre há uma primeira vez.

— Eu não sou boa na cozinha.

— Nem eu. Mas tenho isso. — Dylan tirou um pedaço de papel amarelado pelo tempo do bolso e o exibiu com orgulho. — Roubei do caderno de receitas da minha avó quando eu tinha oito anos.

— Que coisa mais feia! — Jenny o advertiu em tom de brincadeira.

— Ela nunca usava, tinha as receitas em sua cabeça. — Dylan se defendeu. — Achei que nunca daria falta. Mas ela me pegou enquanto eu tentava reproduzir a receita em casa um ano depois. Deu tudo errado. Então ela me ensinou como fazia e me deixou ficar com isso.

— E depois, você fez a receita quantas vezes?

— Bem, eu nunca fiz novamente. — Dylan deu de ombros. — Porém, eu posso te garantir que ainda lembro exatamente como fazer.

— Tudo bem. Mostre-me, então. — Jenny apontou para dentro de casa, convidando-o a entrar.

Ela pegou os utensílios que Dylan usaria e apenas colaborou como sua auxiliar, passando os ingredientes: manteiga batida com açúcar, depois os ovos, farinha, essência de baunilha e o chocolate quando era solicitado.

Enquanto trabalhavam juntos, conversaram amenidades e ela se perguntava por que estivera tão receosa de se encontrar com Dylan naquele dia. O clima entre eles estava leve, sem insinuações e sem pressão, assim como o rapaz prometeu que seria. Ficou feliz por ele não questionar o porquê de ela não ter ligado, dando sua resposta sobre o almoço.

— Parece delicioso. — Jenny observou Dylan tirar a travessa do forno.

— Eu disse que sabia fazer. — Ele sorriu vitorioso, pondo sua obra-prima sobre a mesa.

— Temos que provar antes de você continuar se gabando.

— Enquanto esfria, gostaria de conversar com você sobre algumas coisas. — Dylan olhou para ela, buscando alguma reação quanto ao seu pedido. — Tenho algumas perguntas. — Tirou uma espécie de lista do

bolso. — Se importa, senhorita? — Puxou uma cadeira para que ela se sentasse.

— Depende de que tipo de perguntas está falando. — Ela se sentou, cruzando as mãos sobre a mesa, enquanto ele desdobrava o papel e se sentava de frete para ela.

— Não sinta coagida a responder, se não quiser. Quero que seja sincera. Eu só gostaria de te conhecer melhor. Você também pode fazer perguntas para mim.

— Tudo bem. Qual é a sua primeira pergunta?

— Por que não me ligou hoje? — Ele começou com o assunto que ela vinha tentando evitar.

— Bem — Jenny remexeu no assento, mas decidiu ser sincera com ele —, depois de ontem, eu tinha muitas coisas para pensar. Não queria acabar confundindo nada.

— Entendo. — Ele olhou para suas próprias mãos. — Então eu fiz mal vindo até aqui?

— Não! Foi divertido e fluiu naturalmente. Sem pressão. Diferente de como eu pensei que seria quando nos víssemos.

Dylan sorriu.

Parecia aliviado com a resposta dela. Era um bom sinal. Significava que estava no caminho certo.

— Segunda pergunta: — Ele olhou para a lista sobre a mesa. — Qual a sua cor preferida? — Jenny riu com a mudança repentina de assunto.

— Azul.

— Azul? Jurava que seria rosa.

— Por quê?

— Toda menina gosta de rosa e você é toda delicada...

— Eu gosto de rosa, mas a pergunta foi qual era a minha cor preferida. — Dylan concordou. — E qual a sua cor favorita? — Ela devolveu a pergunta.

— Preto.

— O quê? Quem tem preto como cor favorita? Eu achei que fosse verde! — Jenny o recordou de sua vergonha alheia de horas atrás.

Dylan entrou em uma crise de riso, fazendo Jenny lembrar-se do por que escolhera a gravata multicor. Ela queria um marido bem-humorado. Ok, ela estava sendo a piada da vez, mas mesmo assim, sentiu o coração se aquecer.

— Me dá isso — Jenny pediu a lista de perguntas. — Deixe-me ver se tem alguma pergunta que realmente valha a pena.

A garota passou os olhos pela letra bonita do rapaz e sorriu ao ver a quantidade de perguntas ali. A maioria boba, mas algumas ela teria que

pensar bem antes de responder.

— Que tal falarmos o que já conhecemos um do outro, assim eliminamos metade disso aí — Dylan sugeriu, pegando a folha de volta. — Você pode começar.

— Tudo bem. — Jenny o encarou. O que ela sabia sobre Dylan Fox? — Você é impulsivo — falou a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Algumas pessoas chamam isso de atitude — ele rebateu.

— O problema é que você age sem pensar na maioria das vezes.

O rapaz revirou os olhos com a resposta dela.

— E você fala mesmo o que pensa, sem rodeios! — ele alfinetou, erguendo o cenho.

— Ainda não é a sua vez de falar de mim — disse ela, encarando-o com um meio sorriso.

— Desculpa, prossiga. — Dylan fez um sinal com a mão, indicando que não a interromperia novamente.

— Quando você não gosta de algo, isso fica bem evidente — Jenny continuou. — Um finco se forma entre as suas sobrancelhas quando é contrariado.

— Você também é muito transparente, senhorita Parker — interferiu outra vez, fazendo-a encará-lo com reprovação.

— Você sempre coça a nuca quando está nervoso — ela prosseguiu, ignorando sua observação.

— E você coloca o cabelo atrás da orelha.

Dylan sorriu tão lindamente, que Jenny teve que se esforçar para não demonstrar o quanto aquele simples gesto dele lhe afetava.

— Você tem cinco tipos de sorrisos — Jenny falou sem pensar, se repreendendo logo em seguida por ter usado uma frase clichê de um filme que assistira.

— Como Rosalee? — Ele sorriu de lado.

— Não acredito! Você assistiu "*Um encontro com Seu Ídolo*"[4]*?*

— Minha mãe me obrigou a ir ao cinema com ela e só tinha *isso* passando.

Jenny gargalhou.

— Isso foi meigo.

— Estou curioso para saber os meus tipos de sorriso. — O rapaz levantou um dos cantos da boca.

— Esse foi o seu sorriso convencido.

Dylan tentou ficar sério, mas ainda sorria com os olhos.

E esse é o seu sorriso que me faz derreter. A moça balançou a cabeça com força, tentando dissipar seus pensamentos indecorosos.

— Quais são os outros quatro? — Ele encostou-se à cadeira e cruzou os braços, ignorando o evidente rubor que tomava conta do rosto dela.

Dylan a encarou, esperando que ela prosseguisse, mas a moça não disse nada, apenas o encarava de volta batendo as unhas sobre a mesa. O rapaz percebeu que Jenny ponderava se era mesmo uma boa ideia dizer. E ele não estava errado. A moça trava uma batalha interna. Se dissesse mais uma palavra sobre os tais sorrisos do rapaz, poderia estar dando um passo antes do tempo.

— Não precisa me dizer. Posso viver com essa curiosidade me corroendo por dentro. — Dylan voltou a apoiar os cotovelos na mesa. — Agora é a minha vez. Por favor, não me interrompa — gracejou.

— Tudo bem. — Jenny ficou aliviada. — O que sabe sobre mim, soldado?

Ele sorriu, mas demorou alguns segundos para começar a falar. No tempo que haviam de convivência, Dylan tinha observado tanto aquela garota, que poderia passar horas enumerando os pontos mais relevantes da personalidade dela.

— Você é altruísta. — Ele sustentou o olhar nela, assim que começou a falar. — Coloca sempre os interesses de outras pessoas a frente dos seus. Passa a impressão de uma pessoa muito inteligente e intuitiva, o que não é mentira. Tem vocação por atividades intelectuais. Não se atrai por atividades desgastantes e de esforço físico. Demonstra ter a vida sob controle. É alguém que valoriza a espiritualidade e ama a Deus acima de qualquer coisa e isso é admirável! Sempre está envolvida com seus pensamentos podendo passar a impressão de solitária às vezes.

Dylan fez uma pausa, esperando que Jenny dissesse alguma coisa, mas ela continuou calada. Então ele prosseguiu:

— Você é séria, não aceita intimidades ou brincadeiras inoportunas. É bastante reservada, torna-se difícil ter sua confiança, e guarda seus segredos sempre para si. Não se familiariza com encontros sociais, prefere sempre atividades que exijam concentração. Fala pouco e evita comentários óbvios. Nunca age com a intenção de impressionar, por isso só participa de conversas quando está embasada de sua observação e cuidadosa análise. Preocupa-se com o conteúdo e nunca com a forma.

Aqui ele se recordou das mulheres de burcas que via aos montes no Iraque e de uma brincadeira que os amigos haviam feito envolvendo-a. Mal sabiam eles, o quanto a aparência não significava nada para ele. Mesmo Jenny sendo a garota mais linda do mundo aos seus olhos, isso não era o que tinha feito ele se apaixonar por ela.

— Acho que tudo se resume no significado do seu nome. — Ele sorriu novamente. — Você é Nobre. Porém, tem um defeito.

— Qual seria?

— Você evita criar laços com outras pessoas. Por quê?

Jenny mordeu os lábios e desviou os olhos lacrimejados.

— Quanto mais gente entra minha vida, significa que mais pessoas podem sair dela um dia.

Dylan engoliu em seco.

O amor que sentia por ela cresceu dentro de si. Ele estendeu o braço sobre a mesa e tocou a mão dela.

— Eu não vou a lugar algum.

Jenny sentiu os olhos esquentarem com as lágrimas que viam à tona. Dylan a olhava tão intensamente, que sentiu suas amigas borboletas despertarem no seu estômago. Nunca, além de sua mãe e Eli, outro alguém havia demonstrado se importar com ela daquela maneira. Queria poder abraçá-lo. Queria muitas coisas naquele momento, no entanto, respirou fundo e apenas sorriu.

— Acho que o brownie já esfriou — disse, estourando a bolha de afeto.

— Claro! — Dylan quebrou o contato visual, levantando-se para pegar os pratos e talheres já separados anteriormente.

— Jey, amiga, estou entrando! — A voz aguda de Léxis rompeu o silêncio que pairava entre eles. — Preciso de um grande favor seu. Sei que hoje é sábado, mas você pode ficar com o Mi...? — A moça apareceu na cozinha tão rapidamente carregando o filho no colo, que Jenny mal teve tempo de se levantar de onde estava.

Léxis paralisou assim que viu Dylan na cozinha com a melhor amiga. O rapaz encarou a criança, esperneando para descer dos braços da mãe. Léxis colocou Mike no chão e o menino correu desengonçado em direção a Jenny.

O soldado alternava o olhar entre o garotinho e a mãe. Sua cabeça girava em um milhão de pensamentos, mas todos eles terminavam em um único ponto. Aquele menino era a cópia fiel do Noah. O cabelo liso caído nos olhos e os dois furinhos nas bochechas quando ele ria, era a prova de que a criança e o melhor amigo tinham a mesma combinação genética.

Sentiu o coração palpitar mais forte à medida que olhava para Mike e percebia mais semelhanças. Algo se ascendeu dentro de Dylan, como se o pequeno fosse a resposta a todos os seus problemas com a família Thompson. Sim, para ele não restava dúvida alguma. Mike era filho do seu melhor amigo.

— Quem é o pai dessa criança, Léxis? — perguntou, porém, a resposta para ele era óbvia.

Noah havia passado duas semanas inteiras se vangloriando do que acontecera no baile e como fora fácil levar Léxis para cama.

— Você não conhece — ela respondeu ríspida, indo buscar o filho que se encontrava abraçado ao pescoço da amiga.

— Léxis... — Jenny tentou falar.

— Não, Jey! Ele não conhece! — Lançou um olhar duro para ela, pegando o menino de volta. — Não sabia que estava ocupada. — Encarou novamente Dylan em pé ao lado da pia, com os pratos nas mãos.

— Pode deixar o Mike aqui, se precisa trabalhar.

— Não. Vou levar ele para o trabalho comigo. — O menino reclamou, estendendo os braços, querendo voltar para Jenny.

— Como você vai servir as mesas com ele no colo?

— Eu dou um jeito.

Sem esperar protesto algum por parte de Jenny, Léxis saiu com o filho, tão rápido como quanto havia chegado.

— Eu não acredito que o Noah tem um filho... — A voz de Dylan embargou, impedindo-o de continuar. Deixou os pratos de lado e passou as mãos nos cabelos, apoiando-se na pia.

Sentiu a garganta apertar e as lágrimas virem à tona. Mike nunca conheceria o pai, e Noah nem ao menos teve a chance de saber sobre a existência do filho antes de morrer. O remorso lhe atingiu novamente com força total e a culpa por tê-lo arrastado com ele para a guerra, caiu sobre si outra vez.

— Eu sinto muito. — Jenny se aproximou sem saber como agir.

Ele parecia precisar de um abraço naquele momento. E tudo que ela queria era poder fazer aquilo. Porém, estavam sozinhos e não lhe pareceu apropriado. Usando todo o seu autocontrole, se conteve e apenas tocou o braço dele, olhando-o com ternura.

Dylan retribuiu o olhar. E assim como ela, deu o seu melhor para não a puxar para os seus braços.

— Por que nunca me contou? Isso mudaria muita coisa! — indagou, lembrando-se dos pais do amigo e como eles vinham tratando-o.

— Léxis me fez prometer que nunca revelaria. Apenas eu e o Matt sabemos. Nem os pais dela sabem quem é o pai do Mike.

— Os pais do Noah têm que saber. Eles estão sofrendo tanto pela falta do filho! Saber da existência dessa criança será um bálsamo para eles.

— Eu também acho. Mas isso quem tem que resolver é ela. Não podemos interferir na vida dela dessa maneira. — Jenny tentou argumentar, sabendo que a amiga reprovaria totalmente essa ideia.

— Mas e o garoto? Ele merece conhecer a família do pai. E nada melhor que seja enquanto ainda é uma criança.

— Eu sei. Mas não cabe a nós essa decisão.

— Jenny, você não tem ideia do quanto eu me culpo pela morte dos meus amigos. Não importa se as pessoas falem que a culpa não é minha para que eu me sinta bem. Não consigo pensar diferente. Mesmo sabendo que não dá para mudar o que aconteceu com eles, eu orei tanto para que Deus me desse a oportunidade de me redimir de alguma forma, qualquer que fosse. E agora eu descubro que o Noah teve um filho! Você não acha que é Deus me respondendo? Já imaginou a alegria que essa criança trará para os avós?

— Sim. Eu acho que eles devem conhecê-lo.

Jenny realmente concordava com ele. Porém, se sentia entre a cruz e a espada. Sua amiga era irredutível. E se ela já tinha decidido que nunca, em hipótese alguma, revelaria aos pais do Noah que seu filho era neto deles, isso jamais aconteceria.

— Eu não estou louco, não é? Ele é mesmo filho do Noah? — Dylan perguntou, temendo que tudo não passasse de um sonho.

— Sim. O Mike é filho do Noah. — Algumas lágrimas escorreram pelo rosto do soldado ao ouvir Jenny pronunciar aquelas palavras. — Olha, Dylan, não vai ser fácil convencer a Léxis. Mas eu realmente acho que eles merecem saber sobre o neto. — A moça deu um longo suspiro. — Então estou disposta a te ajudar. Posso ir com você falar com ela.

Jenny sabia que estava arriscando sua amizade tomando aquela decisão. Léxis poderia taxa-la de traidora. No entanto, era o certo a se fazer. A amiga estava sendo egoísta ao esconder o filho e privá-lo de conhecer a família do pai.



Capítulo 35

— O que ele está fazendo aqui?

Léxis encarou Jenny e Dylan ao abrir a porta de casa. Alguns dias haviam se passado desde a descoberta de Mike. Nesse tempo, Jenny havia feito de tudo para que a amiga mudasse de ideia sobre a revelação da paternidade do garoto, mas ela se mantinha irredutível assim como previsto.

— Léxis, por favor, nos escute. Nós...

Jenny tentou falar, mas a outra interrompeu, arrastando as visitas indesejáveis para o fim da varanda.

— A minha mãe está em casa!

— Então vamos falar com ela de uma vez por todas.

— Não! Eu não vou falar nada.

Léxis ainda estava cega pela raiva que sentia das lembranças da noite do baile e isso estava interferindo no futuro do próprio filho. Ela queria um pouco de paz e que tanto Dylan quanto sua melhor amiga esquecessem aquele assunto. Estava indo tudo tão bem antes do soldado descobrir seu segredo, que atribuía a loucura que havia virado sua vida a ele.

O odiou ainda mais.

— Você precisa contar. — Dylan se manifestou.

— Vem cá, quem te disse que você pode chegar assim, do nada, e impor que eu faça alguma coisa? — A moça elevou o tom de voz apontando o dedo para ele.

— É para o bem do seu filho!

— Ele está muito bem — Léxis rebateu. — E vai continuar assim.

— Agora ele está bem, mas quem te garante que continuará assim depois? Ele vai crescer, Léxis. Vai querer conhecer a família. — Dylan, mesmo ignorado por ela, tentava convencê-la que aquela era a melhor alternativa.

— Ele já tem uma família!

— E quando Mike perguntar sobre o pai? — Dylan igualou o seu tom da voz ao de Léxis, que a essa altura já estava histérica.

— Vou falar a verdade! Que era um idiota, com amigos idiotas. Vou contar a história como realmente aconteceu. Se mesmo assim ele quiser saber mais, o que eu duvido, conto a ele.

— Vocês querem parar com isso? Gritando desse jeito nunca chegaremos a um consenso. — Jenny tentou apaziguar a situação que fugia do controle.

— Não há consenso algum para chegar aqui, sua traidora. — A amiga lhe lançou um olhar ferido.

— O que está acontecendo? — Matt chegou à casa de Léxis, se deparando com discussão acalorada entre o trio.

— Nada! — Jenny e Dylan responderam juntos.

Matt foi completamente ignorado.

A discussão seguiu por mais alguns minutos, enquanto o pobre rapaz apenas alternava o olhar entre o trio, sem espaço para dar a sua opinião, que convenhamos, só pioraria ainda mais a situação se o fizesse.

— Eu vou entrar e vocês vão embora. — Léxis se referiu a Jenny e Dylan. — E você — apontou o dedo na cara de Dylan outra vez —, está definitivamente proibido de interferir na minha vida dessa maneira. Se os pais do Noah ou alguém mais descobrir sobre a paternidade do meu filho, vou saber que foi você.

— Eu não vou falar nada sem o seu consentimento. Mas pelo menos me promete que irá pensar, por favor.

Por mais que a revelação o ajudasse a se redimir com os pais do melhor amigo, não era nisso que Dylan pensava, mas sim em como a descoberta faria bem a mãe do Noah, a mais afetada pela perda do filho. Mesmo a senhora nutrindo um ódio mortal por ele, o soldado só queria vê-la bem e a seu entender, um neto totalmente inesperado, era a única chance de isso acontecer.

— Eu já decidi. E a minha resposta sempre será não. Nada do que você me diga, me fará mudar de ideia.

Léxis olhou magoada para a amiga pela última vez, antes de voltar a passos largos para dentro de casa e bater a porta.

— Você contou para ele? — Matt encarou Jenny, conseguindo, enfim, se pronunciar. — Nós prometemos guardar segredo!

— Não contei. Ele viu o Mike na minha casa e tirou as próprias conclusões.

— E o que ele estava fazendo lá? — o amigo perguntou franzindo a testa.

— Brownie — Dylan respondeu encarando-o.

Matt fitou a amiga e ela piscou várias vezes, deixando os ombros caírem.

— Entendi. — Ele alternou o olhar entre os dois, antes de ir atrás de Léxis.



— Ele te ama, não é? — Dylan indagou quando já estavam no carro a caminho da casa de Jenny.

— Não quero falar sobre isso. — Ela olhou para a janela, procurando não ter que encarar a expressão aborrecida dele.

— Ama ou não? — perguntou outra vez, ignorando a recusa em falar sobre o assunto, mas a moça permaneceu em silêncio.

Como quem cala consente, Dylan entendeu o silêncio como um sim. Sentiu o coração se apertar ao pensar na pequena probabilidade de o sentimento ser recíproco. Afinal, os dois eram tão próximos e se conheciam há tanto tempo que não conseguiu evitar tais pensamentos. Sabia que não era de sua conta o passado de Jenny, mas tremeu só em pensar se algum dia, algo mais que a amizade tivesse acontecido entre os dois.

A insegurança que tomou conta dele de repente o assustou. Fora sempre tão seguro de si que pensamentos como aqueles nunca havia lhe abalado.

Até aquele momento.

— Sim ele me ama, mas o sentimento não é reciproco. Eu o amo apenas como amigo, só que para ele isso não é suficiente — Jenny respondeu quando Dylan parou o carro em frente à sua casa, como se soubesse exatamente no que ele vinha pensando durante todo o trajeto e o quanto aquilo o afligia.

— Imagino que não seja mesmo. — O rapaz sentiu-se aliviado por ouvir aquelas palavras saírem da boca dela. — Eu sei que não deveria fazer essa pergunta, mas, já aconteceu algo entre vocês dois? — ele ousou indagar.

— Não. Nem com ele e nem com ninguém. — Constrangida, Jenny fitou as mãos sobre o colo.

— Quer dizer que você nunca namorou?

— Não. Nunca encontrei alguém que valesse tanto esforço.

Dylan sorriu.

— Nem ficou com ninguém, mesmo sem compromisso? — Jenny crispou os olhos. — Claro que não — ele respondeu a própria pergunta, arrependido de tê-la feito.

— Para quem me conhece tão bem, deveria saber que não sou desse tipo — disse ela, desapontada.

— Eu sei. Me desculpe.

Tudo ficou terrivelmente silencioso. Tão silenciosos que era possível ouvir o vento que soprava do lado de fora do carro.

Dylan vinha se esforçando mais do que o normal para não criar tantas expectativas em relação a eles como um casal. Alguns dias já haviam se passado desde a conversa com Jey sobre seus sentimentos, suas intenções e o seu desejo em se aproximar cada vez mais dela. Porém, apesar da moça ter dado sinais de que o sentimento era recíproco, ela simplesmente se esquivava como podia do assunto.

Dylan, mais uma vez teve que usar todo o seu alto controle, coisa que vinha dominando muito bem ultimamente, a fim de dar a ela o tempo que precisava. Em momentos como aqueles em que se encontrava, era ainda mais difícil. O silêncio que pairava entre eles era um convite e tanto para falar sobre o assunto.

Ah, se ela soubesse a intensidade do meu amor, não me faria esperar tanto! Pensou suspirando.

Contudo, Dylan sabia que não poderia apressar as coisas. Entendia que não dependia somente dela. Jenny precisava de uma resposta de Deus, por mais que ele já tivesse certeza que era isso o que Deus queria para ambos. No entanto, ela também precisava sentir a mesma convicção.

— Dylan, por favor, não conte ainda para os pais do Noah sobre o Mike. Eu vou falar com a Léxis sozinha mais uma vez. Talvez eu consiga convencê-la. — Jenny quebrou o silêncio.

— Você sabe que eu não faria isso. — Ele suspirou tentando focar sua atenção em outro ponto que não fosse os olhos dela.

— Sim, eu sei. — Vendo-o distante, ela apertou-lhe a mão de leve antes de sair do carro.



Mais tarde, naquele mesmo dia, Léxis apareceu furiosa na casa de Jenny. Sua mãe vinha lhe fazendo perguntas indesejáveis e a moça suspeitava de que a genitora tivesse escutado algo na hora da discussão de mais cedo.

— Então conte logo para ela de uma vez por todas e acabamos logo com isso.

— Não, Jenny, eu já disse que não posso fazer isso. Não é tão simples assim!

Léxis estava cada vez mais cansada daquele assunto. Por mais que amasse o filho, daria tudo para voltar no tempo e mudar os acontecimentos. Ah, se ela nunca tivesse entrado naquele maldito carro com Noah, sedenta por atenção, tudo seria diferente e sua vida não estaria de cabeça para baixo agora.

— Pensa bem. Se você fosse o Mike e anos depois descobrisse que sua mãe o privou de conhecer a própria família, como se sentiria?

— Não torne as coisas ainda mais difíceis para mim, Jey.

— Você tem que ponderar tudo nesse momento. É da vida de outras pessoas que estamos falando.

— Eu preciso comer chocolate! — Léxis ignorou a amiga, indo em direção a geladeira. — Isso é brownie?

— Pode comer, mas tem um tempo que estão aí.

Léxis ignorou a informação, sentando-se à mesa. Devorou dois pedaços de uma só vez enquanto falava sem parar os motivos de sua escolha.

— Vocês têm que ver o meu lado também. Os meus sentimentos não contam? — Pegou um terceiro pedaço. — O que percebo é que o Dylan está fazendo isso tudo para ele e não para o Mike ou para que a mãe do Noah se sinta um pouco melhor com a falta do filho. Não foi você quem disse que ele queria se redimir com os Thompson? Isso, a meu ver, é uma remissão e tanto! E meu filho não é troféu! — Pegou o quarto pedaço de brownie. — Me desculpe, Jey, sei que você gosta dele, mas não acredito que nada de bom possa vir daquele rapaz.

Jenny apenas observou a amiga saborear o último pedaço de brownie como se fosse o único doce do mundo inteiro.

— Nossa, fala para sua mãe que isso ficou bom demais e peça desculpa por eu ter comido tudo. Me sinto melhor agora. Estava maravilho! — Levou à boca algumas migalhas que havia espalhado.

— Não foi minha mãe quem fez.

— O Simon?

— Não. — Jenny negou segurando o riso.

— Eu sei que não foi você, pois é péssima na cozinha. — Léxis a alfinetou.

— Verdade. Não fui eu. Foi o Dylan. — Léxis arregalou os olhos. — Viu só? Ele é capaz de fazer algo bom.

— Se eu passar mal, já sabe o porquê. — A moça empurrou o prato para longe, com repulsa.

— Claro! Você comeu cinco pedaços. É lógico que vai passar mal. — Léxis revirou os olhos. — Olha, só me promete que irá pensar sobre isso mais um pouco. Eu sei que você nem sequer parou para ponderar o que é melhor nessa situação. Isso seria sim uma forma do Dylan se redimir, porém, mais do isso e muito mais importante, é como será bom para aquela família. Eles estão arrasados e Mike trará a alegria que eles precisam nesse momento — Jenny repetiu seu discurso. — Você e o Mike só têm a ganhar. E pelo que sei, a Léxis que eu conheço nunca se importou com o que as pessoas pensam a seu respeito. Por que agora tem que ser diferente?

— Eu tenho medo — a amiga confessou com os olhos lacrimejados.

— Medo do quê?

— De ser julgada. — Sua voz falhou. — O mesmo medo que senti quando escondi de você, que havia dormido com o Noah. Não queria que me julgasse naquela época e não quero ser julgada agora.

— É um risco que terá que correr. — Jenny acariciou as costas da amiga tentando confortá-la.

— Eu não sei se quero correr esse risco.

— Nós vamos estar aqui para te apoiar. Você pode contar comigo e com o Dylan.

Léxis semicerrou os olhos em direção a Jenny, curvando um dos cantos da boca como sempre fazia quando sorria travessamente.

— Você não tem que me contar alguma coisa, não? — indagou, alargando o sorriso.

— Do que você está falando? — Jenny se afastou, fazendo-se de desentendida.

— A maneira que você disse, pareceu serem um casal. O que está acontecendo entre vocês? Ele voltou a se declarar? Ele te beijou de novo? Vocês estão namorando e não me contou? — Léxis bombardeou a amiga com perguntas.

— Não!

— Mentira.

Jenny torceu os lábios, puxando o ar para dentro dos pulmões e relaxando os ombros.

— Eu percebi que o amo — confessou a alguém pela primeira vez.

— Vocês estão namorando. Eu sabia! — Léxis pulou da cadeira em que estava.

— Não estamos namorando.

— Por que não? Ele já se declarou para você e você acabou de dizer que sente o mesmo.

— Estamos orando para ver se é isso mesmo o que Deus quer para nós. — Jenny esboçou um dar de ombro indiferente.

— E ele aceitou? — Léxis indagou cética.

— Na verdade, foi ele quem propôs.

— Dylan Fox propôs orar sobre isso? — Léxis proferiu suas palavras com desdém e surpresa.

— Eu disse que ele havia mudado.

— E se for apenas fingimento?

Era difícil para Léxis acreditar que alguém pudesse mudar tanto.

— Não é fingimento. Tenho certeza disso.

— Só tome cuidado para não se machucar.

— Não vou me machucar. Sei que Dylan está se esforçando para ser diferente e quero dar esse voto de confiança a ele.

— Então o que estão esperando? — Léxis indagou como se os dois estivessem perdendo tempo estando separados, já que se amavam.

Jenny fitou a amiga por alguns instantes. Gostaria tanto que ela entendesse como esperar era necessário e estar na direção de Deus era fundamental para um futuro sem decepções, como aquela pela qual passara. Mesmo que em várias situações estivesse a ponto de se declarar também e dizer que queria estar com Dylan como um casal, sabia que ainda teria que esperar a sua confirmação, e por mais que estivesse demorando, usaria todas as suas forças para se calar e conter o que sentia somente para si até o tempo certo.

— Estamos esperando Deus dizer que sim — respondeu apenas.



Capítulo 36

Fevereiro de 2006 - Oregon, Wisconsin – EUA

Léxis amava os domingos. Aquele era o único dia em que podia se dedicar exclusivamente ao filho. Desde que o pequeno Mike veio ao mundo, tudo o que fazia era trabalhar em turnos ininterruptos. Com dois empregos, um de garçonete à noite e outro na loja de animais do shopping durante a manhã e parte da tarde, não sobrava muito tempo nem mesmo para ela.

Esse era o seu sacrifício por ser mãe solteira. Por diversas vezes desejou ter um companheiro para dividir o fardo, mas era tão difícil encontrar um homem decente, que havia desistido de tentar encontrar alguém.

Como sempre fazia aos domingos, arrumou o filho logo pela manhã para passar o dia fora. Iria ao parque e depois almoçariam no shopping para que o menino pudesse brincar no playground. Léxis seguiu sua rotina, porém, aquele dia estava sendo diferente. Primeiro porque decidiu ir à igreja antes do passeio, coisa que há muito tempo não fazia. A pregação do pastor falou profundamente em seu coração. A mensagem sobre perdão de Deus liberado aos pecadores e como ele laçava tudo em um lago chamado esquecimento entrou em seu coração e, como um dardo inflamado, tomou conta de todo o seu corpo.

Durante o resto do dia, ela não conseguia concentrar sua atenção apenas no filho, como era o seu desejo. Não parou um minuto sequer de pensar nos pais do Noah. Não fazia ideia do que estavam passando, mas

sentiu um aperto enorme no peito quando lhe passou pela mente a possibilidade de um dia perder Mike. Aquele sentimento a acompanhou por horas e, por mais que tentasse se distrair, sempre que olha para o filho, tudo vinha à tona outra vez.

Ao entardecer, quando saía do playground com Mike começando a dormir em seu colo, avistou Dylan de costas conversando com uma senhora. A mulher falava alto, enquanto Dylan tentava manter a calma. Movida pela curiosidade, deu uma dúzia de passos se aproximando um pouco mais para ouvir o que era dito com mais clareza.

— Até quando vai ficar me culpando pelo que aconteceu? Isso não trará o seu filho de volta! — Dylan disse em um tom impaciente.

Léxis sentiu os pelos da nuca arrepiarem ao perceber que a mulher em questão era a mãe do Noah. Teve vontade de sair, porém não conseguia se mover. Queria ouvir mais. Queria saber se Dylan falaria alguma coisa sobre Mike. Aproveitou uma grande e larga pilastra para se esconder.

— Você é muito abusado mesmo!

— Senhora Thompson, não sei mais o que fazer para conseguir o seu perdão. Eu também sofro com tudo isso e a senhora não imagina o quanto. Seu filho teve várias chances de voltar para casa, mas preferiu ficar. Ele amava servir seu país. Pode parecer loucura, mas foi o que o Noah escolheu. Posso ter influenciado sua ida, mas sua permanecia foi escolha dele.

A mulher não respondeu, então ele prosseguiu:

— Eu gostaria muito de reparar isso de alguma forma um dia, acredite em mim. — Dylan fez uma pausa e o coração de Léxis quase parou junto.

Naquele momento ela jurava que Dylan contaria e sentiu um pavor tão grande, que sentiu as pernas fraquejarem.

— E como você faria isso? — a senhora indagou com deboche.

Outro silêncio se estendeu e Léxis ajeitou o filho no colo, pressionando-o conta o peito, como se a qualquer momento fossem tirar dela o seu bem mais precioso.

— Deve haver uma maneira — o soldado disse apenas, para o alívio da clandestina que ouvia toda a conversa.

— Pois eu acho que não tem.

Léxis respirou aliviada ao ver a mulher ir embora e agradecida por Dylan não ter dito nada, provando que cumpriria a promessa.

Mas até quando?

Ao sair de seu esconderijo, ela tombou com o soldado. Os dois se encararam por alguns segundos, até o rapaz se dar conta de que Léxis havia ouvido toda a conversa.

— Desde quando está aí?

— O suficiente. — Dylan baixou o olhar. — Ela é horrível! Como quer que eu apresente meu filho a uma avó tão rabugenta? — Léxis expôs o asco que passou a sentir por aquela mulher.

Não achou certo a forma como ela o havia tratado.

— Ela não era assim. — O rapaz deixou escapar um suspiro frustrado. — Apenas deixou o rancor tomar conta do seu coração depois da morte do filho. Lembro-me de quando eu era criança, desejava ser filho dela ao invés da minha mãe. Ela era melhor em muitos aspectos. Acho que é por isso que dói tanto ver no que ela se tornou. Essa mulher era a pessoa mais alegre que já conheci, mas agora... — A voz de Dylan falhou e ele pigarreou antes de continuar: — Só espero que ela supere um dia, assim como eu estou tentando fazer.

Léxis não soube se foi o modo como Dylan parecia sofrer com a situação ou se foi por que de repente começou a se colocar no lugar daquela mãe, mas o fato é que algo dentro dela começava a mudar. E se o seu filho fosse mesmo à salvação que a mãe do Noah precisava para superar o luto?

— Não se preocupe. Não vou contar a ela sobre o Mike sem sua permissão — Dylan assegurou.

— Eu sei que não. — Ela tinha certeza disso, pois se fosse fazer, já teria feito na oportunidade que acabara de ocorrer.

Dylan assentiu em despedida e começou a caminhar, se distanciando de Léxis. A moça mordeu os lábios por dentro ao sentir um turbilhão de sentimentos tomarem conta de si. Sabia o quanto estava sendo egoísta. Vivian estava sofrendo e merecia saber sobre a existência do neto.

Como Jenny havia dito, Mike cresceria e um dia poderia ser que se revoltasse contra ela por tê-lo escondido da família paterna. Ninguém era obrigado a sofrer pela imaturidade de Noah e muito menos pela sua decisão de dormir com ele naquela ocasião. Estava mais do que na hora de encarar as consequências de seus atos.

— Dylan, espera — ela o chamou antes que perdesse a coragem. — Eu mudei de ideia. Mas preciso falar com meus pais antes. — A voz dela embargou. Dylan mal acreditou no que ouviu e caminhou de volta para perto dela. — Você pode esperar só mais um pouco?

— Claro! Espero o tempo que for preciso, e se quiser que eu fale com seus pais, posso fazer isso. — Dylan ofereceu.

— Por que?

— Noah era meu amigo e eu estava no meio daquela brincadeira de mau gosto que resultou tudo isso.

— Eu agradeço por se oferecer, mas acho que tenho que enfrentar isso sozinha. Afinal de contas, vocês não me forçaram a nada. Tudo que fiz foi

por livre e espontânea vontade. Agora eu só preciso ser mulher suficiente para encarar as consequências.

— Tudo bem. Mas se mudar de ideia não hesite em me procurar.

Mesmo receosa com tudo que estava por vir, Léxis sentiu confiança em prosseguir. Sabia que realmente havia tomado a decisão certa. Seu coração começava a se esvaziar de todo o rancor que sentia por ele e entendeu o que Jenny vinha falando há muito tempo. Dylan não era mais o mesmo garoto da época do colégio.

Enquanto dirigia de volta para casa, Léxis fez algo que há muito tempo não fazia: Orou.

Naquele momento, expôs todos os seus medos, aflições e sonhos frustrados. As lágrimas embaçaram sua visão, forçando-a a estacionar o carro. Ao ver o filho pelo retrovisor, dormindo na cadeirinha no banco de trás, deixou todos os seus traumas irem embora com o choro compulsivo que tomara conta de si.

Quando se acalmou, percebeu que se encontrava em frente à igreja. A placa com o tema do sermão daquela manhã ainda estava lá:

"Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados". - Colossenses 1: 13-14.

— Perdão, Senhor. Não quero mais viver assim. Jogue meus pecados no lago do esquecimento... — Léxis orou entre lágrimas. — Sei que errei, afastei-me dos seus caminhos e não sou merecedora de sua graça. Mas quero mudar. Cansei de ser vazia. Preenche o meu coração com teu amor novamente e faça morada permanente em mim outra vez.

E foi com essa simples oração que Léxis voltou a sentir paz e plena convicção de que dia melhores viriam, pois ela não estava mais sozinha.



Dylan saiu do shopping e foi direto para a casa de Jenny. Seu coração estava prestes a explodir de contentamento por Léxis finalmente ter mudado de ideia. Tinha consciência que tal decisão não era fácil para ela e sabia que Deus estava trabalhando nessa causa. A cada dia se surpreendia com o cuidado dEle em seu favor.

— Dylan! Que bom que você apareceu por aqui. — Marina abriu a porta e se mostrou tão contente em ver o rapaz, que não soube disfarçar.

— A Jenny está? — perguntou um pouco sem jeito, diante do entusiasmo da senhora.

— Não. Mas você pode entrar. Ela não deve demorar.

— Não quero incomodar, posso voltar depois.

— Você nunca incomoda, querido. Pelo contrário, chegou em boa hora. — Pegou no braço do rapaz, o puxando para dentro. — Simon está mesmo precisando de ajuda com algo.

— Não estou não — o esposo resmungou do outro lado da sala.

— Está sim! Daqui algumas horas a tempestade que anunciaram chegará e você ainda não conseguiu arrumar a janela da Jey. Não é vergonhoso admitir quando se precisa de ajuda. — Marina cruzou os braços impaciente.

— Eu posso ajudar. Na verdade, eu também tive que reforçar parte das janelas da minha casa. Nunca se sabe o estrago que essas tempestades podem causar. — Dylan ofereceu.

— Tudo bem. Mas que fique bem claro que conseguiria fazer isso sozinho. — Simon fez questão de enfatizar.

— Claro que conseguiria, amor. — Marina forçou um sorriso.

O esposo havia passado todo aquele dia empenhado na tarefa. Já estava prestes a anoitecer e a janela permanecia pior do que estava antes.

Os dois homens seguiram para o segundo andar da casa, rumo ao quarto de Jenny. Dylan hesitou por um breve instante antes de entrar no cômodo, mas assim que o fez, sentiu o perfume da moça impregnado ao ambiente.

O quarto era simples, sem muitos apetrechos. Havia somente a cama, um criado mudo e uma penteadeira ao lado da porta, que dava acesso a um pequeno closet. Na parede, um espelho grande de corpo inteiro e um painel de fotografias. Tudo simples como a Jenny, porém, aconchegante, ele notou.

— Eu sei que não preciso, mas quero deixar bem claro que a Mari estava exagerando. Consigo perfeitamente fazer isso sozinho, mas, como você sabe, a tempestade está se aproximando e não tenho muito tempo.

— Sim. Lógico que consegue. Eu não duvido disso — Dylan disse sincero.

— Tudo bem, então. Poderia pegar a janela e posicionar em seu ligar para que eu possa chumbá-la? Claro, se não for pesada demais para você. Porque podemos inverter as funções.

Dylan fez o que ele solicitou.

“Claro que você consegue” — Simon resmungou quando viu o soldado pegar a janela, como se fosse uma caixa de papelão vazia, enquanto ele

teve dificuldades para tirá-la apenas alguns centímetros do chão. Não que ele fosse admitir isso, lógico!

Dylan posicionou a janela no lugar com facilidade, enquanto Simon fazia a sua parte, parafusando-a na parede.

— Vamos precisar de parafusos extras — Dylan sugeriu ao ver que a janela não estava ficando tão firme como deveria.

— Devo ter mais alguns na garagem. Eu só tenho que encontrá-los. Fique à vontade, não vou demorar.

Para matar o tempo enquanto esperava, o rapaz resolveu bisbilhotar aproximando-se do painel de fotos na parede. Riu ao ver uma foto de Jenny quando criança. Ela usava duas traças, uma de cada lado, e sorria exibindo a falta dos dois dentes da frente. Mas, mesmo assim, era o sorriso mais singelo que conhecia.

As imagens de diversos momentos da vida dela formava uma espécie de linha do tempo. Dylan torceu o nariz ao ver Matt abraçando-a nas fotografias tiradas na noite do baile de formatura. E não só por isso. Em noventa por centos das fotos do painel, lá estava ele, com seu sorriso torto, como se dissesse ao mundo o quanto estava feliz por estar ao lado daquela garota.

Dylan desviou os olhos do mural, tentando afastar o ciúme que o corroía. Novamente, pensamentos de insegurança se apoderaram dele e ele odiava aquela sensação. Deu alguns passos pelo quarto tentando se distrair com qualquer outra coisa que não fosse o fato de Matt estar tão presente na vida da mulher que amava.

Foi então que ele a viu.

A gravata colorida pendurada na cabeceira da cama chamou sua atenção. Intrigado, Dylan se aproximou e a pegou, tentando imaginar a quem aquilo pertencia e o porquê de estar ali. Analisou o tecido de cores chamativas com curiosidade. Criou várias teorias em sua mente a respeito daquele objeto peculiar. Nunca teria coragem de usar algo do tipo. Nunca! Era difícil até mesmo imaginar alguém a usando. Seja lá a quem aquilo pertencia, era especial para Jenny, já que ela a mantinha em um lugar visível.

Simon estava demorando a voltar e Dylan não resistiu.

Ninguém o veria mesmo.

Abotoou a camisa que usava até o colarinho e ajustou a gravata em volta do pescoço. De repente, uma avalanche de lembranças o atingiu, fazendo-o recordar das gravatas que seu avô usava. Ele nunca entendia como o senhor tinha coragem de colocar algo tão chamativo no pescoço e sair em público. Porém, quando o avô não estava em casa, o garoto entrava em seu closet só para experimentá-las.

Naquele tempo, Dylan se recordava de ter sido a época mais feliz de sua vida. Não havia problemas, preocupações ou qualquer outra coisa que viesse o aborrecer. Seus pais se amavam, pelo menos era o que demonstravam; seus avós ainda eram vivos e o faziam se sentir especial. Ele sentia falta de se sentir assim.

Dylan passou a mão sobre a gravata e sorriu envolto pela nostalgia que aquelas lembranças lhe trouxeram.



Ao chegar em casa, Jenny encontrou Simon revirando a garagem em busca de alguns parafusos. Ficou preocupada ao ver que o padrasto ainda não havia terminado o pequeno serviço em seu quarto. O céu já estava negro, indicando que a tempestade anunciada cairia a qualquer instante.

— Ainda instalando minha janela?

— Não. Nós já terminamos, precisamos apenas reforçá-la.

— Nós? Precisou pedir ajuda a um empreiteiro, doutor Simon? — Jenny provocou, dada a intensa discussão de mais cedo, quando ele prometeu fazer tudo sozinho.

Simon revirou os olhos.

— Sua mãe obrigou o pobre do Dylan a me ajudar, alegando que eu não estava dando conta.

— E você estava? — Simon crispou os olhos em resposta. — Tudo bem. Não está mais aqui quem perguntou. — A moça riu-se da frustração do padrasto.

— Vou conferir o serviço.

— Ah, ele ainda está — Simon avisou.

— Dylan está no meu quarto? — Ela sentiu o coração palpitar, mas não soube dizer o porquê.

— Sim. Mas não se preocupe. Vamos terminar o serviço antes que comece a chover.

A garota assentiu e seguiu para lá. No meio do caminho quis voltar. Porém, algo a impulsionava a seguir em frente. Ignorando seus receios, pôs um pé na frente do outro até alcançar a porta entreaberta.

Nada no mundo havia preparado Jenny para o que ela presenciaria. Dylan usava a gravata. Aquela a que sempre a lembrava de orar por seu futuro marido.

Ele sorria olhando para o espelho, alisando o pedaço de tecido no pescoço, sem notar sua presença.

E foi aí que ela soube.

Era ele.

Dylan era quem ela esperava e orava incansavelmente por todos aqueles anos.

Você será uma guerreira de oração, Jenny!

Tudo começava a fazer sentido agora.

Dylan tinha ido para guerra e passado por momentos difíceis e ela orou por ele em todos esses momentos. Toda angustia que sentia em certos períodos estavam ligados a alguma ocasião em que ele estava em perigo ou precisando de suas interseções, de acordo com seus relatos. Depois, ela cuidou e orou por ele para que saísse do coma, para que se recuperasse, para que vencesse o luto e superasse a perda dos amigos, para que voltasse a ter desejo de viver novamente.

Aquela sem dúvida era a confirmação que ela esperava e Deus tinha planejado o momento perfeito para revelar a sua vontade. Jenny deixou as lágrimas rolarem, enquanto observava Dylan perdido em seus próprios pensamentos.



Capítulo 37

Dizem que o que Deus tem para aqueles que o amam é maior do que imaginamos ou pensamos. Era exatamente assim que Jenny se sentia naquele momento. Deus a tinha surpreendido de tal maneira, de uma forma tão maravilhosa, que ela nunca imaginara, nem em suas fantasias mais irreais.

Dylan se virou ao escutar a porta se abrir, revelando a dona daquele aposento com um sorriso singelo nos lábios, apesar dos olhos avermelhados.

— Desde quando você está aí? — perguntou, enquanto Jenny se aproximava.

— Há algum tempo. — Sustentou o olhar no dele, parando próximo ao soldado.

— Você está bem? — Ao perceber que ela chorava, o semblante do rapaz mudou de surpreso para preocupado.

— Sim. — Ela alargou o sorriso. — Nunca estive tão bem.

— Mas... Você está chorando.

Jenny passou as mãos sobre o rosto, porém, sem conseguir evitar que mais lágrimas saíssem.

— Eu choro às vezes quando estou muito feliz. — Jenny fitou a gravata em seu pescoço.

Dylan crispou os olhos em sua direção e então se deu conta que havia sido pego. Afrouxou o nó, retirando-a do pescoço.

— O que é isso? Eu a vi na cabeceira da sua cama e não resisti. — Deu um sorriso culpado.

— As pessoas chamam de gravata.

— Vejo que o seu humor hoje está bem agradável. — Dylan a alfinetou. — O que uma coisa como essa faz no seu quarto. É uma lembrança do seu pai? — perguntou cauteloso.

— Não. Meu pai não usava gravatas.

— Do seu avô? — A curiosidade estava corroendo Dylan.

Jenny sorriu e negou com a cabeça.

— Não sei se quero te contar. — Ela deu alguns passos pelo quarto, distanciando-se dele.

Um sentimento de incertezas começava a querer rondar suas convicções. E, se assim como Matt e Léxis, ele também achasse aquilo uma grande bobagem? E se ele risse dela como seus amigos e a achasse louca por fazer algo como aquilo? Quem, em sã consciência, mantinha uma gravata na cabeceira de sua cama e orava durante anos por alguém que ela nem ao menos conhecia? Tudo pareceu banal. No entanto, ela se lembrou rapidamente das certezas que tivera minutos antes e isso foi suficiente para dar-lhe a coragem que precisava.

— Por que não? — Ele a seguiu, parando ao seu lado.

— É algo pessoal. — Jenny mordeu o lábio e suspirou. — Muito pessoal.

— Entendo. Mas somos amigos, e amigos contam coisas pessoais uns aos outros, não contam? E você está chorando... — disse ao ver os olhos dela inundarem novamente.

— Não estou não. — Jenny sorriu, limpando os resquícios de lágrimas do rosto.

Dylan a encarou, demonstrando que não desistiria até que ela contasse a história daquela gravata.

— Tudo bem. Eu vou te falar. Mas não zombe de mim — avisou, reunindo toda a sua coragem dentro de si.

— Prometo. — Ele cruzou os dedos em juramento.

A moça exalou o ar com força e começou a estalar os dedos das mãos.

— Há três anos, uma mulher chamada Cindy Miller veio a nossa igreja dar uma palestra para as moças. Ela contou algumas experiências que teve quando jovem e foi uma manhã muito agradável. Eu aprendi muitas coisas com ela e mudei o meu ponto de vista sobre outras depois daquela palestra. No final, ela nos desafiou a comprar uma gravata — apontou para o objeto, que ainda estava em posse de Dylan — e pô-la em um lugar visível em nosso quarto como um lembrete.

— Um lembrete para o quê?

— Para orar por alguém especial. — Jenny enfiou suas mãos nos bolsos do moletom que usava, para disfarçar o quão trêmulas estavam.

— Hum... — Dylan grunhiu, voltando sua atenção para o tecido em suas mãos.

— E foi isso que eu fiz durante três anos. Eu orei por uma pessoa especial — ela continuou o seu relato ao ver que ele não teceria comentário algum.

Por alguns segundos, o silêncio reinou absoluto por todo o quarto, sendo quebrado apenas pelo som da chuva que começava a cair em contato com o telhado.

— Uau! — Dylan finalmente reagiu, ainda fitando a gravata. — Deve ser alguém muito importante para você.

— É o que eu espero que ele seja.

— Como assim? — O rapaz levantou o olhar para ela. — Não o conhece?

— Eu não sei. Talvez sim, talvez não. — Deu de ombros. — Mas algo me diz que eu já o conheço.

Os dois sustentaram o olhar um no outro. Jenny ainda procurava uma forma de ser mais clara. Já ele tentava entender onde aquela história toda iria dar. Estranhamente, sentia o coração batendo mais forte do que o habitual.

— E como se ora por alguém sem nome? — ele indagou em busca de algo mais.

— Bem, eu lhe dei um nome temporariamente. — Ela mordeu os lábios. Era agora ou nunca. — O chamo de *futuro marido* — proferiu as palavras pausadamente.

Dylan abriu a boca para falar, mas voltou a fechá-la enquanto tentava assimilar aquela frase.

— Loucura, eu sei. — Jenny deu um sorriso nervoso diante da falta de reação do rapaz.

— Não! — ele respondeu rapidamente, recuperando-se da surpresa inicial. — É lindo. Me desculpe por mexer em algo tão pessoal.

O coração de Dylan se apertou.

Aquela menina era mesmo diferente de qualquer outra no mundo, não que ele já não soubesse disso.

Sentiu-se indigno dela.

Ele havia levado uma vida dissoluta na maior parte do tempo, enquanto ela tinha se guardado para alguém, dedicando-se a isso com todas as suas forças. Ela merecia uma pessoa igualmente devoto e puro. E, a seu ver, esse não era ele.

Com lágrimas nos olhos e o coração dilacerado, Dylan estendeu a gravata para ela. Mas em vez de pegá-la, Jenny se aproximou consideravelmente e segurou suas mãos, entrelaçando os seus dedos aos dele, deixando a gravata no meio.

Surpreso com a atitude dela, o rapaz a encarou. Jenny nunca havia feito aquilo. Nunca se aproximava dele daquela maneira, pelo contrário, mantinha-se sempre distante, literalmente. Mas agora ela o olhava diferente e estavam tão próximos que ele podia sentir o perfume de seus cabelos que tanto amava.

— Eu já tenho a minha resposta, Dylan. — disse, decidindo ser a mais clara possível. — Acho que foi por você que orei durante todos esses anos.

Dylan fechou os olhos e deixou as lágrimas que segurava rolarem pelo seu rosto. Sentiu o toque suave das mãos de Jenny enxugando sua face, o que o fez chorar ainda mais.

— Não acho que mereço alguém como você. — Retirando as mãos dela de seu rosto, deixou um beijo terno nelas.

— Talvez o velho Dylan não me merecesse mesmo — ela gracejou. — Mas você mudou. Deus te moldou e acredito que foi com um propósito maior. Afinal, ele sempre tem um e não faz nada por mero acaso. Você se tornou alguém segundo o coração d'Ele. Era isso o que eu mais pedia em minhas orações. Também queria alguém que fosse forte, porque às vezes eu me sinto tão fraca... — A voz dela embargou, fazendo-a parar por um breve instante. — E você é a pessoa mais forte que eu já conheci. E eu não estou falando isso por causa de todos esses músculos aí, não. — Ambos riram em meio às lágrimas. — Digo em relação a tudo que passou e superou. Eu o admiro pela sua convicção e pela forma como você ama a Deus, e como o coloca no centro de sua vida. Você confia n'Ele para que somente a Sua vontade prevaleça quando o seu coração diz para seguir seus sentimentos. E é por isso e muito mais que posso dizer com plena convicção que sei que é você quem Deus preparou para mim. Então, por favor, não se ache indigno.

Tomado pela emoção, Dylan começou a chorar e rir ao mesmo tempo. Um misto de sentimento sem precedente tomou conta do seu coração. A insegurança foi substituída pela certeza de que Deus realmente o amava e acabara de lhe dar o maior presente da sua vida.

Ele puxou Jenny para si e a abraçou, apertando os braços envolta dela como se quisesse se certificar que aquele momento era mesmo real. Ela retribuiu o abraço sentindo seu coração se aquecer, consolidando ainda mais a certeza de que era Dylan quem Deus havia moldado, preparado e lhe enviado.

Era ele o grande amor da sua vida.

Um trovão ecoou, fazendo o quarto estremecer, obrigando a ambos a saírem de sua bolha particular. Um limpou as lágrimas do outro, enquanto sorriam perdidos na intensidade do momento.

— Eu te amo, Dylan Fox — disse Jenny, revelando finalmente os seus sentimentos ao dono do seu coração.

— Pode repetir? — ele pediu.

— Eu te amo — ela falou mais uma vez, percebendo o quanto era bom dizer aquela pequena frase.

Dylan a puxou pela cintura, pondo fim ao espaço que separava os seus corpos. Seu coração transbordava de uma felicidade absurda. A respiração dela se misturou a dele e Jenny se preparou para ser beijada. Diferente de meses atrás, não se importaria se isso acontecesse. Pelo contrário, ela queria muito. Agora sabia o quanto o amava e tinha plena convicção que Dylan era quem Deus havia enviado. Porém, para sua surpresa, ele apenas depositou um beijo casto em sua testa, se afastando em seguida.

— Eu sabia que tinha uns parafusos na garagem! — Simon retornou ao quarto exibindo uma caixinha. — Opa, o que eu perdi aqui? — disse ao ver os dois jovens sorrindo um para o outro com cara de apaixonados.

— A maior declaração de amor de todos os tempos — Dylan respondeu, envolvendo os ombros de Jenny em um abraço lateral, enquanto se virava para o seu médico.

— Então você teve a sua confirmação, Jey? — O padrasto indagou entusiasmado.

— Sim — ela respondeu sentindo as bochechas corarem.

— Que maravilha!

— Já que está aqui, quero dar o próximo passo. O senhor me permite namorá-la? — Dylan não perdeu tempo em pedir a benção para o relacionamento deles.

Simon cruzou os braços encarando o soldado e deixando o sorriso de lado.

— Por quanto tempo?

— Simon! — Jenny advertiu a postura do homem que ela tinha como pai.

— Não, tudo bem. — Dylan sorriu compreendendo a pergunta. — A gente não precisa de muito tempo. Acho que tudo que deveríamos saber a respeito um do outro, creio que já sabemos.

— Ótimo! Sendo assim, tem minha permissão. — Outro trovão soou no céu. — Acho que a d'Ele também. — Simon gracejou ao ver que Deus era com aqueles jovens. — Posso deixar um versículo para a meditação de vocês?

— Claro.

— Está em filipenses capítulo um, versículos nove e dez: *“Que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo”.*

— Amém! — disseram uníssono.



— Essa tempestade não vai passar tão cedo.

Jenny veio da cozinha, segurando duas xícaras de chocolate quente. Entregou uma a Dylan e em seguida se sentou ao seu lado no sofá. Por causa da chuva, o rapaz havia ficado ilhado em sua casa. Depois do jantar e de milhares de piadinhas da mãe e do padrasto direcionado ao novo casal, enfim estavam sozinhos.

— Você ainda não me disse o que veio fazer aqui mais cedo. Minha mãe não ligou para você pedindo ajuda, ligou?

— Não. Eu vim porque precisava te contar algo, mas quando cheguei me recrutaram. — Sorriu ao recordar de como Simon parecia aliviado com sua aparição repentina, mesmo não admitindo isso em momento algum.

— Me desculpa por isso.

— Não mesmo. Se não fosse por isso, não estaríamos aqui agora. — Dylan pegou a mão de Jenny, deixando um beijo em seu dorso.

A moça sorriu, admirando o carinho que ele vinha demostrando por ela durante toda a noite e quão cauteloso estava, como se tivesse traçado uma linha invisível pela qual não poderia ultrapassar jamais.

— Acho que hoje está sendo o dia mais feliz da minha vida até então. Pois sei que muitos outros virão e espero que sejam todos ao seu lado. — Dylan deixou a xícara de lado para segurar a outra mão de Jenny.

— Eu também estou muito feliz. — Ela entrelaçou seus dedos aos dele. — Mas confesso que tudo é tão novo para mim...

— E para mim também. Eu quero fazer certo dessa vez, Jenny. Meus relacionamentos anteriores foram totalmente fora dos padrões bíblicos e longe do que Deus queria. Já errei tanto com você que quero que seja perfeito dessa vez.

— Eu não espero perfeição, Dylan. Somos humanos, vamos errar. Essa é a nossa natureza.

— Eu sei. No entanto, tenho o dever de evitar muitas coisas para que o nosso namoro dê certo.

— Claro. Estamos juntos nessa.

Dylan respirou fundo, como se estivesse tentando encontrar coragem para dizer algo. Quando encontrou, encarou Jenny e disse tudo antes que mudasse de ideia.

— E é por isso que quero deixar algumas coisas bem claras antes de seguirmos adiante com esse relacionamento. — Ela assentiu e ele continuou: — Quando estávamos no seu quarto e você disse que me amava, por muito pouco não te beijei e percebi que você esperava que eu fizesse isso. Mas, me conhecendo, eu sei que não iria me contentar só com isso. Não sei se estou sendo claro.

— Está sim — disse Jenny, constrangida.

— Não me leve a mal. O que eu mais quero é te beijar, mas não sei se estou preparado. Quero que tenhamos um relacionamento baseado na confiança, respeito e no amor que sentimos um pelo outro e não somente pelo contato físico. Eu sei que minha carne é fraca e eu posso facilmente cair e te levar comigo por um caminho sem volta. Acho que se eu te beijar será muito difícil controlar meus instintos. Eu me conheço e sei que não sou tão forte. Não quero isso para nós. Deus não quer isso para nós.

— Eu entendo perfeitamente e isso só prova que você é realmente o meu escolhido. Confesso, eu esperei que você me beijasse, mas o fato de não ter acontecido, não me abalou em momento algum. Eu te amo e, assim como você, quero fazer tudo no tempo certo, como deve ser. Podemos esperar até que estejamos prontos para isso.

— Que bom que entendeu. — Dylan respirou aliviado.

— Quero que sejamos sempre sinceros um com o outro.

— Acho que sinceridade não será um problema para nós. — O rapaz pontuou, sabendo o quanto Jenny era transparente. Até mesmo quando não proferia palavra alguma, deixava bem evidente suas opiniões.

— Na maior parte do tempo, talvez não, mas sei que haverá situações um pouco mais delicadas e é aí que devemos ser.

— Combinado, namorada. — Jenny sorriu timidamente ao ouvi-lo chamá-la daquela maneira. — Eu amo seu sorriso, sabia?

— Vai me dizer que também tenho alguns tipos de sorrisos? — Ela recordou da conversa deles de semanas atrás.

— Tem sim. Mas se eu fosse descrevê-los, passaria a noite por aqui e Simon me enxotaria. Acho que não é uma boa forma de iniciar um namoro.

— Não mesmo.

— O que me lembra que ainda não te contei o que vim fazer aqui. Você não vai acreditar no que aconteceu! A Léxis finalmente concordou em levar

o Mike para os avós do menino conhecê-lo.

— Sério? Quando e como isso aconteceu? — Jenny se animou com a notícia.

— Hoje á tarde. Como aconteceu nem eu mesmo sei. Ela ouviu uma conversa minha com a senhora Thompson no shopping. Depois disso, nós conversamos e Léxis disse que aceitava falar sobre o filho, mas que antes gostaria de conversar com os pais e revelar quem é o pai do Mike.

— Isso é maravilhoso!

— É sim. Eu realmente estava contando com isso. Mas fico me perguntando agora como eles irão reagir ao saber que o Noah teve um filho ou se isso será capaz de reparar um pouco a ausência dele. Eu não espero que eles mudem a forma de pensar a meu respeito e nem me importo mais tanto com isso. Só me preocupo mesmo é com eles e como a vida de ambos se tornou vazia depois que Noah partiu.

— Vai dar tudo certo e eles serão gratos a você por levar o Mike até eles.

— Quero que você vá com a gente.

— Tem certeza?

— É um momento importante para mim e quero você ao meu lado. Na verdade, eu quero você ao meu lado em todos os momentos importantes da minha vida a partir de agora.

Esse era o maior desejo do coração de Dylan. Tinha plena convicção que seria assim e, mesmo que o futuro desconhecido ainda o assustasse, às vezes sabia que era exatamente isso que Deus tinha para ambos. Um futuro de muito amor e companheirismo.

— Então eu estarei lá — ela respondeu, certa que seria assim pelo resto de seus dias.



Capítulo 38

Jenny não imaginava como somente duas semanas de namoro seria suficiente para ela e Dylan entrarem em sintonia. Era como se estivessem juntos por muito mais tempo do que realmente estavam. A cada dia, o amor de um pelo outro crescia consideravelmente, trazendo segurança à moça e lhe dando cada vez mais certeza que tinha encontrado o seu lar.

Sentia coragem, sentimento esse que nunca havia experimentado com tanta magnitude, e certeza de que juntos seriam capazes de superar qualquer obstáculo que surgisse no percurso. Venceriam juntos.

Os passeios de mãos dadas, as conversas e o afeto mútuo enchiam o coração de ambos com contentamento. A falta de contatos íntimos não interferia na relação, mostrando que sim, era possível ter um namoro puro. E o mais importante, eles não estavam completos porque tinha um ao outro, mas sim porque sentiam Deus cada vez mais com eles.

— Achei que você tinha ido embora de Oregon! — Léxis exclamou bicuda ao ver a amiga em sua porta, depois de dias sem se verem.

— Eu fico tão feliz quando você sente a minha falta. — Jey abraçou a garota, que revirou os olhos antes de retribuir o carinho. — Você não pode me cobrar nada. Sabe muito bem que os nossos horários nunca são compatíveis.

— Eu sei. O que te traz aqui?

— Queria passar um tempo com você. Encontrei sua mãe no mercado e ela me disse que hoje era o seu dia de folga. Também disse que vocês conversaram sobre o pai do Mike. Ela parecia chateada.

— Minha mãe não entendeu os meus motivos em esconder. Ficou bem irritada quando soube o quanto os avós do meu filho são ricos e eu me matando de tanto trabalhar para sustentá-lo. — Léxis deu um longo suspiro antes de continuar: — Deus foi muito bondoso comigo, pois mesmo eu estando tão distante d'Ele, Ele não me abandonou. Supriu minhas necessidades, me deu saúde e força para fazer tudo pelo meu filho. Eu que não conseguia enxergar tanta bondade direcionada a uma pecadora como eu. — Os olhos da moça brilhavam à medida que falava.

— Você está diferente, Léxis.

Jenny notou o quanto sua melhor amiga estava mudada. Nunca havia escutado ela falar com tamanha intensidade sobre Deus.

— Estou? — Léxis sorriu, indo em direção ao filho, que brincava no chão da sala, e o pegando em seus braços.

— Sim. Apesar de tudo que está enfrentando, você está extremamente feliz e grata. Aconteceu alguma coisa que você não me contou? — questionou enquanto observava a outra recolocar o sapato no pé do garotinho, que esperneava querendo voltar para os brinquedos espalhados pelo chão.

— Na verdade, sim. — A mãe afetuosa sorriu enigmática, procurando prolongar o máximo possível a curiosidade da amiga.

Jenny a fitou impaciente, levando a amiga a sorrir ainda mais.

Léxis terminou de amarrar o tênis do filho tranquilamente, depositou um beijo terno na bochecha gorducha dele, o liberando para voltar a brincar e acomodou-se confortavelmente no sofá ates de falar:

— Eu simplesmente percebi que estavam trilhando por um caminho que não me pertencia. — Deu de ombros, puxando uma almofada para o seu colo. — No dia que conversei com o Dylan no shopping eu havia ido à igreja. Foi diferente, e a mensagem do pastor queimou em meu coração pelo resto do dia, então eu soube que não podia ficar do jeito que eu estava...

— Ai, meu Deus, Léxis! Por que só agora está me contando isso? — Jenny interrompeu a amiga, abraçando-a. — Eu orei tanto por esse dia.

— Eu sei. — Lágrimas de gratidão correram pelo rosto da jovem mãe. — Eu agradeço muito por isso e peço perdão por não ter contado antes, sabendo o quanto era importante para você. No entanto, minha vida virou de cabeça para baixo depois daquele dia. Já deve imaginar que a conversa com meus pais não foi a melhor do mundo. Acabei guardando só para mim por um tempo, mas estou feliz por finalmente ter compartilhado essa alegria agora.

— Eu entendo. Sei muito bem como é querer guardar algo só para nós por um tempo...

— É mesmo? — Léxis crispou os olhos em direção a amiga que sustentava um sorriso bobo nos lábios.

— Sim. Na verdade, há uma coisa que eu também não te contei.

— O que é?

Jenny mordeu os lábios inferiores, pensando como contaria a amiga que estava namorando com o rapaz da qual tinha tanto receio e que, até pouco tempo, era motivo de discussão entre elas e Matt.

— Eu e o Dylan estamos namorando — decidiu revelar de uma vez, sem rodeios, fechando os olhos em seguida, evitando ver sua reação.

Léxis arregalou os olhos apertando o braço da garota, obrigando-a a abri-los.

— O que foi que eu perdi? Como assim? Desde quando?

— Tem duas semanas que oficializamos, mas muita coisa aconteceu antes disso.

Nos minutos subsequentes, Jenny relatou como tudo tinha acontecido, contando todos os detalhes anteriores de quando estavam orando e como as coisas haviam caminhado até a confirmação de Deus para ambos.

— Nossa! — Léxis se levantou, indo para a cozinha em busca de água.

Jenny a acompanhou, dando-lhe mais alguns detalhes deixados para trás. Léxis estava impressionada como a amiga tinha conseguido deixar ela de fora de tudo.

— E você ocultou isso durante todos esses meses de mim? — indagou magoada.

— Sim. Me desculpe por isso, mas você e o Matt sempre falavam tão mal do Dylan e o julgavam tanto, que eu preferir guardar somente para mim até que soubesse onde tudo iria dar. Ah, Léxis, foi tão lindo a forma que Deus preparou tudo. Eu quase infartei quando o vi usando a gravata. — Jenny suspirou apoiando-se na pequena ilha no meio da cozinha.

— Como pode ter tanta certeza que é ele? — Léxis quis saber, ao ver a amiga falar com extrema convicção.

— Não tenho. — Jenny quicou os ombros. — Não sei como explicar. Depois de tudo que passamos e enfrentamos, tanto juntos como separados, e a forma como aconteceu, só me faz crer que esse era o plano de Deus desde sempre, e que valeu cada minuto da minha espera. No fim das contas, eu estava certa em comprar aquela gravata e orar durante esses três anos. — Terminou alfinetando a amiga, lançando um olhar vitorioso para ela.

— Vai atribuir o seu namoro àquela coisa horrenda? — Léxis debochou.

— Não. Eu atribuo a Deus. Mas aquela coisa horrenda — ela encarou a amiga com um sorriso dançando nos lábios — não me deixou esquecer o meu propósito. — Endireitou a postura. — Viu só? Funcionou, e você deveria fazer o mesmo.

— Posso ser mãe solteira, mas não estou tão desesperada assim. — Léxis revirou os olhos outra vez.

— Não é questão de desespero, é questão de fé — Jenny disse convicta, piscando para a amiga logo em seguida.

— Não, obrigada. — Léxis tomou um pouco de água, pensativa. — Apesar das brincadeiras, eu respeito o que você fez. Porém, acho que não funcionaria para mim.

— Eu discordo, mas tudo bem. Só permaneça firme em Deus. Tenho certeza que Ele tem um futuro de muito amor te esperando.

Léxis abaixou a cabeça com os olhos cheios de lágrimas. Compadecida, Jenny abraçou a amiga, ficando junto a ela por alguns segundos.

— Me conta. Como está sendo namorar Dylan Fox? — Léxis perguntou assim que se afastou, tentando tirar o foco de si mesma.

— Normal, eu acho — Jenny respondeu indiferente, porém Léxis a olhou com apenas uma das sobrancelhas levantadas, como se aquilo fosse muita falsa modéstia. — Não estou entendendo esse olhar.

— Quero saber detalhes. Ele tem... — Léxis sorriu travessamente antes de completar — pegada?

— Léxis! — Jenny advertiu a falta de pudor da amiga.

— O quê? — Ela gargalhou ao ver a outra tão vermelha quanto um pimentão.

— Isso não é pergunta que se faça! Achei ter escutado que agora você era uma nova criatura.

— Ainda estou em fase de regeneração. — Léxis deu de ombros e voltou a sorrir. — Isso pode levar um tempo. Anda logo, quero saber detalhes — inquiriu, forçando Jenny a se sentar à mesa com ela.

— Não tem nada para saber.

— Como assim, não tem nada para saber?

— Eu amo as nossas conversas. Estamos criando uma ligação bem legal — respondeu vagamente.

— Só isso? — Léxis franziu o cenho. — E como é o beijo dele? — Cutucou as costelas de Jenny para provocá-la. — Como é beijá-lo?

— Léxis! Você não tem jeito mesmo! — Jenny se levantou, procurando respirar melhor, já que se sentia sufocada de repente pelo questionário inescrupuloso da melhor amiga.

— Ah, qual é? Não vai me contar mesmo? Só me fala se é bom, não precisa dar detalhes se não quiser — Léxis implorou indo atrás dela.

— Eu não sei — Jenny disse tão baixo, que pensou que Léxis não teria a ouvido.

— Como assim, você não sabe?

— Nós não nos beijamos ainda. — A encarou, vendo seu queixo cair.

— Me deixa ver se entendi direito. — Léxis gesticulou com as mãos. — Vocês estão flertando há meses, namorando há duas semanas e ainda não se beijaram? — perguntou desacreditada.

— Não estávamos flertando há meses — Jenny frisou. — Estávamos orando!

— Tá, mas e as duas semanas?

— Em comum acordo decidimos que queremos basear o nosso namoro em outras áreas que não sejam apenas o contato físico — Jenny explicou.

— Em comum acordo? — Léxis inquiriu um tanto quanto cética.

— Exato. Na verdade, foi ele quem propôs isso e eu aceitei.

— Jura? Você não sonhou com isso, não? Tem certeza que é real?

Jenny revirou os olhos e começou a rir. Nada do que ela dissesse convenceria a amiga.

— Apesar de não entender muito bem o porquê disso, estou feliz por vocês. — Léxis em fim se deu por convencida.

— Obrigada! Nós também estamos e foi uma forma que encontramos de nos resguardar de certos — fez uma pausa — *perigos*. — Deu ênfase na última palavra, olhando significativamente para Mike, que brincava próximo a elas.

— Já entendi. — A amiga percebeu para onde a outra olhava.

— Está preparada para levá-lo até os avós pela primeira vez? — Jenny mudou de assunto rapidamente antes de azedar o humor de Léxis.

— Sim, mas confesso que estou com medo. Não sei qual será a reação deles. Aparecer de repente e lhes apresentar um neto...

— Dylan achou por bem conversar com eles antes, em vez de simplesmente chegar lá com o menino sem aviso prévio.

— E só agora você me diz isso? — Léxis se apavorou com a notícia.

— Não queria te deixar ainda mais ansiosa.

— E qual foi a reação deles?

— Ainda não sei. Dylan está lá nesse momento.

— Ele está lá agora? — Léxis exclamou com a voz esganiçada.

— Sim, mas fica calma. Vai dar tudo certo.

Enquanto Jenny ainda tentava acalmar a amiga, levando a conversa para algo mais superficial, Dylan ligou. Ele parecia abatido do outro lado da linha, então ela se afastou e resmungou alguns monossílabos antes de informar que estava na casa de Léxis e finalizar a chamada.

— O que foi? — A amiga quis saber ao ver a cara de desânimo de Jenny.

— Ele está vindo para cá.

— É tão terrível assim que não pode falar pelo telefone? — A preocupação de Léxis aumentou.

— Eu não sei. Ele não disse muita coisa.

Momentos depois, a campainha tocou. Léxis saltou do sofá em que estava sentada com Jenny, adiantando-se para abrir a porta.

— Oi, Léxis. — Dylan sorriu fracamente ao ser recebido.

— Como foi lá? — Ansiosa, Léxis atropelou as palavras.

— Foi como eu achei que seria. — O rapaz caminhou até o sofá onde a namorada estava, cumprimentando-a com um beijo carinhos em sua fronte e sentando-se ao seu lado. — Eles se recusaram a acreditar que o Noah teve um filho.

— Lógico que sim! É apenas a minha palavra e mais nada. — Inquieta, Léxis andava de um lado para o outro.

— Porém, eles aceitaram ver o menino — Dylan disse esperançoso. — Percebi que a senhora Thompson ficou bem balançada, apesar de tentar esconder.

— Não sei se tenho mais tanta certeza se quero submeter o meu filho a isso. Não vou fazer exame de DNA! Isso é humilhante demais para mim. — A voz dela falhou quando olhou para Mike brincando alheio ao conflito que o cercava.

— Confia em mim, Léxis. Assim que a Vivian colocar os olhos no Mike, qualquer dúvida cairá por terra. Eu soube assim que o vi, e com ela não será diferente. — Dylan tentou acalmá-la, pois sabia que a semelhança do garoto com o pai já era um grande trunfo a favor.

— Vai dar tudo certo, Léxis. — Jenny tentou tranquilizar a amiga. — Confia em Deus.

Dylan contou os detalhes da conversa. Enquanto fazia o seu relato, acariciava a mão da namorada com delicadeza. Momentos depois, a campainha tocou e, para a surpresa de todos, quem estava à porta era Viviam Thompson.

Léxis e ela se encararam por um longo tempo, paradas diante uma da outra. A senhora analisou a jovem da cabeça aos pés com um olhar frio, causando arrepios na moça, que ainda buscava entender quem era a senhora estagnada em sua porta.

— Pois não? Posso ajudá-la? — Léxis não a reconheceu, já que na única vez que a viu, estava atrás de uma pilastra no shopping, escondida enquanto escutar a conversa entre ela e Dylan.

— Senhora Thompson? — O rapaz se aproximou, a fim de fazer as apresentações formalmente.

— Ah, você está aqui... — Ela revirou ou olhos com asco.

— Sim. Estava aqui para deixar a Léxis a par da nossa conversa. Achei que...

— Resolvi esclarecer isso de uma vez por todas. — A mulher o interrompeu, espalmando a mão no ar e adentrando a casa. — Onde está a criança?

Dylan virou-se para Léxis em estado de petrificação, totalmente apavorada.

— Eu vou buscá-lo. — Jenny ofereceu ao ver a amiga sem reação alguma.

Ela saiu em direção ao cômodo adjacente à sala, para onde o garotinho tinha corrido momentos antes. Mike brincava distraído, mas quando viu a moça se aproximar, abriu um largo sorriso.

Jenny se ajoelhou ao seu lado e ajeitou os cabelos lisos do menino, tirando-os dos seus olhinhos e sussurrando uma prece ao Senhor, para que ele tomasse conta daquela situação. Quando retornou, segurando Mike pela mão, os três ainda estavam como quando ela havia os deixados, parados junto à porta.

Assim que Vivian viu o garotinho, sua postura ereta e prepotente relaxou. Ela encarou o menino por um longo tempo, antes de deixar a bolsa escorregar de seus ombros até cair no chão. Com os olhos fitos em Mike, se aproximou lentamente, abaixando-se para ficar da altura do menino. Jenny soltou a mão dele e o garoto fitou a senhora com os seus olhinhos cor de mel.

Vivian analisou cada detalhe, cada semelhança, até não conseguir mais enxergar com clareza, dadas as lágrimas que embaçavam sua visão. Levantou os olhos em direção aos jovens de pé, um ao lado do outro, ansiosos para saber o que passava em sua mente, antes de cair em um choro compulsivo.

Jenny foi quem se aproximou e lhe amparou, conduzindo-a até o sofá enquanto Léxis retirava-se da sala, tentando acalmar o filho, que chorava assustado, sem entender o que estava acontecendo.

Perdida, Jenny apenas acariciou as costas da mulher até que os soluços cessaram.

— Ainda vou precisar de um exame de DNA — Vivian disse querendo parecer durona, logo que se recompôs completamente.

— Será mesmo necessário? — Dylan indagou indignado.

Depois de toda aquela cena, ela ainda duvidava que Mike fosse seu neto ou apenas estava testando-o?

— Eu preciso ter certeza que isso não é um sonho. — Pela primeira vez em muito tempo, Dylan viu o tom áspero de Vivian dando lugar a habitual doçura de sua voz.

— Não é um sonho, posso lhe garantir. Como eu lhe contei, Noah me disse que dormiu com a Léxis na noite do baile.

— Meu filho nunca vai conhecê-lo. — A mulher voltou a chorar. A dor por trás daquelas lágrimas tocou a todos na sala que, de alguma forma, compartilhavam do mesmo sentimento.

— Eu sinto muito — Dylan se sentou ao lado da senhora, tentando consolá-la como podia, lutando para não cair no choro também.

— Eu sei — ela disse, segurando a mão do soldado, porém sem olhá-lo. — Eu sei... — Soluçou alto, enquanto derramava sua dor em um choro profundo.

— Me perdoa — Dylan pediu, sem conseguir segurar as lágrimas que o sufocavam.

— Vamos esquecer isso. — Viviam olhou para Dylan. — Creio que Deus está nos dando um novo recomeço. — Abraçou o jovem, chorando juntamente com ele mais uma vez, enfim, liberando perdão.

Jenny assistia a tudo igualmente emocionada e aliviada por finalmente mais um fardo estar sendo retirado dos ombros do namorado. Agora ele poderia seguir em frente, livre da culpa pela morte do melhor amigo, fato que o corroía todos os dias.



Capítulo 39

— Ora, ora, ora. Quem está vivo sempre aparece!

O pai de Matt cumprimentou Jenny animado, quando a viu sair do carro após chegar ao haras da família Cooler.

— Boa tarde, senhor Cooler. O Matt está? — Ela sorriu se aproximando para abraçá-lo.

— Sim, está nas baias. Você sabe o caminho. — Apontou a direção.

— Sei sim, obrigada.

Enquanto andava pelo corredor de cascalho, ladeado por flores e inalando o ar frescor do campo, Jenny recordou da adolescência e das intermináveis horas que passara naquela propriedade com o amigo. O cheiro dos cavalos lhe trouxe nostalgia daquele tempo tão divertido, quando a única preocupação era quem ia chegar primeiro à queda d'água ao apostar corrida.

Seu coração se apertou imaginando a reação do amigo com o motivo de sua visita. Tudo corria bem em seu namoro com Dylan, mas algo andava incomodando Jenny. Matt ainda não ficara sabendo sobre seu relacionamento com o soldado. Sentiu-se na obrigação de contar ao amigo, antes que ele soubesse por outra pessoa. Não queria perdê-lo depois de tantos anos de amizade e companheirismo. Mesmo que nos últimos meses o rapaz estivesse mais afastado, ela ainda o considerava muito. Tanto, que havia ido até ali pessoalmente falar sobre seu relacionamento com o homem que Matt tanto odiava.

Assim que se aproximou das baias, avistou-o saindo com uma sela apoiada nos ombros.

— Jey? — Ele sorriu com um misto de surpresa e felicidade por vê-la depois de tanto tempo. — O que faz aqui? Aconteceu alguma coisa? — perguntou ao perceber o quanto ela estava apreensiva.

— Não! Quer dizer, sim. — Jenny apertou uma mão a outra, tentando dissipar o nervosismo. — Será que podemos conversar?

— Claro. — Matt deixou a sela de lado e foi até ela. — Podemos nos sentar na cerca. — Apontou para o local, onde ambos, quando crianças, já haviam passado horas conversando e observando o senhor Cooler treinando os cavalos. — Como nos velhos tempos.

Jenny assentiu e sorriu fracamente, caminhando em silêncio ao lado do amigo.

— Eu vim até aqui porque preciso te contar algo e gostaria que soubesse por mim e não por outra pessoa. — Concentrou sua atenção em um passarinho que pousara próximo a eles.

— Você está me deixando angustiado com esse suspense. — Matt a tocou no braço, atraindo a atenção da moça para si.

Jenny comprimiu os lábios enquanto o encarava. Após um longo suspiro, decidiu dar a notícia de uma vez por todas.

— Eu e o Dylan estamos namorando.

Matt mudou o semblante bruscamente assim que o ouviu o nome do soldado.

— Namorando? — Ele pulou da cerca sem disfarçar o seu desgosto.

— Sim. Estávamos orando a respeito há algum tempo e, recentemente, tivemos a confirmação de que era realmente a vontade de Deus. Desde então estamos em um relacionamento sério.

— Orando? — A voz estridente e impaciente de Matt ecoou.

— Sim. Dylan propôs que fizéssemos isso. O que foi o certo, já que a meu ver devemos buscar a direção de Deus em todas as áreas de nossas vidas.

Matt colocou as mãos na cintura e depois coçou a nuca, tentando assimilar cada palavra que Jenny falava.

— Foi ele quem propôs? — indagou, como se ainda não acreditasse que aquilo fosse possível.

— Sim. Por que o espanto?

Jenny também desceu da cerca e aguardou que o amigo dissesse alguma coisa, já que ele encarava o chão em completo silêncio.

— É meio difícil de acreditar — sussurrou chutando um pedregulho.

— Você o julga demais, Matt. Ele não é essa pessoa horrorosa que você desenhou em sua mente.

— Ah, não? Por acaso você já esqueceu...

— Não! — Jenny o interrompeu antes que ele fizesse o mesmo discurso de sempre. — Esse era o velho Dylan. Se ao invés de você se preocupar em julgá-lo por suas atitudes do passado e começasse a ver o homem que ele se tornou, saberia que ele está muito diferente da época do colégio. A Léxis deu uma chance e mudou completamente o seu julgamento quanto ao caráter do Dylan. Por que você não faz o mesmo?

Quando terminou de falar, sentia o fôlego curto.

— Léxis é Maria vai com as outras — debochou.

— Não é não. Ela tem opiniões muito fortes e você sabe disse.

Matt encarou a amiga, contraindo o maxilar.

— Olha Jey, ela pode tê-lo aceitado, mas eu nunca vou fazer isso. Não tente me impor uma coisa dessas.

— Tudo bem. Eu só achei que você deveria saber.

Jenny sentia o coração apertado por saber que os dois rapazes nunca conviveriam em harmonia. Estava claro que ela deveria fazer uma escolha e, por mais difícil que fosse, seria necessário, pelo menos por hora.

— Agradeço a sua consideração! — Matt exclamou sarcástico e magoado.

— Sim. — Jenny tocou o braço do amigo. — Eu o considero muito e, apesar de não parecer, você ainda é muito especial para mim. Não quero que as coisas mudem entre nós — disse sincera.

— Já mudaram. — Ele a encarou, visivelmente abalado. — Só você quem não percebeu isso ainda.

— Você sabe o quanto é importante para mim, não sabe?

Ela lutou contra as lágrimas que vinham à tona, forçando a engolir o nó que se formava em sua garganta.

— Só isso não basta. — Matt se virou, ficando de costas.

Aquela situação também não era nada fácil para ela. Seu coração estava dolorido com a perda iminente.

— Mas é tudo que posso oferecer — sussurrou, deixando as lágrimas saírem como cascata.

Matt permaneceu como estava. Era doloroso demais encará-la naquele momento.

— Você o ama? — perguntou, mas conhecia a amiga o suficiente para saber que ela nunca entraria em um relacionamento apenas para ver no que daria.

— Sim.

Matt fechou os olhos por breves instantes, enquanto o seu coração se quebrava em mil pedaços com aquela afirmação proferida com tanta convicção.

No entanto, seu lado impulsivo falou mais alto.

— O que ele tem que eu não tenho? — Virou-se para ela outra vez, encarando-a com veemência.

— Isso não é uma competição para ver quem é melhor que o outro ou quem fica com o meu coração.

— Só estou tentando entender a sua escolha. Eu sou tão indigno assim de você? É tão difícil me amar? Eu sempre estive com você, Jey. Quando seu pai morreu e em cada momento difícil da sua vida. Inclusive quando aquele idiota te magoou!

Jenny já esperava aquela explosão por parte do amigo. Via um misto de raiva e chateação em seus olhos, mas mesmo assim se aproximou dele e segurou sua mão.

— Eu sei e sou grata a você por ter sido o melhor amigo que uma pessoa possa querer. Mas isso vai além, Matt. — Fitou o amigo com intensidade, tentando assim transmitir todo o carinho que sentia por ele. — Se trata da vontade de Deus. Eu sempre orei para que Ele me desse alguém que o amasse acima de tudo, e se essa pessoa ainda não existisse que ele o moldasse para mim. Dylan foi esse homem quando permitiu ser moldado dia após dia...

— Você não deveria ter vindo até aqui para isso. Poderia apenas ligar ou deixar uma mensagem. — Matt desfez o contato, afastando-se bruscamente.

— Não seria a mesma coisa.

— Seria menos doloroso, com certeza. — Sorriu sarcástico.

— Me desculpa. — Jenny o encarou, mas ele desviou o olhar para longe.

— Eu preciso trabalhar. Você conhece a saída.



Jenny dirigiu de volta para a cidade aos prantos. Sentia o coração dilacerado pela perda recente. Apesar dos pesares, Matt era um amigo muito amado por ela, o que a fazia sofrer mais do que imaginou que sofreria. A dor no peito não era em nada diferente de quando havia perdido o pai. Perdida em suas lamúrias, mal percebeu que havia dirigido direto para a casa do namorado.

Dylan estava sentado na varanda quando ela estacionou o carro. A moça correu ao seu encontro e o abraçou procurando conforto.

— O que houve, meu amor? — ele perguntou quando ela começou a chorar.

— Só me abraça, por favor. — A frase saiu entrecortada.

Dylan obedeceu, envolvendo-a em seus braços, trazendo-a para mais perto de si, enquanto acariciava os seus longos cabelos ruivos.

— Quer um copo de água? — ofereceu sem saber mais como agir.

— Não. Estou bem. — Jenny fungou, deixando mais algumas lágrimas caírem.

— Não é o que parece. — Dylan enxugou o rosto dela delicadamente. — O que aconteceu?

— Eu acabei de perder o meu melhor amigo para sempre. — Suspirou pesarosa, deixando seu corpo cair sobre o balanço da varanda.

— Matt?

Jenny ignorou a cara de poucos amigos que o namorado exibiu assim que pronunciou o nome do rapaz.

— Sim. Eu fui até a casa dele para contar sobre nosso namoro. Queria que ele soubesse por mim e precisava fazer isso pessoalmente...

— Mas ele reagiu mal — Dylan completou a frase, cruzando os braços e deixando o corpo escorregar sobre o assento.

Jenny fitou suas mãos sobre o colo, recordado o desapontamento do amigo.

— Sim.

— Era de se esperar. — Dylan deu de ombros, um tanto quanto incomodado. — O cara foi apaixonado por você a vida inteira.

Ela não respondeu. Sua mente vagava a quilômetros dali.

— Ele vai precisar de um tempo para assimilar. Mas eu preciso te confessar que me incomodava um pouco a sua amizade com ele. — Jenny olhou rapidamente para o namorado ao ouvir suas palavras. — Não me leve a mal, mas se vamos nos casar um dia, acho que a partir de agora, eu é que deveria ser o seu melhor amigo.

Dylan sustentou o seu olhar no dela, fitando-a ternamente. Jenny ficou sem palavras de repente.

— É esse o nosso alvo, não é? O casamento — ele frisou, endireitando sua postura e segurando-a pela mão.

— Sim. Claro! — Ela sorriu, sentindo o coração se aquecer com aquela declaração. — Você tem razão. — Suspirou. — Eu gostaria que ele pelo menos entendesse e nos aceitasse de certa forma. O Matt é uma parte importante da minha vida e isso não posso mudar.

— Eu sei que não. Dê tempo a ele. Assim como a Léxis me aceita agora, um dia o Matt também aceitará.

— Isso é pouco provável.

Ela sabia o quanto Matt poderia ser teimoso e rancoroso. O olhar que o amigo lançou para ela antes de partir, só provava que ele jamais se renderia.

— Ótimo! — Dylan exclamou e Jenny o olhou de reprovação. — O quê? É errado eu querer a minha namorada só para mim, sem precisar dividi-la com outro? — Levantou as sobrancelhas, tentando segurar o riso.

— Não sou um objeto para ser dividida — ela protestou cruzando os braços.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — Dylan a puxou para os seus braços. — Eu te amo. — Ele depositou um beijo nos cabelos dela. — Amo seu cheiro — falou próximo ao seu ouvido, inalado o seu perfume e causando um arrepio no pescoço da moça. — Eu sinto muito pelo Matt, mas ele perdeu e eu ganhei. — Deixou outro beijo em seu rosto.

— Isso não é uma coisa legal de se dizer. — Jenny o afastou.

— Desculpe — Dylan a puxou novamente para si —, mas sou competitivo.

Irritada, a moça tentou desvencilhar dos braços do namorado, porém, ele a segurou um pouco mais forte.

— Eu virei troféu agora?

— Não. Mas é o presente que Deus me deu e eu sou egoísta demais para querer dividi-la. Então ele terá que aceitar de um jeito ou de outro.

Jenny se rendeu e olhou para Dylan com ternura, deixando sua irritação se esvair aos poucos, enquanto sentia o coração bater mais forte. Ouvi-lo falando daquela maneira, fez suas defesas caírem por terra. Por fim, ela sorriu, baixando a guarda completamente.

— É agora que você diz o quanto me ama e que eu também sou o seu presente — ele gracejou sorrindo de lado.

— Eu te amo e você é o presente que eu tanto esperei de Deus — ela repetiu obediente.

— Viu só? Nem foi tão difícil assim. — Dylan depositou um beijo na ponta do nariz de Jenny e outro na testa dela.

Ao se afastar, deixou alguns centímetros separando-os, enquanto olhava diretamente em seus olhos verdes cor de esmeralda e assim ficaram presos um ao outro, envolto em uma bolha particular carregada de sentimentos por algum tempo.

— Oi para vocês — a voz estridente de Darla soou próxima a eles, fazendo-os se afastarem bruscamente. — Podem me ajudar com as compras? Ainda tem algumas sacolas no carro.

— De onde você surgiu? — Dylan levou a mão ao coração, atordoado por não ter notado a aproximação da mãe.

— Não finja que não me ouviu se aproximar. — Darla olhou para Jenny, que se mantinha calada, provavelmente envergonhada demais para opinar. — Você me ouviu, não ouviu?

— Não, senhora — respondeu com um sorriso culpado.

— Ai, meu Deus! — Darla revirou os olhos. — Vocês estão mais apaixonados do que eu imaginava — falou em um tom carregado de pesar.

Dylan começou a rir, enquanto Jenny desejava encontrar um buraco bem grande no chão para se esconder.

— Você fica para o jantar, Jenny? — Darla convidou, pegando a garota de surpresa.

— Ah, não. — Ela negou o convite veementemente.

— Por que não? — A senhora arrumou as sacolas nos braços. — Eu lhe devo uma refeição. — Recordou da sua falta de educação no shopping quando o filho havia convidado a moça para se juntar a eles, durante um almoço há alguns meses.

— Não precisa se incomodar.

— Claro que preciso. Se vou ser sua sogra — Darla fez uma pausa e franziu o nariz levemente assim que proferiu a palavra —, devemos começar esquecendo nossas diferenças.

— Tudo bem, então. — Jenny forçou um sorriso. — Eu aceito o convite. Obrigada, senhora Fox.

— Me chame de Darla. Nada de senhora. Me sinto muito velha quando me tratam assim.

— Obrigada, Darla. — Jenny corrigiu e a mulher sorriu, saindo em seguida e fazendo um ruído alto quando seu salto entrava em contato com o piso de madeira da varanda. — Como não ouvimos isso? — perguntou assim que a mãe do namorado desapareceu dentro de casa.

— Porque estamos apaixonados. — Dylan voltou a envolvê-la em seus braços.

Jenny comprimiu os lábios sentindo um sinal de alerta piscar dentro de si.

— Isso é perigoso — disse, desvencilhando dos braços dele. — Temos que ficar mais atentos, Dylan. O que acabou de acontecer pode significar que estamos perdendo o foco e nos envolvendo além do que realmente devemos por enquanto.

— Tudo bem. Vou ser mais cauteloso, prometo. — Depositou um último beijo em seu rosto, antes de se levantar. — Agora vem, temos que pegar as compras no carro e um jantar para preparar.

— Só eu que achei esse convite surpreendente? — ela indagou, segurando a mão estendida do namorado.

— Não foi surpresa para mim. Ela gosta de você.

— Desde quando? — A voz de Jenny soou estridente, o que fez Dylan sorrir.

— Desde que viu a garota maravilhosa que você é. Sabia que foi ela quem me incentivou a me declarar?

Jenny parou de andar, pondo-se na frente do namorado e encarando-o.

— Ah, fala sério! — exclamou desacreditada.

— Estou falando sério. Mas tome cuidado. Ela pode ser bastante ciumenta e ter algumas recaídas — advertiu, tentando soar sério.

— Vou me lembrar disso.

Dylan a puxou pela mão novamente e continuaram a andar em direção ao carro de Darla.

O coração de Jenny estava mais tranquilo do que quando havia chegado ali, mas ainda doía por causa dos acontecimentos de mais cedo com Matt. Enquanto ajudava Dylan com as sacolas, aproveitou o silêncio entre eles para fazer uma oração mental pelo amigo e por sua convivência com Darla, quando se lembrou do passado da senhora com o seu pai, e do ódio que a sogra nutria por sua mãe. Temia retaliações.

— Você não vem? — Jenny estava estática na varanda, enquanto Dylan segurava a porta aberta para que ela entrasse.

— Claro!

E que Deus me proteja!



Capítulo 40

Março de 2006 - St. Cloud, Minnessota - EUA

— Eu ainda não estou acreditando que minha mãe permitiu fazer essa viagem com você. — Jenny respirou fundo, exalando o ar puro do campo.

O frio era congelante naquela época do ano, mas isso não impediu de ela curtir o momento.

— Eu tenho o poder da persuasão, meu amor. — Dylan piscou para a namorada, após fechar o porta malas do carro, munido de duas malas pequenas, uma dela e outra dele.

O casal caminhou lado a lado até alcançarem a varanda da enorme casa estilo vitoriano, localizada em um ponto estratégico da propriedade rural da família Lee. Vasos de plantas de várias espécies decoravam a fachada, o que dava um cheiro característico ao ambiente.

Uma jovem morena e esguia esperava por eles na porta. Assim que os viu, ela abriu um largo sorriso, adiantando-se para cumprimentá-los.

— Dylan, seja bem-vindo! — A moça o abraçou. — E você deve ser a Jenny. — Puxou a garota para um abraço caloroso assim que se afastou do rapaz. — Ouvi muito a seu respeito.

— É mesmo? — Jenny olhou desconfiada para o namorado.

Nicole sorriu, enquanto pegava suas próprias sacolas pousadas sobre uma cadeira.

— Eu não tenho nada a ver com isso. — Dylan tentou disfarçar o riso, porém, sem sucesso.

— Não se preocupe, foram apenas coisas boas. — Nicole abriu a porta dando passagem ao casal. — Entrem, está congelando aqui fora.

— De quem foi a brilhante ideia de se casar em pleno inverno? — Dylan indagou, estremecendo.

O calor do interior da casa os cumprimentou, acompanhado por um cheiro maravilhoso de torta de maçã recém-assada.

— O celeiro é bem aquecido, soldado, não se preocupe. — Carlton surgiu, vindo da cozinha em sua cadeira de rodas.

— Na verdade, eu que sempre quis casar no inverno. — Nicole falou, se posicionando ao lado do noivo.

Dylan cumprimentou o amigo, que por sua vez nem olhou para ele, ignorando-o completamente e direcionando sua atenção para a moça ruiva que o acompanhava.

— Jenny Parker! — Carlton exclamou empolgado, dando a volta no amigo, parando de frente a ela. — Que bom finalmente te conhecer.

— Me deixa adivinhar. Você também já ouviu muito sobre mim? — ela gracejou, cumprimentando-o com um aperto de mão.

— E você não imagina o quanto! — O rapaz olhou de relance para Dylan antes de continuar. — Foram três anos...

— Você poderia me conseguir um copo de água, Carlton? — Dylan interrompeu o amigo que já começava a falar demais. — Estou morrendo de sede — rosnou entredentes.

— Três anos? — Jenny olhou intrigada para o namorado, que encarava o amigo como se se comunicassem apenas com o olhar.

— Desculpa, Dylan. Você sabe quem é o pai da mentira e eu não minto — Carlton respondeu ao olhar inquisitivo que recebia.

— Não estou pedindo para mentir, mas podemos falar sobre isso depois? Jenny e eu estamos cansados da viagem e, pelo que sei, o jantar de ensaio começará daqui a poucas horas.

— Bobagem! — Ela se sentou no sofá, indicando quão curiosa estava para ouvir o que Carlton tinha a dizer. — Eu não estou cansada.

— É uma longa história. Você vai adorar! — O rapaz se aproximou empolgado, estacionando sua cadeira mais próxima a ela.

— Eu amo longas histórias, ainda mais quando eu sou a protagonista sem meu conhecimento. — Lançou outro olhar inquisitivo ao namorado, que a essa altura, já se dava por vencido.

— Cara, ela é demais! — o outro provocou.

Sem escolha, Dylan sentou ao lado da namorada, se preparando psicologicamente para as piadas que, sem sombra de dúvidas, ele seria alvo a qualquer momento.

Nos minutos subsequentes, Carlton relatou detalhadamente todas as conversas e brincadeiras feitas no Iraque em relação a ela, omitindo as de mau gosto, claro. Contou também sobre o dia em que Dylan dirigiu até ali para se aconselhar com ele sobre um futuro relacionamento.

Jenny teve um ataque de riso ao saber que Carlton tinha batido no namorado com uma bíblia, por ter agido tão imprudentemente quando a beijou. No fim, os quatro riam muito, Dylan menos que os outros.

— Por que você nunca me contou nada disso? — Ela quis saber, quando finalmente conseguiu recuperar o fôlego.

— Porque não teria sido tão engraçado se eu tivesse contado. Deixe essa tarefa para o meu — deu bastante ênfase nas palavras — *grande amigo*! — Curvou os lábios em um sorriso forçado.

— Muito obrigado — Carlton agradeceu. — Pode ter certeza, esse foi o ponto alto da minha vida. Acho que sobrevivi àquela explosão por causa desse momento. — Ele parou de rir, ficando sério de repente. — Posso, enfim, morrer tranquilo.

— Muito engraçado — Nicole deu um tapa do ombro do noivo —, mas deixe para morrer depois das nossas bodas de carvalho[5]. — Venha Jenny, vou acomodá-la no quarto de hóspede. Dylan ficará no quarto com o Carlton.

Jenny assentiu e deixou um beijo no rosto do namorado, antes de seguir Nicole.

— Será que eles vão ficar bem no mesmo quarto? — cochichou ao ver os dois amigos discutindo aos sussurros para que elas não os ouvissem.

— Vão sim. — Nicole sorriu, olhando por cima dos ombros. — Pode não parecer, mas eles se amam.

As duas riram e subiram a escadas em direção ao segundo andar da casa.

— O quarto não é grande, mas espero que fique à vontade — Nicole disse ao abrir a porta. — Os meus sogros foram até a cidade e eu mesma tive que organizar tudo por aqui. Se esqueci de alguma coisa, me fale.

— Está ótimo, obrigada.

Nicole engatou uma conversa animada com Jenny, enquanto tentava deixar a hóspede o mais confortável possível. Jenny gostou da moça logo de cara. Ela parecia tão segura de si, que desejou ser assim também um dia.

— Está muito ansiosa? — Jenny perguntou para a noiva, quando começaram a falar sobre o casamento.

— Um pouco. Será uma nova fase de nossas vidas, mas estou feliz por finalmente esse dia ter chegado, e isso me faz esquecer rapidamente de qualquer temor ou preocupação com o futuro. Ao contrário do que a minha

família acha, eu sei que o Carlton pode ser um marido magnífico, apesar da sua atual condição.

Os olhos da moça umedeceram e o sorriso que era constante nos lábios dela desapareceu por algumas frações de segundos. Porém, ela recuperou a postura rapidamente.

— Mesmo que ninguém ache que seja provável, eu sinto que ele não ficará para sempre naquela cadeira de rodas. E se ele ficar — quicou os ombros —, não vou amá-lo menos do que eu o amo agora. Será a vontade de Deus.

— Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem — Jenny recitou hebreus 11:1, buscando levar uma palavra de ânimo a sua nova amiga.

— Porque andamos por fé e não por vista — Nicole respondeu com 2 coríntios 5:7.

— É isso aí. — Ambas riram como se fossem velhas amigas.

— Quando o Carlton foi para a guerra, nós estávamos sem nos falar. Eu nem ao menos me despedi dele. Foi um período terrível, mas necessário. Eu me voltei mais para o Senhor e tudo que ele me dizia em nossos tempos de “guerra” começou a fazer mais sentido dia após dia. Passei a ler mais a bíblia e me surpreendi com as lições maravilhosas que tirei de lá. A minha passagem preferida e uma das mais belas histórias de amor relatadas lá passou a ser a de Isaque e Rebeca. Rebeca teve uma postura de uma legítima mulher de Deus. Ela estava ocupada quando foi encontrada pelo servo de Isaque e ainda se demonstrou serva quando lhe serviu água. Sua atitude de mulher de Deus fez o servo entender que ela era a mulher que Ele tinha para Isaque. Em nenhum momento vemos Rebeca se oferecendo, mas sim esperando, até sem saber que seria encontrada[6]. Isso mexeu comigo, pois eu nunca tinha sido assim. Eu era a caçadora, se é que você me entende. — Nicole fez uma careta ao recordar o seu passado.

— Sim. Eu entendo — Jenny respondeu aliviada por sempre ter sido como Rebeca.

Não que aquilo tivesse facilitado a espera, mas era grata a Deus por ter lhe dado paciência o bastante para esperar n'Ele.

— Quando Carlton voltou do Iraque, eu era outra pessoa. E foi aí que eu fui verdadeiramente encontrada.

— Isso é lindo. — A ruiva suspirou.

— É mesmo — Nicole concordou sorrindo, se dirigindo para porta. — Agora vamos, eles devem estar se perguntando o que tanto fazemos aqui.

Quando as garotas surgiram na sala outra vez, encontrou Dylan e Carlton em uma discussão calorosa sobre algum assunto. Carlton se

contorcia de tanto rir, enquanto Dylan encarava o amigo sem achar a mesma graça.

— Eu adoraria me juntar a vocês e saber o motivo de toda essa felicidade, mas tenho que me preparar para o jantar de ensaio. Nos vemos a noite. — Nicole mandou um beijo de longe para o noivo, caminhando em direção à porta.

— Tudo bem, meu amor. — Carlton devolveu o beijo da mesma forma.

— Vocês demoraram. — Dylan envolveu os ombros da namorada assim que ela se sentou ao seu lado, trazendo-a para mais perto.

— Estávamos conversando e perdemos a noção do tempo. — Ele deixou um beijo no rosto dela, antes de enterrar o nariz por entre os cabelos de Jenny.

Carlton pigarreou, atraindo a atenção Dylan, que encarou o amigo sem entender, já que ele ficou em silêncio, apenas olhando o casal. Quando, enfim, fez menção em abriu a boca para falar algo, a porta se abriu e os seus pais irrompeu pelo aposento, seguidos de uma multidão de parentes que riam e falavam alto.



Jenny analisou sua imagem refletida pelo espelho do quarto de hospede, se sentindo extremamente bonita naquela noite, como poucas vezes admitiu estar. A moça não era de se vestir daquela maneira, mas havia sido alertada por Léxis para se produzir um pouco melhor para a ocasião. Então, com a ajuda da melhor amiga, comprou dois vestidos diferentes do que usava habitualmente. O mais fino, um vermelho sangue que realçava a cor dos seus cabelos, usaria no casamento, e o outro, preto e levemente ajustado ao seu corpo, ela trajava para o jantar de ensaio.

A vestimenta não era vulgar, mas valorizava partes de seu corpo que passava despercebida na maioria das vezes. A maquiagem, como sempre, não estava exagerada, porém, o batom estava um pouco mais forte do que de costume.

Quando Jenny apontou no alto da escada, avistou Dylan a sua espera no fim dos degraus. Assim que o soldado viu a namorada descer, encarou-a até que ela se juntasse a ele. O perfume que a moça usava invadiu suas narinas, levando o seu coração palpitar um pouco mais forte, trazendo

consigo outros sentimentos tão bons, que o fez respirar um pouco mais fundo.

— Você está linda! — elogiou, depositando um beijo demorado em sua testa.

— Obrigada. Você também está lindo, como sempre — disse, ajeitando a gravata que o namorado usava, enquanto ele apenas a olhava como se ela fosse a garota mais linda de todo o universo. — Cadê todo mundo? — a moça perguntou, alheia a forma como era observada.

— Já estão no celeiro.

— Então estou mais atrasada do que imaginei! — Jenny saiu puxando Dylan pela mão, que parecia desanimado de repente em ter que estar no meio de outras pessoas.

Ele só queria ficar ali, com ela.

Luzes, flores, uma música animada e muitas risadas os saudaram quando adentraram ao celeiro localizado a apenas alguns metros da casa principal.

— Aí estão vocês! — Nicole se aproximou quando eles ainda procuravam por seus lugares.

A noiva agarrou Jenny, entrelaçando seus braços nos dela e a puxando para apresentar a algumas pessoas. Dylan observou a namorada à medida que ela se afastava, admirando quão bela estava naquela noite. Pelos minutos subsequentes, parado como uma estátua no meio do salão improvisado, ele fez de tudo para não a perder de vista, deslumbrado com cada movimento de sua amada, até que uma voz conhecida irrompeu pelos seus tímpanos absortos.

— Eu conheço esse olhar. — Carlton surgiu, posicionando-se em frente ao amigo.

— E que olhar seria esse? — Relutantemente, Dylan desviou sua atenção para o anfitrião.

— Olhar de quem vai fazer besteira a qualquer momento.

— Eu não vou fazer besteira! — protestou, colocando as mãos nos bolsos da calça.

— Vai sim, se não se controlar — o amigo o repreendeu, com as sobrancelhas levantadas. — Eu te entendo, cara. — Carlton olhou na direção onde sua noiva e Jenny estavam com um grupo de mulheres. — Ela é linda, o que dificulta um pouco as coisas, mas segura a sua onda.

— Eu sei me controlar — Dylan assegurou, sentindo-se incomodado por Carlton estar chamando sua atenção daquela forma, como se ele fosse um adolescente na puberdade.

— Pode até saber, porém, se continuar agindo da forma que agiu mais cedo, as coisas podem complicar para o seu lado. — Dylan o encarou sem

expressão alguma. — Vai por mim, cara. Eu sei o que eu estou falando. Só vigia e deixe a garota respirar — alfinetou antes de acenar para um grupo de senhores e se afastar para cumprimentá-los.

Durante toda a noite, o alerta de Carlton martelou na mente de Dylan. O amigo poderia estar certo. Os sentimentos de horas antes haviam sido mais intensos. Na verdade, os sentia aumentar gradativamente conforme o relacionamento se aprofundava. O jeito meigo e carinhoso de Jenny era como um ímã, que o atraía cada vez mais em sua direção, mas a garota se mantinha alheia a tudo aquilo, não se dando conta das sensações que constantemente provocava no rapaz.

Prova disso, em dado momento do jantar, Jenny se inclinou, aproximando-se consideravelmente do namorado para fazer algum comentário superficial sobre a festa. A atitude, aparentemente inofensiva, foi suficiente para Dylan compreender que, realmente, estava encrencado.

— Eu preciso de ar fresco — disse, afastando-se bruscamente.

— Como? — ela indagou sem compreender a atitude do rapaz.

— Eu já volto — falou dando alguns passos para longe.

— Você está bem? Eu vou com você.

— Não! Eu estou bem. Só preciso de um minuto. — Antes que Jenny protestasse, Dylan já saía pela porta.

O vento frio daquela noite de março tocou seu rosto com violência do lado de fora do celeiro, mas ele não se importou. Puxou o ar com força para dentro dos pulmões algumas vezes, enquanto se afastava para um lugar qualquer, onde pudesse organizar seus pensamentos. Longe o bastante, Dylan cobriu o rosto com ambas as mãos, procurando deixar a respiração regular.

De repente, fogos de artifícios explodiram, vindo de trás do celeiro. O soldado sentiu o corpo estremecer com o estampido agudo da explosão, que coloriu o céu de várias cores.

Lampejos de um intenso tiroteio vivido no Iraque invadiu sua mente. Os gritos dos civis tentando se proteger, a hostilidade do ar e as ordens do comandante mandando que atirassem de volta pareceram tão reais que o fizeram encolher. Por uma fração de segundos, era como se Dylan estivesse na guerra outra vez.

No meio do turbilhão de imagens confusas que ofuscavam a sua visão e sentimentos, uma mão tocou seu ombro. Em um movimento rápido e brusco, ele a pegou, torcendo o braço do indivíduo para traz.

O grito de Jenny o trouxe de volta do transe momentâneo.

— Me desculpa! — Ele a soltou atordoado. — Eu te machuquei?

— Não. — A jovem massageou o pulso com cara de dor. — Você está bem? — ela tentou se aproximar, mas Dylan deu um passo para trás,

afastando-se como podia dela.

— Não toque em mim — disse em um fio de voz. — Por favor...

Sem entender, Jenny viu o namorado se afastar, sumindo na escuridão.



Capítulo 41

Pelo resto da noite, Dylan evitou Jenny como pôde. O que era um tanto difícil, já que estavam ali juntos e nenhum dos dois conhecia ninguém, além dos noivos que tinham suas obrigações para com os demais convidados. No fim do jantar, o rapaz desapareceu e tudo que ela recebeu foi um recado do pai do Carlton, avisando-a de que ele não se sentia bem e que havia retornado para a sede da fazenda para repousar.

No dia seguinte, Dylan permaneceu distante. Apesar de estar carinhoso nas poucas vezes que trocaram algumas palavras, o soldado se manteve afastado, evitando a todo custo qualquer comentário sobre os acontecimentos da noite anterior.

Na hora do casamento, quando Jenny desceu as escadas, pronta para a cerimônia, Dylan não a esperava, o que só fez crescer dentro de si a certeza de que havia algo muito errado com o rapaz.

Chateada e com o coração apertado, ela se dirigiu para o celeiro, aonde os convidados já se aglomeravam. De longe, avistou Dylan conversando com Carlton distraidamente. Quando se aproximou, os dois se calaram e o noivo deu uma desculpa qualquer para sair.

— Por que não me esperou? — Jenny buscou os olhos do namorado, que encarava um ponto qualquer longe dela.

— Carlton precisou de ajuda para chegar até aqui por causa do cascalho — respondeu ainda evitando o contato visual.

— Poderia ter me avisado. — A chateação no tom de voz, o fez olhá-la, o que foi suficiente para arranhar a armadura com a qual tentava se

proteger.

— Eu sei. — Acariciou o rosto dela com carinho. — Me desculpa.

— Você realmente está bem? — Ela segurou sua mão, sentindo o coração se aquecer com aquele toque.

Era como se tivesse passado anos desde o último contato entre eles.

— Estou. — Dylan forçou um sorriso, depositando um beijo na mão da amada.

— Por que não estou convencida disso?

— Podemos conversar depois?

Jenny queria conversar naquele momento, mas assentiu.

— A propósito, você está linda — elogiou, depositando um beijo demorado na testa dela. — Vamos entrar? Está muito frio aqui fora. — Jenny entrelaçou o seu braço ao dele, para juntos adentrarem ao celeiro.

Os dois se sentaram lado a lado, no entanto, Dylan desfez o contato entre os dois assim que se acomodaram, preferindo entrelaçar suas próprias mãos uma a outra. A moça tentou demonstrar não ter percebido o gesto do namorado, mas fitou as mãos dele demoradamente, ainda tentando entender o que se passava com ele.

Aquele, sem dúvidas, foi o casamento mais emocionante que Jenny já havia assistido em toda a sua vida. Os votos dos noivos a fizeram chorar e ela não soube se era por emoção das lindas palavras proferidas por eles durante o discurso ou pela angustia que sentia.

A cerimônia terminou e Dylan lhe o ofereceu o braço novamente, para que seguissem até a mesa reservada a eles. Porém, dessa vez ele não desfez o contato depois de tomarem os seus lugares, acariciando-a enquanto observava em completo silêncio o movimento do salão. Um trilhão de pensamentos giravam em sua mente, mas ela se obrigou a ficar quieta e não o questionar.

Em dado momento, Dylan fez um comentário sobre um penteado esquisito de uma das convidadas. Os dois riram juntos e depois disso, durante o resto da festa de casamento, o rapaz simplesmente voltou a ser o namorado de antes, carinhoso, atencioso e bem-humorado, fazendo Jenny esquecer por alguns instantes de como ele vinha agindo nas últimas horas.



— Eca — Dylan exclamou, aproximando-se de Carlton e Nicole, que se beijavam apaixonadamente em um canto mais afastado. — Desculpa interromper, mas é que vocês não se desgrudam.

O noivo sorriu e beijou sua amada mais uma vez, só para provocar o amigo.

— É tão bom finalmente poder fazer isso — disse, sem esconder sua felicidade.

— Então façam isso em um lugar menos público.

— O casamento foi lindo — Jenny elogiou, cortando a má criação repentina do namorado. — Felicidades e que Deus venha abençoar grandemente essa nova fase da vida de vocês.

— Obrigada, querida. — Nicole a abraçou com carinho. — Realmente foi tudo lindo! Superou as nossas expectativas.

— Verdade — Carlton concordou. — Logo, logo serão vocês. — Jenny deu um sorriso sem graça.

O recente comportamento oscilante de Dylan fez crescer uma grande dúvida em seu coração e ela não conseguiu disfarçar naquele momento.

— Não deixe esse cara ficar te enrolando por muito tempo. — O noivo fingiu não ter notado o conflito da moça.

— Ela sabe que eu não farei isso. — Dylan envolveu os ombros da namorada, trazendo-a para mais perto de si.

— Bem, nós temos que ir. Nosso voo sai em algumas horas e temos alguns quilômetros até o aeroporto — Nicole se despediu, dando um último abraço em cada um.

— Boa viagem e divirtam-se — Dylan desejou, despedindo-se do amigo.

— Ah, eu vou fazer isso!

— Carlton! — O noivo sorriu maliciosamente ao ser repreendido pela esposa extremamente corada.

— Esperarei o convite de vocês muito em breve — falou por cima dos ombros, enquanto Nicole o levava para longe.

Em silêncio, Jenny e Dylan observaram os recém-casados se distanciarem, até sumirem celeiro afora.

— Podemos ter aquela conversa agora, se você ainda quiser — disse Dylan, afastando a franja de Jenny e depositando um beijo terno em sua testa.

— Seria ótimo. — Ela beijou sua cicatriz no queixo, seu único alcance no momento, devido a sua baixa estatura em relação ao namorado.

Ele pigarreou, afastando-se consideravelmente.

Próximo ao celeiro havia um gazebo, que a mãe de Carlton usava para cultivar algumas espécies de plantas raras, sua paixão e hobby nas horas vagas. O casal se dirigiu até o local em completo silêncio, pois Dylan havia

se enclausurado em seus próprios pensamentos outra vez, deixando a pobre moça tão, ou mais aflita quanto antes.

Ambos se sentaram e, por algum tempo, observaram as estrelas que enfeitavam o céu naquele início de noite. Ao fundo, alguns convidados ainda se divertiam, dançando animados ao som de uma música country.

— Eu quero começar te pedindo desculpa pelo que aconteceu ontem. — Dylan quebrou o silêncio, iniciando, enfim, a conversa.

— Ainda estou tentando entender o que aconteceu. — Jenny permaneceu com os olhos nas estrelas.

— Eu sei que está. — O rapaz a tocou, obrigando a namorada olhá-lo. — Na verdade, foi uma sequência de coisas que eu não esperava. — Respirou fundo, indicando o quão aflito estava. — Eu só precisava me afastar e pensar em tudo com clareza. — Dylan pegou a mão da namorada e analisou o pulso dela. — Ainda dói?

— Um pouco. — O rapaz se inclinou, fechando os olhos assim que sua boca entrou em contato com a pele levemente arroxeada.

— Eu sinto tanto! — Tentou segurar as lágrimas, enquanto acariciava o pulso de Jenny com o polegar. — Meu psicólogo disse que isso poderia acontecer mais cedo ou mais tarde. Na verdade, já aconteceu antes, mas não como ontem. — Dylan procurava não encarar a namorada enquanto falava. — Se chama transtorno de estresse pós-traumático. Quando ouvi os fogos de artifícios, tive flashes daquele tiroteio no Iraque que te contei. Foi tudo tão rápido! E aí você me tocou... — A voz dele falhou.

Enternecida e, enfim, compreendendo o comportamento hostil do namorado, Jenny o abraçou.

— Eu não me perdoaria se te machucasse de verdade — disse ele, enterrando seu rosto no pescoço dela e se permitindo chorar pela primeira vez desde que tudo aconteceu.

— Eu sei que você nunca faria isso de propósito. — Jenny acariciou os cabelos do rapaz, enquanto o consolava.

Seu coração estava em pedaços por vê-lo tão frágil. Teria que ser forte o suficiente pelos dois, quando sua vontade era chorar juntamente com ele.

— Não tem como saber. — Dylan desfez o contato para fitá-la. — Eu sou uma bomba relógio, Jenny. Posso, sei lá, surtar a qualquer momento.

— Não! Você não deve aceitar isso na sua vida, meu amor. Vamos orar e repreender esse mal.

— Mas os médicos...

— Médicos são apenas homens. Eu prefiro confiar no nosso Deus. Ele é o médico dos médicos. Você não vai sofrer de transtorno algum! Essa foi a última vez que isso aconteceu. Eu não aceito isso na sua vida e você também não deve aceitar.

Com os olhos cheios de lágrimas, Dylan acariciou o rosto da namorada, sentindo o coração transbordando de amor por aquela menina aparentemente tão frágil, mas de uma fé inabalável.

— Eu te amo demais, Jenny — sussurrou, trazendo-a para mais perto. — Você é linda, se preocupa comigo como ninguém; é carinhosa e possui um monte de adjetivos que deixa cada dia mais difícil ficar perto de você sem querer te puxar para os meus braços e fazer certas coisas que eu sei que vou me arrepender depois. — Dylan se afastou, exalando frustração. — Foi por isso que saí às pressas do celeiro ontem à noite. Você estava tão linda e cheirosa, que despertou o velho Dylan adormecido em algum lugar dentro de mim.

— Por que não me disse? — Jenny se levantou, sentindo mal por ter, de certa forma, contribuído para o desconforto do namorado e desencadeado tanta confusão. — Prometemos sermos sinceros um com o outro!

— Eu sei. — Dylan coçou a nuca. — Mas eu não me dei conta do perigo que estava correndo e achei que estava tudo sobre controle. No entanto, eu não fazia ideia do quanto estava encrencado. Carlton percebeu o que estava acontecendo e me deu um belo de um puxão de orelha. Fui obrigado a me afastar para não fazer besteira. O seu vestido, a maquiagem, o salto alto... — Gesticulou, apontando para ela. — Tudo isso me instigou.

— Eu não fazia ideia. — Jenny tampou o rosto com as mãos, envergonhada demais para encará-lo.

Dylan a puxou para que se sentasse ao seu lado novamente.

— Eu deveria ter percebido. — Ela comprimiu os lábios, pensativa. — Está claro que precisamos de algumas regras.

— É, acho que sim — ele concordou.

— Você tem que me dizer tudo que te incomoda, para eu poder evitar. Porque eu não faço ideia de como as coisas funcionam para você.

Dylan assentiu, enquanto pensava em tudo que vinha lhe fazendo ter pensamentos inapropriados.

— Acho que você não vai poder ser mais a minha fisioterapeuta. Vou conversar com o doutor Simon para que as próximas sessões sejam apenas com ele.

— Ah... — Jenny ergueu o cenho surpresa com o primeiro item.

— É torturante sentir você me tocando, mesmo que profissionalmente, e eu não poder fazer o mesmo. — Dylan sorriu ao ver a namorada corar, envergonhada e chocada demais para formular qualquer frase. — Eu achei que poderia lidar com isso, mas depois de hoje, eu sei que eu não devo continuar tentando.

— Tudo bem. — Ela balançou a cabeça com força para dissipar os pensamentos que lhe ocorreram. — O que mais? — perguntou receosa,

mas era necessário entender cada fraqueza do namorado, por mais constrangedoras que fossem.

— Você tem a mania de beijar o meu queixo, e eu amo quando você faz isso — choramingou. — Mas é outra tortura, porque eu só consigo imaginar o quanto eu queria que aquele beijo fosse alguns centímetros acima.

— Desculpa, mas quando estamos em pé é a única parte do seu rosto que eu alcanço! Não é por mal. — ela tentou explicar.

Dylan riu ao ver, mais uma vez, que tudo o que ela fazia estava envolto de pura ingenuidade.

— E uma última coisa. — Ele procurou ficar sério para prosseguir. — Gostaria que você evitasse usar calças jeans. Acho melhor optar pelos vestidos, mas desde que não sejam justos demais.

— O que há de errado com minhas calças? — ela perguntou, mas não tinha certeza se queria saber a resposta. Já estava envergonhada o bastante.

— Nada. Mas elas desenham o seu corpo e...

— Eu já entendi. Nada de calças jeans! — interrompeu antes que ele a deixasse ainda mais desconsertada.

— Que bom que está me entendendo.

— Tudo para manter a sua pureza — fez uma pausa antes de continuar —, a nossa pureza. Eu sei que peco se te levo a pecar também. A bíblia é bem clara sobre esse assunto. — Ela só não conseguia entender o porquê de nunca ter se atentado a esses detalhes. — Caso mais alguma coisa comece a te incomodar, me diga. Eu posso ser bem lerda para perceber esse tipo de coisas.

— É porque você é pura. Não tem malícia alguma em seu coração. — Dylan a trouxe para perto. — Acho que é por isso que te amo tanto.

— Eu também te amo.

Naquele momento ela pensou duas vezes se poderia fazer qualquer outra coisa a não ser olhá-lo com ternura. Sua vontade era abraçá-lo, mas se conteve por não saber se era apropriado, já que sentia o coração bater mais forte. Decidiu que não tomaria mais a iniciativa de nenhum carinho excessivo direcionado ao namorado.

— Nós temos que nos casar o quanto antes. — Ele parecia travar a mesma batalha, enquanto ambos apenas se fitavam.

— Sim, precisamos.

— Já sei! — Dylan saltou do seu lugar, puxando a namorada pela mão. — Se corrermos, alcançaremos o pastor que casou o Carlton. Vamos aproveitar o Celeiro decorado e o fotógrafo...

Jenny começou a rir, mas mesmo assim o acompanhou por alguns passos, enquanto era arrastada por ele.

— Acha que estou blefando? — Ele parou, virando-se para ela.

— Ainda não estamos prontos para se casar.

— Claro que estamos. Nós nos amamos!

— Casamento não é só amor. Vai muito além. É complexo. E outra, onde moraríamos? Você sustentaria a nossa casa como? Pelo que sei você começará a trabalhar na base somente daqui a alguns meses e eu sei que você só quer se casar agora porque quer satisfazer seus desejos carnais e esse não é um motivo genuíno — Jenny ponderou.

Dylan fez uma careta, sabendo que ela tinha razão em tudo que acabara de falar.

— Precisamos estipular um tempo então — sugeriu.

— Eu acho um ano um tempo razoável.

— Um ano? — exclamou Dylan. — Você quer me fazer esperar por um ano?

— É o tempo que precisamos para nos preparar, já que temos vários aspectos com que se preocupar — Jenny falou calma e serena.

— Não precisamos de tanto tempo assim! — Dylan daria tudo para saber como ser como ela e não ter as mesmas provações pelo qual passava.

— Isso só saberemos com o tempo. — A namorada cruzou os braços, encarando-o com um meio sorriso.

— Acho que você está querendo me enrolar. — O soldado voltou a andar, levando-a pela mão, agora sem tanta pressa.

— Eu só quero estar pronta para ser a esposa que você merece.

Ele parou novamente, fitando-a com ternura.

— Você já é essa mulher. — Depositou um beijo casto nas mãos delas — Porém, esperarei *pacientemente* o dia reservado por Deus para que nos tornemos um.



Capítulo 42

— Dylan, telefone para você. — Darla voltou à cozinha para dar o recado ao filho, que ainda se encontrava à mesa com Jenny, depois de almoçarem todos juntos.

Algumas semanas havia se passado desde o casamento de Carlton e Nicole. Dylan não voltou a ter surtos pós-guerra e aquele ocorrido parecia nunca ter acontecido.

O casal passou a ter mais atenção quanto aos contatos físicos, evitando sempre que possível ficarem sozinhos. E isso só mostrava dia após dia, que estavam no caminho certo.

O rapaz depositou um beijo carinhoso na testa da namorada, antes de se levantar para atender a ligação.

Darla revirou os olhos diante da cena e começou a retirar os utensílios da mesa.

— Eu te ajudo. — A garota se ofereceu, empunhando alguns pratos.

— Não precisa — falou a mais velha, sem um pingo de vontade de ter a companhia da nora na tarefa.

— Eu insisto. — A moça sorriu sem se importar com a expressão facial da sogra, levando toda a louça até a pia.

Darla estava distante durante todo o almoço e mais mal-humorada do que de costume. Jenny havia percebido, desde que chegara a casa horas antes, que algo de errado estava acontecendo com ela, porém, a conhecendo bem, sabia que era melhor nem perguntar o que a afligia. Por

isso, tentou a todo custo ignorar cada má resposta e revirada de olhos impaciente da mãe do namorado em direção a eles.

— Você e o Dylan estão cada vez mais próximos... — Darla deixou a frase no ar, com certo asco em seu tom de voz.

— Acho que sim.

— Ele me disse algo sobre vocês se casarem em um ano ou menos. — A mulher apoiou o quadril na pia e cruzou os braços, encarando a jovem que começava a colocar alguns copos na máquina de lavar louça.

— Esse é o plano. — Ciente do olhar de reprovação que recebia, Jenny respondeu evitando o contato visual.

— Me desculpa, Jenny, mas não acho que meu filho está pronto para um compromisso tão sério.

— Estamos usando o nosso namoro exatamente para isso, nos prepararmos. — Enfim, Jenny levantou os olhos e encarou Darla.

— Vocês jovens são tão inocentes! — Ela sorriu com deboche. — Acham que a vida é um conto de fadas. Pois vocês estão enganados. — Gesticulou com as mãos no ar. — Não quero jogar um balde de água fria nos planos de vocês, mas casamento é uma porcaria.

— Nem todos! Como o dos meus pais, por exemplo. Eles eram muito felizes. — Jenny sentiu o sangue esquentar em suas veias ao ver a sogra dar uma gargalhada.

Em seguida, Darla contraiu o maxilar e encarou Jenny com os olhos avermelhados.

— Que bom para eles — ironizou. — Ou talvez não tenham tido muito tempo, já que seu pai quase não ficava em casa por causa do exército, ou porque ele morreu cedo.

— Por que você é tão amarga? — Uma súbita raiva fez o sangue de Jenny ferver, como nunca antes.

— É isso que um casamento faz com a gente, menina. — Darla fez uma pausa, deixando algumas lágrimas escaparem de seus olhos, apesar de ainda olhar com dureza para a nora. — Ou seja porque o meu casamento tenha sido uma catástrofe desde o início, ou porque o meu marido pediu o divórcio. O que me faz pensar seriamente se valeu a pena todos os meus esforços para salvar algo que eu nem sei mais se acredito!

— Me desculpe, eu não sabia. — Chocada com a revelação, Jenny baixou a guarda, começando a compreender toda aquela agressividade.

— Dylan não te contou? — Darla limpou os olhos rapidamente, reassumindo a postura.

— Não.

— Bem, agora você sabe. Meu filho ficou muito abalado quando soube. O pai sempre foi o seu herói. Ele sabia que o nosso casamento não era um

dos melhores, mas nunca achou que chegaríamos a esse ponto. — Encarou a moça que tentava entender porque o namorado não havia contado algo tão importante. — É, acho que me enganei. Vocês não estão tão próximos assim. — Destilou mais uma vez o seu veneno.

— Era da base. — Dylan retornou para a cozinha animado. — Preciso apresentar alguns exames semana que vem para minha admissão.

— Isso é ótimo! — Darla exclamou empolgada, como se a conversa com Jenny nunca tivesse acontecido.

De ranzinza, tornou-se alegre como um dia de sol.

— Semana que vem irei a Madison para resolver isso logo. — O rapaz olhou para a namorada e sorriu. Ela retribuiu, tentando a todo custo não transparecer sua decepção por ele estar agindo como se não houvesse nada de errado em sua vida. — Podemos assistir aquele filme agora, amor. O que você acha?

— Eu gostaria de ir para casa, se não se importar.

— Ah, claro. — Ele franziu o cenho ao ver as duas mulheres trocarem olhares discretos. — Eu levo você — falou intrigado.

Durante todo o trajeto até a casa de Jenny, Dylan contou detalhes da ligação que recebera, mas a namorada parecia estar a quilômetros de distância, com os pensamentos girando em torno da conversa que tivera com a sogra.

— Jenny? — Ele a chamou após fazer a mesma pergunta duas vezes, sem obter resposta.

— Oi! — Ela se assustou quando Dylan a tocou.

— Você por acaso ouvir uma palavra do que eu disse?

— Por que não me disse que seus pais estão se divorciando? — perguntou sem conseguir aguardar mais a descoberta.

— Ah, então era isso que estava acontecendo quando eu entrei na cozinha. — Dylan posicionou as duas mãos ao volante, apertando-o enquanto fitava a estrada novamente.

— Por que não me disse?

— Eu só fiquei sabendo há uma semana atrás.

— E quando pretendia me contar?

— Eu não sei — respondeu ríspido. — Para falar a verdade, eu ainda estou tentando assimilar toda essa bagunça.

— É por isso que deveria ter me contado — a voz de Jenny saiu impaciente. — Como eu vou ser sua ajudadora se você não confia a mim os seus problemas?

— O problema não é você. Eu sou assim, Jenny. Me enclausuro por um tempo até me sentir à vontade para falar. — Ele a olhou de relance, antes de parar o carro em frente à casa dela. — Não achei que daria tanta

importância a isso. — Deu um longo suspiro, evitando olhar para a namorada.

— Você acha o divórcio uma coisa sem importância?

— Não foi isso que eu disse. — Revirou os olhos.

Para ele, o assunto só não merecia tanto drama.

— Sim, você disse.

— Qual é o problema, Jenny? — Ele a encarou friamente. — Porque acho que não é só isso que está te incomodando. O que mais minha mãe te disse?

— Tinha mais coisas para ela me dizer? Tem mais alguma coisa que você está preferindo guardar só para você?

— Não! — Ele passou as mãos nos cabelos, tentando se controlar.

— Então está tudo ótimo. — Jenny saiu do carro batendo a porta com força.

Dylan a seguiu pelo jardim até alcançá-la ao pé da escadaria da varanda.

— Jenny... — A segurou pelo braço, fazendo-a se virar para ele.

— Talvez sua mãe tenha razão. Não estamos prontos para essa coisa de relacionamento — falou tentado manter a voz firme.

— E desde quando você leva as provocações da minha mãe a sério?

— Desde o momento que ela começou a ter razão. — Jenny se desvencilhou do namorado, que ainda a segurava pelo braço, dando um passo para trás.

— Você está terminando comigo? — Dylan indagou atordoado.

— Eu só preciso de um tempo. — A moça abraçou o próprio corpo, engolindo o choro entalado em sua garganta.

Sem respondê-la, Dylan se virou e saiu andando de volta para carro.

Quando o veículo partiu cantando pneu, Jenny entrou correndo em casa, subindo as escadas em direção ao seu quarto. Jogou-se na cama e com o rosto enterrado no travesseiro, pôs para fora toda a frustração que sentia naquele momento. Lá no fundo ela esperava que a teimosia do namorado o fizesse ficar e não simplesmente sair andando sem dizer uma só palavra.

— Filha? — Marina pôs a cabeça para dentro do quarto, mas entrou em seguida ao ver o estado dela.

— Eu quero ficar sozinha.

— O que houve? — Ignorando o pedido, Marina se sentou na cama, acariciando os cabelos ruivos da filha. — Vi quando Dylan foi embora. Não parecia nada feliz.

Jenny fungou, sentando-se na cama.

— Talvez ele não esteja mesmo e talvez tenha sido um erro esse namoro.

— Não diga uma bobagem dessas. Vocês se amam.

— Mas parece que isso não é o suficiente.

— Quer me falar o que está acontecendo?

Jenny deu um longo suspiro antes de contar sobre sua conversa com Darla. Marina escutou em silêncio até que ela terminasse o seu relato. Depois a moça contou sobre sua discussão com o namorado e como ela se sentia por ele não ter confiado nela ou até mesmo pela forma como havia ido embora.

— Bem — Marina pigarreou, fazendo uma pausa —, eu sinto muito em te informar, mas Darla tem razão em quase tudo. Casamento não é um mar de rosa. É um campo de guerra, daqueles com minas espalhados por todos os lados. Você tem que pisar com cuidado, pois a qualquer momento, por um mínimo descuido, tudo vai pelos ares.

Jenny encarou a mãe, estranhando por ela estar dando razão a outra.

— E quanto ao comportamento do Dylan... — Marina se levantou. — É melhor você ir se acostumando. Não tente mudá-lo como se isso fosse possível em um passe de mágica.

— Mas você e o papai faziam parecer tão fácil! Agora com o Simon também. Eu não entendo... — disse chorosa.

— Filha, estamos falando da união de dois seres imperfeitos. Dylan tem traumas e seu próprio modo de lidar com as adversidades, e você terá que conviver com isso pelo resto da sua vida. O que aconteceu no casamento do amigo dele e agora é uma prova clara disso. Eu sinto muito em te dizer, mas casamento é isso. É você aceitar a bagagem que o outro traz consigo. Todos temos um passado, e uma hora ou outra ela se manifestará no nosso presente.

— E se eu não souber lidar com isso? — Jenny abraçou os joelhos, desolada.

— Uma vez, ouvi de um pastor algo que ficou no meu coração e só a partir de então eu compreendi realmente o que era o casamento. — Marina voltou a se sentar na cama ao lado da filha. — E tudo que ele falou é a mais pura realidade. Ele disse que Deus nos levará a um relacionamento com alguém que, na maioria das vezes, não é apenas incompatível com você, mas que é fraco. Tremendamente fraco. Exatamente nas áreas que você quer que essa pessoa seja forte.

— Por que Deus faria isso?

— Lembra-se do texto em Romanos 8:28 e 29? Você pode ler?

Jenny assentiu, pegando a bíblia sobre o criado mudo e lendo os versículos solicitados:

— “Pois sabemos que todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles a quem ele chamou de acordo com o seu plano. Porque aqueles que já tinham sido escolhidos por Deus ele também separou a fim de se tornarem parecidos com o seu Filho”.

— Qual é o objetivo, em tudo que Deus faz em providência para seus filhos? — Marina perguntou.

— Para conformá-los à imagem de Cristo — respondeu Jenny, ainda fitando o texto.

— Exato. Agora, quando você pensa na imagem de Cristo, quais são algumas das características que surgem automaticamente em nossa mente?

— Bem, para mim, três: Amor incondicional, misericórdia e graça.

— Isso mesmo. Se pegar essas três coisas que falou, você pode imitar Cristo nelas. É disso que eu me lembro também: Amor incondicional, misericórdia e graça. Agora, deixe-me fazer algumas perguntas. Como você aprenderá amor incondicional se você está casado com alguém que cumpre todas as condições? Como você aprenderá misericórdia, paciência, longanimidade, amabilidade, compaixão, se você está casado com alguém que nunca falha com você? Que nunca é duro com você? Que nunca peca contra você? Que nunca é lento para ignorar seu pecado e pedir perdão? Como você aprenderá “graça” ou “derramar seu favor” em alguém que não merece, se você é casado com alguém que sempre merece todas essas coisas boas?

— Eu nunca pensei por esse lado. — Jenny começava a compreender o quanto ela ainda tinha a aprender sobre o assunto.

— O propósito principal do casamento é que através dele você se torne conforme a imagem de Jesus Cristo. Casamento, eu creio, é o maior instrumento de santificação. Você é casado com uma pessoa que não atinge todas aquelas condições para que você possa aprender sobre o “amor incondicional”. Você é casado com uma pessoa que precisa de misericórdia, então você aprende a concedê-la. Você é casado com uma pessoa que não merece. Então você aprende a dar-se por aquela pessoa que não responde apropriadamente, então você se torna “como” o Deus que você adora.

As palavras da mãe penetravam no coração de Jenny e ela tentava absorver cada frase, reconhecendo que havia feito tudo ao contrário do que deveria fazer.

— Você adora a Deus por essas coisas — Marina continuou —, mas não quer dar isso a outros? Você adora a Deus pela “graça”, no entanto, trata seu namorado de tal maneira como se ele não precisasse disso. Você

adora a Deus por seu “amor incondicional”, porém, você ficou irritada com ele, quando o coitado não atingiu suas exigências. Percebeu?

— Sim. Eu fiz burrada, não fiz? — Jenny levou as mãos ao rosto.

— Todos nós erramos, meu amor. — Marina segurou as mãos da filha. — Você só precisa compreender que o Dylan tem seus defeitos, como qualquer um. Tudo que ele precisa é que você esteja ao seu lado para quando ele precisar de um ombro amigo. Sem cobranças. Os homens não são como as mulheres. Nós temos essa necessidade louca de falar, desabafar. Os homens são mais contidos e sistemáticos.

— Será que eu estraguei tudo? — A moça começou a chorar ao perceber que poderia ter colocado tudo a perder por sua falta de sabedoria.

— Não! — Marina sorriu. — Vocês se amam e isso foi apenas o primeiro choque que tiveram. Pode acreditar, muitos ainda virão.

— Isso era para me acalmar? Porque não funcionou.

— Vocês só precisam entender que um relacionamento não tem você e o Dylan como atores principais. O ápice da união não é o romance, é Deus! É Ele quem une o homem e a mulher em uma só carne. Através disso Jesus nos faz chegar a uma incrível conclusão: o que Deus uniu, não separa o homem. Estamos falando de aliança! A aliança a partir desse dia sustenta o amor, e não o amor a aliança.

— Talvez seja isso que falte aos pais do Dylan. Compreender que o casamento deles tem que ir muito além do amor — Jenny comentou com tristeza.

— Exatamente. O amor e a paixão são coisas belas, e se reapaixonar vez após vez é importante. Se apaixonar de novo, depois de uma dificuldade, só acontece se você levar essa aliança acima das afeições e do romance. A aliança é forte e se ela existe vocês vencem quaisquer dificuldades por que têm uma base, que é Deus. Mas se é somente a afeição e o romance, depois de uma dificuldade, tudo acaba. Seu pai sempre dizia que eu tinha cinco maridos. E todos eles era ele. O que unia todos os cincos era a promessa. Por que ele havia prometido que seria fiel a mim.

— Ele era um homem incrível. — Os olhos da filha se umedeceram novamente.

— Sim, ele era. — Marina também deixou algumas lágrimas escaparem. — Bem, espero ter ajudado a desmistificar essa coisa chamada casamento.

— Ajudou sim. Queria ter tido essa conversa antes.

— Mas que bom que a tivemos agora, antes que se casasse e se frustrasse como aconteceu comigo. Eu demorei muito a entender todas essas coisas. — As duas riram. — Só mais uma coisa. Sempre casamos com a pessoa errada, mesmo sendo a pessoa certa. No casamento,

sempre um muda o outro. Logo, a base do casamento não pode ser o sentimento. E não pode ser: Somos almas gêmeas, por que elas podem deixar de ser gêmeas. A base dele é a promessa. Devemos alicerçar o casamento nas escrituras, em uma grande estrutura. Somos feitos por Deus e para Deus. Esse é o plano dele e não o nosso. O casal é o tipo de união entre Cristo e a Igreja. Nosso agir fala de Cristo e da Igreja. Estamos testemunhando pela perseverança, a guardar a aliança. [7]

— Obrigada. — A moça abraçou a mãe, grata por sua sabedoria e por aquela conversa edificante.

— Pense em tudo que eu te disse e vai se desculpar com o Dylan — Marina depositou um beijo na cabeça da filha antes de sair.

Jenny esperou até que a mãe saísse do quarto e pegou a gravata pendurada em sua cabeceira. Com ela pressionada contra o seu coração, Jenny orou. Pediu a Deus sabedoria e que Ele o ajudasse a ser a mulher de provérbios 31, e que suas virtudes servissem para glorificar a Deus em seu relacionamento e futuro casamento, isso se Dylan ainda a quisesse depois de seu surto de imaturidade. Orou por ele e orou pelos seus sogros. Depois chorou por um longo tempo, até que as lágrimas secaram.

Então, após lavar a alma e criar coragem, só restava fazer uma coisa: pedir perdão.

Quando chegou à casa de Dylan, o avistou sentado nas escadas que dava acesso a varanda, com seu discman nas mãos e fones nos ouvidos. Parecia estar ali a bastante tempo. Ao perceber a sua aproximação, ele levantou os olhos para ela e seus lábios tremeram ao suprimir as lágrimas. Jenny se lançou em seus braços assim que ele ficou de pé, e quando ele a aceitou, envolvendo sua cintura e pressionando-a contra o seu corpo, ela chorou de alívio.

— Eu te amo, me desculpa por ter agido daquela maneira — sussurrou sem desfazer o abraço, desejando ficar ali para sempre.

— Achei que tinha te perdido.

— Não! Eu não vou a lugar algum. — Jenny se afastou apenas o suficiente para olhá-lo nos olhos. — E se você não está pronto para falar sobre qualquer coisa, eu entendo, desde que estejamos sempre um ao lado do outro.

Dylan assentiu, abraçando-a novamente. Permaneceram assim por um longo tempo em silêncio, pois isso era tudo que ambos precisavam naquele instante.



Capítulo 43

Matt esfregou os olhos pela quinta vez em menos de um minuto e ajeitou o boné de basebol na cabeça enquanto aguardava seu café ser preparado por um garoto alto e magricelo, que insistia para que ele também pedisse a torta do dia. O rapaz rejeitou. Sentia o estômago revirar toda vez que relembrava os acontecimentos da noite anterior.

A cafeteria do hospital de Madison estava quase vazia, quando um grupo de médicos e enfermeiros adentrou ao local. Alguns dos residentes ele reconheceu, pois haviam atendido seu pai assim que deu entrada na emergência.

Senhor Cooler havia passado mal logo após o jantar e levado às pressas pelo filho e pela esposa até lá. Tudo foi apavorante para Matt. Ver o pai se contorcendo de dor, a ponto de faltar fôlego, encolhido no banco de trás do carro, enquanto ele dirigia como louco pela rodovia para salvá-lo era algo que não esqueceria tão cedo.

O choro e a suplica da mãe para que Deus não levasse o esposo ainda estava gravado em seus tímpanos, assim como o coração apertado só de imaginar o pior acontecendo.

Foi a primeira vez em anos que Matt sentiu medo daquela maneira. No primeiro momento, achou que era apenas pelo estado em que seu progenitor se encontrava, mas depois percebeu que o sentimento ia muito além. Como se percebesse o quanto a vida era valiosa e que ele não estava fazendo absolutamente nada para merecê-la.

Os médicos foram rápidos e o medicamento forte inserido direto na veia fez o seu trabalho, levando o pai do rapaz a um sono profundo, normal, segundo os médicos.

Nove horas depois e uma longa noite sem dormir, lá estava Matt, com os cotovelos apoiados no balcão, fitando o nada. O mesmo sentimento agoniante ainda latejava em seu peito, incomodando-o e avisando que havia algo de errado.

— Dylan Fox? — Uma voz aguda soou a poucos metros de Matt, fazendo-o despertar e se virar em direção ao som rapidamente.

Uma moça loira, trajando um jaleco branco, deu passos apressados em direção ao soldado, jogando seus braços em volta de seu pescoço, mal lhe dando tempo de reagir.

— Eu não acredito que é você! — A mulher desfez o abraço, mas continuou com as mãos nos braços dele.

— Ashley? — Surpreso, Dylan afastou a jovem e deu um passo para trás.

O sono que Matt sentia evaporou no mesmo instante que ouviu o nome dela. Sorriu de lado, vislumbrando uma oportunidade única de desmascarar o adversário.

Ora, ora, ora, o que temos aqui?

— Ah, para! Vai dizer que não me reconheceu? — Ela fez cara de decepção.

— Bem, digamos que você não tenha me dado chance. — Dylan frisou, coçando a nuca.

— O que faz aqui? — Ashley quis saber, aproximando outra vez dele.

— Exames de rotina. — O rapaz pôs as mãos no bolso, a fim de evitar qualquer contato. — E você?

— Trabalho aqui. — Ela pareceu não perceber que estava sendo evitada. — Iniciei minha residência há algumas semanas.

— Não sabia que queria ser médica.

— Na verdade, sou enfermeira. E essa profissão nunca foi uma paixão, mas foi a única bolsa que consegui com minhas notas. — Revirou os olhos antes de continuar. — Mas estou gostando.

Por alguns instantes nenhum dos dois disse nada. No entanto, Matt continuou os observando sem piscar, como se fosse perder qualquer coisa importante, caso o fizesse.

— Então, me diga, como você está? — Ashley quebrou o silêncio. — Eu soube o que aconteceu com você e os rapazes no Iraque. Sinto muito. — Voltou a acariciar o braço de Dylan.

Matt crispou os olhos em direção aos dois, esperando qualquer movimento em falso de seu *arquirrival*.

— Aqui está o seu café. — O balconista chamou a sua atenção.

— Obrigado — Matt agradeceu, sem abandonar o seu campo de visão. — Acho que vou aceitar aquela torta. — O rapaz assentiu e sorriu, se retirando em seguida para preparar o pedido.

A essa altura, Ashley já havia conseguido arrastar Dylan para uma mesa que, por pura sorte — ou asar — ficava bem próximo de onde Matt estava.

Ele ajeitou o boné, tentando cobrir o rosto o máximo possível, a fim de não ser reconhecido. Como era de se esperar, aguçou os ouvidos para ouvir a conversa, já que agora não poderia ficar olhando diretamente para o "casal", caso contrário, seria pego.

— Quero saber tudo. O que anda fazendo da vida?

— Ainda estou me recuperando, mas em breve voltarei para o exército.

— Vai voltar para o Iraque?

Isso seria maravilhoso! O pensamento ecoou na cabeça de Matt, enquanto bebericava um pouco de seu café.

— Não posso mais voltar devido ao atentado. Parece que o trauma que ele me causou, torna-me inapto.

Droga.

— Que bom!

A torta foi servida e, enquanto Matt comia, os escutava conversar amenidades. Dylan dava respostas curtas, sempre cortando qualquer tipo de contato físico por parte de Ashley, demonstrando extremamente incomodado com a atitude da garota, que fazia de qualquer momento uma oportunidade para tocá-lo.

A atitude do soldado deixou Matt frustrado. Tudo que ele queria era apenas um deslize para poder correr e mostrar para Jenny o quanto tinha razão e provar que Dylan ainda era o mesmo idiota do colégio.

— Eu realmente preciso ir, Ashley.

A essa altura, Matt já havia finalizava o segundo pedaço de torta e pedido a terceira xícara de café, apenas para poder continuar sentado ali.

— Tudo bem. — Ambos se levantaram e apesar de tão próximos, não notaram a presença do *clandestino*. — Eu também preciso voltar ao trabalho, mas podemos marcar alguma coisa para qualquer dia.

Isso! Diga sim, bonitão! Matt se animou por, finalmente, Ashley voltar a atacar.

— Não acho que seja uma boa ideia. — Dylan se esquivou mais uma vez.

Ah, qual é? É uma ideia brilhante!

— Por que não?

Pelo tom de voz, Matt percebeu que ela já estava começando a ficar irritada por causa dos sutis foras que vinha levando desde que se

reencontrara com o ex.

— Porque não será — parou e pigarreou — apropriado. — A enfermeira o encarou tentando entendê-lo. — A não ser que você não se importe de eu levar a minha noiva.

Matt engasgou com café e tentou não tossir para não atrair atenção para si.

NOIVA? COMO ASSIM, NOIVA?

— Noiva? — Ashley exclamou tão surpresa quanto o colega do balcão.

— Sim, noiva. — Dylan parecia se divertir com a reação dela. — Por que o espanto?

— Bem — a enfermeira gaguejou —, estou apenas admirada, só isso. — Deu de ombros. — Você voltou da guerra faz tão pouco tempo e já foi suficiente para conhecer alguém e saber que quer passar o resto dos seus dias com ela? — perguntou cética.

— Loucura, não é? — Dylan começou a rir.

Loucura é pouco! É precipitado e impensável. É absolutamente anormal!

— Isso é alguma piada? Porque, francamente, não tem graça alguma. — Ashley sorriu nervosa. — E isso nem parece você. Pelo que sei você fugia de qualquer compromisso, por menor que ele fosse — falou ressentida.

— Você tem razão. Eu *fugia* — deu ênfase —, mas não sou mais o garoto que você conheceu no colégio, Ashley.

A moça encarou o soldado, procurando qualquer resquício de sarcasmos. Porém, Dylan falava sério, o que a fez dar um passo para trás.

Pau que nasce torto nunca se endireita!

Para Matt ele nunca mudara.

— Uau. Quem diria? — Ela mordeu o lábio inferior, pensativa. — Eu a conheço?

Não caia nessa, menina! Já está se conformando? Lute por ele. Lute pelo seu homem!

— Sim. — Dylan sorriu. Provavelmente imaginando a expressão de espanto da ex-namorada quando ouvisse o nome da atual. — Talvez você não se lembre dela, mas você a conhece.

— Me diga que é qualquer pessoa, menos a Emma. Aquela garota era uma pedra no meu caminho quando o assunto era você.

Antes fosse querida. Queria eu que fosse a Emma.

— Emma gostava de mim? — Dylan uniu as sobrancelhas, recordando de como era esnobado pela tal garota.

Não se faça de desentendido, cara. Toda a escola sabia disso!

— Não finja que você não sabia. Toda a escola via o jeito que ela te olhava. Sem falar nas indiretas que ela vivia dando.

— Não é a Emma.

— Ah, que alívio.

— É a Jenny Parker — revelou, interrompendo o sorriso que surgia nos lábios de Ashley.

A minha Jenny Parker! Choramingou Matt.

— A Jenny Parker do baile?

— Sim. — O soldado estufou o peito com orgulho. — Eu nunca tive a chance de te agradecer por toda aquela coisa da formatura. Se não fosse por você e o meninos, eu nunca a teria conhecido de verdade. Já ouviu aquele ditado: Tem mal que vem para o bem?

Matt revirou os olhos.

Agora o idiota vai filosofar.

— Jenny Parker? — ela repetiu como se ainda quisesse ter certeza que ouvira direito. — Aquela garota da aposta, com amigos esquisitos?

Matt cerrou os punhos sobre o balcão, quando a conversa começou a caminha para um terreno mais pessoal.

— Os amigos dela não eram esquisitos — Dylan defendeu.

— Ah, qual é? — Ashley sorriu com deboche. — Aquele Matt era um chato, e a tal da Léxis me irritava só de ouvir sua voz estridente.

— Matt continua sendo um chato. Apesar de eu achar que toda aquela marra é apenas uma máscara. Lá fundo ele é um cara legal.

Rá, rá, ra, essa é boa! Agora ele vai fingir que gosta de mim.

— E a Léxis é uma das pessoas mais fortes que eu já conheci na vida.

Isso é verdade.

— Eu soube que ela é mãe solteira e Matt desistiu da faculdade para cuidar de cavalos com o pai. Quem em sã consciência faz isso? Então só confirma o que eu penso: uma vez perdedores, sempre perdedores.

Matt cerrou os punhos outra vez, pronto para se levantar e falar poucas e boas para aquela patricinha de *araque.*

— Você não mudou nada, Ashley. Fala como se ainda tivesse dezessete anos — Dylan a repreendeu duramente.

— Vai dizer que estou errada?

— Está! Sabe qual era o nosso problema no colégio? Nos achávamos melhores que qualquer um e saíamos julgando os outros, como se fossemos os reis do mundo.

Exatamente! Gritou Matt internamente.

— Nós éramos — afirmou a outra com orgulho. — Talvez não os reis do mundo, mas a gente mandava naquele lugar. Todos queriam ser como nós. Vai negar?

— Nós éramos um bando de idiotas, isso sim.

Agora você tem o meu respeito.

Espera! O que eu estou pensando?

Você ainda é!

— O que houve com você? — a moça indagou irritada.

Puro fingimento!

— Eu cresci, Ashley, e acho que você deveria fazer o mesmo.

Blá, blá, blá, blá...

— Se crescer quer dizer casar com um perdedor, não obrigada.

E lá estava o asco de volta ao tom de voz dela.

— Então continue no seu mundinho medíocre, com seus pensamentos e julgamentos preconceituosos, que você vai longe! — Dylan deu alguns passos para sair.

— Essa garota te fez uma lavagem cerebral? — Ashley resmungou com aversão.

— Não foi ela. — Dylan voltou a encará-la. Mas agora sua expressão estava serena. — Antes da Jenny, eu encontrei alguém que mudou a minha vida.

Eu sabia! Ele deve ter outra em algum lugar! Matt aguçou os ouvidos pronto para ouvir a revelação.

— Eu conheci a Deus verdadeiramente. Ele é o único responsável por eu ser quem sou hoje. Ele sim transformou minha vida e mudou a minha maneira de pensar. O velho Dylan que você conheceu, não existe mais, Ashley. As coisas velhas se passaram e eis que tudo se fez novo. Eu conheci a verdadeira felicidade assim que reconheci o quanto sou pecador e o quanto preciso dEle na minha vida. E a Jenny — sorriu ao pronunciar o nome da namorada — me ajudou em todo esse processo. Eu a amo, como nunca imaginei que fosse capaz de amar alguém.

Ao ouvir tais palavras, foi como se a armadura que Matt se protegia contra Dylan fosse levemente arranhada. E lá no fundo, bem lá no fundo, bem no fundo mesmo, seu julgamento quanto ao caráter do soldado começava a mudar.



— Matt? — Jenny encontrou o amigo sentado nos degraus da escada de sua casa quando retornou do serviço no fim do dia. — Aconteceu alguma coisa? — Ela se preocupou ao ver o estado deplorável em que seu amigo se encontrava.

Em seu rosto via-se olheiras profundos ao redor dos olhos avermelhados, resultado de uma noite mal dormida e do choro ao saber do resultado dos exames do pai.

— Meu pai está morrendo, Jey. — Piscou demoradamente, enquanto deixava as lágrimas saírem como cascata.

— Como assim, morrendo? — Ela se sentou ao lado do amigo, chocada com a notícia.

— Ele passou mal ontem à noite. O levamos para o hospital às pressas e os médicos conseguiram estabilizá-lo. Mas os resultados dos exames não foram nada bons — explicou com a voz entrecortada.

Jenny o abraçou, a fim de consolá-lo. Matt chorou em seu ombro, enquanto Jenny, sem saber o que fazer, tentava dizer algo para confortá-lo, porém, sem sucesso.

— Eu não sei o que será de mim se ele se for. Ele não pode me deixar agora. Não estou preparado para perdê-lo.

Matt se afastou, mas segurou as mãos dela, como se ele estivesse à deriva em um mar e Jenny fosse sua única tábua de salvação.

— Não pense no pior.

— Eu nunca fui um bom filho. — Soltou-se da moça, apoiando os cotovelos no joelho e tampando o rosto com mãos. — Fui sempre o mais problemático. Meu pai já até teve que me tirar da cadeia por causa dos meus atos impensáveis. Sempre fui motivo de desgosto para ele.

— Não diga isso, Matt. — Jenny tocou seu ombro, fazendo com que ele voltasse sua atenção a ela. — Você abriu mão do seu futuro para ficar aqui e ajudá-lo na fazenda. Foi o único filho que não teve coragem de abandoná-lo para correr atrás dos seus próprios interesses. Eu tenho certeza que essa atitude sua o enche se orgulho. Eu tenho orgulho de você por isso.

— Mesmo assim, ele está morrendo e eu não posso fazer nada.

— Vamos ter fé, Matt. Deus pode tirá-lo dessa.

O rapaz comprimiu os lábios, negando com a cabeça.

— Eu queria ter, juro que queria, mas só consigo pensar que a qualquer momento o meu telefone irá tocar e a notícia será a pior. — Fixou o olhar no chão.

— Então está na hora de você começar pensar seriamente em tomar uma atitude para mudar isso. Nossas vidas tem que estar alicerçado em algo. No que sua a sua vida está alicerçada, Matt?

Ele continuou olhando para o chão em silêncio. No entanto, a pergunta de Jenny cortou os seus ouvidos como uma flecha afiada, ecoando em sua cabeça na mesma proporção de um som automotivo.

— Em nada — sussurrou sem olhar para a amiga.

— E você acha que isso está certo?

Matt negou com a cabeça. A verdade era que desde a noite anterior vinha sentindo um vazio tão grande em seu peito, como se lhe faltasse um órgão vital. Agora, começara a lhe ocorrer que esse vazio era falta de algo muito maior. Ele sabia que era falta de Deus, mas se recusava a admitir.

Há tempos o Senhor tinha ficado em segundo lugar em sua vida. Depois Matt O deixou em um canto qualquer até que fora completamente esquecido. Contudo, naquele instante, parecia que a sua alma clamava, querendo o Pai de volta.

Matt puxou o ar duas vezes para dentro dos pulmões antes de se entregar a um choro compulsivo. Sem saber como agir, a amiga o levou para dentro de casa.

O rapaz foi amparado por Marina e Simon quando ficaram sabendo do estado de saúde do senhor Cooler e com o consentimento de Matt, os três oraram pela saúde do homem tão querido por aquela família.

Momentos depois e um pouco mais calmo, Matt pediu perdão a Jenny por sua recente crise de ciúmes, quando ela havia ido até a sua casa lhe contar sobre seu namoro com Dylan. Enquanto conversavam, o pobre rapaz se rendeu ao cansaço da noite em claro.

Sabendo do dia atribulado que Matt havia passado, Jenny buscou um cobertor e o cobriu, deixando-o dormir tranquilamente no sofá.



Capítulo 44

— Oi, namorada — Dylan cumprimentou Jenny, quando ela o recebeu naquela manhã.

Como todos os domingos, o soldado a buscava para que juntos pudessem ir à igreja participar do culto dominical. Ele depositou um beijo demorado na testa dela, inalando o perfume dos cabelos recém lavados da moça e puxando-a para um abraço apertado.

— Se importa de tomarmos café antes de irmos? Ainda é cedo — convidou Jenny.

— Não. Na verdade, eu estou morrendo de fome e amo os ovos mexidos que sua mãe faz.

— Ela sabe e se acha o máximo por conta disso. Está na cozinha desde que soube que passaria por aqui.

Dylan sorriu como uma criança peralta, seguindo a namorada casa adentro, porém, parou bruscamente ao ver Matt dormindo no sofá da sala.

— O que ele faz aqui?

— Longa história! — Jenny suspirou, o que fez Dylan a fitar intrigado. — Vem, te conto enquanto comemos. — Ela saiu andando em direção à cozinha, mas o rapaz ainda permaneceu um tempo encarando o outro irritantemente à vontade.

— Dylan! — Jenny o chamou, obrigando-o a segui-la.

— Já vou — murmurou, espiando o outro por cima dos ombros uma última vez.

— O cheiro está maravilhoso! — Jenny elogiou, enquanto Dylan cumprimentava a sogra e aproveitava para surrupiar uma torrada recém-saída da torradeira.

— Bom dia, doutor Simon — acenou com a cabeça para o senhor sentando-se à mesa.

— Bom dia, Dylan. — Edward Simon fechou o jornal e retirou os óculos equilibrado na ponta do nariz.

— Aqui está, do jeito que você gosta — Marina entregou um prato recheado de ovos e muito bacon ao genro.

Os outros dois integrantes da mesa trocaram olhares ao ver o quanto a senhora o bajulava, sem dispensar a eles a mesma atenção. O senhor sorriu e balançou a cabeça, servindo o seu próprio prato, assim como a enteada.

Jenny relatou ao namorado durante o café tudo o que havia acontecido na noite anterior, explicando o motivo de o amigo estar dormindo em seu sofá e assim seguiram conversando amenidades enquanto não dava o horário do culto.

Dylan estava particularmente feliz, pois alguns exames e testes feitos no dia anterior mostrava que ele já estava pronto para ganhar alta de seu tratamento, liberando a sua volta para o exército antes do previsto.

Um tempo depois, Matt entrou na cozinha sem nem ao menos se importar em ajeitar os cabelos. Os fios desalinhados e o rosto amaçado fizeram Jenny sorrir quando viu o estado desleixado do amigo.

— Bom dia, querido — Marina o cumprimentou com um olhar piedoso. — Conseguiu descansar um pouco?

— Bom dia — Matt puxou uma cadeira para se sentar. — Me desculpem, estava tão cansado que simplesmente apaguei. Me sinto melhor, obrigada.

A forma à vontade do amigo fez Jenny se perguntar se ele havia notado a presença de Dylan ali com eles, uma vez que o soldado era motivo de muita *contenda*.

— Não precisa se desculpar. Depois do que passou, precisava dormir — disse Simon, levantando-se para sair. — Me deem licença, preciso ir um pouco mais cedo para igreja hoje. Tenho algumas coisas a resolver com o pastor antes do culto.

— Eu vou com você. — Marina também se levantou. — Coma bem, querido. Você dormiu de estômago vazio. Não faz bem à saúde ficar tanto tempo sem se alimentar. — A senhora alisou os fios desalinhados de Matt, aproveitando para ajeitá-los.

Quando o casal saiu, o silêncio pairou na cozinha, sendo quebrado apenas por um copo de suco sendo cheio por um deles e depois por uma

mordida em uma torrada crocante.

— Você parece melhor que ontem à noite. — Jenny quebrou o silêncio.

— Me sinto melhor, obrigado. — Sorriu olhando apenas para a amiga. — Na verdade, minha mãe acabou de ligar. Meu pai não piorou. O que é bom, mas os médicos querem repetir os exames agora de manhã novamente.

— Todos nós vamos continuar orando por ele, não é, Dylan? — A garota deu uma cotovelada no namorado, fazendo questão de pronunciar o nome em alto e bom som, para que assim Matt o notasse e até mesmo Dylan dissesse alguma coisa e parasse de fingir que não estava ali.

— Hum, hum — o rapaz concordou com um resmungo.

— Eu agradeço por estarem se preocupando tanto com ele. De verdade, obrigado — Matt olhou para Dylan pela primeira vez.

— Não tem que agradecer. Esse é o nosso dever como cristãos — Dylan se pronunciou, apoiando o braço no encosto da cadeira da namorada.

Uma pontinha de esperança se ascendeu dentro de Jenny, ao ver os dois conversando amigavelmente, coisa inédita até então.

— Por falar em dever, temos que ir, amor. — Dylan se levantou. — Melhoras para o seu pai, Matt.

O outro apenas assentiu, pois estava com a boca cheia.

— Vamos à igreja, você não quer ir com a gente? — Jenny o convidou.

— Eu preciso voltar para o hospital, meu irmão está vindo de Chicago e eu quero está lá quando ele chegar.

— O culto não vai demorar. Vamos, por favor. — Jenny piscou várias vezes como sempre fazia quando queria que ele fizesse algo por ela.

Matt sorriu e depois olhou para Dylan, buscando alguma reação.

— Eu não quero atrasar vocês.

— Temos alguns minutos, podemos te esperar. — O soldado confirmou o convite feito pela namorada.

— Podemos ir todos até o hospital depois. — Jenny deu a ideia.

— Bem, seria legal se vocês fossem. Minha mãe está bastante abalada e creio que uma visita lhe animaria um pouco.

— Combinado, então. Vamos todos à igreja e depois seguimos para o hospital. — Jenny sorriu animada para o namorado.

— Eu não poderei ir. Prometi que almoçaria com meu pai hoje. — Dylan fez uma pausa e respirou fundo antes de continuar. — Ele saiu de casa ontem e não tivemos como conversar ainda a respeito.

— Eu sinto muito, cara — Matt disse sincero.

— Valeu.

Os rapazes se encararam por alguns instantes sob o olhar atento de Jenny.

— Certo. — Matt também se levantou, sem saber como agir diante da nova situação. — Eu fico pronto em um minuto. Devo ter um par roupas limpas no carro.

Assim que ele saiu, Jenny sorriu para o namorado.

— O que foi? Minha boca está suja? — Dylan passou o guardanapo no rosto a fim de limpá-la.

A moça ficou na ponta dos pés para poder deixar um beijo na bochecha do namorado e passar os braços em volta do pescoço dele. — Estou feliz em ver que você está se esforçando para ter uma boa convivência com o Matt.

— É ele quem tem problemas comigo, não o contrário. — Deixou um beijou carinhoso na ponta do nariz dela.

— Não é bem assim e você sabe disso.

O rapaz fez uma careta.

— Estou me esforçando.

— É isso aí!

— Mereço uma recompensa. — Ele sorriu travessamente.

— Amar o próximo é um mandamento, meu amor. Não devemos fazê-lo esperando algo em troca — alfinetou Jenny.

O namorado suspirou resignado.

— Okay.

— Mudando de assunto, como você está depois que seu pai saiu de casa? — Jenny o conduziu até o sofá, que antes era feito de cama, para que pudessem conversar enquanto esperavam por Matt.

— Sinceramente, eu não sei. — Dylan respirou pesadamente. — É triste ver a minha família se desfazendo dessa maneira.

— Se quiser conversar...

— Agora não, se não se importar. — Ele passou o braço pelos ombros dela, a trazendo para mais perto.

— Claro, mas estarei aqui, caso mude de ideia. — Jenny acariciou o rosto do namorado, antes de apoiar a cabeça na curva de seu pescoço.

Eles ainda estavam assim, quando Matt retornou pronto para partirem.

— Vamos? — chamou, atraindo a atenção para si enquanto seguia em direção à saída. — Só uma coisa. — Matt se virou com a chave de seu carro em punho, ficando de frente para eles. — Eu ainda não gosto de você. — Apontou o objeto em sua mão para Dylan. — Só para esclarecer. — Voltou a andar, abrindo a porta em seguida.

Jenny sorriu, pois sabia quando o amigo mentia e estava evidente que algo em Matt havia mudado, fazendo aceitar Dylan. Caso contrário não estaria indo à igreja na companhia deles tão pacificamente.



O culto naquela manhã foi diferente. Principalmente para Matt. A mensagem baseada em João 3-16 falou profundamente ao coração do rapaz. Apesar de frequentar a igreja desde criança com os pais e ouvir frequentemente ministrações sobre aquele versículo, nunca as palavras do pastor tinham mexido tanto com ele.

— Há uma única opção para se garantir a vida eterna: aceitar a oferta feita pelo Autor da Vida. Precisamos apenas entender que a vida eterna não é apenas viver indefinidamente. É arrependimento dos seus pecados e nunca mais cometê-los. Vida eterna é relacionamento. Relacionamento com Deus e seus Filhos!

De cabeça baixa, Matt absorvia cada palavra dita pelo pregador. Seus relacionamentos, tanto com o seu pai terreno como com o Pai celestial nunca tinham sido motivo de orgulho para ele. E agora, com seu progenitor entre a vida e a morte em uma cama de hospital, o fazia ponderar quanto tempo havia desperdiçado sendo um mau filho.

— Você consegue perceber a intensidade do amor de Deus? Você compreende que o Seu amor é incondicional? Você entende que a vida eterna envolve um relacionamento intenso com Deus, seu Pai celestial? Você tem cultivado esse relacionamento?

Matt sabia muito bem que uma das principais forma de nos relacionarmos com Deus era através da oração e da Bíblia Sagrada, já que ela nos apresenta quem é Deus, nos fazendo compreender com quem estamos nos relacionando.

Ele não conseguia se lembrar de quando havia feito isso pela última vez. Tirando, claro, as quarenta e oito horas passadas, quando, em meio ao desespero, clamou a Deus por seu pai. Só que a impressão que tivera era que sua oração não tinha passado do teto, dada a falta de intimidade.

A congregação foi convidada a ficar em pé, enquanto o coral entoava um louvor tema da mensagem. Jenny fechou os olhos, esquecendo-se de todos ao seu redor e contando juntamente com as vozes afinadas do coro. Seu coração transbordava de gratidão pelo sacrifico de Jesus na cruz do calvário, sendo todos tão imerecedores daquela poderosa graça.

Quando o louvor terminou e Jenny abriu os olhos, teve que firmar a visão para poder ter certeza do que via.

Matt estava prostrado em frente ao altar, com Dylan ao seu lado.



— Ah! Eu estou tão feliz! — A mãe de Matt o abraçou forte quando soube da decisão do filho.

Simon, Marina e Jenny tinham o acompanhado até o hospital depois do culto. Quando chegaram, se depararam com a segunda alegria do dia. Uma confusão nos resultados dos exames fizera o senhor Cooler ser diagnosticado erroneamente pelos residentes. O que seria apenas uma intoxicação alimentar, se transformou em um grave distúrbio gastrointestinal. A medicação errada contribuiu para seu agravamento clínico, porém toda a situação havia sido contornada durante a manhã, quando descobriram que os exames, na verdade, eram de um paciente com sérios problemas estomacais, que havia dado entrada na emergência pouco antes que ele.

— Você fez a melhor decisão de sua vida, meu filho — o pai de Matt disse igualmente emocionado.

Matt o abraçou, prometendo a si mesmo que a partir daquele dia seria um filho melhor do que havia sido ao longo dos anos.

— Esses estagiários poderiam ter te matado! — disse Matt furioso, só em pensar no que poderia ter acontecido se não tivessem repetido todos os exames e descoberto o erro.

— Mas isso não aconteceu e o quadro já foi revertido, graças a Deus — disse Simon, feliz por seu amigo estar bem.

— Eu bem que estranhei. Tantos residentes junto não poderia sair coisa boa. — Matt ainda não se conformava. — Podemos processá-los.

— Não vamos fazer isso — sua mãe o repreendeu. — Eles pediram mil desculpas. Quem não erra nesse mundo?

— Ficamos felizes em saber que está bem, senhor Cooler. Intercedemos muito em seu favor durante essa noite — disse Jenny emocionada.

— As orações foram respondidas. Obrigado.

— Com licença. — Uma enfermeira entrou no quarto, atraindo a atenção de todos. — Hora de repor o... — A jovem vacilou um passo antes de parar completamente, encarando os dois rostos conhecidos presente no quarto.

Tudo ao redor de Jenny pareceu ficar em câmera lenta após reconhecer Ashley. Lembranças da noite do baile lhe vieram à mente, cortando o seu coração novamente ao recordar das palavras maldosas que ouvira no banheiro do ginásio.

No entanto, o que mais lhe afetava naquele instante, não era as tais palavras ou até mesmo a sua participação na aposta, mas sim o fato de aquela garota e Dylan terem sido tão íntimos na época em que namoravam.

Seu estômago embrulhou ao se recordar das inúmeras vezes que vira os dois se agarrando pelos corredores do colégio e até mesmo no baile, sem falar dos planos que Ashley tinha para depois da festa de formatura, que ela sabia que havia sido consumado.

Antes que as lágrimas explodissem como cascata em seu rosto, Jenny pediu licença, saindo do quarto às pressas.

Ela andou rapidamente até encontrar a saída mais próxima que dava para o estacionamento. O aperto no peito dificultava o ar entrar nos pulmões, porém, quando sentiu a brisa tocar sua face, respirou fundo tentando acalmar o furacão dentro de si. Jenny sabia muito bem que o namorado tinha um passado com outras mulheres, porém não achou que se deparar com qualquer uma delas um dia fosse lhe afetar naquelas proporções.

— Você está bem? — Matt saiu logo em seguida.

— Eu só precisava de um pouco de ar fresco. — Limpou as lágrimas antes que ele as visse.

— Até eu precisaria se estivesse no seu lugar. — Se posicionou ao lado dela. — Mas, se serve de consolo, ela não está tão bonita como na época do colégio.

— Até parece. — Jenny encostou-se em um carro, cruzando braços para se aquecer. — Ela está linda.

— É sério! Eu sou mais você. — Matt também se apoiou ao carro. — Aposto que o Dylan acha o mesmo.

— Chega de apostas.

Matt gargalhou.

— Seria cômico se não fosse trágico.

— Eu percebi hoje no café o quanto você foi diferente com o Dylan.

A moça olhou para o amigo, certa que veria alguma careta de negação. No entanto, Matt ficou sério, demostrando sinceridade.

— Talvez eu tenha mudado o meu julgamento quanto ao seu soldadinho. — Revirou os olhos, reassumindo seu habitual desapreço em relação ao rapaz.

— Assim, do nada? — Jenny indagou cética.

O conhecendo bem, sabia que ele não nunca mudava de opinião tão facilmente.

— É tão difícil de acreditar? — Matt sorriu de lado, chutando um pedregulho.

— Para falar a verdade, sim.

— Não era isso que você queria?

— Era — Jenny ficou de frente para ele —, mas gostaria de saber o que aconteceu.

O rapaz ficou em silêncio por um tempo, ponderando se deveria relevar a conversa que ouvira entre Ashley e Dylan no dia anterior na cafeteria do hospital. Porém, por não saber como a amiga reagiria ao saber do encontro entre os dois, preferiu ficar calado.

Matt sorriu, mal acreditando que estava preferindo proteger o namoro da amiga, do que delatar o rapaz. O que, aliás, era o que mais almejava um dia antes. Se ela tinha que saber, seria pelo soldado e não por ele. Já estava na hora de aceitar e seguir em frente.

— A única coisa que precisa saber é que vocês têm a minha bênção. — Sorriu de lado.

— Isso é sério? — Matt assentiu. — Ah! — Jenny o abraçou forte, aliviada por finalmente o amigo ter baixado a guarda. — É tão bom ouvir isso finalmente!

Quando ela se afastou, Matt segurou a mão dela.

— Ele ainda não te deu um anel? — indagou ao perceber que ela não usava um, já que estava noiva.

— Não. Por que ele me daria um? — Ela franziu o cenho. — Ainda não estamos noivos.

Filho da mãe!

— Claro. — Matt sorriu percebendo que tudo não tinha passado de uma jogada de Dylan, para despistar um novo encontro com Ashley. — Bem, se esse namoro der em alguma coisa, eu quero ser o padrinho.

— Jura? — A voz de Jenny embargou ao ouvir tais palavras vinda do amigo.

— Eu te amo, Jenny, e isso nunca irá mudar. — Matt deu um longo suspiro. — Você sempre foi a minha melhor amiga, sem se importar com esse meu jeito de ser. E se está certa que quer isso para sua vida, eu vou te apoiar. Afinal, é isso que os amigos fazem, não é? — Sorriu fracamente.

— Obrigada. Seu apoio significa muito para mim.

— Então vamos esquecer tudo que se passou e recomeçar.

Jenny concordou e em seguida o abraçou. Seu coração mal se aguentava de regozijo por, finalmente, ter seus melhores amigos ao seu lado, como sempre fora.



Capítulo 45

Maio de 2006 – Madison, Wisconsin – EUA.

Marina e Dylan cochichavam quando Jenny se aproximou. A garota usava um vestido verde evasê na altura do joelho e calçava uma sandália de salto alto, que havia surrupiado do armário da mãe. Naquela noite, ela e o namorado teriam um jantar especial para comemorar o fim do tratamento do rapaz e, consequentemente, sua despedida, já que se mudaria para Madison onde trabalharia na base.

— Uau, você está linda! — Dylan se adiantou para ajudá-la a descer os dois últimos degraus da escada.

— Estou vestida adequadamente? — perguntou, já que ele fez questão de levá-la ao restaurante mais sofisticado da capital do Wisconsin.

— Está perfeita. — Deixou um beijo terno nas mãos da namorada e em seguida outro em sua testa.

— Se cuidem, vocês dois — Marina recomendou, trocando um sorriso cúmplice com o genro.

— Pode deixar. — Dylan entrelaçou o braço de Jenny ao dele, enquanto a guiava para fora da casa.

O cheiro das flores na varanda os cumprimentou assim que saíram para a noite de céu estrelado de maio.

— O que tanto você e minha mãe conversavam? — Ela quis saber quando entraram no carro.

— Ah, nada importante. — Dylan esboçou um dar de ombros, indiferente. — Marina só estava fazendo as recomendações como de costume.

— E precisava ser cochichando?

— Estávamos cochichando? Para mim ela estava falando bem normal. — Dylan olhou de relance para a namorada, que parecia não acreditar muito no que ele falava. Por via das dúvidas, tratou de mudar de assunto rapidamente. — Eu ainda não estou acreditando que acabou o tratamento e que daqui a duas semanas volto ao trabalho.

O comentário empolgado do namorado incomodou Jenny o suficiente para azedar o seu humor. A jovem não estava conseguindo lidar com a ideia de que teriam que morar em cidades distintas, mesmo a distância sendo tão pouca. Imaginar como seria dali para frente com a mudança dele causava-lhe uma aflição de tal maneira, que não conseguia disfarçar seu descontentamento.

— Eu achei que você estava feliz por mim — disse ele ao perceber a falta de entusiasmo da namorada.

— Eu estou. — Jenny forçou um sorriso, mas ele não chegou aos olhos.

— Estaremos a apenas vinte minutos de distância um do outro. Podemos nos ver todos os dias se quisermos. — Dylan segurou a mão dela, ciente do quanto aquilo tudo era difícil para ela.

— Nós dois sabemos que isso não será possível. — Entrelaçou seus dedos aos dele, querendo aproveitar cada minuto que ainda tinha ao seu lado. — Nossos horários nem sempre serão compatíveis.

— Daremos um jeito, meu amor. — A puxou para que ela ficasse mais perto.

Durante todo o trajeto, Jenny preferiu ficar calada e observar o céu mudar de cor à medida que a noite se aproximava. Tinha a impressão que se falasse qualquer coisa, cairia no choro por causa do nó preso em sua garganta.

No jantar não foi diferente, e o que era para ser uma comemoração se tornou em uma verdadeira tortura para a moça. Disfarçar o que sentia nunca fora o seu forte, mas Dylan parecia não notar, ou simplesmente estivera fazendo vista grossa o tempo todo para não se chatear com o mau humor da namorada. O que a fez estranhar o comportamento dele, já que era sempre tão preocupado com seu bem-estar.

— Quero te levar em um lugar — disse Dylan, assim que retornaram para o carro.

— Eu não estou me sentindo bem. Gostaria de ir direto para casa. — Jenny rejeitou o convite.

Dylan comprimiu os lábios, respirando fundo, a fim de manter a calma.

— Não foi uma pergunta — disse demostrando o seu descontentamento. — Eu quero muito que você veja algo. Prometo que será rápido. — Pôs o carro para andar antes que ela protestasse mais uma vez.

— O que é? — ela indagou, a contragosto, ao ver que ele pegava um caminho desconhecido.

Dylan não desviou os olhos da estrada.

— É uma surpresa.

— Eu não gosto de surpresas — a moça murmurou, concentrando sua atenção na janela.

— Dessa você irá gostar.

A confiança de Dylan a fez olhar para ele.

— O que está aprontando? — Quis saber ao ver o namorado segurar o riso por finalmente ter ganhado sua atenção.

— Se eu te falar, não será mais surpresa. — Sorriu, piscando para ela.

Alguns quilômetros depois, Dylan estacionou o carro em frente a um parque.

— É aqui? — Jenny olhou ao redor, sem conseguir ver nada de especial.

— Não — ele se inclinou, tirando uma echarpe de dentro do porta luvas —, mas estamos perto. Então, quero que você coloque isso nos olhos.

— Por que tenho que me vendar?

— É só por alguns instantes, eu prometo.

— Você não vai me matar e depois abandonar meu corpo na periferia da cidade, vai? — gracejou, atendendo ao pedido dele.

— É isso que pensa sobre mim? — Dylan se fez de ofendido, ajudando amarrar a venda. — Não se preocupe, preciso de você viva. — Deixou um beijou demorado no pescoço da moça.

— Dylan... — Jenny sussurrou sentindo o local do beijo formigar.

— Me desculpe, não resisti. — O ouviu sorrir.

O rapaz voltou a dirigir e mesmo com os olhos vendados, ela percebeu que viraram em duas esquinas antes de pararem novamente.

— Não tire a venda ainda. Vou te ajudar a sair do carro.

— Tudo bem.

Dylan saiu para abrir a porta dela, guiando a namorada por uma calçada. Depois a orientou a subir um lance de escadas. Jenny ouviu o tilintar de chaves e logo em seguida uma porta sendo destrancada e aberta. O soldado a conduziu novamente por alguns metros, antes de desvendá-la.

— Que lugar é esse? Podemos estar aqui? — ela perguntou receosa, ao perceber que estava dentro de uma casa decorada e mobiliada.

— Claro que podemos. — Dylan ficou de frente para ela e sorriu. — Essa casa é nossa, meu amor.

— Nossa? — Jenny examinou o local novamente antes de voltar a olhar para ele.

— Bem, inicialmente será minha. Morarei aqui quando me mudar. Mas eu a comprei pensando em nós. Esse será o nosso lar quando nos casarmos. — Sorriu arrebatadoramente.

O coração dela se aqueceu, como sempre acontecia quando o ouvia fazer planos sobre o futuro. E agora, vendo aquela casa, era como se aos poucos o que antes era apenas um sonho tomasse forma de realidade.

— Ela é linda. — Pela primeira vez naquela noite, Jenny sorriu com sinceridade, arrependendo-se de ter agido com tanta repelência até aquele instante.

— É pequena, mas acho que é o que precisamos por enquanto. Meu pai me ajudou a encontrá-la e minha mãe mobiliou e decorou — disse enquanto a tomava pela mão, para mostrar os detalhes. — Você poderá mudar tudo depois, se preferir. Eu disse a ela que gostaria que você decorasse do seu jeito, mas você conhece a minha mãe. Ama estar no controle de tudo!

— Está perfeita — falou apreciando o lugar com minúcia. — Devo admitir, sua mãe tem bom gosto.

— Pelo menos para decoração. — Os dois riram. — Vem, quero te mostrar tudo.

Dylan mostrou cada cômodo da casa, tão empolgado quanto uma criança em uma loja de brinquedos, contando como fizera para que ela não descobrisse sobre o imóvel antes do tempo e de como estava feliz por finalmente estar revelando aquela surpresa.

— Por último e não menos importante... — Fez suspense antes de abrir a porta da suíte principal. — O nosso quarto.

Diferente de todos os outros cômodos, aquele não possuía mobília alguma. Porém, espalhado pelo chão se encontrava dezenas de pequenas velas acessas e pétalas de rosas, deixando apenas um corredor que terminava na pequena sacada. Sem palavras, Jenny deixou ser conduzida para dentro do aposento.

Sem aviso prévio, Dylan se ajoelhou sobre um dos joelhos, segurando as mãos dela e pegando-a de surpresa com o gesto inesperado.

— Jenny Parker, você sabe como eu te amo e como desejo passar o resto dos meus dias ao seu lado. — Sorriu, revelando o brilho travesso característico dos seus olhos. — Aceita se casar comigo e me aturar pelo resto dos seus dias?

O coração de Jenny saltava dentro do peito, enquanto encarava o amor da sua vida a fitando com tanta expectativa. Naquele breve momento, um filme passou diante dos seus olhos e ela só conseguia pensar em como todos aqueles anos de espera e oração havia valido à pena.

— Só se você prometer me suportar nos meus piores dias, que já te adianto, serão muitos!

— Como hoje? — Ela concordou envergonhada e os dois riram. — Eu prometo.

— Então sim, eu aceito me casar com você — respondeu emocionada.

Dylan tirou uma caixa pequena do bolso, revelando um anel delicado, cravejado com um pequeno brilhante. Ela estendeu a mão trêmula e ele colocou o anel no dedo de Jenny, depositando um beijo terno sobre a joia. Em seguida, levantou-se e passou os braços em volta dela, puxando-a para perto.

— Eu amo você, Jenny — sussurrou em seu ouvido. — E te amarei para sempre.

Ela fechou os olhos e deixou as palavras de Dylan penetrarem em sua alma.

— Eu também amo você, Dylan — disse na mesma intensidade. — Para sempre.

Quando se afastaram, Jenny o encarou, imaginando que um beijo seria perfeito para selar aquele momento. Afinal, eles iriam se casar! Será mesmo que seria necessário se privar assim, tão radicalmente? Tinham convicção que ficariam juntos pelo resto dos seus dias e sabiam que era a vontade de Deus também.

Dando um passo a diante, fitou os lábios do noivo.

Dylan engoliu em seco e afastou uma mecha do cabelo dela que caía sobre o rosto, sentindo o coração bater um pouco mais forte.

— Não devemos — sussurrou, passando o polegar sobre sua bochecha e depois nos lábios carnudos da namorada. Teve que reunir todas as suas forças para não diminuir o curto espaço que existia entre eles. A essa altura, já estava ficando difícil respirar regularmente, mas cada célula do seu corpo a queria ali, junto a ela. — Ainda não. — Suspirou, afastando-se.

Usando todo o seu alto controle, Dylan dirigiu-se para a sacada, buscando qualquer outra distração no movimento da rua. Estar ali a sós com Jenny havia começado a despertar um lado seu a qual lutava constantemente para conter.

— Eu quero muito, Jenny, e Deus sabe o quanto. — Ela se aproximou, ficando ao seu lado. — Mas não sou confiável.

— Tudo bem. Me desculpe — pediu envergonhada.

Dylan sorriu, ao ver as faces da noiva ruborizar.

— Além do pedido de casamento, tenho duas propostas para você. Um: A gente faz um casamento com muitos convidados, uma grande festa e casamos daqui a uns seis meses para dar tempo de organizar tudo. Ou dois: Fazemos algo simples só para a família e os amigos mais chegados. Trinta pessoas no máximo. Assim eu te trago comigo para Madison, como a minha esposa, quando me mudar para cá.

A segunda opção soou tentadoramente aos ouvidos de Jenny. O estômago gelou, despertando as borboletas que dormiam confortavelmente por lá há algum tempo.

— Eu sempre quis ter um casamento pequeno — respondeu, surpreendendo-o.

— Eu jurava que você escolheria a primeira opção! Afinal de contas, vocês mulheres sempre sonham com esse dia, a festa e tudo mais. — Seu comentário a fez sorrir.

— Se tem uma coisa que eu aprendi com o casamento da minha mãe e do Simon, juntamente com toda a correria estressante que tiveram, é que não há nada melhor que um casamento pequeno.

— Então nos casamos em duas semanas? — perguntou com o coração transbordando de expectativa.

— Para mim parece perfeito! — ela respondeu convicta.



Capítulo 46

Vinte de maio de 2006 amanheceu perfeitamente ensolarado, apesar dos dezessete graus de temperatura. As árvores pareciam mais verdes, o canto dos pássaros mais afinados e os corações de Jenny Parker e Dylan Fox ainda mais apaixonados.

Naquela data, eles se tornariam um. Selariam para sempre os seus destinos através do matrimônio. O amor havia crescido e se solidificado no decorrer do tempo e a certeza que tinham a cada dia, era que não queriam viver mais um minuto se quer sem o outro. Estavam cientes que o casamento não era viver feliz para sempre como os contos de fadas dos livros infantis e já tinham provas o bastante que com eles não seria diferente, dadas as intermináveis divergências que surgiam a todo instante. Porém, o amor deles estava baseado em algo mais forte. Deus. E isso era a evidência que precisavam para saber que duraria até que a morte os separasse.

Os noivos haviam optado por um casamento simples. Cadeiras haviam sido dispostas próximas a uma grande árvore no quintal de Jenny. A família do Noah estava lá, assim como a de Ethan, Bruce e Adam. Com Jenny a seu lado, Dylan tinha finalmente visitado todas as famílias de seus amigos tombados em batalha. Ainda havia um longo caminho a ser percorrido em relação aos Thompson, porém, vê-los ali com o neto do colo e o quanto se esforçavam para ter Léxis sempre por perto, fazia crescer a esperança e a certeza que estavam na direção certa.

— Você está tão linda! — Marina se desmanchou em lágrimas ao ver a filha com a maquiagem e o penteado prontos.

— Não me faça chorar! — a noiva a advertiu tentando não se emocionar. — Me ajuda a pôr o vestido — pediu em uma vã tentativa em controlar as lágrimas.

Marina auxiliou a filha e, enquanto analisavam o resultado no espelho, Darla entrou no quarto segurando uma caixa pequena nas mãos.

— Oh, querida, você está linda! — Levou as mãos ao peito emocionada.

— Obrigada — a noiva agradeceu surpresa. Nunca havia visto a sogra se dirigir a ela com tamanho carinho.

— Tenho um presente para você — disse apontando para a cama, convidando-a a se sentar. — Conhece a antiga tradição de casamento do Algo velho, algo novo, algo emprestado, algo azul?

— Sim. — Jenny sorriu entusiasmada

— O que tenho aqui para você é algo velho e algo azul. — Abriu a caixa revelando um par de brincos cravado com uma linda pedra azul. — Foi da minha bisavó, depois da minha avó e da minha mãe. Usei no meu casamento e agora quero que ele seja seu — disse com a voz embargada, estendendo a joia.

— Tem certeza que quer que eu use?

— Claro! Não quero que use apenas, mas agora ele é seu. — Colocou os brincos nas mãos dela.

— Não sei se devo aceitar algo tão valioso.

— Por favor, eu insisto. Deveria ser da minha filha, mas só tive o Dylan. Então ele deve ser seu, assim permanecerá na família.

Jenny olhou para sua mãe em busca de orientação. Marina sorriu e assentiu, indicando que ela deveria aceitar.

— Obrigada. — Jenny voltou a olhar para Darla e a abraçou.

A senhora demorou um pouco, mas retribuiu o abraço um pouco sem jeito.

— Que o casamento de vocês seja mais feliz do que o meu foi — disse a sogra, ao se afastar. — E me desculpe se alguma vez eu te chateei com meus murmúrios sobre a vida conjugal ou dei a entender que não gostava de você.

— Tudo bem. — Jenny sorriu afetuosa. — Eu sei que manter um casamento não é fácil. Espero que um dia você e o senhor Fox se conectem outra vez.

— Isso não vai acontecer, mas obrigada por sua preocupação — disse taxativa, enxugando o rosto e se levantando.

Em seguida, andou até onde a mãe da noiva estava, olhando-a com receio.

— Marina, parece que o destino está nos unindo novamente. — Deu um sorriso fraco. — Eu sei que fui uma péssima pessoa durante todos esses anos e que não mereço o seu perdão, mas eu gostaria muito que, se possível, você me perdoasse por todo o mal que causei a você e ao James. Eu sinto muito mesmo.

As duas mulheres se olharam por alguns instantes em silêncio.

— Eu acho que nunca senti raiva de você pra valer. — Marina sorriu, tocando o braço da outra. — Amigas, então? — Abraçaram-se, reatando a amizade há tempos perdida.



Quando Jenny se viu sozinha em seu quarto foi que a ficha realmente caiu.

Ela e Dylan se casariam em poucos minutos.

A calma que sentia até então foi substituída por um nervosismo sem precedentes. Pela janela do quarto era possível ver o seu futuro esposo recepcionando os convidados no jardim. Ele trajava um uniforme de gala feito sob medida e especialmente para a ocasião. Sorriu ao vê-lo tão feliz.

Desviando os olhos para a cabeceira da cama, seu coração se encheu de paz e gratidão por Deus tê-lo preparado para ela. Não havia sido fácil o tempo de espera. Porém, ele finalmente estava ali, pronto para se tornarem uma só carne.

— Amiga, está na hora. — Léxis entrou no aposento para buscá-la.

— Poderia chamar o Dylan?

— Não! Dá azar o noivo ver a noiva antes da cerimônia. — A amiga se recusou a atender o seu pedido.

— Eu preciso falar com ele — Jenny choramingou.

— Você quer desistir? — Léxis arregalou os olhos.

Jenny sorriu.

— Não! Só preciso fazer algo. Ele ficará do outro lado da porta, prometo. É muito importante. Por favor — suplicou.

— Tudo bem. — Léxis cedeu ao apelo. — Eu, Matt, Carlton e Nicole te esperaremos no altar.

Assim que Léxis saiu, Jenny pegou a gravata colorida, sua companheira de oração, que naquele dia parecia reluzente. Os seus olhos marejaram mais uma vez enquanto fitava o objeto, recordando de todas as suas aflições quanto ao seu futuro e das diversas vezes em que achara estar

perdendo seu tempo orando por algo assim. Ali, naquele momento, ela tinha plena convicção: havia valido à pena cada minuto da sua espera.

Momentos depois, batidas soaram na porta do quarto, seguida da voz grave e firme de Dylan.

— Meu amor. Estou aqui, mandou me chamar?

— Sim — respondeu, encostando-se à porta sem abri-la.

— Você está bem? — perguntou preocupado.

— Estou. Na verdade, estou mais nervosa do que achei que estaria e...

— Não quer desistir de tudo agora, quer? — Dylan a interrompeu apreensivo.

— Não! Casar com você é tudo o que eu mais quero. — Ela fez uma pausa antes de continuar: — Queria orar com você antes da cerimônia.

— Claro! — Dylan limpou a garganta, emocionado. — Posso fazer essa oração?

— Eu esperava que dissesse isso.

Dylan girou a maçaneta, abrindo uma pequena fresta e estendeu a mão pela porta. Do outro lado, Jenny estendeu a mão, segurando a gravata. Dylan não pode evitar o choro, misturado ao riso quando viu o objeto.

Os dois corações se aqueceram no mesmo instante que as mãos se tocaram, encaixando-se perfeitamente.

Dylan pronunciou uma bênção sobre eles, pedindo que Deus fosse o centro do seu lar, do seu casamento, de suas finanças e da família que formariam juntos. Orou por sua futura esposa, assim como ela fizera por ele durante anos de sua vida. Ambos choraram juntos reconhecendo como Deus havia planejando perfeitamente aquela ocasião.

— Te espero no altar, minha linda. — Dylan depositou um beijo terno na mão da amada.

— Quero que fique com ela.

O coração da moça palpitou forte quando ouviu o riso de seu futuro marido mais uma vez, retirando a gravata de sua mão.

Aquele ciclo havia se fechado, e o propósito, encerrado. Da próxima vez que se vissem, seria para selarem seus destinos para sempre.



Jenny saiu para a tarde fresca, atraindo a atenção dos poucos convidados ali presente. Eli, o homem que ela tinha como pai desde que

James havia morrido, a guiaria até o altar. Sob seus pés, a grama verde ladeada de pétalas de rosas a conduzia direto para o arco de flores e voil lilás esvoaçante debaixo da árvore no centro do seu jardim. Sob o arco decorado estava seu noivo, vestindo um uniforme elegante, esperando, exatamente como havia prometido.

Ela fitou Dylan como se fosse apenas os dois naquele lugar testemunhando as promessas de Deus se cumprindo em suas vidas. As dores, choros e frustrações eram apenas lembranças distantes. Daquele em dia em diante ambos desfrutariam de um tipo de felicidade diferente, não porque teriam um ao outro para sempre e sem reservas, mas porque haviam entendido que Deus era a verdadeira felicidade e base daquele relacionamento.

Carlton e Nicole, Matt e Léxis estavam posicionados em seus lugares no altar. Os amigos sorriam igualmente emocionados. Quando Jenny chegou até eles, Léxis pegou o buquê das mãos da amiga e voltou para o lado de Matt. Eli abraçou a filha postiça antes de entrega-la a Dylan.

Durante a cerimônia, o pastor falou sobre a santidade da união conjugal e depois se seguiu a troca de alianças. Dylan olhou para o pastor, que assentiu, dando permissão para algo combinado anteriormente. Então, o noivo colocou a mão no bolso e tirou de lá a gravata colorida de Jenny. Ela sorriu emocionada quando Dylan segurou suas mãos, entrelaçando os seus dedos aos dela, deixando a gravata no meio, assim como Jenny fizera quando disse que o amava pela primeira vez e momentos antes da cerimônia, quando oraram juntos.

Virando-se para Carlton, Dylan estendeu a mão, pedindo a aliança.

— Que aliança? — brincou o amigo.

— Carlton!

— Relaxa, cara, — Riu alto, enquanto Nicole empurrava a cadeira de rodas do marido, aproximando-se para entregá-la.

O noivo repetiu as palavras ditadas pelo pastor e colocou a joia dourada no dedo de Jenny. Levou a mão dela aos lábios e selou a promessa com um beijo na aliança.

Em seguida foi a vez da noiva, virou-se e lá estava a mão de Matt estendida, entregando a aliança para ela. Pegou-a, sorriu para o amigo e repetiu as palavras do pastor. Pôs a aliança no dedo de Dylan, acariciando o objeto preciosos e cheio de significado.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Jenny sentiu a respiração ficar presa nos pulmões. Parecia que o mundo inteiro havia subitamente ficado em silêncio. Os convidados os

observam com expectativa, pareciam tão ansiosos quanto o casal de pé no altar.

Lentamente, Dylan virou para olhar para ela e a encarou como alguém que se apaixona à primeira vista. Em seguida, aproximou-se, escorregou uma das mãos pelo rosto dela até entrelaçar os dedos no cabelo ruivo e macio. Jenny fechou os olhos e esperou, mas antes de unir seus lábios ao dela, Dylan retirou o quepe de sua cabeça, tampando o rosto de ambos a fim de terem privacidade e a plateia reclamou. Porém, assim que sentiu a maciez dos lábios da amada o recebendo, desistiu da ideia, jogando o objeto para longe. Aplausos e assobios tomaram conta do jardim, enquanto eles davam o seu primeiro beijo.

Jenny se afastou envergonhada, mas nem sua timidez poderia ser capaz de interferir naquela ocasião tão solene. Assim como o Salmista havia declarado um dia, aquele era o momento em que seu pranto se transformava em dança, a sua veste de lamento em veste de alegria e o seu coração exultava louvores. A partir daquele dia, Jenny Parker e Dylan Fox se dedicariam um ao outro e juntos glorificariam de Deus.



Epílogo

Julho de 2010 - **Madison, Wisconsin – EUA.**

— "Apesar disso, esta certeza eu tenho: viverei até ver a bondade do Senhor na terra. Espere no Senhor. Seja forte! Coragem! Espere no Senhor."

Aplausos ecoaram pela livraria localizada no centro de Madison, assim que Jenny Fox finalizou a leitura do Salmos 27:13-14, texto base do seu livro: *Orei por Você*.

Ela sorriu emocionada para cerca de cem garotas ali presentes. Seu coração transbordava de contentamento em saber quantas meninas estavam sendo alcançado com o seu testemunho.

Ao se levantar da poltrona em que estava sentada, avistou o esposo próximo à porta, com a filha de dois anos no colo, indicando que havia acabado de chegar. Ele ainda trajava o seu uniforme e em uma das mãos sustentava um buquê de flores do campo, as preferidas da esposa.

Jenny pediu licença, enquanto as moças se organizavam para a sessão de autógrafos, indo em direção das duas pessoas mais importantes de sua vida.

— Desculpe o atraso, amor. — Dylan foi logo se desculpando ao ver o olhar da esposa à medida que ela se aproximava. — Fiquei preso no trabalho. — Se inclinou para lhe dar um selinho, entregando as flores em seguida.

— Não venha tentar me comprar com beijos e flores. — Jenny acariciou os cabelos da filha, que dormia no ombro do pai. — Você perdeu a melhor parte!

— Vocês já comeram? — Jenny revirou os olhos com o comentário do marido.

— Não! A leitura.

Dylan franziu a testa.

— Mas eu já li o seu livro — provocou e sorriu em seguida.

— Olá, pombinhos! — Léxis interrompeu o casal. — As meninas já estão na fila para os autógrafos e eu serei a primeira. — Entrelaçou seu braço ao da amiga. — Mal posso esperar para ganhar a minha gravata. — Deu um gritinho eufórico.

— Quem te viu e quem te vê, hein? — Dylan alfinetou a jovem. Essa havia se tornado sua especialidade quando se tratava dos amigos da esposa, agora seus melhores amigos também. — Quando essa caretice conquistou o seu frio coração? — Dramatizou só para implicar.

— Vai ver se eu estou na esquina, Dylan. — Léxis revirou os olhos, puxando Jenny para longe.

— Amor, o Carlton e a Nicole estão ali com o Matt. Espere por mim lá, eu não demoro.

Jenny foi em direção à mesa de autógrafo enquanto o esposo e a filha se juntavam aos amigos em um canto mais afastado, onde eles já se serviam do coquetel.

Mais tarde, quando todas as garotas já haviam ido embora, a escritora se juntou a eles, que a recebeu calorosamente.

— Obrigada por terem vido e ficado até agora — agradeceu gentilmente. — Significa muito para mim. — Sentou-se ao lado de Dylan.

— Seu livro ficou incrível — Carlton elogiou. — E como um personagem importante dessa história, eu precisava prestigiar esse momento.

— Realmente, você está de parabéns. Tenho certeza que esse testemunho edificará muitas vidas — disse Nicole, acariciando sua barriga de sete meses de gestação.

— Não foi assim que aconteceu! — Matt, que estava concentrado na leitura de um dos capítulos do livro, se pronunciou encarando-o: — *"Sabe qual é o seu problema, Jey? Você sempre tem a mania de espiritualizar tudo. Eu venho aqui cheio das boas intenções, abro o meu coração, falo que te amo e tudo que você faz é me chamar para orar a respeito? Acha que isso é necessário? Acha mesmo que Deus está interessado em responder algo assim, tão sem importância"* — leu um trecho. — Tem certeza que eu disse isso? — Olhou para a amiga, indignado.

— Cada palavra!

— Eu não sabia que você tinha dado um soco no Dylan. — Carlton comentou, pegando o livro e abrindo na parte que relatava essa proeza do rapaz. — Assim como eu bati nele com uma bíblia. — Todos riram, até mesmo Dylan.

— Esse foi o ponto alto da minha vida. — Matt riu, virando-se para Dylan. — Relembro esse momento hilário todos os dias.

— Deve ter sido hilário mesmo ser preso por isso. — Dylan implicou.

— Valeu a pena. — O outro deu de ombros, orgulhoso.

— Mas eu fiquei com a garota. — O soldado puxou a esposa para os seus braços, sorrindo vitorioso para o amigo, que pouco se importou com o comentário.

— Por falar em garota, como vai a Emma, Matt? — Jenny tratou de mudar o rumo da conversa.

— Não sei. — O amigo deu de ombros mais uma vez, se ajeitando no assento. — Não a vejo há meses.

— Como assim?

— Não deu certo — disse como se os seis meses de namoro com a moça não tivesse sido importante.

— Assim como não deu certo com a Jéssica, com a Amy... — Léxis entrou na conversa, enumerando os relacionamentos fracassados do rapaz nos últimos quatro anos.

— É porque não eram as garotas certas para mim — ele tentou justificar.

— Ou você está fazendo tudo errado. — Carlton se manifestou. — Se quiser, podemos conversar mais a respeito. — Sorriu travessamente.

— Nem vem, guru do amor. — Matt declinou a proposta. — Não estou tão desesperado como o soldadinho aqui estava.

— Bem, eu só sei que agora eu desencalho — Léxis brincou, girando no ar a gravata que viera junto com o livro da amiga.

Todos riram. Mas, apesar da brincadeira, ela falava sério. Há anos pedia a Deus um companheiro para dividirem juntos as lutas da vida. Sem falar que seu filho, agora com seis anos, necessitava de uma figura paterna.

— Carlton, você ainda não nos contou sobre o novo tratamento — Dylan perguntou ao amigo.

— Ah, não deu em nada, de novo. — Deu um longo suspiro.

Nicole acariciou as costas do esposo, ciente de como aquilo já havia frustrado o casal.

— Sinto muito — Jenny falou com pesar.

— Eu não. — Carlton sorriu. — Percebi uma coisa em todo esse processo. Essa é a vontade de Deus e devo aceitar. — Segurou a mão de Nicole, olhando-a com ternura. — Ele sabe o que faz, ou talvez ainda não é o seu tempo. — Voltou sua atenção aos demais e sorriu novamente. —

Aprendi que nem todas as coisas são como queremos. Muitos pensam e planejam a vida, fazem projetos, sonham... Não há nada de errado em fazer isso. A questão principal que temos que observar é de como fazemos. Crescemos em meio de uma geração imediatista, queremos tudo para agora, seja uma resposta ou até mesmo os acontecimentos. Nem sempre as coisas são do jeito que imaginamos. Temos que projetar, planejar e também viver, mas o mais importante não pode ficar de fora, que é Cristo. Quer ter sucesso na sua vida profissional, sentimental, financeira? Buscai primeiramente a Deus. Procure estar sempre debaixo da promessa e vontade de Cristo, com certeza, te garanto que será muito melhor. Sua vida nunca será a mesma após tomar esta atitude.

Todos permaneceram em silêncio depois de Carlton terminou de falar, como se refletisse em suas próprias batalhas internas.

— Ao tempo de Deus! — Dylan pegou seu copo, que estava sobre a mesinha posicionada no meio deles.

— Ao tempo de Deus! — Os demais se juntaram a ele, em um brinde.

Fim!



Agradecimentos

"Dou graças a Cristo Jesus, nosso Senhor, que me deu forças e me considerou fiel, designando-me para o ministério" (1 Timóteo 1:12)

A gratidão é uma das qualidades mais nobres do ser humano. E, nesse momento, meu coração transborda em agradecimentos a Deus, pois sei que esse livro não veio de mim, mas diretamente do coração dEle para vocês e eu fui apenas um canal.

Agradeço às pessoas que cruzaram o meu caminho durante essa longa caminhada até concretizarmos esse sonho:

Ao meu esposo, mesmo nunca tendo lido o que eu escrevo, me considera uma ótima escritora e acha que eu posso ficar rica vendendo meus livros.

A minha grande amiga Maina Mattos que foi uma incrível beta e conselheira, que lia meus capítulos durante a madrugada e me apontava falhas no enredo. Não sei se o livro seria tão perfeito sem suas orientações de ouro.

A Clys, nossa revisora oficial, por seu toque final e suas dicas para melhorar a escrita. Você me ajudou muito a crescer como escritora.

As leitoras do Wattpad, vocês são incríveis! Quantas amizades surgiram a partir desse livro. Obrigado pelo apoio e incentivo para que ele saísse dos limites da plataforma e alçasse novos voos, graças todas as resenhas e "panfletagem" para as amigas – especialmente do Canal Real de Hawis, que me acolheu mesmo eu não sendo da realeza de Cibele.

As betas: Bianca, que me ajudou imensamente na ambientação da história dando dicas de como tudo funciona nos Estados Unidos; Ingrid, obrigada por suas palavras de ânimo quando eu realmente achava que a estória não estava tão boa a ponto de ser publicada; Tereza, que reservou um tempo precioso para ler e fazer anotações de suas impressões e correções; e Regy, obrigada pelo toque maravilhoso que você deu ao prólogo.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram com esse sonho. Que Deus venha derramar bençãos sem medidas sobre suas vidas. Podem ter certeza que sempre estarão em minhas orações.

AMOR & FÉ

♥ COLETÂNEA ♥

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLETÂNEA

Amor Real Despertar – Maina Mattos
(Livro 1 da Trilogia Amor Real)

"Eu nunca quis ser princesa!" - Anne Davies

Anne é uma jovem mulher, que se viu perdida do dia para a noite. A morte dos pais a obrigou a assumir o papel de provedora e protetora de seu irmão Oliver. Sua vida se resumia à livraria herdada de sua mãe e os cuidados com a educação de seu único parente.

Mais uma vez a vida lhe proporcionou uma reviravolta, obrigando-a a viver no último lugar da terra que um dia ela pensou que viveria: No palácio real da província de Kent.

Os caminhos de Anne serão cruzados com pessoas que assim como ela estão em busca dos propósitos de Deus, levando-os a questionar os planos que o Senhor tem para cada um.

E agora ela será obrigada a tomar decisões muito mais importantes do que um dia pensou, ao mesmo tempo em que precisa se preparar para a nova vida que lhe será proposta.

Prepare-se para esse romance cristão clichê, não tão clichê assim!

Do Deserto ao Jardim – Aline Moretho

Marissol Santino conheceu a rejeição desde cedo. Abandonada pelo pai e com uma mãe que se importa mais com a carreira do que com a filha, não demorou muito para se meter em encrencas. Como consequências de

seus atos de rebeldia, foi enviada para viver na roça, numa pequena comunidade chamada Nova Canaã, sob os cuidados do homem cujo ressentimento dela a impedia de amar.

É lá que Sol descobre o quanto está perdida, vagando por um deserto solitário e sombrio, e sedenta de água e de um novo caminho. Ela busca, por seus prórpios meios, sair do lugar escuro onde se encontra sua alma. Contudo, apenas o Bom Pastor é capaz de levá-la as águas tranquilas num jardim onde a alma dela poderá descansar.

"Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas."
João 10:11

Amor e Graça – Dulci Verissimo

Augustus Foss é um jovem que está em busca de descobrir a verdade sobre a morte de sua mãe, sendo assim parte para a cidade de Vilas-Boas. Ana Muniz, é uma jovem que perdeu sua única família. Sem nenhum recurso procura sobreviver em meio ao caos de sua vida. As vidas desses dois jovens se cruzarão fazendo com que eles vivam uma grande história. Nesse caminho, muitas serão as incertezas e os dilemas. Nos fazendo perguntar: será que eles permanecerão? Essa jornada os ensinará o significado do amor de deus, amor ao próximo, perdão, compaixão, resgate e entenderão que é pela graça que podem prosseguir até o fim. Nunca esquecerão de tudo o que aprenderam.

"Mas eu me lembrarei da aliança que fiz contigo nos dias da tua mocidade e estabelecerei contigo uma aliança eterna".
Ezequiel 16: 60.

O Verdadeiro Propósito – Clys Oliveira

O que te faz acreditar que vale a pena confiar nos planos de Deus?

Marcos, um jovem e promissor músico, teve que recomeçar sua vida do zero. Para muitos, uma tragédia, mas na realidade tudo não passava de uma segunda chance de fazer a coisa certa.

Laura é uma dedicada enfermeira, digna de confiança, e totalmente imersa em seu trabalho. O que ninguém sabe é o que ela esconde atrás de seu constante sorriso... Mesmo sendo uma mulher forte, seu coração carrega uma pesada carga de sofrimento.

Duas pessoas de mundos diferentes, que tem seus caminhos cruzados com um propósito. Um tentando ajudar o outro a vencer as

adversidades que a vida impõe, através de algo que vai muito além de uma singela amizade.

Juntos, vão aprender que nem tudo acaba no fim, e que sempre pode haver um lindo recomeço.





KELL CARVALHO

Kell Carvalho, Cristã, esposa, mãe de duas meninas e funcionária pública, começou sua jornada pela escrita no Wattpad no início de 2017.

Desde então, dedicou-se a escrita de Romances Cristãos conservadores que agradaram rapidamente a leitoras de diferentes idades, tornando-a uma autora conhecida na plataforma.

“Orei por você” foi a primeira obra com a qual ela se aventurou a tomar novos rumos, expandindo, assim, seu trabalho.

Conhecida como “Clichê Queen”, Kell faz jus ao título escrevendo estórias envoltas em amor, fé e temor a Deus.



---

[1] **Discman** é um leitor de CD portátil.

[2] Trecho do sermão do reverendo Michael Bruce Curry, da Igreja Episcopal dos EUA, no casamento do **Príncipe Harry** e da atriz **Meghan Markle.**

[3] Purple Hean (Coração púrpuro): Condecoração militar dos Estados Unidos outorgada a todos os integrantes das Forças Armadas que foram feridos ou mortos durante o serviço militar desde 5 de abril de 1917. (N.T.)

[4] “Um Encontro Com Seu Ídolo” – Filme do diretor Robert Luketc lançado em 2004.

[5] Boda de 80 anos de casamento.

[6] Gênesis cap. 24.

[7] FONTES UTILIZADAS NO DESENVOLVIMENTO DO CAPÍTULO

* A glória de Deus no casamento – Paul Washer e John Piper
* Casamento e Amor – John Piper, Don Carson, Tim Keller
* Marcos 10:8-9 "
* Bonhoeffer
* Stanlley Hauerwas